





O MAJOR

José Augusto Alves Raçadas

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

SALVÉ!

Quando esta *Revista* começar a circular de um a outro extremo do continente, preparando-se para ir de Cabo Verde a Angola, de Moçambique á India, de Macau a Timor, já devem ter pisado o chão querido da Patria agradecida esses heroicos soldados, gloriosamente commandados pelo valente major Roçadas, que n'um esforço valoroso triumpharam dos Cuamatas, trazendo ao dominio da nossa hegemonia nacional gentes e territorios que por tantos annos andaram de nós affastados.

Salvé, valentes soldados, que assim, com a ponta de vossas espadas e com o esforçado valor do vosso heroismo, resgatastes para o nosso Portugal, n'esta epocha de tanto desequilibrio mental e de tão rematadas loucuras, que nos trazem vexados e humilhados perante a Europa, um renome e um prestigio com que a propria Allemanha guerreira tambem se vangloriaria.

Foi rude e foi titanica a lucta.

Tanto mais honrosa para vós, soldados, tanto mais gloriosa para o vosso benemerito commandante.

O côro de bençãos com que a Patria vos recebe, os testemunhos de vivo contentamento e de intima e sincera gratidão d'este povo inteiro, espalha-se tambem por todo o exercito em doce e magico reflexo, que nos vem de vós, do vosso trabalho, dos vossos sacrificios, dos vossos sof-

frimentos, do vosso ingente amor pelo torrão natal, e até do vosso generoso sangue derramado no campo de batalha.

Sim, porque não poderemos nunca esquecer que 153 dos vossos ficaram feridos pelas balas inimigas, e que além d'estes, 62 perderam para sempre a vida em honra e gloria da Patria, no cumprimento sublime do dever.

Esquecidas as horas amargas de bastante desconforto e não menor soffrimento, a vossa alma, hoje, aberta a todos os effluvios subtis d'esta terra dos vossos amores, embriagada no doce concheço do lar, bebendo na incomparavel alegria da familia a mais lidima recompensa do serviço prestado, recebendo de toda a parte a gratidão encarnada na alma nacional, marcando na Historia uma pagina vibrante de luz e de glorioso ensinamento, a vossa alma, queridos soldados, pãlpita unisona com toda a generosa aspiração d'este bom povo que, se foi grande nos destinos do mundo, reivindica para si, n'esta hora de alegrias, um quinhão, e não apoucado, nas conquistas da civilisação.

Salvé, continuadores da grande alma portugueza, d'esta alma que abriu o caminho dos mares á Europa e levou os primórdios da civilisação christã aos confins do mundo.

A *Revista de Infanteria*, honrando hoje a sua primeira pagina com o retrato do valente e heroico major Roçadas, procura prestar a toda a columna victoriosa, que com tanta honra e tanta utilidade para todos nós combateu os Cuamatas, o tributo da sua admiração e os protestos dos mais entusiasticos e sentidos parabens.





Questões vitaes da infantaria

O quadro do generalato

Quem tenha feito um estudo imparcial das differentes phases, porque tem passado entre nós o quadro do generalato, nota com uma extrema facilidade, que não se tem attendido a organizar, o que militarmente se chama um quadro.

Não tem sido pelas necessidades cuidadosamente calculadas, que se tem determinado o effectivo dos graduados da alta cathegoria do generalato; o que tem constituido não só um erro, visto que este quadro não se tem mantido em condições de satisfazer aos interesses do paiz, que deve ter sempre a defeza garantida, como tambem se tem cedido, a embates d'opiniões, mais ou menos preponderantes, ventiladas pelos interesses de collectividades, que redundam em manifesto prejuizo do Estado.

Nas differentes formas de architectar as escalas para a promoção ao generalato, tem-se querido, em varias epochas, fazer sobresahir direitos, por vezes mal interpretados, ficando algumas vezes no ultimo plano, esquecido o principio, de que só o paiz tem o direito incontestavel de possuir um bom exercito e os legisladores, que são seus mandatarios, teem o dever de o collocarem nas devidas condições d'organisação.

Nos exercitos, onde impera exclusivamente o processo cego do limite d'idade, para a selecção dos altos commandos, aspira-se a vêr regulamentada a promoção de forma tal, que desapareçam por completo quaesquer rivalidades entre as differentes armas.

N'estes casos, o que se procura, é uma lei de promoções, que impeça quanto *possivel, que uns caminhem mais depressa do que outros. Desde que não ha um mo-

tivo imperioso, que se imponha para seleccionar os altos commandos, cahe-se fatalmente n'uma pratica, que se pode synthetisar n'esta simples expressão: a perequação das promoções.

Assim se tem procurado entre nós resolver o problema, desde 1865, até esta data; mas cahindo-se sempre no vicio de tomar para base a antiguidade do posto de coronel, enraizou-se de maneira tal, que não houve ainda forma possivel de o fazer desaparecer. Tanto no systema de promoção ao generalato, com uma escala unica, onde entraram os coroneis de todas as armas; como no systema actualmente em vigor, de um numero minimo de generaes para cada arma, um certo numero de vagas fluctuantes para grupo d'armas, tem dado o resultado de que seja sempre a arma d'infantaria a victima sacrificada. Não sabemos qual teria sido a intenção do legislador, que fez abater 4 generaes de brigada ao quadro da arma de infantaria, quando se implatou no nosso exercito o limite d'idade; mas, certamente com o augmento d'unidades que trouxe a organização de 1901, fazemos-lhe a justiça de suppôr, que o mal devia ter sido remediado, se tivesse havido occasião para se proceder a uma revisão dos quadros, em harmonia com as necessidades d'esta organização.

Quem se dê ao ligeiro trabalho de examinar o que se tem passado entre nós desde 1855, nota que, apesar dos legisladores se preocuparem em pôr em pratica o principio da perequação, a contagem da antiguidade desde o posto de coronel, tem dado os seguintes resultados:

Na infantaria, o minimo que os officiaes d'esta arma esperaram desde a sahida da Escola do Exercito, até á promoção a general de brigada foi de 37 annos, havendo alguns que esperaram 40 annos; na cavallaria o minimo foi de 37 annos e houve um general que esperou 41 annos; na artilheria, o minimo foi de 34 annos e o maximo 38 annos; na engenharia, o minimo foi de 29 annos e o maximo 33 annos, no estado maior, o minimo 35 e o maximo 36 annos.

Do exame d'estes algarismos, nota-se que, os officiaes d'infantaria e cavallaria, que attingiram o posto de general de brigada, esperaram no minimo, tanto como os d'artilheria esperam no maximo e no confronto com os d'engenharia, resulta que, o minimo d'annos da infantaria, ainda é superior a quatro annos o maximo da engenharia.

Tirando as medias do numero d'annos por cada arma, os resultados ainda são mais concludentes. Pela media calculada para a infantaria e cavallaria, encontra-se que os officiaes d'estas armas esperaram desde a sua sahida da escola do exercito, 38,5 annos para conquistarem as estreilas do generalato, os d'artilheria 36 annos, os d'engenharia 30 annos (!) e os do estado maior 35,5 annos.

Não se precisava gastar mais uma unica insignificante parcella de tinta e papel, para se chegar á conclusão, de que este estado de cousas não pode subsistir, a não ser que se queira por mais tempo deixar a arma d'infanteria com o accesso no seu quadro perfeitamente estrangulado, para os coroneis ao posto de general. Mas pondo agora de parte o principio da perequação, vamos tratar do quadro, em harmonia com as exigencias do serviço do exercito, que são as seguintes:

1 director geral da secretaria da guerra, 5 directores das armas e da administração militar, 1 director dos serviços do estado maior, 1 presidente dos conselhos da administração das fabricas e depositos de material de guerra, 1 inspector das fortificações e obras militares, 1 presidente da commissão da administração da manutenção militar, 1 commandante do campo entrincheirado, 1 commandante da Escola do Exercito, 1 presidente do supremo conselho de justiça militar, 3 vogaes d'este conselho, 6 divisões activas, 12 brigadas activas d'infanteria, 4 brigadas activas de cavallaria, 1 commando militar dos Açores; o que perfaz um total de 39 logares, que a lei manda que sejam desempenhados por generaes de brigada e divisão, não incluindo é claro, os logares do supremo conselho de defeza nacional, nem o logar de director do Real Collegio Militar, que não ha inconveniente algum em ser um coronel, nem outras unidades de reserva que possam ser creadas no momento da mobilisação.

Como o quadro do nosso generalato é de 26 generaes, sendo 20 de brigada e 6 de divisão, não se pode pois admittir que com estes algarismos, haja uma correspondencia perfeita do quadro para o seu destino.

Mas ha ainda argumentos de mais peso e que veem surgindo, como n'uma lei da mechanica, proporcionalmente ao quadrado do tempo gasto em os procurarmos.

Olhemos agora para a distribuição dos generaes por cada uma das armas e vejamos o que se nota:

A arma d'infanteria não possui um unico general de divisão e o resto dos generaes está distribuido da seguinte forma:

Serviço de Estado Maior 2 generaes de brigada; engenharia um general de divisão e 3 generaes de brigada; artilheria 2 generaes de divisão e 3 generaes de brigada; cavallaria 3 generaes de divisão e 5 generaes de brigada e a infanteria, como dissemos, conta apenas 7 generaes de brigada no seu quadro!

Do confronto d'estes algarismos nota-se bem a situação em que se encontra a arma d'infanteria, que possui apenas 7 generaes para commandar 12 brigadas!

Parece-nos que por hoje, já temos apresentado numeros de sobra, para que se veja bem nitidamente a situação em que se encontra a arma de infanteria. Temos quasi a certeza, que não apresentamos debalde estas nossas considerações. Tudo nos leva a crêr que, quem tanto se tem interessado n'um periodo, ainda que curto, pelos progressos do nosso exercito, por uma forma tão digna da nossa admiração e reconhecimento, não deixará de attender ao que se torna necessario pôr em pratica na occasião opportuna e que não se deverá fazer esperar, para acudir á arma d'infanteria, tão mortalmente ferida nas suas legitimas e justissimas aspirações.

Continuaremos no proximo numero a apresentar algumas considerações sobre este assumpto, que precisa ser tratado com a insistencia que lhe é devida.

(Continúa).

J. S.

METRALHADORAS

(Continuado do n.º 11 — 1907)

Limpeza e lubrificação

Já dissémos que, sempre que a metralhadora tenha feito fogo, é indispensavel limpar e untar a camara e a alma do cano.

Para uma limpeza mais completa desmonta-se a metralhadora como-se disse a pag. 98 e tira-se o tubo

de vapor quando se suspeite que esteja já oxidado, para o que basta desparafusar o parafuso de fixação (90) e a seguir o tubo de vapor (95), fig. 12 e Pl. I.

Limpam-se todas as peças com um panno tirando-lhe todas as gorduras apparentes, e, quando algumas d'estas estejam endurecidas, fazem-se desaparecer dissolvendo-as em essencia de therebentina, benzina ou gazolina, depois do que se seccam bem, pela fricção com um panno, tendo o cuidado de que este não deixe fios sobre as peças.

A seguir lubrificam-se todas com oleo mineral fino ou azeite com o mais fraco grau de acidez possivel, e monta-se a metralhadora, como se indicou a pag. 100, depois de ter montado o tubo de vapor e de o fixar com o respectivo parafuso.

Exteriormente untar-se-hão fortemente todas as peças de ferro ou aço; e passado algum tempo tira-se-lhes o excesso de untura, passando levemente um panno secco sobre essas peças exteriores.

Por esta fôrma a metralhadora estará sempre em bom estado. Quando porém alguma peça esteja oxidada, não é permitido nunca tirar-lhe a oxidação por meio de qualquer producto que a extraha á custa de desgaste da peça, como esmeril, pó de tijolo, pedra pomes, etc.

O oleo e a fricção devem ser sufficientes para conseguir o fim; e quando o não sejam, o espingardeiro ou a Fabrica d'Armas farão a necessaria reparação.

E' indispensavel, ao montar a metralhadora, ir fazendo funcionar as diversas peças para remediar immediatamente qualquer falta ou mau funcionamento que revelem, evitando maior trabalho posteriormente, e tendo assim a convicção de que a metralhadora está em estado de entrar em fogo.

Esta limpeza deve ser feita todos os mezes.

As metralhadoras, limpas e untadas, devem estar no parque com a mola recuperadora enfraquecida a 3 (escala do dynamometro) e o percutor abatido, para não cançarem as molas.

Depois dos exercicios inspeccionar-se-hão, levantando as tampas, fazendo funcionar duas ou trez vezes a manivella d'armar; e, extrahindo o bloco, reconhecer que o porta-cartuchos, percutor e molas estão em bom estado, para o que basta fazel-o funcionar na mão sem o desmontar.

Para isso, extrahido o bloco, com a cauda da alavanca de fixação levanta-se o detentor; e segurando fortemente o bloco com o dedo indicador no desarmador e o pollegar na cauda da alavanca de fixação, faz-se pressão com o indicador sobre o desarmador e resiste-se suavemente até permitir o avanço completo do percutor. A seguir, com o dedo pollegar na parte inferior do porta-cartuchos e os outros dedos abraçando a cauda d'aquella alavanca, força-se, até armar de novo a noz. Introduce-se o bloco e fecha-se a tampa.

Reparos. O da «Maxim» portugueza. Transporte

São de variadas fôrmas os reparos construidos para as metralhadoras, conforme as circumstancias do seu emprego e a natureza do terreno em que devem ser usados.

Assim, na marinha, ha trez typos bem distinctos.

Um, (fig. 24) em forma de esquadro com pequena base é empregado nas amuradas e convez; outro (fig. 25)



Fig. 24

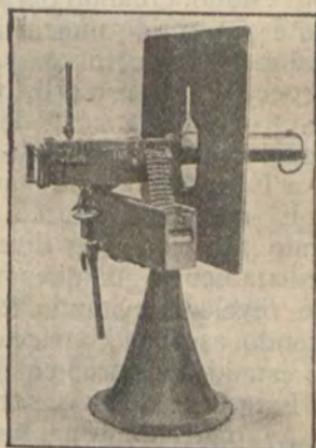


Fig. 25

tambem de pequena base e podendo rodar completamente de 360 sobre um eixo vertical, batendo pois um campo completo, é especialmente destinado ás gaveas, pontes, etc.

Ainda um outro typo ha para desembarque, analogo de rodado da infantaria, e que pode tambem ser montado sobre uma especie de carrinho de mão, sobre

uma só roda, destinado a poder rolar nos mais estreitos caminhos, como muitas vezes se torna indispensavel nas guerras com povos selvagens vivendo em territorio sem estradas.

Aqui não se attende ao pezo e sim ao volume. Por isso, ambos com o grande pezo, relativamente, que possuem, corrigem de algum modo a falta de estabilidade; o pequeno volume e portanto o pequeno espaço que occupam é de capital importancia n'um vaso de guerra que tantos engenhos em si encerra.

Ambos teem, como se vê na figura, logar apropriado onde se collocam as caixas com as fitas carregadas.

(Continúa)

CAP. BUGALHO



O novo protector do ponto de mira

O sr. ministro da guerra, tomando na devida consideração o que aqui escrevemos, relativamente ao prejuizo grande que causava á defeza nacional a distribuição das espingardas Mauser-Vergueiro aos corpos da arma sem que fossem munidas com os respectivos protectores do ponto de mira, ordenou, e muitos louvores merece S. Ex.^a por esse facto, que nas officinas do estado se construíssem os que fossem necessarios para evitar-se a inutilisação das espingardas distribuidas.

Infelizmente, porém, e com profunda magua o dizemos, o modelo adoptado não satisfaz ás nobres intenções com que foi construido.

Bastará dizer-se que é um pedaço de folha de ferro estanhado, com uma superficie de cerca de oito centímetros quadrados, e de 0^{mm},6 de espessura, mal estampado para poder receber uma forma que se julgou conveniente, e tendo apenas 5 grammas de peso, para logo se verifi-

car que não pode de forma alguma satisfazer ao fim a que é destinado.

N'uma espingarda de guerra moderna, fabricada com os melhores materiaes e com a notavel perfeição com que a industria metallurgica-armeira hoje o pode fazer, repugna, e até nos magoa, vêr adaptar-se-lhe um protector de folha que nada protege, o que torna a espingarda um tanto ridicula.

Quanto nos custa dizer isto.

Mas é que acima de tudo nós temos que honrar sempre a nossa missão na imprensa, nunca falseando a nossa honestidade profissional nem os dictames da nossa consciencia, ainda que isso nos custe.

A imprensa é para nós um sacerdocio, e quando o não podermos honrar com dignidade saberemos quebrar a tempo a nossa penna.

O modelo adoptado, além de não ter consistencia para evitar a deformação do ponto de mira quando, por ventura, por uma causa qualquer, elle soffra alguma violenta pancada, é fixado á base do mesmo ponto de mira pela pressão de duas faces parallelas, o que é tudo quanto pode haver de mais theorico.

Como é possivel que essas duas faces de uma pequena caixa de folha, desapoitada, possam constituir uma molla forte para obstar á sua facil sahida?

O resultado é que a mais pequena resistencia que o tal protector do ponto de mira encontra, como seja o ramo de uma arvore, ou a propria farda de uma praça, o faz saltar, e, como é muito leve, salta longe, sem o soldado dar pela sua falta.

Isto que aqui dizemos é a resultante de experiencias feitas por nós mesmos.

Nós comprehendemos que a economia fosse a principal razão de tão infeliz ideia.

Mas economisar, não é gastar pouco, é gastar bem.

Tudo quanto se gastou com o modelo escolhido foi em pura perda.

E' uma fatalidade que nos persegue.

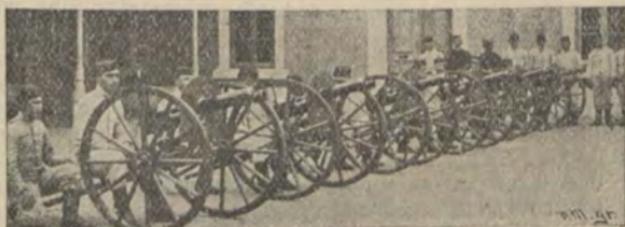
Nós não queremos fazer uma critica acerada a este producto das nossas fabricas, porque nos causa profundo pezar vêr que continuamos na senda errada e falsa das apparencias.

Mas, a verdade é que no caso sujeito o melhor que ha a fazer é inutilisar tão infeliz invento, e adoptar-se um

protector do ponto de mira que seja eficaz, que constitua uma utilidade, que offereça garantias para o soldado e para o capitão responsavel pela boa conservação das espingardas da sua companhia.

Ha tantos modelos já consagrados com um longo serviço nas nações mais adiantadas.

Temos aqui diante de nossos olhos uma grande variedade, e se a nossa opinião pudesse ser aceite pelo sr. ministro da guerra, não hesitaríamos em aconselhar o protector do ponto de mira adoptado pela infantaria alemã.



Emprego tactico das metralhadoras com infantaria no ataque e defesa

(Continuado do n.º 11 — 1907)

Posições para operar. — E' questão muito complicada se no ataque a uma posição entrincheirada as metralhadoras devem acompanhar desde o principio a linha de fogo ou ficar em reserva á disposição do commando. Espero resolver o assumpto baseando-me na pratica. A observação directa na batalha de Mukden dá-me ensejo a indicar o emprego das metralhadoras na linha de combate.

Durante o combate de 1 de março, o grupo de metralhadoras d'uma determinada divisão foi tomar posição em frente d'um recinto chinês, organizado defensivamente, protegido por covas de lobo, o qual era defendido pelo inimigo com fogo vivo. Assim que as nossas metralhadoras executaram «fogo continuo» cessou immediatamente a fusilaria do inimigo, para recommençar quando as metralhadoras, temporariamente, cessaram o fogo. Uma segunda serie de fogo, apesar de não haver infligido muitas perdas materiaes ao inimigo, affectou todavia o seu moral, forçando-o a occultar-se por detraz do entrincheiramento. Ao mesmo tempo deu-se um levantamento no moral das nossas forças atacantes, e produzindo todo o effeito de importantes reforçamentos, tornaram-se capazes, de, per si, chegarem proximo da posição inimiga.

Segundo exemplo (extracto do relatorio do commandante

d'um destacamento de metralhadoras d'um determinado regimento).

A 2 de março, no ataque por um destacamento das nossas forças a um reducto na orla norte de uma aldeia, o grupo de metralhadoras destacado d'um determinado regimento, achava-se postado no flanco direito da primeira linha. Quando a primeira linha da nossa infantaria saiu das suas trincheiras na parte mais a norte da aldeia, para se lançar ao ataque, as metralhadoras, a fim de proteger a marcha de avanço, executaram nutrido fogo sobre o reducto, obrigando, temporariamente, o inimigo a calar o seu fogo. Devido a metralhadoras inimigas occuparem n'outra direcção da frente de ataque uma posição abrigada, que permitia enfiar com o fogo a nossa infantaria, foi ella forçada a suster o seu avanço; por esta razão as nossas metralhadoras cessaram o fogo, e como a interrupção se tivesse generalizado, foi aviso para o inimigo, que occupava o reducto, mostrar as suas cabeças acima do parapeito.

Tercêiro exemplo. — No ataque a uma posição, a 24 de fevereiro, as nossas forças protegidas pelo fogo de metralhadoras em posições dominantes na frente e nos flancos, executaram o assalto por tres pontos distinctos, apoderando-se da posição inimiga, ás 3 horas da tarde. O successo do ataque foi devido principalmente ao fogo das nossas metralhadoras, que obstaram o inimigo a mostrar as suas cabeças por cima do parapeito.

Dos exemplos expostos tiro as conclusões seguintes: — As metralhadoras na primeira linha auxiliam o avanço da infantaria atacante, não infligindo perdas materiaes ao inimigo, obrigando-o, sómente, a esconder-se no entrincheiramento. Comtudo, o papel da metralhadora foi perfeitamente comprehendido n'aquellas occasiões; considero-o um novo caso de que se póde tirar partido. Na ultima guerra, os ataques ás posições duraram muito tempo; é de presumir que no futuro sejam mais demorados. Se, por este facto, a infantaria atacante contar com o auxilio das metralhadoras, estas, attendendo ao dispendio de munições, só deverão operar na phase decisiva do combate, assim o fogo das metralhadoras não infligirá serias perdas ao inimigo, obrigando-o tão sómente a conservar-se escondido nos abrigos, d'ahi os resultados obtidos são insignificantes, para não dizer nullos, não correspondendo por consequencia ao gasto de munições precisas. Que o ataque a uma posição fortificada é caso de grande difficuldade e exige uma grande protecção de fogo, não se pode testar, mas, em minha opinião, este papel melhor caberá á artilheria de campanha ou de grosso calibre, e se a cooperação entre a infantaria e a artilheria se realisa convenientemente, a primeira, escolhendo o momento em que a posição está batida pela segunda, deve ficar em condições de continuar a sua marcha offensiva. Não condemno por completo o emprego das metralhadoras para apoiar o ataque, mas desejo concluir que ellas não podem substituir a artilheria para as grandes distancias. O regulamento tactico de infantaria diz que, o momento mais opportuno para abrir o fogo rapido, é pouco antes do assalto, será então que o atacante deve dar a maxima intensidade ao fogo.

Entretanto quando os dois adversarios se encontram tão proximos que a artilheria é obrigada a cessar o fogo e que os defensores são constrangidos, sem preocupação de perdas, a descobri-

rem-se para atirar sobre as columnas de assalto, será o momento opportuno em que as metralhadoras podem intervir sem temer o desperdicio das suas munições, infligindo serias perdas ao inimigo e contribuindo immenso para o assalto ser coroado de exito.

Do que fica exposto, conclue-se que é inadmissivel o emprego de metralhadoras na primeira linha de combate desde o inicio do desenvolvimento para apoiar a marcha offensiva da infantaria, ao contrario, é preciso deixar as metralhadoras em reserva á disposição do commandante em chefe, quer para corresponder a uma mudança de situação, quer para defender um ponto fraco, quer para ameaçar um flanco do inimigo, quer ainda para se oppôr a uma carga de cavallaria; fazendo-as entrar em acção na primeira linha de combate, sómente no periodo da decisão.

Se o ponto escolhido para o ataque fica dentro da zona efficaç dos fogos dos flancos, ou é dominado por uma posição que as metralhadoras anteriormente tenham occupado, poderão vantajosamente contribuir para o avanço da infantaria, mas não olvidando, que o seu fogo deverá ser particularmente reservado para a decisão do combate.

O terceiro exemplo exposto, caso mui frequente, melhor se comprehenderá com uma pequena explicação. N'este ataque as metralhadoras foram collocadas em duas posições: *a* e *b*. A metralhadora situada em *a*, achando-se muito afastada do ponto de ataque, desloca-se para *c*, e quando se realisa a ultima phase do ataque, concentra um terrivel fogo, na posição *a*, de *b* e *c* com magnifico resultado.

Ataque coroado de exito, sua successão. — O commando não deve hesitar em aproveitar a mobilidade da metralhadora. O regulamento tactico de infantaria diz: — «Não basta a conquista da posição; a sua posse precisa ser assegurada. Para executar esta doutrina é preciso perseguir e inimigo em retirada e tomar disposições para repellir um retorno offensivo». Ao exacto cumprimento d'estas missões é muito apropriada a metralhadora. A infantaria, soffrendo geralmente grandes perdas na cooperação para a conquista d'uma forte posição, estará um tanto desorganizada, e a artilheria, obrigada a mudar de posição, só depois de algum tempo poderá executar, pelo seu fogo, a perseguição. As metralhadoras, que estejam proximas da posição, por terem tomado parte no final do ataque, podem facilmente ser transportadas a braços para a posição. Então, abrindo fogo intenso e certo, dizimarão de tal modo as columnas em retirada, que a victoria ficará completamente assegurada, impedindo que o inimigo execute um retorno offensivo.

Em reforço d'esta asserção citarei mais um exemplo da minha propria experiencia: — N'uma batalha proximo de Mukden, em 1 de março, pelas 8 horas da tarde, a posição inimiga de Sha-San, a sudeste de Li-chia-wo-pêng, foi tomada. O inimigo occupava Li-chia-wo-pêng, cerca de 500 jardas (1) da posição conquistada, executava um nutrido fogo contra nós, e, mais distante, uma outra fracção inimiga em Wang-chia-wo-pêng, cerca de 1.000 jardas, a oeste, ainda offerencia uma tenaz resistencia ao nosso destaca-

(1) 450 metros approximadamente.

mento da esquerda, parecendo ameaçar o nosso flanco. N'esta occasião uma fracção das metralhadoras, postada no nosso flanco direito, que tinha acompanhado a columna de assalto, avançou para a posição. Servindo-se dos saccos de areia do inimigo, construiu um forte abrigo para metralhadoras, e d'este modo a conquista da posição ficou absolutamente assegurada. Estou convicto que, com successo, seria repellido qualquer ataque effectuado pelo inimigo.

(*Continua*)

MINEIRO D'ALMEIDA

Cap. de caçadores n.º 1



Os aspirantes de administração militar

A' criteriosa apreciação do ex.^{mo} ministro da guerra, vou tentar submeter, em pallido reflexo, a situação excepcional dos aspirantes a official do corpo de officiaes da administração militar, por todos os principios digna da attenção de sua ex.^a.

Não me admira que á sua observação tenha escapado a extranha situação em que estes aspirantes se encontram, absorvido o seu espirito em medidas de mais amplo alcance que, para com o exercito, que muito lhe deve já, tem adoptado.

Certo, porém, de que, se sua ex.^a, de tão anômalas quanto extranhas circumstancias tivesse perfeito conhecimento, já teria procurado remediar, ou, pelo menos, minorar o mal, arrojando-me a fazel-as chegar até ao seu conhecimento por intermedio da *Revista de Infantaria*.

E, o que em auctoridade e competencia me fálha para de tal assumpto tratar, cresce em consideração e valor

ao patrono — a *Revista de Infanteria* — sob cuja protecção colloco o que despretenciosamente passo a expôr.

*

A ultima lei de promoções, estabelecendo por diuturnidade o acesso ao posto de tenente, contou, como é sabido, 15 annos d'estudos e serviço militar para todas as armas e serviços, sendo na administração militar esse praso contado tambem, como egualmente de todos é sabido, da seguinte fórma:

Curso dos Lyceus	5	annos
Preparatorios nos Institutos	2	>
Serviço militar	1	>
Curso da Escola do Exercito	1	>
<i>Tirocinio como aspirante</i>	1	>
No posto de alferes	5	>
Somma	15	>

Pois esta clausula, rigorosamente observada para todos os quadros, deixou de sel-o para o da administração militar!

A prova encontra-se facilmente no *Almanach do Exercito*: o aspirante a official Albino Candido Ferreira Pinto da Cunha Junior, promovido a este posto em 1 de novembro de 1904, completou em egual dia do corrente anno 3 annos d'aspirante!

Então o equilibrio que por meio da diuturnidade se procurou estabelecer na promoção entre os differentes quadros deixou de existir, e o posto de aspirante, considerado como de transição para a infanteria e cavallaria, passou a ser, para administração militar, um posto de permanencia.

As causas d'esta situação são por demais conhecidas; o decreto de 30 de outubro de 1902, determinando que um terço das vagas occorridas no quadro dos officiaes á administração militar fosse preenchido por concurso entre os 1.^{os} sargentos com determinadas e bem exiguas condições, deu, como não podia deixar de dar, estes amargos fructos.

E, se lançarmos a vista para o futuro que se prepara aos aspirantes de administração militar, vêmos o seguinte pavoroso horisonte:

Curso de 1904.....	1 aspirante	
» » 1905.....	6	»
» » 1906.....	9	»
» » 1907.....	8	»
Total.....	24	»
$\frac{1}{3}$ de officiaes praticos....	12	»
Somma.....	36	»

Na hypothese, dado o numero relativamente grande de officiaes no quadro em disponibilidade, de que, pelo menos durante um anno, o aspirante Pinto da Cunha, não é promovido a alferes, e admittindo que o numero de vagas, em média, é de 7, o que aliás é muito improvavel, o aspirante Cesar Martins de Freitas, ultimo classificado do curso d'este anno, deverá permanecer no seu actual posto 6 annos!

*

Não é facil remediar desde já radicalmente o actual estado de coisas, mas pôde melhorar-se a penosa situação de individuos que, em virtude da lei e dos regulamentos preferiram a qualquer outra a carreira militar, e hoje se vêem obrigados a permanecer 6 annos no posto de aspirante, quando essas mesmas leis e regulamentos que os illudiram lhes prescreviam apenas um.

Nos termos do artigo 13.º das alterações á organização da Escola do Exercito, approvadas por carta de lei de 13 de setembro de 1897, os aspirantes a official de cavallaria e infantaria percebem o vencimento diario e unico de 800 réis, ao passo que pelo artigo 17.º os da administração têm apenas 700 réis.

Se, na normalidade da promoção tal differença, nada tinha a justificar-a, agora que essa normalidade deixou de prevalecer e justamente em prejuizo da administração militar, tal differença é uma flagrante injustiça.

De facto não são todos aspirantes, tendo cumprido as exigencias da lei e sujeitando-se aos deveres que a mesma lei vae agora impôr-lhes?

D'onde provém então essa desigualdade de vencimentos?

Da differença de cursos não, porquanto, tendo os cursos de cavallaria e infantaria uma duração de 10 an-

nos e de veterinarios 12 annos, o § unico do referido artigo 13.^o estipulou para estes egual vencimento ao dos combatentes.

As exigencias economicas são egualmente imperiosas para todos, os encargos de representação tão onerosos para uns como para outros, e tendo todos, perante os regulamentos militares, as mesmas regalias e vantagens, o que justifica essa differença de vencimentos que colloca os aspirantes da administração miilitar, perante os seus camaradas das armas combatentes e veterinarios, n'uma situação economica e até moral pouco disciplinar?

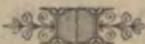
*

Estão em projecto umas novas alterações ao regulamento da Escola do Exercito, ou mesmo um novo regulamento por onde de futuro se reja aquelle instituto de instrução superior militar e occasião era azada para acabar com uma excepção odiosa, melhorando-se ao mesmo tempo a misera situação dos aspirantes d'administração militar condemnados a permanecer 6 annos com exíguo vencimento de 21\$000 réis mensaes.

E' um acto de justiça que não pesará no thesouro, tão pequeno o encargo que pode trazer, e que no momento actual se impõe como compensação — e bem pequena compensação, ainda assim — pelo excesso de tempo que os aspirantes de administração militar estão n'este posto.

Ahi fica apontada a singular situação dos aspirantes, que n'um quadro de 133 officiaes, são em numero de 24, certo de que a sua simples exposição não deixará de influir no espirito do ex.^mo ministro da guerra e da commissão encarregada de estudar e organizar o novo regulamento, de modo a fazer desaparecer o artigo 17.^o das ultimas alterações, englobando os aspirantes de todas as armas e serviços n'um unico numero.

H. B.





UMA CARTA DE UM OFFICIAL AMERICANO

A proposito de uma futura guerra provavel entre o Japão e os Estados-Unidos, escreve um official americano o seguinte:

«Os symptomas caracteristicos que precederam a guerra hispano-americana estão a reproduzir-se hoje a proposito da tenção de relações entre o Japão e os Estados-Unidos:

Uma parte dos jornaes teem procurado sobreexcitar o publico contra os japonezes. A caricatura e os cafés concertos teem trazido a sua quota para esta sobreexcitação. Toda a allusão a uma victoria dos americanos sobre o mikado é saudada nos *bars* com ferneticos applausos. A popularidade de Roosevelt augmentou no dia em que elle decidiu a concentração das nossas esquadras no Pacifico.

Ora, entre nós, o povo que faz manifestações na rua impõe sempre a sua vontade. Os meus compatriotas obram nas graves circumstancias actuaes com uma inacreditavel inconsequencia, elles, que durante a guerra russo-japoneza aclamavam os nippons!

Estamos á mercê do primeiro golpe que tornará a guerra inevitavel. Para que apressar esse acontecimento? Ora, como temos absolutamente de lutar um dia para obtermos a supremacia do Pacifico, o nosso interesse está em esperarmos a execução proxima do nosso programma naval, que nos deve dar uma esmagadora superioridade sobre os japonezes, o que não temos agora.

A guerra com o Japão será uma guerra naval.

Não podemos pensar em desembarcar um exercito no Japão que nos opporia 1.500:000 soldados formados na rude escola da guerra.

Se fôrmos vencedores no mar o nosso successo não terá nenhuma sanção; não poderemos constringer os nossos adversarios a nos ceder a menor porção de territorio ou mesmo a leva-los a nos pagar as despezas da guerra. A esquadra japoneza vencida retiraria para as costas nipponicas, desprezando-nos indefinidamente. A guerra começada por uma victoria naval americana ficava sem nenhum resultado.

Se ao contrario, fôrmos batidos pelas esquadras japonezas, perdemos, de pé para a mão, as ilhas de Hawai e as Phillipinas, onde a infiltração, como resultante da immigração methodica dos

japonezes, que cousa alguma tem podido impedir, constituirá em terra americana uma poderosa guarda-avançada japoneza.

Em resumo, na guerra que se prepara, temos tudo a perder e nada a ganhar.

Os mercados asiaticos não poderão ser o premio do vencedor pela simples razão de que taes mercados não dependem nem do Japão, nem dos Estados-Unidos, mas sim das grandes potencias que não deixarão ninguem tomar uma situação commercialmente preponderante na Asia.

Committeremos uma falta irreparavel atacando o Japão, tal é entre nós a opinião das pessoas sensatas. Mas se estão em minoria, talvez não poderão fazer prevalecer a sua prudencia».

Medite-se n'esta carta e confronte-se com o que *todos* disseram, n'aquelle paiz, quando foi da intervenção dos Estados-Unidos na revolta de Cuba.

E' que a Hespanha estava muito longe dos Estados-Unidos, e não possuía uma esquadra poderosa com que pudesse affirmar o seu direito.

A Hespanha começa a ser vingada.

O carregador da Mauser-Vergueiro



Quando em maio do anno passado nos referimos, n'esta *Revista*, ao irregular e incomprehen-sivel procedimento de ter alguém substituido o carregador Mauser da nossa nova espingarda, por outro que a com-missão competente não tinha approvado, julga-vamos que o facto não era verdadeiro em toda a extensão da palavra, mas ainda que o fôsse, que saberia o nobre mi-nistro da guerra pôr co-bro a tal abuso, que pou-co se coaduna com os

principios em que se deve firmar toda a technica militar.

Desgraçadamente, a pratica ahi está a mostrar não só a verdade do abuso, mas o que é peor, os inconvenientes gravissimos de tão desastrada substituição.

E porque julgamos que ainda é tempo do sr. ministro poder remediar o mal, vamos apontar os dois maiores defeitos do tal carregador que a commissão de infantaria não approvou.

Ao carregar-se a espingarda acontece repetidas vezes os cartuchos não entrarem no deposito, porque ficando um cartucho menos seguro nas garras da lamina, o que é facilimo e até frequente, inclina-se um pouco e oppõe-se a que os outros vão ao seu lugar.

Este é o primeiro inconveniente, e gravissimo, porque demora o carregamento da espingarda, annullando por completo a presteza do tiro.

O segundo resulta de que sendo necessario empregar-se um grande esforço para a introdução dos cartuchos no deposito, a lamina é de tal fórma apertada nas ranhuras da caixa da culatra que esta não se pode fechar, não ficando a espingarda carregada sem se tirar a lamina com a mão.

Apontando estes dois grandes defeitos do carregador abusivamente introduzido na nossa nova espingarda, dois sentimentos nos dominam, servir o exercito sincera e lealmente, e pedir ao nobre ministro da guerra que dê a cada um aquillo que lhe pertence.

A infantaria sabe bem o que quer, para ser util á Patria, e nunca pretendeu ingerir-se nos assumptos peculiares ás outras armas irmãs.

Artigo 10.º do Decreto de 14 de novembro de 1901

Seja permittida a nossa modesta mas convencida opinião.

O artigo 10.º em nada altera a collocação, designada no § 1.º do artigo 6.º, aos alferes das armas de cavallaria e infantaria, regressados do ultramar. Isto é, devem ser collocados na escala de accesso da respectiva arma, todos a seguir, logo á esquerda do ultimo individuo do *n*.

«Collocados nas escalas de accesso das suas armas,

de modo que não fique prejudicada a relação, estabelecida no artigo 49.º da carta de lei de 12 de junho de 1901, entre os officiaes habilitados com o respectivo curso e os provenientes da classe de sargentos», é o que diz o citado artigo 10.º. Ora, prejudicar a relação não quer dizer que se não prejudique a antiguidade, porque a antiguidade dos que não tenham probabilidades de ser promovidos durante um anno, não offerece duvidas que é prejudicada — «como estímulo e para compensar os incommodos e prejuizos do serviço no ultramar» — pois que assim diz claramente o relatório que precede o decreto.

Como deve, então, fazer-se a collocação de modo que não fique prejudicada a relação? Deve fazer-se em conformidade com o § 1.º do artigo 6.º, e depois promover só aspirantes até lhes dar a relação, para que na escala fiquem dois terços de uma classe e o terço restante da outra. E' o que quer o artigo 10.º, porque se elle não fosse, deixava de existir a relação.

Aonde estava a equidade exigindo-se uma commissão de quatro annos e estando determinado que só vão sargentos em alferes quando não ha alferes em tenentes, se os sargentos tivessem direito apenas a um terço das vagas, depois de promovidos os do *n*?

Diz-se que a lei não está clara e que foi feita á pressa. Porém, nenhum legislador apresenta um trabalho, mesmo feito no joelho, sem o ler algumas vezes, e se o fim do legislador fosse não collocar na escala de accesso os alferes de cavallaria e infantaria, nas suas armas, todos a seguir ao ultimo do *n*, bastava-lhe uma só leitura para vêr que devia incluir nos §§ do artigo 6.º o artigo 10.º, ou passal-o para artigo 7.º, e dizer que não se prejudicava a *antiguidade* dos individuos habilitados com o curso da Escola do Exercito, a que se refere a relação estabelecida no artigo 49.º da carta de lei de 12 de junho de 1901.

Aguarda-se com anciedade a resolução da collocação dos alferes, na escala de accesso, e com justa razão, porque estão sendo prejudicados nos direitos adquiridos com a demora, mas crêmos que se deve concluir por lhes fazer justiça, inscrevendo-os todos de chapa, em harmonia com o já citado § 1.º do artigo 6.º, pois é a unica maneira viavel e equitativa de resolver o assumpto.



AS ESCOLAS REGIMENTAES NA NOSSA INFANTERIA

Instrucção militar e instrucção litteraria;
necessidade do seu desenvolvimento entre os graduados e soldados

(Discurso lido por occasião da abertura solemne
da escola regimental do Batalhão n.º 5 de Caçadores d'El-Rei,
em 3 de novembro de 1907)

*Ex.^{mo} Commandante
Meus camaradas
Alumnos da escola regimental*

Por imposição do cargo que exerço n'esta escola, cumpre-me proferir algumas palavras n'esta sessão solemne de inauguração do novo anno lectivo, a que assistimos e que V. Ex.^{as}, Commandante e meus camaradas, vieram abrilhantar com a vossa presença. Seria esta solemnidade bem festiva, se um doloroso e inesperado acontecimento não viesse n'esta occasião enlutar a arma de infantaria, privando-a do seu chefe, tão justamente respeitado pelos seus distinctos merecimentos de official, como sinceramente querido e estimado por todos os que tiveram a fortuna de lhe poderem apreciar os elevados dotes de caracter que tanto o notabilisavam. Justo é que as minhas modestas palavras comecem por envolver um preito de homenagem e um tributo de saudade á memoria do nosso extinto Director geral da arma, o sr. general Kukembuch dos Prazeres, cuja perda, eu, seu antigo discipulo no Real Collegio Militar, tanto deploro, quer como official, quer como reconhecido e dedicado amigo.

Honroso é sem duvida o encargo que n'este momento me compete, mas difficil de satisfazer para quem, como eu, não possui senão minguados recursos litterarios e não dispõe de estylo brilhante nem de palavra auctorizada. Desprovida de galas que tornem amena e dêem realce á minha exposição, não vos posso apresentar mais do que uma linguagem singela, rude

talvez, apenas com o merito da sinceridade, como deve ser sempre a linguagem de um soldado.

Com esta franca confissão da minha insufficiencia, espero que me não negareis a vossa indulgente e benevola attenção.

Compulsando as paginas por vezes tão brilhantes e suggestivas da nossa historia militar, verifica-se que não data de epoca recente a implantação das escolas regimentaes na nossa infantaria.

Decorrido esse periodo tão agitado das luctas contra os exercitos de Napoleão, no principio do seculo passado, concluida a gloriosa Guerra da Peninsula, foi mandada estabelecer por provisão de 10 de outubro de 1815 uma aula de ler, escrever e contar em cada corpo de infantaria e caçadores e em geral em todos os regimentos e estabelecimentos militares do nosso exercito. Foi este o inicio, modesto sim, mas tão util, da prestantíssima instituição que, através de mil vicissitudes, ora florescente, ora quasi desprezada, chegou até aos nossos dias e se encontra actualmente cheia de vigor, apreciada e querida por todos, firmemente amparada pelas estações superiores, derramando não só consideraveis beneficios no exercito, como ardentemente empenhada na lucta contra um dos mais terriveis inimigos internos de Portugal: o *analphabetismo*.

O pensamento que presidiu á benemerita creação de 1815 está claramente evidenciado nas palavras exaradas no preambulo da provisão e em que se manifesta o desejo de «promover nos corpos de linha do exercito o conhecimento da leitura e «escripta portugueza, não só para bem do serviço dos mesmos «corpos e economia da real fazenda, mas tambem para beneficio «d'aquelles que pretendessem occupar os diversos postos militares na classe de officiaes inferiores».

Como se vê, decorrido quasi um seculo, a escola regimental mantém ainda hoje entre nós os mesmos dois fins que presidiaram á sua organização inicial: diffundir a instrucção litteraria elementar entre os soldados; favorecer e assegurar o recrutamento do quadro das praças graduadas, cabos e sargentos.

Não devo demorar-me na analyse da tão curiosa constituição das escolas regimentaes de 1815, mas um ponto ha a que não posso deixar de me referir, por tal fórma elle evidencia o elevado criterio que presidiu á elaboração das instrucções que acompanharam a portaria de 10 de outubro e lhe serviram de regulamento organico: é a creação de uma *escola geral*, em Lisboa, destinada a estabelecer uniformidade no ensino e onde seriam de principio escolhidos e classificados definitivamente os individuos que deviam reger as aulas. Esta verdadeira escola normal seria temporaria e deixaria de existir logo que se apromptasse o numero de professores — isto é *mestres, ajudantes e aspirantes* — sufficiente para todas as escolas.

Em 1 de março de 1816 foram mandados apresentar no quartel da guarda do corpo, em Belem, isto é no actual de Lançeiros n.º 2, ao director da escola geral, o capitão de engenheiros João Chrysostomo do Couto e Mello, todos os individuos, em geral sargentos, propostos para o magisterio regimental. Como então presidia ao commando do nosso exercito, a ener-

gica e severa vontade do marechal Beresford, não ficaram letra morta — como mais tarde infelizmente tanta vez succedeu em materia de ensino regimental — as providencias decretadas; o que foi legislado teve não só integral execução, como fiscalisação e fiscalisação idónea.

Aberta a escola geral, como disse, em 1 de março de 1816, já em 15 de outubro d'este mesmo anno haviam sido apurados 68 individuos, entre mestres e ajudantes — os primeiros com o posto de 1.º sargento aggregado e a gratificação diaria de 200 réis; os ultimos com o de 2.º sargento e gratificação diaria de 100 réis. A estes logares podiam concorrer as praças dos differentes corpos, desde soldado até sargento, os milicianos e ainda individuos da classe civil, que receberiam, quando habilitados, as gradações militares e os respectivos vencimentos. Em agosto de 1818 já o numero de professores habilitados pela escola geral ascendera a 81.

Em 29 de outubro de 1816 foram publicadas as «Instrucções para os professores das escolas de primeiras letras dos corpos de linha do exercito» que continham materia correspondente á do actual regulamento das escolas regimentaes, e estavam muito intelligentemente e sensatamente elaboradas.

Em 1 de janeiro de 1817 principiaram a funcionar as aulas nos differentes corpos, e sobre ellas ficou o capitão Couto e Mello com uma acção fiscalisadora directa, que completava a que os respectivos commandantes deveriam exercer. Em cada regimento ou batalhão a aula era diariamente inspecionada pelo official ajudante do corpo e ao major cabia uma vez por semana egual inspecção.

Como prova evidente do excellente exito da medida decretada, falla a estatistica das escolas mandada publicar em dezembro de 1818, e da qual se vê que desde janeiro de 1817 se haviam matriculado nas 55 escolas existentes 3:843 alumnos, sendo 1:891 soldados e 1:952 da classe civil — geralmente filhos de militares — habilitando-se na instrucção primaria 307, afóra 60 praças que pela sua applicação tinham sido promovidas a furrieis e sargentos.

Na sessão solemne de abertura da escola geral de habilitação, realisada em 15 de outubro de 1821 e a que assistiu El-Rei D. João VI, apresentou o respectivo director, capitão Couto e Mello, noticia minuciosa dos progressos alcançados no ensino regimental; em 4 annos tinham sido promovidos aos differentes postos de official inferior 552 discipulos das escolas regimentaes e mais de 8:000 alumnos n'ellas se tinham matriculado.

Entretanto — e apesar de tão evidentes beneficios — não foi sem opposição que taes escolas se estabeleceram e sobretudo se mantiveram, opposição que partiu do professorado civil, pois em muitas terras do paiz as escolas régias ficavam pouco menos de desertas, ao passo que as dos regimentos ou corpos da guarda eram largamente concorridas por creanças.

Até 1823 resistiram a todos os embates, mas em fevereiro d'esse anno, em sessão do soberano congresso, ao discutir-se o orçamento do ministerio da guerra, foi o proprio ministro, que então era Manuel Gonçalves de Miranda, que abertamente se pronunciou contra ellas, apontando como excessivo o dispendio de 13 a 14:000\$000 réis annuaes, que exigiam, e proferindo entre

outras as seguintes expressões:— «Quando o soldado vae para «o regimento é para defender a patria com as armas e não para «aprender a ler e a escrever. Mais para diante, quando a nação «estiver mais illustrada, indo o soldado para o regimento na «idade em que deve assentar praça, que é aos dezoito annos, «já deve saber ler e escrever e tornam-se desnecessarias as es- «colas regimentaes».

(Continúa).

PACHECO SIMÕES.

Cap. de Caç. 5.

HISTORIA MILITAR UNIVERSAL

(Continuado do n.º II — 1907)

Os godos foram de todos os povos barbaros, que assolaram a Europa, os que mais notaveis se tornaram pelo seu genio aguerrido, e tambem foram os que melhor comprehendem a monarchia hereditaria, sendo ainda os que mais contribuíram para a civilisação das nacionalidades, que surgiram da destruição do imperio romano. Iniciada a sua marcha no III seculo, e seguindo a corrente do Vistula atravessaram a cordilheira dos Carpathos, e no reinado dos Antoninos habitaram a Prussia. Não parando um só instante na sua marcha, conseguiram combater e derrotar os herulos, os burgundos e outros povos espalhados pelas margens do Oder, e do litoral da Pomerania; e, descendo como uma avalanche a occupar as bocas do Boristenes e Tanais ⁽¹⁾, abandonaram as fertes campinas da Ukrania e da feracissima Dacia, atravessaram o Bosphoro, invadiram o archipelago e estabeleceram-se na Grecia.

Estes bravos filhos da Gothlandia, segundo affirma S. Izidoro, assentaram arraiaes em Barcelona e ahi fundaram o reino Wisigothico, que depois se espalhou por toda a peninsula. Povos considerados aborigenas e conquistadores, a sua larga permanencia nas provincias romanas havia modificado a sua natural rudeza e, pouco a pouco, havia alterado a sua organisação social. Povo essencialmente guerreiro, pois que homem era synonymo de soldado, levava a tão alto grau o valor da sua organisa-

(1) Dnieper e Don.

ção militar, que não era permittido aos filhos do proprio rei sentarem-se á mesa com seu pae, sem haverem dado provas inequivocas do seu valor em combate. Ser soldado, servir a nação era para elles a maior honra, até que, effeminados pelo contagio dos povos conquistados, perderam todo o brio, vendo-se então obrigados os monarchas a castigar, rigorosamente, as deserções.

Como chefe supremo do exercito, o rei tinha, como immediatos, e pela sua ordem, os *duques*, os *condes* e os *gardingos*. O *praepositus hostis*, ou general em chefe do exercito, tinha como immediato, o *tiuphado*, ou chefe de mil homens, e a este seguia-se, o *quingentario*, ou chefe de 500 homens. Havia ainda os *centenarios*, chefes de cem homens, e os *decanos*, chefes de dez. Os *armorarii*, eram encarregados do sustento e alojamento das tropas.

Na cavallaria existia a principal força dos exercitos godos, força manifestada desde o momento em que a sua superioridade se patenteou, quando as legiões haviam perdido, por completo, o seu prestigio e antiga disciplina. Constituída por um modo analogo á infanteria, emquanto ás suas unidades, a cavallaria goda usava armas defensivas mais pesadas, do que a infanteria.

Mixto dos preceitos tacticos dos gregos e romanos a tactica dos godos adaptava-se ás condições do terreno, e o dispositivo em duas linhas de combate, tendo em primeira linha a cavallaria era a formação adoptada desde que reconheceram o valor da sua infanteria.

Na castrametação é que os godos se affastaram, por completo, dos romanos. Vel-os-hemos nos seus entrincheiramentos semi-permanentes, — *clausuras*, — com as suas machinas de guerra, que, segundo S. Julião, arremecavam enormes pedras. O emprego das ballistas, no dizer do chronista Sampaio, foi profusamente feito no ataque de D. Opas em Covadonga.

Os godos relacionados com os povos cultos e civilizados modificaram, pouco a pouco, o seu armamento e adaptaram-se, facilmente, aos usos e costumes dos povos com os quaes se collocaram em contacto.

O imperio godo vae desaparecer, sob o terrivel dominio arabe. Vinte mil ismaelitas procedentes dos arenosos desertos da Arabia, e das asperrimas costas da antiga Mauritania destróem o imperio godo nos campos de Jerez no anno 711. Musa, encantado com as descrições que havia lido das bellezas da peninsula, manda

Tarik, emir de Africa, passar o estreito á frente de um numeroso exercito para se apoderar da península. O perfido Juliano havia fornecido o numero de navios necesarios para transportar esse exercito, e bem depressa a península é talada pelos sectarios de Mafoma. A cruz e o crescente vão defrontar-se em luctas titanicas durante oito seculos, e veremos os sectarios de Mafoma repellidos desde as Asturias até Granada, e ahi esmagados e aniquilados em 1492 por Fernando e Izabel, os reis catholicos.

As luctas civis dos arabes na península deram origem á formação de dezenove pequenos reinos independentes, sendo os mais notaveis, os de Zaragoza, Valencia, Toledo, Sevilha e Cordova.

*

A conquista das Gallias por Clovis marca um dos factos mais importantes da historia medieval. Póde dizer-se que a arte militar experimentou profundas remodelações desde então. Este principe consolidára o dominio dos francos nas Gallias, e sob o dominio dos seus successores os vencedores, morigerados pelo christianismo, e alliados com os gaulezes pelos casamentos, confundiram-se com os vencidos, e não só adoptaram os seus costumes, mas tambem o seu armamento. O capacete, que a principio apenas era reservado aos principes e chefes do exercito, tornou-se commum aos soldados, bem como a couraça (1), de que elles haviam visto servirem-se os gaulezes quando foram admittidos a tomar parte nos exercitos francos.

Na opinião de Gregorio de Tours, as couraças dos primitivos francos eram cótas de malha, armadura que elles copiaram dos gaulezes, pois que, segundo Varron, foi este povo quem as inventou.

Para se fazer uma ideia do modo como eram recrutadas as tropas, e como eram fixadas as obrigações mili-

(1) Tout rare qu'il était l'usage des casques & des cuirasses, les généraux au moins en portaient, & sur tout les princes quand ils commandaient en personne. Dagobert n'étaient encore que roi d'Austrasie, en combattant contre les Saxons, *eut*, dit un de nos anciens historiens, *son casque percé ou cassé d'un coup qui lui emporta une partie de sa chevelure.* — G. Daniel — Histoire de la Milice française, pag. 6. — *Gesta Regum Francorum*, cap. 41.

tares de cada feudo, basta ler as *Capitulares* de Carlos Magno. As instituições militares elevaram-se pelas mais sabias medidas d'este principe, conquistando, por esse facto, o mais justo titulo de conquistador a par do de sabio legislador. Vasada nos mesmos moldes da tactica romana, elle adaptou á sua nação os preceitos que havia aprendido com todo o cuidado nos grandes escriptores romanos da decadencia (1). Mas as instituições militares, que lhe haviam merecido tanta attenção, experimentaram a mesma sorte das suas mais bellas instituições, degenerando sob o reinado dos seus indignos successores. A ordenança, que elle havia estabelecido, caíra no esquecimento.

O exercito, portanto, não podia deixar de sentir os effeitos da desordem, que lavrava fundo na organização social. A infantaria, composta de servos, que os senhores arrastavam atraz de si, foi menospresada; e será na confusão dos pendões feudaes, que é necessario ir procurar a historia d'esta arma.

Com Hugo Capeto augmentados, desmedidamente, os direitos de suzerania, que os grandes vassallos haviam usurpado, o governo feudal pesou sobre os povos com toda a sua força, e se alguma cousa pode suavisar o rigor verdadeiramente tyranico de todos os pequenos suzeranos foi incontestavelmente a instituição d'essa celebre milicia conhecida pelo nome de *cavallaria*.

A confusão estabeleceu-se por toda a parte. Os reinados verdadeiramente desastrosos de D. João II, e de Carlos VI, levaram a desordem e a confusão até ás instituições militares. Carlos VII havendo reconquistado o seu reino aos inglezes, aproveitou-se da tregua, que havia pactuado com elles para remediar as desordens que se haviam manifestado no interior. De uma parte dos mercenarios formou-se o *primeiro exercito permanente*, creando-se um novo imposto para a sua manutenção. Foi ainda Carlos VII que creou o titulo de *cavalleiro* para aquelle que praticasse um acto de bravura, não lhe pertencendo qualquer commando.

(*Continua*).

J. CORREA DOS SANTOS
Major de inf. 24.

(1) *Modestus*.—De Vocabulis Rei Militaris. (270) depois de Christo. *Flavius Vegecius Renatus*.—Institutionum Rei Militaris. (380) depois de Christo.

BIBLIOGRAPHIA

A cavallaria nos Exercitos Modernos, por *F. Sá Chaves*, capitão de cavallaria.

Como se sabe, uma commissão de officiaes do exercito hespanhol organisou ha tempos um *certamen internacional de Estudos militares*.

A este *certamen*, o nosso camarada e amigo sr. capitão Sá Chaves, concorreu com um trabalho que pelo seu alto valor mereceu ser premiado.

Esta consideração por si falla mais alto do livro d'esse infatigavel obreiro nas lides da imprensa, e que constitue hoje uma legitima gloria da nossa cavallaria e uma honra do nosso exercito, do que quantos louvores aqui lhe pudessemos tecer.

O numero de concorrentes foi notavel, e houve até paizes onde se estabeleceu um concurso para se apurar os trabalhos que deviam ser remettidos para o *certamen* internacional.

Prova este facto quanto não seria facil obter premio em tão apertada conjuntura.

Por isso maior honra cabe á nossa cavallaria tão brilhantemente representada pelo nosso talentoso camarada Sá Chaves.

O livro divide-se em tres partes.

A primeira trata da *cavallaria nos exercitos modernos*;

A segunda — *E' conveniente dotal-a, para o serviço independente, com arma-metralhadora ou com metralhadora?*

A terceira — *Serviços especiaes e seu caracter tecnico*.

Não nos propomos fazer aqui a critica de tão notavel livro.

Essa critica está já feita por quem tinha uma alta competencia para a fazer.

Agradecendo a amabilidade da offerta, que tão gentilmente nos foi feita pelo nosso amigo, o sr. Sá Chaves, recomendamos aos nossos camaradas leitura tão instructiva e tão util, tendo uma grande satisfação em apontar o sr. capitão Sá Chaves como um modelo de infatigavel trabalhador, digno de ser imitado por todos aquelles para quem a profissão militar é um verdadeiro sacerdocio.

Appendice ao livro Raças Cavallares da Peninsula e marcas a ferro, por *Domingos Augusto Alves da Costa Oliveira* — capitão de cavallaria.

E' um interessante livro que vem completar outro do mesmo auctor; o nosso camarada capitão Oliveira, publicado em principios de 1906.

O livro que temos presente dá uma noticia muito completa da riqueza cavallar de todos os paizes da Europa e uma summula referente a cada uma das 5 partes do mundo.

Agradecendo a valiosa offerta temos o maior prazer em felicitar muito cordealmente o nosso camarada, o sr. capitão Oliveira, pelo seu importante trabalho, que denota um estudo profundo e consciencio da materia versada.



Secção do estrangeiro

Allemanha. — Muito desejavamos poder dar uma noticia detalhada do notavel desenvolvimto que a navegação aerea está tomando na Europa. Um dia o faremos quando pudermos dispôr de espaço.

Para nós é uma questão já rêsolvida a navegação aerea, faltando ainda alguns detalhes que a pratica indicará.

E na Allemanha pensa-se d'este modo, e tanto que acaba de construir um engenho especial destinado a dar caça aos balões.

Este engenho consta de um automovel protegido por tres placas couraçadas, accionado por um motor de 60 cavallos que permite uma velocidade de 45 kilometros á hora, e subir rampas de 20 %.

O seu armamento compõe-se de uma peça de 5 centímetros que pôde fazer 24 tiros por minuto sob um angulo de 70°.

Tem 102 tiros de aprovisionamento e o seu pessoal compõe-se de um conductor e dois serventes.

Já em 1870, os allemães impressionados com os balões que sahiam de Paris, e atravessavam imponentes e magestosos as linhas do cerco, pensaram e chegaram a construir uma peça especial para dar caça a esses balões. O fiasco foi completo.

Ao novo engenho estará reservado fiasco igual?

Quer-nos parecer que sim. Para bater um balão que se libra nos ares será preciso outro balão.

Lucta terrivel e por igual perigosa para os dois contendores.

*

Acabam de ser creadas mais 12 companhias de metralhadoras destinadas á infantaria, 4 para os regimentos da guarda e 8 para regimentos de infantaria do exercito.

Cada companhia tem 6 carros para metralhadoras e 3 para munições.

Quer dizer a Allemanha continua na boa douctrina do agrupamento de 6 metralhadoras e não 4 como nós infelizmente fizemos.

Cada companhia de metralhadoras tem 28 cavallos, sendo 4 para montadas dos 4 officiaes da companhia, 3 para patrulhas de ligação, 18 para as metralhadoras e carros, e 3 para reserva.

*

A marinha de guerra allemã tem actualmente 46.913 officiaes e marinheiros,

No orçamento do corrente anno é augmentada com mais

3.000 homens, ficando com 50.000 officiaes e marinheiros, cifra redonda.

Comparando a marinha de guerra allemã com as principaes marinhas do mundo avalia-se bem a importancia do espantoso movimento naval que em poucos annos se tem operado na Allemanha.

A Inglaterra tem 124.460 officiaes e marinheiros.

A França tem 56.800.

A Italia, 28.500 e o Japão 39.712.

Quer dizer, a Allemanha occupa já o 3.º logar, o que não deixa de ser inquietante até para a propria Inglaterra.

Querer é poder.

França. — Uma commissão de officiaes estudou em Versailles, fazendo largas experiencias, uma nova metralhadora franceza.

Segundo refere «La France Militaire» esta nova metralhadora tem modificações tão importantes que a tornam muito superior á do major inglez Fitzgerald.

Emquanto a metralhadora ingleza dá 450 tiros por minuto com um aquecimento maximo de 65º centigrados, a metralhadora franceza dá 650 tiros com um aquecimento maximo de 45º.

Estados-Unidos. — A repartição technica de artilheria dos Estados-Unidos insiste na compra immediata de material de artilheria, de projecteis, polvoras e torpedos no estrangeiro, por se ter reconhecido a impossibilidade de as industrias americanas poderem occorrer n'um lapso de tempo razoavel ás necessidades do Estado.

Temos por differentes vezes referido n'esta secção palavras do sr. Roosevelt como presidente da grande Republica. Mas d'esta vez essas palavras veem exuberantemente demonstrar todo o valor pratico das celebres conferencias que se vão effectuando em Haya, não obstante serem inspiradas por sentimentos generosos e banhadas por um doce sonho de paz.

Referindo-se á pequenez e insufficiencia do exercito nacional, o sr. Roosevelt diz:

«Nós temos mostrado a maior negligencia para perpararmos. em tempo de paz, um exercito que seja capaz de fazer a guerra por uma forma efficaz. O nosso exercito nacional está hoje melhor instruido do que n'outros tempos, mas é muito pequeno. Deveriamos ter, em tempo de paz, os quadros necessarios para um grande exercito, e o nosso exercito regular deveria ser assaz consideravel para fazer face ás primeiras necessidades em caso de guerra».

Refere-se depois, n'essa notavel mensagem em que o Presidente ataca de frente a celebre questão dos *trusts* e a questão monetaria, á conferencia de Haya e á limitação dos armamentos.

N'essa parte faz judiciosissimas considerações referentes á marinha de guerra e confessa que em Haya seria uma empresa infructifera pensar-se em regular o numero de navios das differentes esquadras do mundo.

Trata das fortificações como meio efficaz de defeza das costas, e consigna com desvanecimento o enorme aperfeiçoamento

que se tem operado na justeza do tiro da esquadra americana durante os ultimos 5 annos.

A falta de espaço inhi-be-nos de dar maior desenvolvimento a esta notavel mensagem, mas registado fica que os Estados-Unidos já conhece publica e solememente a absoluta necessidade dos exercitos permanentes como unica maneira de ter assegurada a defeza da Patria.

Inglaterra. — O major Fitzgerald inventou uma nova metralhadora que dizem ser infinitamente superior á melhor metralhadora conhecida.

Como homem pratico pede pelo seu invento a bonita quantia de 6.250:000 francos ou sejam 1.125 contos de réis na nossa moeda, considerando o franco a 180 réis.

O War Office offereceu ao major Fitzgerald a quantia de um milhão de francos ou sejam 180 contos de réis.

Esta offerta foi rejeitada.

Consta, porém, que o governo russo já fez uma offerta de 2.250:000 francos pelo invento do major Fitzgerald, que, todavia, aguarda uma resposta do governo americano, visto a embaixada dos Estados-Unidos ter enviado para Washington um relatorio muito favoravel.

Uma das mais notaveis qualidades d'esta nova metralhadora, e que tão profundamente impressionou o addido militar da Allemanha em Londres, é conservar a temperatura do cano nunca superior a 65° centigrados seja qual fôr o numero de tiros que a metralhadora dê.

Parece que o aparelho de carregamento é de tal forma engenhoso que não é possivel falhar um tiro. A metralhadora faz 450 tiros por minuto com a maior facilidade e certeza, podendo atirar com todos os angulos, mesmo perpendicularmente á linha de terra. Tem ainda outras vantagens de certa importancia relativa e peza 45 kilos.

Hespanha. — O orçamento da marinha fixa a força naval em 5:000 marinheiros e 2:350 praças de infantaria de marinha.

A esquadra de instrucção compõe-se de duas divisões comprehendendo: o couraçado «Pelayo», os cruzadores-couraçados «Carlos V» e «Princeza das Asturias», os cruzadores não protegidos «Estremadura» e Rio de la Plata», e os destroyers «Osado» e «Propersina». Além d'isto o guarda-costas «Numancia» e 13 canhoneiras poderão ser utilizadas para o serviço em Africa, Balneares e Canarias.

O referido orçamento comprehende navios-escolas, avisos, torpedeiros e alguns navios em construcção.

Belgica. — O major Le Clement de Saint-Marcq estuda, n'este momento, o plano de um novo dirigivel.

Todas as nações estão absolutamente empenhadas na resolução do problema da navegacção aerea.

Parece que o major Saint-Marcq chegou a uma combinaçção engenhosa que promette conservar o navio aereo por muito tempo no espaço.

Espera-se que por todo o anno corrente esteja construido o novo dirigivel.



*Capitão Francelino Pimentel,
alferes Ernesto Borges Bicudo, tenente Arthur Esteves de Figueiredo, alferes Francisco de Passos*

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL
Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

OS OFFICIAES DA COMPANHIA DE INFANTERIA N.º 12. VENCEDORES DO CUAMATO

Como preito de sincera homenagem a todos os combatentes da nossa arma, que tomaram parte no feito glorioso da tomada das embaldas do Cuamato Pequeno e do Cuamato Grande, a *Revista d'Infanteria* illustra hoje as suas paginas, com o que se sente muito honrada, com o retrato do commandante e officiaes subalternos da companhia de infanteria n.º 12.

Depois da primeira etape, na chana de Tchahafenda, no dia 26 de agosto de 1907, a heroica columna marchou sempre em quadrado, levando o seu comboio no meio, que por vezes chegou a attingir 9 e 10 carros boers de frente.

A face da vanguarda d'esse glorioso e invencivel quadrado era composta pela companhia de infanteria n.º 12 e pela companhia de marinha.

A disciplina, a bravura, o sangue frio d'essas tropas, que tanto honram a nossa armada e o nosso exercito, na mais fraternal e santa camaradagem, foi brilhantemente seguida por todas as unidades da columna, não esquecendo a companhia de pretos de Moçambique (landins), tão notavel nas suas cargas de bayoneta, como na coragem como arrostou todos os perigos.

Para se fazer uma ideia do que foi essa rude jornada, basta dizer-se que no primeiro encontro com os Cuamatos, combate de Mufilo, a columna teve 15 mortos e 55 feridos (27 de agosto); no combate de Macuvi, 6 mortos e 26 feridos (4 de outubro); na marcha para Damêkere

(debaixo de fogo), 10 mortos e 17 feridos; para Aluendo, 1 morto e 12 feridos, assalto ás cacimbas da Inhoca, 3 mortos e 7 feridos (21 de setembro).

Não é preciso mais nada, embora em todos os reconhecimentos tivesse havido mortos e feridos, para se avaliar do valor moral de uma tropa que resiste serenamente, corajosamente, conservando sempre a maior coesão e a maior disciplina, a baixas tão numerosas e em combates seguidos.

Honra a esses heroes.

Toda a columna se portou nobremente, mas não podemos nem devemos esquecer as cargas brilhantes que os nossos marinheiros e a nossa companhia de infantaria 12 por vezes foram forçados a dar para afugentar o inimigo que tão insistentemente encommodava a columna.

Bem merecem da Patria esses valentes soldados, que deram assim um tão nobre exemplo de desprendimento da vida, encarando a morte com enthusiasmo, embriagados no cumprimento do dever e inflammados pelo ardente e legitimo desejo de verem bem alta e bem honrada a bandeira do velho Portugal, que continua com ufania, na sua missão historica, a mostrar aos demais povos do mundo, quanto ama as suas colonias, padrão immorredeiro das nossas glorias e motivo e causa da nossa autonomia.

A *Revista de Infantaria* espera poder fornecer aos seus camaradas uma descripção minuciosa d'essa campanha que o paiz inteiro, com tanto enthusiasmo, applaude e agradece, devida á penna do nosso camarada e amigo, o sr. capitão Francelino Pimentel, valente e audaz commandante da companhia de infantaria n.º 12.

Honra e gloria a toda a columna, e que esta proficua lição se infiltre no coração dos jovens officiaes do nosso exercito, para que a sua acção seja sempre digna do nosso paiz e da nossa honrada e nobre profissão.





Questões vitaes da infantaria

O quadro do generalato

II

Já dissemos e insistimos em afirmar que, entre nós, não se tem organizado o generalato de fôrma, a constituir o que militarmente se chama um quadro.

A organização d'um quadro de generalato deve satisfazer ás devidas condições de qualidade e proporcionalidade; mas no nosso exercito observa-se, que o quadro dos altos commandos, só por uma circumstancia d'acaso, poderá satisfazer á condição primeira, e de fôrma alguma satisfaz, como nunca poderá satisfazer, á segunda, com o systema de recrutamento em vigor.

Com respeito á condição da proporcionalidade do numero de generaes existentes por armas, tambem ninguem a poderá admittir em face dos seguintes algarismos, que falam mais alto do que a logica e a mais delicada argumentação:

Os serviços de Estado Maior tem 6 coroneis no seu quadro e possuem 2 generaes de brigada; a engenharia tem 10 coroneis no seu quadro e possui 1 general de divisão e 3 generaes de brigada; a artilheria tem 15 coroneis e possui 2 generaes de divisão e 3 generaes de brigada; a cavallaria tem 14 coroneis e possui 3 generaes de divisão e 5 generaes de brigada e a infantaria que tem 49 coroneis, possui apenas 7 generaes!

Veja-se que lei tão equitativa, que na sua applicação produz tão edificantes resultados praticos!

A infantaria, para satisfazer ás necessidades do serviço do commando de 12 brigadas, ha de contar apenas no seu quadro 7 generaes de brigada e não tem, nem terá com o systema em vigor, um unico general de divisão, durante um longo periodo, visto que os generaes de brigada d'esta arma e que occupam os logares mais culminantes da escala, irão sendo empurrados cruelmente, pelo limite d'idade, para os quadros de reserva, para darem passagem triumphal aos que teem tido a sorte de aproveitar o principio d'antiguidade do posto de coronel, como base seguida para a contagem da antiguidade dos officiaes, que preencheram as vagas normaes e fluctuantes, occorridas no generalato.

Bem sabemos, que haverá quem diga, que esta situação é eventual para a infantaria que poderá, decorridos alguns annos, contar no seu quadro um numero mais elevado de generaes e que exceda o limite das 7 vagas toleradas pela actual proporçãoalidade.

Ora é exactamente isso, estes maximos e minimos, como se tratassemos da representação graphica da promoção, por meio d'uma curva, que não se póde admittir n'uma lei reguladora do accesso de postos; sinuosidades tão bruscas, e perturbadoras do funcionamento regular da vida d'uma determinada arma do exercito, devem-se fazer desaparecer por completo.

E' indispensavel que se respeite o principio absoluto da perequação das promoções.

A arma d'infanteria assim o aspira e não é sem tempo que deseja vêr reivindicados os seus direitos.

Só a mingua d'um talento mediocre, ou teimosia indesculpavel, poderá persistir em affirmar, que uma lei possa manter-se, desde que esteja disposta de fórma, que n'uma arma do exercito haja hoje um minimo de generaes no seu quadro, para amanhã estar com um maximo, para tornar a descer e nunca mais subir. Uma tal lei não só é d'effeitos perniciosos para as instituições que procura servir, como tambem não dá ao paiz as garantias de satisfazer aos seus interesses.

Nunca poderá ver-se realisada a suprema aspiração de confraternidade d'armas, desde que o legislador não procure ser equitativo na distribuição das promoções dos altos commandos, quer a promoção seja considerada por

uns como um direito adquirido, quer não a queiram considerar como uma recompensa.

A arma d'infanteria, que tem procurado progredir, a par de todas as outras armas suas irmãs de combate, não merece que seja espoliada dos seus direitos e por isso, em qualquer opportunidade, deve-se attender á situação critica em que foi lançada.

*

Fizeram resurgir entre nós os coroneis brigadeiros, entidades amphibias, que foram criadas por Turenne, com o fim de tirocinar os coroneis mais antigos no commando das brigadas.

Este grau, se tal se lhe póde chamar, nasceu logo com o peccado original de não tirocinar pessoa alguma, antes se poderá dizer que sirva para *destirocinar* um official, que tivesse sido um bom commandante de regimento.

As funcções de general de brigada no nosso exercito, estão encaminhadas para inutilisar quem se ache n'ellas investido. Parece um paradoxo, mas a experiencia assim o indica. São dotadas com o caracteristico fundamental d'uma excessiva inactividade.

Podemos garantir, que alguns dos officiaes mais distinctos do nosso exercito, teem experimentado um marasmo aniquilador, ao verem-se reduzidos á immobildade do seu novo posto de general de brigada.

N'estas condições, os coroneis brigadeiros, vão anticipar a sua inutilisação.

São estas considerações d'outra natureza por onde não queremos agora enveredar; mas desde que se accete na maioria dos commandos de brigada os coroneis brigadeiros com as gratificações especiaes do commando, não seria preferivel criar o numero de generaes de brigada que estivesse em harmonia com as exigencias dos serviços da arma sem que resultasse augmento sensivel de despeza.

Todos os motivos expostos, assim devem aconselhar o legislador, que queira prestar a sua attenção a este assumpto.

*

Encerrado este ligeiro parenthesis, vamos continuando a tratar da propôrcionalidade do quadro do generalato na arma d'infanteria.

Entre os varios algarismos que apresentámos no artigo anterior, vimos que os officiaes d'infanteria, que attingiram durante estes ultimos 40 annos o posto de general de brigada, esperaram em media 38,5 annos desde a sahida da escola do exercito, ao passo que houve uma arma, a engenharia, onde os officiaes esperaram em média 30 annos, desde a sahida da escola do exercito, para conquistarem as 2 estrellas do generalato.

Ninguem poderá, de boa fé, ir procurar a superioridade do curso, para justificar este accesso tão rapido e encontrar n'elle um premio para compensação de maiores estudos. O verdadeiro premio consistiu na differença de gratificação, visto que o Estado dispendeu com um official d'engenharia, até attingir o posto de general, a importancia de seis contos de réis a mais, do que com um official d'infanteria, e além d'isso, a superioridade de habilitações que collocou o official d'engenharia, em condições de encontrar sahidas faceis para todos os ministerios, em situações mais vantajosas de serviços do que qualquer outro official do exercito.

Não nos parece, pois, que haja quem queira apresentar a superioridade de cursos, como justificação, para que esta situação possa permanecer inalteravel para a arma d'infanteria.

Todos os meios artificiaes de que os legisladores possam servir-se, para acelerar a promoção d'uma dada arma do exercito, ainda que a rainha das batalhas se tome para base, só redundam em prejuizo d'aquella, apesar de a quererem considerar com as honras de ponto de referencia, emquanto não fôr posto de parte o principio de antiguidade do posto de coronel, para regular a promoção do generalato.

E' por isso de toda a conveniencia, que se ponha de parte o preconceito d'armas atrazadas e que o legislador, depois de ter calculado o numero de officiaes generaes que deve existir no quadro, em harmonia com as exigencias dos serviços do exercito, divida esse numero dentro de cada arma, proporcionalmente ao numero dos coroneis do seu quadro e ponha de parte por completo quaesquer vagas fluctuantes. E' esta que deve ser a aspiração da infanteria, pois está mais de que provado, que, emquanto não se proceder d'esta fórma, ficará sempre ludibriada.

Applicando essa regra ao nosso caso chega-se aos seguintes resultados praticos, attendendo a termos visto

no numero anterior, que os serviços do exercito exigem 33 generaes de brigada e estabelecendo proporções geometricas, acha-se, attendendo tambem ao numero total de coroneis que é 94 e approximando d'uma unidade as decimas superiores a 5 :

Para o Estado Maior.....	1
Engenharia.....	4
Artilheria.....	5
Cavallaria.....	5
Infanteria.....	18

Encontra-se portanto, este numero de generaes de brigada, para cada uma das armas, attendendo ao numero de coroneis que cada uma possui no seu quadro, e distribuindo proporcionalmente 33 generaes por aquelle numero de coroneis. Assim se nota que á infanteria *pertencem 18 generaes de brigada*.

Applicando agora a mesma regra, para o numero total de generaes de brigada, actualmente previstos no quadro e que, como se sabe é de 20, acham-se para as proporções os seguintes resultados:

Para o Estado Maior.....	1
Engenharia.....	2
Artilheria.....	3
Cavallaria.....	3
Infanteria.....	11

E' pois 11 e não 7 o numero minimo de generaes que a arma de infanteria deverá possuir.

Toda a lei que posta em pratica, dê, em qualquer eventualidade, menos de 11 generaes de brigada á infanteria, só terá em vista prejudicar-nos.

Ora na pratica, vê-se que não só não temos os 11 generaes de brigada determinados pelo calculo, como tambem não possuímos, nem possuiremos nunca, um unico general de divisão.

Para nos convenceremos, basta saber ler e fazer contas elementares de arithmetica.

E' por isso indispensavel, para que não tenhamos novos motivos de justificadas lamentações, que se distribua por cada arma, o numero de generaes que lhe pertence, pelo calculo da proporcionalidade do numero de coroneis

e se ponha de lado, o numero de generaes, destinados ás vagas fluctuantes, que tem sido a sombra negra da arma d'infanteria.

Qualquer vaga de general que appareça, deverá ser preenchida exclusivamente dentro da arma onde se der.

Assim poderão os officiaes de cada arma, arranjar ou provocar todos os meios artificiaes d'accessão rapido ao posto de coronel, sem que isso possa vir prejudicar alguem das outras armas que não tem ao seu dispor esses recursos.

E' este o verdadeiro principio justo, pelo qual a infantaria tem d'aspirar a vêr posto em pratica. Qualquer outro systema de promoção a generalato ha de prejudical-a fatalmente. Cada arma que se governe com os seus recursos e com as suas vagas.

Estabeleça-se depois um quadro commum de generaes de brigada, para serem promovidos por antiguidade a generaes de divisão e tudo dará no fim perfeitamente certo e equitativo.

Emquanto se não proceder por esta forma a infantaria terá de ser a victima tão injustamente sacrificada. Resta-nos a esperança de que, seremos attendidos n'uma futura reorganisação do exercito, que dê á infantaria o numero de generaes que lhe foi abatido, pois com certeza devia ter sido essa a orientação do auctor da lei actual.

(Continúa).

J. S.

DISCIPLINA

«A disciplina consiste na estricta e pontual observancia das leis e regulamentos militares», diz o respectivo regulamento. Assim tem de ser. Mas, porque nós nem sempre o temos visto praticar, observando, antes pelo contrario, verdadeiros attentados contra esse sagrado principio, que deverá ser absolutamente intangivel pelo arbitrio de quem quer que seja, substituindo-se ás normas inflexiveis do dever e da dignidade profissional, procedimento unicamente orientado pela paixão ou rancor de que resultam verdadeiras anomalias — eis a razão das desprezenciosas considerações que vão seguir-se, escriptas com o simples intuito de concorrer, consoante o nosso entendimento, sem sublimidades de estylo que não temos, mas com absoluta sinceridade, para o bem da collectividade e da instituição armada a que nos honramos de pertencer.

Confessando a nossa discordancia pelo superficial acatamento das disposições disciplinares, cuja base principal é a justiça facilmente accumulavel com alguma benevolencia — que se não deve confundir com transigencia ou pusilanimidade — não nos encontramos isolados. Varios escriptores se teem occupado do assumpto. Algures lemos nós, depois de outras considerações: «... Para haver disciplina, pois, que seja uma base solida da subordinação, é necessario dar á mocidade uma educação physica, intellectual e moral de que a educação militar no regimento deve ser uma amplificação e um complemento, é necessario *commandos firmes, intelligentes e prestigiosos que sejam o exemplo vivo dos commandados; é indispensavel um systema de repressão simples, prompta e applicada com intelligencia e, finalmente, um systema racional de recompensa distribuida com imparcialidade.*»

Como o nosso distincto camarada que assim dissertava na *Revista Militar*, ha 12 annos, o não fez, queremos crer, por simples prurido de escrever, somos forçados a concluir que elle, como observador que é, notará *commandos pouco firmes, pouco intelligentes e prestigiosos, fracos exemplos dos commandados*, por isso mesmo *a repressão não era simples, prompta e applicada com intelligencia*; finalmente, observou *parcialidade na distribuição da recompensa.*

Pois ainda hoje ha d'isso, apesar da grande metamorphose porque tem passado a grande machina chamada — exercito.

Citaremos outra opinião mais recente, cheia de auctoridade, ninguem o poderá duvidar, que corrobora o nosso modo de vêr sobre o assumpto: Sua Ex.^a o ministro da guerra, em circular mandada expedir em outubro do anno findo, a proposito da incorporação dos recrutas, quiz fazer comprehender aos chefes responsaveis qual o seu modo de vêr em relação ás questões disciplinares, parecendo-nos que muitos, mesmo os que mais serviço regimental tem feito, teem que aprender na lição de Sua Ex.^a Ah! se diz, depois de outras considerações cheias de são criterio: «... Compete aos superiores estudar o character dos seus soldados e avaliar-lhes as intenções para poderem bem pezar o seu procedimento e a gravidade das faltas que por ventura commetterem.

«... O superior deve aconselhar paternalmente, dirigir, ensinar com prudencia o soldado novo e só deverá recorrer á repressão disciplinar quando, exgotados todos os recursos suasorios, chegue ao convencimento de que a falta foi praticada conscienciosamente. Os chefes quando tenham de usar da sua auctoridade, punindo, devem fazel-o sempre por fórma que, reconhecendo-lhes o espirito de justiça que os animou, os delinquentes accettem o castigo com a consciencia de o terem merecido, etc.» Ora, como temos sobejas provas de que Sua Ex.^a não gasta tempo inutilmente, podemos concluir que tal circular não seria expedida se uma razão qualquer a não determinasse. E, effectivamente o illustre estadista tem muita razão. Todavia o regulamento é claro, por isso de facil execução em nosso parecer, para o que basta ser honesto, justo quanto o pôde ser a humanidade, ter algum conhecimento do coração humano e o prestigio necessario para ser um bom exemplo dos subordinados, como diz o nosso illustre camarada já citado.

A primeira attenção do chefe deve ser preparar o moral do

soldado recentemente alistado, desbravando-lhe a intelligencia, fazendo-lhe comprehender a necessidade da subordinação e do cumprimento do dever, emfim, preparar-lhe o espirito para as luctas da vida militar. Mas n'este sentido, como base essencialissima da disciplina, pouco temos visto fazer.

Encarando a questão um pouco mais genericamente, observa-se ainda uma desorientação nada compativel com a delicadeza do assumpto, procurando uns alcançar fama de *boa pessoa* ainda mesmo á custa de algumas transigencias pouco dignas, outros o epitheto de *disciplinador* tambem á custa de desairosas exigencias e condemnaveis rigores, que quasi sempre enfraquecem o verdadeira sentimento disciplinar, facto previsto no artigo 76.º do respectivo regulamento. A uns e outros observaremos nos que, cotações de *boa pessoa* e *disciplinador*, não se adquirem calculadamente, e são perfeitamente accumulaveis quando se tem o necessario prestigio e se cumprem, com absoluta sinceridade, os regulamentos. Temos a certeza que é assim.

*

Quem tiver tido a curiosidade de attentar na nossa modesta collaboração n'esta *Revista* não terá difficuldade em concluir que o nosso ponto fraco é a disciplina. E não nos contraria esta nossa tendencia, antes pelo contrario; — a ideia é constantemente accariada no nosso espirito como que para a alentar mais e fortalecer-a.

Compreende-se, pois, que tal maneira de vê e possuindo tambem um pouco a qualidade de observador, nós tenhamos archivados uma serie de casos, verdadeiros attentados á disciplina que a propria dignidade nos manda callar. Alguns, porém, referiremos para justificar, até certo ponto, a nossa orientação, occupando-nos do assumpto, chamando para este a attenção dos nossos camaradas, porque a disciplina deve ser a nossa primeira attenção, pois sem esta não pôde haver exercito nem mesmo verdadeira organização social.

Ha bem pouco tempo, n'um regimento, o official d'inspecção mencionou na sua parte um sargento que faltara a uma formatura que, ao que parece, tem lampada em Meca, como costuma dizer-se. Para melhor apreciação do facto convem esclarecer que o infractor não se apresentou ao official de serviço depois de commettida a falta, nem procurou justificar o seu procedimento como qualquer outro faria, de certo fiado na protecção de que, aliás, não era merecedor, ao que parece.

A certa hora do dia, depois das auctoridades superiores terem conhecimento da occorrença, foi o official chamado ao tenente-coronel que, entregando lhe o relatorio, lhe diz: — *O commandante diz que reforme e que tire esta cousa do sargento.* — Mas... — *Se não quer reformar não reforme.* atalhou o tenente-coronel, *vou dizer ao comm. ndante.* O relatorio toi effectivamente reformado, facto que não merece pormenores, mas nós não o teriamos feito, sem jactancia o declaramos, não nos importando as consequencias da intransigencia, porque a dignidade nos impunha que o não fizessemos.

O chefe que assim tratava tão barbaramente a disciplina no seu regimento — affrontando um official pela maneira como lhe

impoz uma indignidade, desprestigiando um superior aos olhos do inferior, favorecendo a impunidade de uma infracção sufficientemente caracterisada e até aggravada por circumstancias especiaes — mostrou desde logo ser completamente inapto para o exercicio do commando. Não pôde haver duvidas a este respeito.

Outras irregularidades se observam que muito conviria fazer desaparecer. Não comprehendemos, por exemplo, que haja quem puna o inferior sem o ouvir previamente, como muitas vezes acontece. Segundo a doutrina do artigo 79.^o do regulamento disciplinar, deve ter se em attenção, quando se tem de punir: «a natureza da falta, as circumstancias que a acompanharam, o comportamento anterior, o tempo de serviço, o grau de intelligencia, o caracter e o conhecimento mais ou menos perfeito que o infractor deve ter do seu dever e das regras da disciplina.»

A participação não pôde deixar de ser a narração singela de um facto contrario á disciplina, portanto o chefe só tem presentes, alem da participação, os elementos que se referem ao tempo de serviço e comportamento anterior. Os outros deve elle adquirir-os por meio de interrogatorio summario que o habilite a graduar conscientemente o castigo. Não pôde deixar de assim ser.

O commandante do regimento ordena a um official que proceda a averiguações sobre um caso de indisciplina insufficientemente caracterisado. Ainda n'este caso o interrogatorio do chefe se torna indispensavel porque, embora o relatorio do official deva ser bastante illucidativo, nada pôde dizer, por exemplo, sobre o caracter, intelligencia e conhecimento mais ou menos perfeito que o delinquente tem das regras da disciplina, elementos sempre indispensaveis para punir com justiça, como se torna mister. Lá diz Sua Ex.^a o ministro da guerra: «Os chefes quando tenham de usar da sua auctoridade, punindo, devem fazel-o sempre por fórma que, reconhecendo-lhes o espirito de justiça que os animou, os delinquentes acceitem o castigo com a convicção de o terem merecido.» Para isto é indispensavel que o chefe ouça *sempre* o infractor.

*

Depois das considerações até agora feitas, que mais particularmente se referem ás cousas da metropole, vamos dirigir as nossas atencões para as colonias onde o quadro nos apparece com as côres muito mais carregadas.

Evidentemente no ultramar não se sabe, ou não se quer saber, o que é disciplina. Nenhum camarada, realmente imparcial, nos contrariará. Mesmo no ministerio da marinha não devem faltar elementos que corroborem a nossa asserção, porque a percentagem dos officiaes que recolhem e cá têm de reclamar de arbitrariedades varias é relativamente importante, sendo algumas das reclamações reveladoras de ignobeis monstruosidades e torpes perseguições. Esta é que é a verdade.

Parece que a subserviencia é primorosa qualidade em terras d'alem-mar; de modo que, quem não é propenso a faceis transigencias, embora indignas, ou não deve ir para lá, ou então levar as algibeiras cheias de cartas de recommendação como as creanças ao iniciarem a sua vida escolar. Os que assim não fazem não só se lhes não reconhecem serviços prestados, mas tambem se lhes reservam as peiores situações, voltando muitos d'elles com

os registos vergonhosamente manchados. E não será isto attentar, de modo intoleravel, contra a disciplina? Sem duvida.

O chefe deve ser, em extremo, leal e sincero nas suas relações com os inferiores, porque só assim se manterá prestigioso e respeitado. Do contrario ha de vêr-se naufragar nas ondas da descrença por parte dos subordinados que o não respeitarão, servindo-lhe de taboa o regulamento disciplinar de que de certo não fará bom uso porque a paixão lhe atrofiará o raciocinio.

Como promettemos alguns exemplos vamos apresentar mais um, copiado ao acaso da nossa variada collecção: Na ordem de uma columna que operava no interior de Angola, de 18 de agosto de 1903, lê-se o seguinte: «Que seja punido com 15 dias de prisão disciplinar e *baixa de posto* (sic) o contra-mestre de corneiros F... por, etc.» O dislate não merece commentarios, apenas ha uma observação a fazer. Póde admittir-se que haja quem tenha o direito de punir, com attribuições de general e de mais a mais ignore a elementarissima doutrina do artigo 1.º do regulamento disciplinar? Não póde admittir-se.

Só em 5 de outubro, isto é, mez e meio depois é que, na ordem do governo do districto, se fez a necessaria rectificação, eliminando a *baixa de posto*. Não se commenta, repetimos. Apenas faremos uma pergunta: E' em mãos d'estas que deve estar o socego e a tranquillidade de quem se encontra já bastante sacrificado, devido á simples existencia nas colonias, onde a lucta, com elementos varios, tem um character permanente?

Sobre reclamações alguma cousa ha tambem que dizer. Reclamar não é, ao que nos diz a nossa observação, um inilludível direito, até mesmo um dever imposto pela nossa dignidade. Tal disposição do regulamento parece ter sido ali incluída simplesmente para harmonia do conjuncto, ou prevenindo a hypothese, sobremodo vaga, de haver quem castigue sem verdadeiro motivo, o que infelizmente não acontece. E como o reclamante acaba, quasi sempre, por ser castigado novamente, succede que um tal direito, que deveria ser escrupulosamente respeitado como garantia necessaria á boa disciplina, mais parece uma prohibição, visto que de facto se não póde reclamar.

Non ultramar onde, como nos parece ter demonstrado, predomina o arbitrio, as reclamações não pódem deixar de ser em numero relativamente grande, a cuja solução não preside o menor criterio. Averiguações não ha de especie alguma, o que já seria bastante para nos não conformarmos.

Para melhor illucidação dos nossos camaradas que a fortuna tem dispensado da lucta, ás vezes em circumstancias bem extraordinarias, em tão longiquas paragens, vamos expôr a marcha ali de uma reclamação.

Um official foi punido; essa punição é, quasi sempre, um attentado á disciplina e á dignidade do official. O pretensio infractor reclama, mas a reclamação é considerada improcedente, sem demora, a despeito do disposto no § unico do artigo 112.º do regulamento disciplinar. O inferior solicita que a reclamação siga ás instancias superiores, nos termos do artigo 113.º Na secretaria do governo (temos supposto que o reclamado é o governador do

districto) *forja-se* uma papelada — especie de processo inquisitorial — onde não figuram quaesquer averiguações, mas no quartel general tambem não fazem falta e até se dispensam as indicadas no artigo 116! E como a exposição enviada pelo chefe reclamado não deixou de ser um documento apaixonadissimo, alem de parcial, o governador geral conclue, summariamente, por punir outra vez o official porque ousou . . . pedir justiça.

E assim se impõe, tacitamente, um official, ás vezes ferido na sua honra, que lançou mão do unico processo que tinha ao seu alcance para se desaffrontar, que abdique dos seus legitimos escrupulos e que se avilte. Não pôde ser!

Pobres colonias! Até n'isto nós encontraríamos elementos que justificariam o vosso atrazo! Mas já nos alongamos muito. Outra vez será.

A Suas Ex.^{as} os ministros da guerra e da marinha — principalmente a este ultimo — pedimos toda a attenção para o assumpto de que vimos tratando porque a disciplina é a principal força e a primeira condição de um exercito bem organizado.

16 de dezembro de 1907.

F. S.



A nossa ultima campanha colonial apreciada pela «France Militaire»

E' com vivo reconhecimento que agradecemos ao nosso illustre confrade parisiense as palavras de justiça com que acolhe, nas suas brilhantes columnas, os nossos feitos militares do ultramar.

A recente campanha contra os Cuamatos, tão habil e valorosamente levada a cabo pela heroica columna que teve por chefe o major Roçadas, mereceu á *France Militaire* as honras de um relato especial, o que significa que será apreciada pelo mundo inteiro.

Essas etapes gloriosas assignaladas por outros tantos combates rudes que nos roubaram vidas preciosas e fizeram derramar o sangue generoso do nosso incomparavel soldado, entre as quaes temos Mufilo, Aucongo, Damê-

kére, Aluendo, Inhoca, e as embalas do Cuamato Pequeno e do Cuamato Grande, não ficarão apenas conhecidas dos portuguezes, a *France Militaire*, lançando-as na circulação mundial, conseguirá, por certo, despertar a nosso favor um movimento de sympathia e respeito, affirmando-se que o soldado portuguez sabe heroicamente morrer pela Patria.

Referindo-se á tomada da embala do Cuamato Grande, diz o nosso collega da imprensa militar franceza:

«Ce brillant fait d'armes clôtura la campagne, si activement menée, avec une impeccable maîtrise, par le commandant Roçadas.»

Refere-se tambem o nosso illustre confrade ás gloriosas campanhas de 1894-1895, mas ahi ha um erro historico que nós pedimos licença para rectificar.

O vencedor do Gungunhana não foi o heroico major Mousinho de Albuquerque, que aliás em brilhantes campanhas coloniaes poude patentear o seu valor e a sua indomavel coragem.

A Cesar o que é de Cesar; a Deus o que é de Deus.

O vencedor do Gungunhana foi o glorioso coronel Galhardo.

Quando Mousinho foi a Mahueó, na região de Chaimife, buscar o Gungunhana, estava este vencido, tendo sido rechaçadas as suas forças, aliás bem armadas e bem organisadas, na lingua de Coolella, n'esse memoravel dia 7 de novembro de 1895.

O coronel Galhardo, além de um grande tacto de commando, manifestou n'essa gloriosa campanha uma alta competencia, um seguro golpe de vista, uma rara energia e uma coragem e um heroismo que constituiram a admiração de todos aquelles que tiveram a fortuna de servir sob as suas ordens n'essa jornada do Chicomo a Inhali-fatuanne, de Ballele a Coolella e Manjacaze.

Esse é que foi o vencedor do Gungunhana, o pacificador de toda a região ao sul do Save d'aquella provincia, que é hoje a nossa mais valiosa joia colonial.

A Patria nunca recompensou condignamente os altos serviços d'esse valente guerreiro, hoje, sem duvida, um dos mais respeitados e queridos generaes do nosso exercito, e uma das suas maiores esperanças.

Feita esta rectificação historica indispensavel, reiteramos os nossos protestos de vivo agradecimento á *France Militaire* pela sua gentileza.



Protector do ponto de mira

Apesar do que aqui temos dito e do ocorrido nos corpos a respeito d'este accessorio da nova espingarda, insiste-se nas estações superiores em julgal-o a perola dos protectores conhecidos.

A estes optimistas temos ouvido que a sua totalidade (100.000) custou apenas 500\$000 réis; que é feito de boa lamina de aço; e que adhere tão fortemente á base do ponto de mira que chega a aguentar o peso da propria espingarda, tal qual como um peixe preso pelo anzol.

Vejamos o valor de semelhantes argumentos.

Pelo que respeita á economia esta é comparavel, ainda com favor, á que exprime o anexim popular: «quem se veste de ruim panno, veste-se duas vezes no anno». Com effeito, não sendo o protector nem solido nem estavel, attributos indispensaveis, será caro por qualquer preço.

Não é solido porque, tendo a lamina de que é feito apenas alguns decimilímetros de espessura, comprehende-se facilmente que é assáz insufficiente para resistir aos choques violentos a que a arma está exposta durante o serviço de paz e, mórmente, em campanha. O ponto de mira, assim exposto, amolgará quasi ou quebrará com a mesma facilidade como se estivera a descoberto.

Não é estavel porque, dependendo esta qualidade não só da força de adhesão á base do ponto de mira, mas, principalmente, dos meios ou artificios empregados para

evitar a queda, constata-se que, sob estes dois pontos de vista, as faces lateraes do protector são susceptíveis não só de molejar mas de se deformar facilmente, alternando para mais ou para menos, até zéro, essa força de adheção; e constata-se tambem que o protector não dispõe de meio ou artificio algum para evitar a queda, além da que deriva da força elastica das faces lateraes, tenue e contingente.

Posto isto, que não é uma critica péssimista como é optimista a dos seus deffensores, o protector não é nem solido nem estavel por condição ingenita e estamos em dizer, sem o menor exagero, que elle voará, por vezes, nas azas do proprio vento.

Conta-se que uma alta personagem militar, passando junto d'uma sentinella, viu a arma sem protector. Interrogando a sentinella, esta respondeu: «que o tinha na algibeira com receio de que lh'o roubassem».

A personagem concluiu que a causa do desaparecimento dos protectores não era a queda, mas o roubo... o roubo do que não vale nem um real como sucata! Ora, nós vamos explicar-lhe a causa do roubo, que é o fundo da contenda.

O roubo dá-se porque o ingrato protector não avisa a praça de quando lhe apraz desertar, mas esta, que não deseja pagal-o por bom ou ser castigada, aproveita a primeira occasião para adquirir outro á custa do visinho.

A sentinella deu, pois, uma meia resposta, subtil e arteira, cujo complemento é este.

Em résumo, a espingarda precisa d'um protector que o seja realmente e não uma cousa a fingir.

Nós preconizamos o modelo adoptado no exercito allemão, que é solido e estavel. Solido porque as dimensões e a forma do metal lhe asseguram esta condição; e estavel porque entra e sahe do ponto de mira por movimentos combinados (translação e rotação) que o acaso não pode reproduzir facilmente, ou que a entrada e a saída só se fazem intencionalmente. Além d'isto protege tambem a alma do cano, o que não é para desprezar nos calibres mais reduzidos.

Que elle seja feito cá ou lá fóra é o que não nos cumpre indicar, bem como approvaremos outro qualquer que satisfaça ás condições devidas.





Sanatorios militares

Os relevantes serviços prestados ao exercito e ao paiz por S. Ex.^a, o actual ministro da guerra, suggeriram-nos umas considerações, que julgamos opportunas, por se tratar d'um assumpto dos de maior actualidade. Tem-se procurado, ultimamente, por todo o mundo culto, combater o terrivel flagello da tuberculose, sendo o nosso paiz um dos que mais procura distinguir-se n'essa santa cruzada. Apesar, porém, de todos os esforços empregados, o decrescimento do mal não é sensivel.

Ora, é sabido que um exercito deve dispôr de todos os recursos para bem assegurar o regular funcionamento dos diversos serviços e necessidades do pessoal. Desde que assim é, julgamos equitativo o estabelecimento de sanatorios militares para onde seriam evacuados todos os militares que depois de terem praça assente fossem reconhecidos tuberculosos.

Achamos deshumano que, depois de alguns annos de serviço ao paiz, se elimine das fileiras, com uma baixa por incapacidade physica, quem, com a mais acrisolada dedicação, veio prestar o tributo de sangue. Rigorosas como são as juntas de recrutamento, é licito crêr que, a tuberculose manifestada nas fileiras do exercito, ali seja contraída, pois ninguem desconhece a complexidade dos serviços feitos com todo o tempo e em todas as circumstancias.

Confrange vêr, a cada passo, praças já atacadas pelo terrivel mal, saídas dos hospitaes com licença da junta para convalescer em ares patrios, onde, por certo, não poderão alimentar-se convenientemente.

Julgamos que a maior parte dos doentes poderia ser

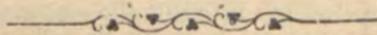
curada nos sanatorios militares, tornando-se assim aptos a continuar o serviço nas fileiras e depois quando recolhessem ao seio das familias, d'onde foram tirados sãos e escoreitos. Acresce ainda a circumstancia da grande vantagem social de se evitar a propagação da doença.

Poderiam ainda os sanatorios ser utilizados por todos os militares que de regresso do ultramar carecessem de repouso e alimentação reparadora.

Vieram estas ligeiras considerações a proposito de alguns casos observados no serviço regimental, e que bastante nos emocionam, porquanto, repetimos, achamos deshumano que, buscando-se na sociedade homens sadios, obrigados a prestar o honroso mas pesado tributo de sangue, a ella são restituídos algumas vezes, sem o thesouro mais precioso, a saude, que tantas vezes se perde em serviço do paiz.

Appellamos para o nobre ministro da guerra, consciós de que não appellamos em vão, tantos são os serviços prestados por S. Ex.^a ao exercito e ao paiz.

B.



HISTORIA MILITAR UNIVERSAL

(Continuado do n.º 1 — 1908)

Das ruinas do imperio romano surgiram dois mundos : o mundo germano na Europa, e o mundo arabe na Asia e na Africa. São estes dois mundos que ficam dominando a Europa, e as duas religiões, o christianismo e mahometismo, a primeira na Europa e a segunda no Oriente, ambas com principios communs, mas sempre provocando odios profundos, viám substituir o muribundo paganismo. Por uma serie de desordens e revoluções, que detalhadamente descreveremos, o Oriente torna-se a sede do mais ferrenho despotismo, emquanto o Occidente assiste ao desenvolvimento das nacionalidades e das differentes instituições, surgindo um novo systema politico e ecclesiastico, sob a forma de systema feudal e hierarchia.

Erradamente se tem attribuido o feudalismo á legislação romana. Esta instituição, porém, é um dos traços mais característicos da edade mediéval. Nascido apoz o

desmembramento do imperio carlovingio, esta nova phase da sociedade barbara alastrou-se por toda a Europa, porém, com duração variada, porquanto circumstancias egualmente variaveis fomentaram o seu desenvolvimento. O patronato militar estabelecera uma subordinação hierarchica garantida por serviços distinctos e reciprocos. E' na Allemanha, vasto paiz onde nenhuns restos da antiga sociedade poderam perturbar o natural desenvolvimento do genio germanico, que o feudalismo encontrou terreno proprio para lançar fortissimas raizes, onde essa instituição se alastrou e permaneceu por mais tempo. O feudalismo barbaro tem de lutar com o espirito municipal das tradições romanas e, embora os restos do velho mundo sejam um obstaculo ao seu desenvolvimento, elle encontra um poderoso auxilio na opposição das duas raças que, apoz a conquista, permanecem divididas.

O regimen feudal governa toda a Europa. A absorpção da propriedade dos homens livres, — terra alodial, — nas posses condicionaes concedidas pelo rei, — as mercês; a transformação d'estes beneficios em propriedades completas; a junção a estas propriedades de um poder politico e inalienavel pela herança *dos cargos*; e, finalmente, a união indissolúvel do direito de propriedade e de suzerania politica, consagrada pelo uso, e expressa por uma formula, eis a historia resumida do estabelecimento do *systema feudal*. *Não ha terra sem senhor, nem senhor sem terra*, tal era a formula consagrada; *a terra é o homem*, tal a maxima fundamental d'este *systema*.

*

A contenda das investiduras é um facto dos mais importantes da idade mediéval por ter dado origem ás mais renhidas luctas. O feudalismo, em nome de uma religião, empenha-se em longiquas guerras, e emquanto elle luctava, emquanto elle atacava os infieis, era a Egreja, que lhe vibrava os primeiros golpes. De onde vinha á Egreja a força? Como podia ella resistir aos imperantes, ella que lhes era subordinada? Entrados no logar, que lhes era assignalado pelo *systema feudal*, os bispos investidos nos seus beneficios, ou feudos, pelo baculo e pelo anel, permaneciam fieis ao imperador. O proprio papa, investido na cadeira de S. Pedro, e escolhido pelo imperador de entre os mais dedicados bispos, parecia incapaz de

resistir. Havia, porém, uma parte da Igreja, que tinha ficado fóra d'essa hierarchia feudal, e procurava conservar intangivel a sua liberdade. Os florescentes e numerosos mosteiros de então eram os asylos preferidos dos mais nobres espiritos; era n'esses retiros, que iam procurar, com a livre posse das suas pessoas, o esquecimento das desordens da christandade.

O direito das investiduras, confirmado em 1059 pelo papa Nicolau II, fóra recusado, pouco depois, por Gregório VII, cognominado o grande. O seu successor, Victor III, levou mais longe a recusa; prohibiu aos príncipes seculares poderem dar, que especie fosse, de investidura aos ecclesiasticos, porquanto sendo o baculo o symbolo do cuidado pastoral confiado aos bispos, e o anel o emblema do casamento espiritual, que os padres contraíam com a Igreja, os príncipes seculares não podiam, sob qualquer pretexto, distribuir taes insignias de dignidade aos seus vassallos. Foi d'esta lucta, que surgiu a concordata de 1192, estabelecendo a praxe adoptada até aos fins do seculo XV, pela qual nenhum ecclesiastico podia ser investido senão com o septro.

A Italia foi de todos os estados o que mais soffreu com a guerra das investiduras, se bem que as discordias das republicas algum sangue fizeram correr. Foi um periodo terrivel a Edade Media. Na Inglaterra a interminavel guerra das duas rosas espalha a desolação e o terror. Na França cem annos de morticinios, de fome e de horrosas luctas. O ferro e o fogo eliminaram os albigenses. Na peninsula hispanica a hedionda inquisição estende os seus horrosos sobre os mouros, sobre os judeus e, até, sobre os proprios christãos. E' o inferno, é a Europa gerando a civilisação moderna; taes as palavras de um grande poeta.

(*Continua*).

J. CORREA DOS SANTOS

Major de inf. 24.





AS ESCOLAS REGIMENTAES NA NOSSA INFANTERIA

Instrucção militar e instrucção litteraria;
necessidade do seu desenvolvimento entre os graduados e soldados

(Discurso lido por occasião da abertura solemne
da escola regimental do Batalhão n.º 5 de Caçadores d'El-Rei,
em 3 de novembro de 1907)

(Continuado do n.º 1 — 1908)

Desgraçadamente para o nosso paiz e para o nosso exercito, ainda hoje, volvidos quasi 85 annos, não pôdem ser acceitas as palavras do ministro da guerra de 1823, tal o estado de atrazo de cultura intellectual em que a grande maioria da população portugueza jaz ainda, do que resulta contarem-se no recrutamento annual mais de 50 % de analphabetos; a nação não chegou, nem infelizmente chegará tão cedo, ao estado de illustração a que alludia em 1823 o ministro Gonçalves Miranda, tão lentamente tem progredido a instrucção popular entre nós.

Decidida no Congresso, em grande parte talvez por medida economica, a supressão das escolas regimentaes e normal, foi ella decretada em 17 de abril d'aquelle anno e ratificada em junho de 1824, porquanto parece que o primeiro decreto — tão iniquo e anti-patriotico elle era! — não recebeu desde logo inteira execução.

Iniciadas as campanhas da liberdade e restaurado o governo absoluto, abre-se n'esse agitado periodo de 1826 a 1834 um forçado parenthesis no ensino; em Portugal e portanto no exercito cessa todo o cuidado com a instrucção. Nem esta convinha ao absolutismo; povo e exercito instruidos seriam fatalmente amantes da Liberdade. A ignorancia campeou então infrene no paiz, e o mesmo governo que a fomentava e em Portugal implantava o regimen do terrôr, annullava a virilidade e a energia que a nação readquirira e patenteára na porfiada lucta pela independencia. E quando o almirante francez Roussin forçou em 1831 a barra do Tejo, do brilhante exercito que Beresford formára na guerra peninsular e Saldanha, Lecór, Avilez e Madeira de Mello haviam continuado a aguerir nas luctas da America; da numerosa e forte esquadra que então ainda possuimos e da qual tantos navios, sob as ordens do almirante Marquez de Niza, haviam

sulcado brilhantemente as aguas do Atlantico e do Mediterraneo a par das potentes náus do grande Nelson, não houve um official, não houve um só marinheiro que inspirasse uma resolução enérgica ao conde de Basto e salvasse a patria da nova humilhação que lhe era imposta pelas armas da França! A fraqueza d'animo perante o estrangeiro equalava a ignorancia dos dirigentes, n'essa ominosa epoca da historia patria.

Terminadas as campanhas da liberdade, restabelecida a ordem na administração civil e militar do paiz, voltou o cuidado pela instrução. As escolas regimentaes resurgiram no exercito; passára a epoca dos Telles Jordão, dos Magessi, dos Conde de Amarante, os sectarios do obscurantismo, succedia-lhe a dos paladinos da liberdade, os illustres e illustrados Saldanha, Duque da Terceira, Sá da Bandeira. O decreto de 4 de janeiro de 1837 restaurou as escolas em todos os corpos, prescrevendo como obrigatoria a sua frequencia para as praças que precisassem ensino, sendo igualmente publica e gratuita para os mancebos da classe civil que as quizessem aproveitar. O ensino — puramente elementar, de primeiras letras — foi confiado ao capellão do regimento ou a um sargento de reconhecida competencia. Não encontrou prompta e completa execução o decreto de 1837, porquanto uma disposição inserta em ordem do exercito de maio do anno seguinte determinava aos commandantes dos corpos que fizessem abrir as escolas regimentaes. Mau presagio era este para o interesse que deviam merecer! De facto ellas foram vivendo, no meio das agitadas luctas politicas que tanto atrazaram a evolução progressiva do paiz até 1851 e tanta perturbação lançaram no exercito, mas vivendo obscuramente, sem que da sua existencia resultasse beneficio sensivel, evidente, quer em particular para os soldados, quer em geral para o exercito.

Em 1853, ao desenvolver-se no paiz um certo entusiasmo pelo methodo de leitura repentina, foi determinado que cada um dos corpos do exercito destacasse um sargento para a escola regimental de cavallaria n.º 2, afim de alli aprender o referido methodo para depois o poder ensinar, visto elle dever ser, desde então, o unico a seguir em todas as escolas regimentaes.

Em 1855 foi tambem prescripto que os mancebos recebessem, quanto possível, nos corpos em que se alistassem, a instrução decretada para as escolas de ensino primario, mas, embora o regulamento de 1856 auctorisasse o ministro da guerra a adoptar as providencias e instrucções necessarias para a mais proveitosa execução d'aquelle tão benefico preceito, taes providencias nunca foram tomadas e o preceito legal, que tanto ampliava o horisonte das escolas regimentaes, ficou letra morta. Faltava um Beresford á testa do exercito.

O entusiasmo pelo methodo de leitura repentina foi ephemero; depressa se esvaíu tanto no paiz como no exercito. As escolas dos regimentos continuaram em manifesta decadencia, devida á indifferença, á falta de estímulo e de interesse não só das estações superiores do exercito, como das proprias corporações dos officiaes.

Novo regulamento escolar publicado em janeiro de 1862 procura prover de remedio o mal existente; as funções da escola são ampliadas; ao ensino elementar vem juntar-se o conhe-

cimento de noções geraes de chorographia, geographia, historia, desenho, etc.. O referido regulamento continha excellentes disposições relativas ao ensino, estabelecendo, entre outras sensatas providencias, premios aos alumnos melhor classificados, como licenças com vencimento, dispensas de determinados serviços internos, etc. . . , e prescrevia inspecções ás escolas, não só as ordinarias dos commandantes dos corpos, como extraordinarias, feitas por um delegado do ministerio da guerra, quando se julgasse conveniente. Fatal condão o nosso! tanta legislação... tão pouca execução! Todo este regulamento — affirma-o um auctorizado escriptor militar, o illustrado general sr. José Estevão de Moraes Sarmiento — foi sempre letra morta, com excepção do artigo que arbitrava a gratificação ao professor da escola.

Quatro annos depois, em 1866, houve, segundo parece, o intento de mais uma vez as reorganisar, sendo determinado que todos os commandantes dos corpos remettessem ao ministro da guerra um relatorio do estado da respectiva escola, com indicação dos melhoramentos que intendessem conveniente que n'ellas fossem introduzidos. D'estes e d'outros relatorios annos depois pedidos aos generaes commandantes das divisões e directores das armas especiaes sobre as medidas mais adequadas para superar as difficuldades de execução do regulamento de 1862, deduz-se que as escolas regimentaes com a organização e modo de ser então existentes eram em geral condemnadas, apontando-se varias causas que justificavam tal apreciação. Apesar do accordo de opiniões emittidas sobre varias d'essas causas, nenhuma d'ellas foi removida até 1879.

Chegámos finalmente ao periodo em que sobre as escolas regimentaes começam a soprar ventos mais propicios, em que a sua missão volta a affirmar-se como de mais benefica influencia no exercito, tanto para a difusão do ensino litterario como para o desenvolvimento da instrucção propriamente militar entre os graduados. Para este resultado muito contribuiu o facto de em diferentes corporações regimentaes se ter começado a manifestar, desde 1876, o empenho em promover e facilitar a instrucção dos sargentos e cabos. Não passára despercebida á attenção dos nossos esclarecidos camaradas d'essa epoca a influencia exercida pela excellentè constituição dos quadros inferiores do exercito allemão durante a memoravel campanha franco-allemã, de 1870-1871, e bem assim quão differentes eram as exigencias que a guerra começara a impôr áquelles quadros, desde que, por effeito dos progressos do armamento, a tactica da infantaria soffrera radical transformação sobre os campos de batalha, com a adopção geral da ordem dispersa.

Em fins de 1877 houve dois corpos da nossa arma que chegaram a sollicitar do ministerio da guerra auctorisação para estabelecerem cursos para sargentos: foram o Batalhão de Caçadores n.º 1, então aquartelado em Setubal e o Regimento de Infantaria n.º 15, de guarnição em Lagos

N'este ultimo, não menos de quinze officiaes se offereceram para reger as disciplinas que constituissem os cursos.

Esta tão louvavel iniciativa felizmente não foi perdida e tendo encontrado ecco e apoio nas estações superiores, levou o ministro da guerra de então, o general Sousa Pinto, a nomear

em dezembro de 1877 uma commissão a quem incumbiu de propôr todas as medidas que julgasse conveniente para que as escolas regimentaes pudessem corresponder ao fim para que haviam sido instituidas. Essa commissão foi constituída por dois dos mais esclarecidos officiaes da nossa arma; um d'elles, prematuramente fallecido, depois de ter vinculado o seu nome a trabalhos de verdadeiro valôr militar, entre elles o «Regulamento tactico da Infanteria de 1879», foi o capitão Eduardo Diniz Lopes de Sousa; o outro, felizmente vivo, é hoje, sem contestação, um dos espiritos mais cultos do nosso exercito, um escriptor militar consagrado, não só em Portugal como no estrangeiro, o sr. general José Estevão de Moraes Sarmiento. A esses officiaes, que sob a presidencia do coronel do estado maior Lobo d'Avila, laboraram o magnifico regulamento das escolas regimentaes de 22 de dezembro de 1879, deve o nosso exercito incalculavel beneficio, cabendo a honra de assim o haver comprehendido e de ter coberto com a sua assignatura o decreto que iniciou uma verdadeira revolução intellectual nos quadros do exercito portuguez, ao illustre ministro da guerra de então, o fallecido general João Chrysostomo de Abreu e Sousa, nome que ainda hoje eccôa com verdadeiro prestigio entre militares, nome que ainda desperta saudade no exercito de que foi tão illustre ornamento.

Não devo alargar-me na analyse do regulamento de 1879; basta dizer que com elle acabou de vez a feição essencialmente elementar, de pouco mais de primeiras letras que até então haviam revestido as escolas regimentaes e se estabeleceram perfectamente distinctos os cursos de habilitação para cabos e para sargentos, tendo este ultimo — que abrangia 2 annos — notavel desenvolvimento, o que assegurou ás armas de infanteria e cavallaria o recrutamento de $\frac{1}{3}$ dos seus officiaes em condições muito superiores, sob o ponto de vista da instrucção litteraria e profissional, áquellas a que até então obedecia o nivel de cultura intellectual d'essa classe de officiaes.

A criação da Inspeção Geral de Infanteria em 1884 veio ainda exercer incontestavel e benefica influencia nas escolas regimentaes, que a partir de então não mais deixaram de progredir, assim como a exerceram varias outras causas, entre ellas o maior gosto pelo desenvolvimento geral da instrucção que se accentuou no paiz, após esse momento de enthusiasmo, que a todos os portuguezes electrizou, despertado pela celebração do tri-centenario de Camões, em 1880. Contribuíram tambem para aquelle effeito, a repercussão da memoravel campanha de 1877-1878 entre a Russia e a Turquia e principalmente e acima de tudo a illustração successivamente crescente das camadas de officiaes oriundos da Escola do Exercito, entre os quaes se recrutavam não só o pessoal dirigente das escolas regimentaes, como grande parte do professorado dos lyceus e de varios estabelecimentos de instrucção em todo o paiz.

Pode afirmar-se que a partir d'essa epoca os nossos sargentos deixaram de ser simples machinas de escripturação para começarem a ser contados como elementos de verdadeiro valôr militar, como auxiliares competentes e dedicados dos officiaes na missão simultaneamente educativa e instructiva que a estes incumbe para com o soldado.

Assim orientadas no caminho do verdadeiro progresso, as

escolas regimentaes deviam necessariamente tender, não a imobilisar-se, mas a aperfeiçoarem-se successivamente, acompanhando a evolução incessante das idéas militares que, partindo dos exercitos mais adeantados, chegavam agora cada vez mais rapidamente até nós e mais rapidamente eram absorvidas, encontrando chão já adequado para a sua cultura e adaptação, partidarios fervorosos e entusiastas para a sua propaganda e difusão.

D'este modo, ao passo que n'outro tempo tiveram duração ephemera duas escolas viveiros de sargento-, de fecundo alcance para o exercito e que na unanime opinião dos officiaes illustrados que as conheceram nunca deveriam ter sido supprimidas — o *Asylo rural militar*, que por decreto de 12 de janeiro de 1837 foi mandado organizar no edificio do então extincto convento do Varatojo para recolher e educar 80 filhos de praças de pret e o notavel *Asylo dos filhos dos soldados*, instituido em 1863 e que sob a direcção de um dos mais brillhantes vultos militares da época, o nunca esquecido coronel de cavallaria Antonio José da Cunha Salgado, proporcionou ás armas de infantaria e cavallaria excellentes sargentos, agora,—o desejo de ampliar a instrucção d'estes fazia com que decorridos apenas alguns annos após a implantação do regulamento de 1879, se achasse já deficiente ou circumscripta a horisontes demasiado estreitos a organização dos cursos de sargentos que o mesmo regulamento estabelecera. Assim em 1888 foi creada a *Escola Central de Sargentos de Engenharia*, e logo a seguir no mesmo anno e com pequenos intervallos as escolas de sargentos de cavallaria e artilharia, todas installadas junto das escolas praticas das respectivas armas. Demorámo-nos mais na infantaria mas lá chegámos tambem em 1893, quando foi mandado pôr em execução o novo regulamento das escolas para praças de pret, baseado no projecto elaborado por uma commissão de officiaes nomeada em 1890, regulamento que substituiu o de 1879. Ficámos então com o ensino nas escolas regimentaes dividido em dois cursos: o 1.º de ensino elementar, de habilitação para 1.ª cabos; o 2.º de habilitação para 2.ª sargentos, sendo a matricula no 1.º obrigatoria para os mancebos que ao alistarem-se no exercito fossem analphabetos. O 3.º curso ou de habilitação para 1.ª sargentos foi estabelecido na *Escola Central de Sargentos de Infantaria*, annexa á Escola Pratica da arma, abrangendo o ensino de numerosas disciplinas repartidas por 2 annos.

Como não podia deixar de succeder, o plano de organização das escolas decretado em 1893 veio augmentar notavelmente o nivel intellectual do quadro dos officiaes inferiores, desenvolvendo-lhe bastante a instrucção litteraria e muito especialmente a instrucção militar, pela intima ligação das escolas centraes com as escolas praticas das armas.

Foi bem limitada a duração da nossa escola de sargentos, pois creada, como disse, em 1893, foi logo extincta decorridos apenas 3 annos, sendo englobada com as das outras armas n'uma unica *escola central*, que desde então ficou funcionando em Mafra.

Em 1896 foi pois publicado novo regulamento das escolas para praças de pret, que além de fundir as 4 escolas de sargentos privativas das armas em uma só escola central, de habilita-

ção para sargento-ajudante, transformou o 2.º curso das escolas regimentaes, que passou a ser de habilitação para 1.º sargento, e ampliando o curso para cabos, tornou obrigatoria a matricula n'elle a todos os mancebós que ao alistarem-se não apresentassem certidão de exame de instrução primaria.

Na verdade, estes dois regulamentos de 1893 e 1896 succederam-se com tão pequeno intervallo que mal houve tempo de fixar o verdadeiro valór do primeiro, e é duvidoso portanto se haveria justificada necessidade de tão promptamente o alterar, e se das alterações introduzidas resultaram vantagens reaes para o exercito, especialmente no que respeita á fusão das escolas de sargentos.

Vigorou 10 annos a organização de 1896, até que em setembro do anno findo foi publicado o regulamento das escolas regimentaes e central actualmente em vigor.

E' cedo ainda para se formar juizo seguro ácerca d'este diploma, entretanto ha n'elle tres pontos capitaes que são sem duvida dignos de incondicional applauso: a separação do curso elementar do de habilitação para 1.º cabos; o restabelecimento do curso para 2.º sargentos; a attribuição á *escola central* do curso de habilitação para sargentos-ajudantes. As disposições relativas ao *curso elementar* mostram bem claramente que no animo do legislador dominou a idéa de atacar rudemente o analfabetismo «causa primaria — segundo se lê no relatorio que precede o referido regulamento — do nosso atrazo e da nossa inferioridade como nação agricola, industrial e cõmmercial perante a civilisação e o progresso, que são o apanagio dos paizes verdadeiramente cultos».

O restabelecimento do curso de habilitação para 2.º sargentos veio preencher uma lacuna que o anterior regulamento creára, e deve forçosamente contribuir para melhorar o grau de cultura dos candidatos áquelle posto. Finalmente a função agora attribuida á Escola Central de Sargentos, veio integrar esta no papel que com mais propriedade lhe podia ser destinado, isto é o de complemento das escolas regimentaes e de habilitação para o posto mais elevado na hierarchia dos officiaes inferiores.

Bastas provas de interesse tem dado o actual sr. ministro da guerra para que a sua obra fructifique com optimos resultados e a nós, officiaes e sargentos, a nós que constituimos o pessoal dirigente das escolas regimentaes, cabe o imperioso dever de o coadjuvar com enthusiasmo, com absoluta dedicação n'essa cruzada em favor do derramento da instrucção elementar nas fileiras do exercito, em que o seu illustrado espirito se empenhou, e que devendo traduzir um importante beneficio pessoal para os soldados; representa um serviço de inconstestavel valia para a nação, serviço com o qual nós militares demonstrarêmos mais uma vez que o exercito não é elemento exclusivamente votado a uma missão de exterminio, de destruição, — como tanto apregóam os antimilitaristas! mas sim um elemento essencialmente civilizador, um verdadeiro elemento de ordem e de progresso.

(Continúa).

РАСПЕКО СИМОНЪ.

Сар. de Саг. 5.



BIBLIOGRAPHIA

Noticia historica ácerca de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, pelo tenente de engenharia *Visconde d'Asseca* (*Salvador*).

Em janeiro do anno passado, n'uma sessão solemne da benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, foi lida pelo seu auctor, hoje capitão de engenharia, o sr. Visconde d'Asseca, nosso presado amigo, uma notavel Memoria, relatando a brilhante e utilissima vida militar d'esse grande portuguez que no seculo XVII tanto contribuiu para lustre e renome do nosso querido Portugal.

Em linguagem vernacula e estylo sobrio, mas fluente e elegante, desenvolve o sr. capitão Visconde d'Asseca a vida guerreira de Corrêa de Sá, firmando a sua critica na sciencia da Historia d'onde promana a luz perfulgente da verdade.

A circumstancia feliz de ser o sr. Visconde d'Asseca seu descendente directo, impoz-lhe mais rigor, se se pode dizer, nas suas investigações historicas, para que do seu trabalho transluzisse apenas a justiça d'esta homenagem devida a quem tanto se sacrificou pela gloria do nosso paiz, e pelo prestigio da sua bandeira nas longiquas terras de Africa e da America.

Commemorar feitos de portuguezes celebres é lição para todos, e não póde haver idéia mais generosa nem mais patriotica.

O exemplo dos grandes homens infiltra-se em nossos corações como scentelha divina, fazendo vibrar toda a emotividade da nossa alma, toda a susceptibilidade do nosso sentimento patriotico.

Por isso todos os homens de coração não podem deixar de applaudir o pensamento generoso d'esta justissima consagração do grande militar que reconquistou em 1648 a provincia de Angola, e mais ainda a feliz idéia de trazer para o livro lição de tanta e tanta valia.

O sr. Visconde d'Asseca é credor das nossas sympathias. Agradecendo muito cordealmente a offerta da preciosa Memoria, saudamos o illustre escriptor militar pelo seu trabalho, que revela ao mesmo tempo uma notavel erudicção e um espirito elevado e bem orientado na critica da Historia.

A carne na alimentação, pelo capitão medico-veterinario *Francisco M. Motta d'Almeida*.

Recebemos o 1.º fasciculo do livro que o sr. Motta d'Almeida tem em preparação e cuja importancia facilmente se reconhece pelo assumpto que versa.

Posto que o livro não seja exclusivamente destinado ao exercito, contudo muito de perto nos interessa, porque a alimentação das tropas representa um problema dos mais delicados e complexos, quer na paz quer na guerra.

Agradecendo a amabilidade da offerta do presente fasciculo, reservamo-nos para opportunamente fallarmos do livro quando concluido, enviando d'aqui ao capitão medico-veterinario, sr. Motta d'Almeida, as nossas felicitações pela feliz idéia que teve, dedicando-se a tão util trabalho.

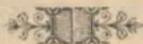
Obrigações do Reservista, caso de mobilisação, pelo alferes de caçadores n.º 2 *A. L. Lobo da Costa*.

O presente livrinho, que o nosso camarada o alferes sr. Lobo da Costa compilou, é da maior utilidade para a defeza nacional, porque versando as obrigações dos reservistas, especialmente no caso de mobilisação, e apontando as penalidades em que incorrem aquelles que não respeitarem essas obrigações, muito póde e deve concorrer para que, quando se mobilisar o nosso exercito, todos possam e saibam cumprir o seu dever.

E' um livrinho que devia ser profusamente espalhado pelo paiz e que deve acompanhar as praças quando licenceadas para a reserva.

Merece-nos sempre a maior sympathia todos os que trabalham inflammados pelo santo amor da Patria, e todos aquelles que concorram para a consolidação e efficacidade da defeza nacional, serão bem vindos e credores do respeito, da estima e da consideração publica.

Agradecendo cordealmente a offerta do utilissimo livrinho, desejamos poder incitar o sr. alferes Lobo da Costa a que continue na senda encetada, porque todos os obreiros são indispensaveis para a construcção d'este edificio em que assenta a autonomia e a integridade da Patria.





Secção do estrangeiro

Estados-Unidos. — Vão a caminho do Pacifico as esquadras americanas, compostas de 16 couraçados e tres auxiliares, sob o commando do contra-almirante Robley E. Evans.

A 1.^a esquadra compõe-se dos couraçados *Connecticut*, *Kansas*, *Louisiana* e *Vermont* cada um de 16.000 toneladas. *Georgia*, *Virginia*, *New Jersey* e *Rhode-Island* a 14.948 toneladas cada um.

A 2.^a esquadra compõe-se dos couraçados *Minnesota* de 16.000 toneladas e *Ohio*, *Maine* e *Missouri* de 12.500 toneladas cada um; *Alabama*, *Illinois*, *Kentucky* e *Kearsage* de 11.520 toneladas.

Os navios auxiliares são o *Panther*, o *Glacier* e o *Culgou*.

No Pacifico já andam em cruzeiro 3 couraçados de esquadra, o *Nebraska*, o *Wisconsin* e o *Oregon* e doze cruzadores, dos quaes quatro são couraçados.

Quer dizer, os Estados-Unidos terão em agosto proximo no Pacifico 19 couraçados e doze cruzadores e no Atlantico 7 couraçados e 5 cruzadores.

*

Além d'estes navios teem os Estados-Unidos em acabamento dois cruzadores couraçados o *North-Carolina* e o *Montana*; promptos para navegarem em agosto, os couraçados *Idaho*, *Mississipi* e *New Hampshire*; em construcção atrazada os couraçados *South-Carolina* e *Michigan*; e dois grandes couraçados de 20.000 toneladas, apenas começados.

*

Ainda a esquadra do almirante Evans não tinha transposto o primeiro porto da sua derrota quando appareceu um jornal americano (*Mac Clure's Magazine*) um artigo firmado por Mr. Henri Renterdahl, membro do Instituto Naval dos Estados-Unidos, declarando que a armada que partia era sem valor e que

experimentaria a sorte do almirante Roydestvensky se fosse atacada por navios modernos.

E' claro que esta critica cahiu como uma bomba no meio da população americana, que ficou triste e pensosamente impressionada.

Não obstante uma alta personalidade official ter vindo á estacada afirmar que a critica de Mr. Henri Renterdahl era exaggerada, a opinião publica não ficou tranquilla, tanto mais que ha jornaes que declaram que o contra-almirante Luce affirma que os mais recentes couraçados americanos são defeituosos, devendo imputar-se a responsabilidade d'esse facto ao ministerio da marinha.

Não nos queremos embrenhar n'este assumpto que nos levava muito longe, pois apenas desejamos registrar que os technicos americanos consideram o material naval da grande Republica em condições de inferioridade comparado com a grande perfeição attingida por outras nações.

E as tripulações?

D'essas ninguém falla, e, a nosso vêr, n'essas está precisamente o ponto mais vulneravel das esquadras americanas.

Emfim, a situação não é das melhores para os Estados-Unidos.

Austria-Hungria. — Procede-se presentemente a experiencias nas fortalezas austriacas com granadas de mão.

Estas granadas pesam 1.500 grammas, são esphericas e tem 9 centimetros de diametro, contendo 100 grammas de um explosivo brisante e são munidas da competente mecha.

Estas granadas, que tão bom resultado deram na guerra russo-japoneza, são lançadas á mão, podendo attingir a distancia de 20 metros, ou com o auxilio de uma correia, vão até 50 metros de distancia.

Se os resultados forem satisfatorios, como se espera, será o principio generalisado, empregando-se estas granadas especialmente no ataque e defeza dos pontos de apoio.

Russia. — Acaba de esclarecer-se a verdadeira situação do general Stoessel, o infeliz commandante de Porto-Arthur.

Provou-se, no tribunal que o está julgando em S. Petersburg, que no dia 16 de dezembro de 1905 um conselho de guerra se reuniu em Porto-Arthur e que, com excepção do general Reiss, todos os generaes e coroneis que estavam na praça oppuzeram-se formalmente a qualquer ideia de capitulação, declarando-se partidarios da continuação da lucta, visto haver na praça munições e viveres sufficientes.

Não obstante esta decisão quasi unanime d'esse celebre conselho de guerra, o general Stoessel sem prevenir nem o commandante da fortaleza, nem os outros generaes e almirantes, enviou um parlamentar ao general Nogi para capitular.

Os generaes Smyrnoff, Belley, Nikitme, Gorbatowsky e os almirantes Wirren e Lostchinsky confirmam este facto.

E' na verdade deploravel a situação do general Stoessel, apontado n'essa epocha como um heroe, embora infeliz.

França. — Acaba de realizar-se em pleno Bois de Boulogne (Paris) uma experiencia curiosa.

O capitão Tolet e o cirurgião-mór Bichelonne tiveram a ideia de ensinar cães para serviço das ambulancias, adestrando-os especialmente na procura de feridos estendidos sobre o terreno.

O resultado d'estas experiencias foi surprehendente.

O faro do cão vai encontrar o homem ainda mesmo escondido em qualquer sulco do terreno, onde a vista de outro homem não o podia encontrar.

Sabe-se bem quantos feridos morrem no campo de batalha por estarem em situação incontravel.

Os cães que melhor se prestam para este treno são os cães de pastor, que, ao cabo de um mez de paciente e methodico ensino, encontram, sem hesitar, as praças deitadas, simulando feridos, muito longe do exercicio e invisiveis á vista.

Cães militares, para serviço das guardas avançadas, teem sido adoptados já em differentes exercitos, mas cães para serviço das ambulancias militares é a primeira vez que nos chega ao conhecimento.

Japão. — Informações confidenciaes, recebidas na Europa, annunciam que se procede n'este momento á mobilisação da esquadra japoneza que será concentrada nas aguas orientaes do Pacifico, sob o commando do almirante Togo, o glorioso vencedor de Tsoushima.

Todavia, dizem os japonezes, que esta mobilisação não representa senão uma medida de precaução e não um fim aggressivo para com os americanos.

O governo do Mikado parece que vae encommendar dois balões dirigiveis militares, tão impressionado ficou o ministro da guerra nipponico com os relatorios que os addidos militares junto ao governo francez e ao governo allemão lhes enviaram.

Nós continuamos como que isolados do resto da Europa, e nem ao menos nos grandes centros, como seriam Madrid, Londres, Paris e Berlim, temos addidos militares.

E' uma orientação bem prejudicial a nossa.

Havemos de tratar ainda detalhadamente este assumpto.

A construcção do caminho de ferro de Sin-Minting, em Tukumen, projectada por a China, está destinada a provocar um periodo bem critico entre as relações do Japão e a China.

A attitude tomada pelo Japão é firme e positiva.

Sem formulas protocolares o Japão declarou á China que uma tal linha ferrea na Mandchuria meridional não seria construida, por que tal facto representaria a violação do tratado de Pekin, no seu espirito e na sua lettra.

Não se pode prevêr n'este momento qual o resultado d'este conflicto, tendo declarado as auctoridades japonezas que não

permitted que começasse a construcção da linha, e que a isso se opporiam até pela força, se fôsse necessario.

Allemanha. — Causou funda impressão no mundo militar a consignação, no orçamento do exercito imperial, da quantia de 14 milhões de marcos, ou sejam 3.200 contos de réis, para experiencias de novas armas, além de 17 milhões inscriptos para compra de metralhadoras.

Essas experiencias, evidentemente, serão em metralhadoras.

Sabe-se que a tendencia no exercito allemão é constituir novas companhias de metralhadoras destinadas a acompanhar a infantaria no seu movimento atacante.

Pretende-se reforçar o ataque, fazendo entrar na linha de atiradores as proprias metralhadoras.

Para tal se conseguir devem estas armas ser facilmente transportadas pelos soldados, muito embora as atrelagens fiquem á retaguarda, fóra da acção do fogo inimigo.

Conseguindo-se transportar as metralhadoras para a linha de atiradores, sem serem presentidas pelo inimigo, e fazendo-as acompanhar os lanços successivos d'esses atiradores, tem-se dado um passo agigantado para uma acção dominadora do fogo da infantaria.

Esta é a opinião do general Lippmann expressa no «Taegliche Rundschau».

As metralhadoras ha muito existentes na Allemanha, nos chamados «destacamentos de metralhadoras», são destinadas a apoiar as divisões de cavallaria, por serem muito pesadas para poderem ser empregadas da forma descripta acima.

Este movimento um tanto inesperado no exercito allemão nasceu do facto de ter a França acabado de fabricar em Saint-Etienne 500 metralhadoras e estando em via de acabamento 800.

«E' pois absolutamente necessario, diz o general Lippmann, armar a infantaria allemã com metralhadoras. Nós não nos devemos deixar passar por nenhum adversario; uma superioridade de armamento da sua parte augmentaria não sómente as nossas perdas, mas diminuria, tambem, a força moral das nossas tropas.»

Inglaterra. — O «War Office» está vivamente preoccupado com a diminuição dos effectivos nos corpos.

As praças que terminam o seu serviço vão-se embora, sem haver meio de as substituir.

Teem d'este modo ficado reduzidos á expressão de esqueletos batalhões inteiros, e os mais felizes teem apenas 50 p. c. dos seus effectivos.

Pensa-se novamente nas estações officiaes em introduzir no Reino Unido o principio do recrutamento militar obrigatorio.

Lord Roberts tinha razão e a sua propaganda ha-de ser um dia reconhecida pela Inglaterra que era uma propaganda patriótica.





El Rei D. Manoel II

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL

Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

EL-REI D. MANUEL II

Apoz as convulsões bruscas e violentas que sacudiram este nosso infeliz paiz durante quasi dois annos, e cujo tragico e doloroso epilogo foi esse crime abominavel que tão cruamente e tão pungentemente feriu a alma de todos os portuguezes, ergue-se a figura sympathica e insinuante do joven Rei D. Manuel, como um symbolo de paz, e como uma dulcissima esperanza de prosperidade, de grandeza e de felicidade para a nossa querida patria.

Inesperadamente, sem nunca o ter pensado, o destino, nos seus insondaveis mysterios, colloca á frente da governação d'este pequeno povo, mas grande na Historia e que tem sêde de liberdade, sêde de boa administração, sêde da observancia inquebrantavel da lei, o Rei D. Manuel II, infiltrando-se para logo na alma popular a crença de que é o predestinado para realisar uma obra grandiosa de reconstituição do nosso Portugal, elevando-o á altura a que tem direito pelo valor de seus filhos, pela riqueza do seu solo, pela vastidão das suas colonias, pelo seu passado historico, pela sua grande aspiração de gloria, pelo heroismo dos seus soldados, pelo seu commercio, pelas suas industrias, pelo seu trabalho honrado e até pela crença na missão sagrada que tem ainda a cumprir nas conquistas da civilisação.

A Historia repete-se sempre. Como-o primeiro D. Manuel afortunado sobe ao throno o segundo D. Manuel, que praza ao ceus seja tambem afortunado, quando bem longe do seu espirito estava a realisação de tal acontecimento.

A *Revista de Infanteria*, que tem a honra de ser no meio da imprensa militar do nosso paiz a representante da arma mais numerosa do exercito, sauda respeitosa-

mente o joven Rei, e para elle pede as benções do Ceu, confiante que o novo reinado ha-de marcar uma nova era, que ficará registada na Historia com a designação de «Portugal restaurado».

Para conseguir-se tão grandioso e tão almejado intento, não precisa que El-Rei D. Manuel saia da sua propria familia, para buscar exemplos que possam illustrar o seu espirito na difficil missão de presidir aos destinos de uma monarchia democratica.

No santo Rei D. Pedro v e no actual Rei Victor Manuel de Italia ha motivos de sobra para inspirar um Rei que queira, com segurança, com firmeza e com exito, encaminhar o seu paiz para a prosperidade, elevando-o no conceito das demais nações do mundo, trazendo a paz aos espiritos de todos os portuguezes e a alegria e o bem estar ao seio de suas familias.

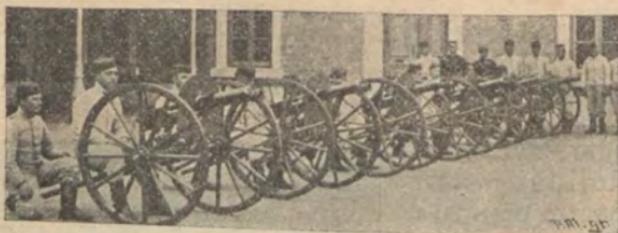
E o exercito, que em lances tão difficeis e tão dolorosos, deu uma inilludivel prova do seu altruismo, da mais nitida e nobre comprehensão dos seus deveres para com a vontade livre da nação, mantendo a ordem interna e respeitando a lei; o exercito que ainda ha bem pouco tempo provou como era productivo o seu trabalho e util a sua acção, defendendo e garantindo a riqueza dos cidadãos, a sua liberdade e o seu direito; o exercito conta e espera que o novo Rei será um Rei moderno, dando o exemplo aos seus subditos de todas as virtudes, inflamado pelo ideal sublime da felicidade da nação.

E assim, é crença nossa, que a uma sabia e prudente administração, inspirada nas ideias de fomento da riqueza publica, de justiça e de liberdade, ha-de seguir-se uma epoca de gloria e de prosperidade que constituirá um nobre exemplo na Historia e dará razão á crença popular que já aponta El-Rei D. Manuel como o «afortunado».

Que Deus abençoe o novo Rei, para que as esperanças de nós todos se convertam em rissonhas e acariciadoras realidades, são os votos sinceros de todos os portuguezes.

Viva El-Rei D. Manuel II.





METRALHADORAS

(Continuado do n.º 1 — 1908)

Nos exercitos de terra os modelos de reparos são em grande numero e conformes á maneira de transporte, quer em carros, simplesmente sobre rodas, em bastes, etc., e segundo o serviço que teem a prestar. Assim, os seus pezos são muito differentes, bem como as suas formas.

Nos fortes, usaram-se reparos pezados. Hoje o modelo geralmente usado é o da fig. 26, leve bastante para poder ser facilmente transportado por dois homens durante sortidas provaveis.

Consiste n'uma longa haste de cerca de 2^m,5 com uma cremalheira a todo o comprimento e terminada nos extremos por dois arcos, dos quaes um se apoia na crista do parapeito e o outro se fixa no chão.

A metralhadora corre sobre a cremalheira pela acção de um carroto movido por um de dois volantes e que se apoia constantemente sobre ella, fixando-se na altura que se deseja.

O reparo para a metralhadora de montanha transportada pelos proprios soldados (fig. 27), como acontece nos Alpes Austriacos (*reff*) são de tal fórmula leves que permitem ao soldado transportar-se a pontos elevadissimos com relativa facilidade e poder fazer



Fig. 26

fogo tanto de pé como sertado, de joelhos ou deitado, fig. 28.

Como se vê, a sua estabilidade dada por quatro pontos, é boa. Como porém a metralhadora é ligada ao reparo só por um ponto e proximo da bocca do cano, quasi todo o seu pezo, apesar de não exaggerado, incide sobre o atirador que necessita possuir, além de uma instrução muito cuidada, uma solida constituição.

Para a cavallaria construe-se tambem um reparo especial sempre fixo n'um carro de duas rodas e com assento para o atirador, fig. 29.

Este carro transporta tambem as munições.

Os reparos para o transporte a dorso de muar são de duas formas; ou do modelo allemão (reparo trenó)



Fig. 27



Fig. 28

ou de tripé articulado, leve e curto. O primeiro, de não facil adaptação ao baste é estavel e rigido; o se-

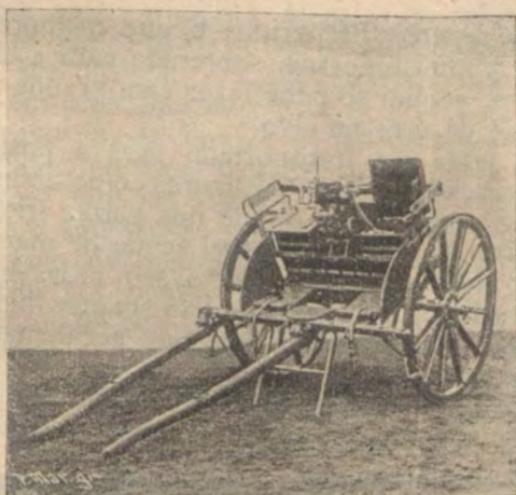


Fig. 29

gundo é fraco e de pouca estabilidade, mas de facil transporte e adaptação ao baste.

O reparo da infantaria allemã, fig. 30, é absoluta-

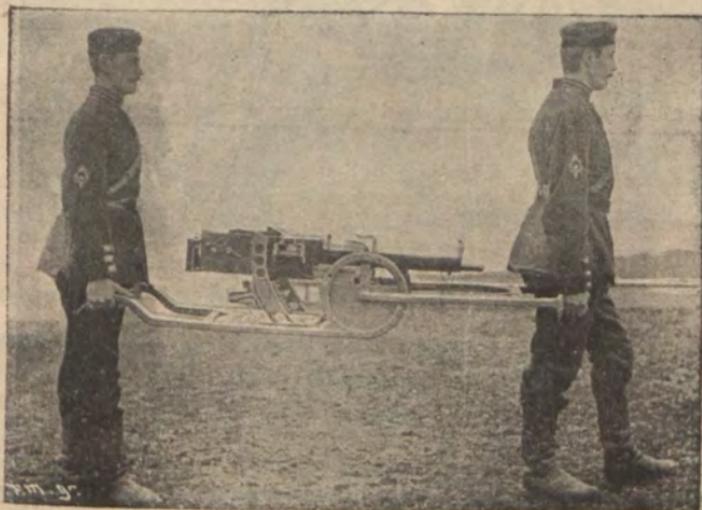


Fig. 30

mente rígido e de superior estabilidade, e permite o fogo sentado, de joelhos e deitado, o que é de alta vantagem.

É dos reparos conhecidos o que melhores aparelhos de pontaria possui, sobretudo para a dispersão em largura, a qual se pôde fazer com grande rigor de distribuição de tiros no alvo.

Tanto pôde ser transportado para a posição por dois homens, como se vê na figura, como arrastando-o tirado por uma corda, o que nos paizes frios com o solo coberto de gelo é inevitavel sendo de mais, os vehiculos no inverno, em taes paizes, sem rodas ou *trenós*.

A estes reparos ainda se podem adaptar duas rodas, para o facil transporte, em terrenos accidentados, por um só homem.

O reparo da nossa metralhadora é um simples tripé de tubo de aço, fig. 31. A perna maior ou *flecha*, muito

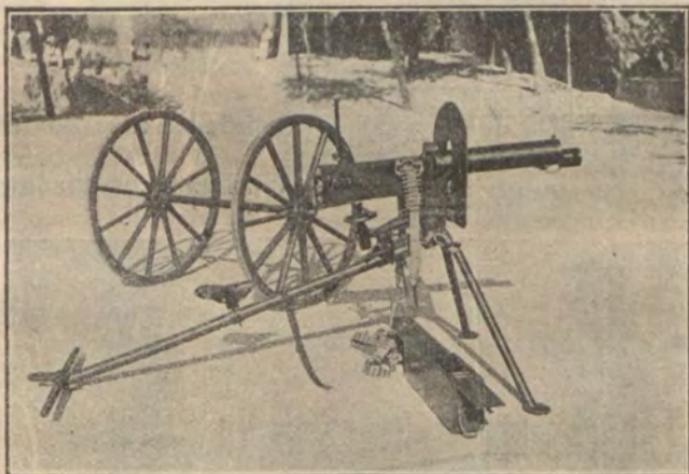


Fig. 31

mais longa que as outras duas, é n'um dos extremos, solidamente fixa a um corpo de bronze de que sae um pião, as ligações para as pernas anteriores, o leito do aparelho de pontaria em direcção e o adaptador do eixo do rodado. As pernas anteriores do tripé são fixas por meio de fortes porcas com azelhas depois de postas em posição invariavel por meio de pernos que se introduzem em vazados correspondentes do bronze.

Sobre o pião gira uma outra peça de bronze terminada verticalmente por uma forquilha onde se adapta a metralhadora, fixando-se esta por um parafuso-eixo, pela parte anterior-inferior da caixa da culatra; e por uma cauda que se apoia sobre o leito do aparelho de pontaria em direcção e á qual se fixa o aparelho de pontaria em profundidade.

Na frente d'este bronze é fixo o escudo-protector do apontador, por quatro parafusos.

A *flecha* tem em logar conveniente uma pequena sella para o apontador.

A ligação da metralhadora ao tripé, propositadamente feita por pontos muito inferiores ao centro de gravidade e do eixo da alma do cano, tem por fim, augmentando a amplitude das vibrações durante o tiro, fazer bater uma muito maior zona de terreno em profundidade do que a que corresponde á dispersão normal da arma em si. Por este dispositivo previne-se tambem, até certo ponto, um erro d'alça ou de avaliação na distancia.

O aparelho de pontaria em altura consiste n'um parafuso de largo passo ligado por um dos extremos ao fundo da caixa da culatra da metralhadora e pelo outro roscando-se n'um segundo parafuso com um volante, o qual gira n'uma longa porca ligada á cauda de bronze de que já se falou. Rolando o volante para a direita ou esquerda faz-se elevar ou abaixar a bocca do cano. Fixa-se por meio de uma alavanca.

(*Continúa*)

CAP. BUGALHO

AS ESCOLAS REGIMENTAES NA NOSSA INFANTERIA

Instrucção militar e instrucção litteraria;
necessidade do seu desenvolvimento entre os graduados e soldados

(Discurso lido por occasião da abertura solemne
da escola regimental do Batalhão n.º 5 de Caçadores d'El-Rei,
em 3 de novembro de 1907)

(*Conclusão*)

Exposta a largos traços a historia das escolas regimentaes da nossa arma, cabe agora perguntar: não haverá um fundo de razão no pensamento enunciado pelo ministro da guerra de 1823, ao dizer que o mancebo quando chamado ás fileiras do exercito

deve vir aprender a defender a patria com as armas e não a aprender a ler e a escrever, o que já deve ter feito em idade mais juvenil, nas escolas primarias?

Razão tinha incontestavelmente e dobrada razão existe hoje com o reduzido tempo de permanencia nas fileiras; dia virá certamente — embora ainda distante! — em que extinto em Portugal o cancro do analfabetismo, a escola regimental verá simplificada a sua missão, deixando de abranger a escola de primeiras letras; esta existirá então apenas nas companhias para os raros desprovidos da instrucção elementar que ainda appareçam nas fileiras. Mas não nos illudâmos; esse dia vem ainda tão longe, tão afastado da actual geração, que nem é facil prevêêr quando a sua luminosa aurora poderá raiar no horizonte!

E haverá realmente necessidade do simples soldado ser hoje um homem de, pelo menos, elementar cultura intellectual? A guerra foi de sempre, de todas as épocas, desde que na terra surgiram os primeiros homens; a instrucção popular é dos tempos modernos, ainda nos paizes de mais adeantada cultura, de mais aprimorada civilisação. E desde as mais remotas luctas até ás mais recentes campanhas, o homem foi, e será sempre, o elemento mais valioso, o elemento primordial nos combates. Por mais aperfeiçoadas que sejam as espingardas e os canhões é afinal com os homens que se ganham as batalhas, se conquistam as fortalezas, se dominam todos os obstaculos, se quebram, vencem e anniquilam ainda as mais desesperadas e fortes resistencias.

Mas a guerra d'hoje é que differe essencialmente da guerra de hontem; a maneira de empregar o elemento homem, a maneira d'este proceder durante a lucta e os meios materiaes com que esta se trava, é que são absolutamente diversos. Out'ora quasi bastava a bravura individual para constituir o bom soldado; hoje, porém, mantida no mesmo ou talvez ainda em mais elevado gráu a exigencia da bravura, da coragem, do desprezo pela vida, exige-se mais, porque se torna indispensavel que sobre o campo de batalha, no meio do fragôr verdadeiramente infernal da lucta, o soldado não seja um simples automato, um ser inconsciente, mas pelo contrario saiba discernir o que na sua esphera de acção lhe cumpre fazer para concorrer com a sua quota parte para o bom exito do combate.

Exige-se-lhe e com razão que saiba servir-se com sciencia e consciencia das suas armas — actualmente mecanismos tão delicados e complicados! — e das suas munições, tirando d'ellas todo o partido que são susceptiveis de produzir.

Exige-se-lhe mais: que ainda quando isolado, não tendo officiaes ou graduados a dirigi-lo, saiba conduzir-se em todas as circumstancias com intelligente iniciativa. Finalmente exige-se-lhe que disponha de uma tão forte educação moral, que saiba comprehender que o sacrificio da sua vida é nada perante os sagrados interesses da patria, e que ainda em presenca dos mais terriveis meios de destruição que a sciencia e os progressos incessantes do armamento têm facultado aos exercitos modernos, lhe não é permittido recuar nunca, lhe é vedado manifestar a menor sombra de hesitação ou receio.

Como ministrar pois uma relativamente desenvolvida instrucção professional a homens desprovidos de toda a cultura

intellectual? Como accordar em almas rudes e incutir em espiritos de que não jorrou a menor scintella de luz, os mais elevados e apurados sentimentos que a educação moral reclama? Pois bem; é esta no actual momento a difficil missão que incumbe aos officiaes portuguezes, e são essas as condições em que cerca de 50⁰/₀ dos nossos recrutas se apresentam no exercito.

Mas, se compulsarmos a historia das ultimas campanhas, o que vemos? é que em todas ellas triumphou o exercito, cujos soldados eram mais instruidos, não só professionalmente como litterariamente; estão n'este caso as campanhas da Prussia contra a Austria em 1866 e depois contra a França em 1870-71, tendo-se chegado a afirmar a proposito d'esta ultima que quem preparára a victoria fôra o mestre-escola alemão; está a campanha de 1877-78 da Russia contra a Turquia; estão mais modernamente a dos Estados-Unidos com a Hespanha, a da Inglaterra com o Transvaal e mais do que nenhuma outra a do Japão com a Russia, que ha pouco se desenrolou nos campos da Manchuria, nos confins do Extremo-Oriente.

Detenhamo-nos apenas n'esta ultima e vejamos o que affirmam todos aquelles que, como os officiaes das missões estrangeiras e os correspondentes dos grandes jornaes europeus e americanos, de perto acompanharam um ou outro exercito e tiveram occasião de estudar os dois soldados russo e japonez, sobre os proprios campos de batalha em que tão valorosamente elles se bateram.

A uma notavel série de conferencias militares, realisadas em Madrid pelo general hespanhol Marvá e publicadas na *Revista Técnica de Infanteria y Caballeria*, irei colher os elementos precisos para justificação das minhas palavras.

Disse o general hespanhol:

«Despertou a attenção das testemunhas presencias da guerra russo-japoneza o requintado cuidado com que os japonezes occultavam os seus movimentos e dissimulavam as posições de combate; como se desenhavam das vistas aproveitando toda a especie de accidentes do terreno para se tornarem invisiveis na occasião do desenvolvimento das forças, no avanço dos atiradores e das reservas, no reabastecimento de munições, no levantamento dos feridos.

«A presença da infanteria nas batalhas, refere uma d'essas testemunhas, não se notava senão pelo ruido das balas ao silvarem aos nossos ouvidos, mas sem que se descobrisse d'onde partiam. Com a mesma arte occultavam as metralhadoras; constantemente se ouvia o ruido caracteristico do fogo d'estas, mas não era possivel descortiná-las.

«Estes pequenos amarellos — escreveu um official russo — que morrem como heroes; que patenteiam um fanatismo, um desprezo pela vida incrivel, cujos officiaes atravessam o ventre com as proprias espadas ou fazem saltar os miolos para não caírem prisioneiros, dispõem de uma habilidade sem igual, para aproveitarem os menores accidentes do terreno. Utilisam este tão bem que, frequentemente, ao ver surgir na nossa frente tropas japonezas, perguntávamos como tinham podido chegar até nós, que as não viramos avançar?! e isto succedia ainda em terrenos relativamente descobertos.»

O general Canonge referiu o seguinte:

«Os japonezes fraccionam as suas columnas de assalto e lançam-nas para a frente por pequenas porções. Do alto de Cho-chan, durante a batalha de Liao-Yang, vimos, sem cessar, novos grupos, novos pontos negros agitarem-se. As tropas, ao desenvolverem-se assim, como que se individualisam; já não constituem uma massa immensa, mas a resultante de uma infinidade de pequenas forças independentes e conscientes. Cada um d'estes organismos tem durante alguns instantes a sua existência propria; o fim a alcançar, o objectivo do ataque é tão sómente o que lhes é indicado, de resto dispõem de plena liberdade para escolher os meios e o caminho mais conveniente para o attingirem. Mas é necessario que exista entre todos esses corpos, esses elementos, uma cohesão admiravel para que a desordem não resulte nunca da sua multiplicidade.»

Referindo-se ainda á lucta á arma branca, disse o general Marvá:

«Tanto os russos como os japonezes estavam preparados para o ataque á baioneta desde o tempo de paz, mas os primeiros praticavam os respectivos exercicios de modo colectivo e pantomimico, como nós usamos, sem verdadeiro fim de lucta individual. Pelo contrario, os japonezes possuíam a esse respeito uma excellente educação, que n'esse povo é iniciada na escola primaria, onde se presta grande importancia aos exercicios physicos que fomentam a força muscular, a destreza, a resistencia á fadiga e com ellas a habilidade, o golpe de vista e a audacia adquiridas na pratica continua dos assaltos indíviduaes. Isto explica o exito dos japonezes nos combates corpo a corpo contra adversarios em geral fortes, espadaúdos, de muito mais elevada estatura.»

Até aqui transcrevi só referencias á superioridade da instrucção profissional dos japonezes; cabe agora consignar as relativas á superioridade da sua instrucção litteraria. Cita o general Marvá a tal respeito as palavras de um correspondente francez que acompanhou o exercito do general Kuropatkine e cuja opinião é portanto bem insuspeita. Disse, pois, Mr. Raymond Reouly:

«Tive occasião de vêr, por duas ou tres vezes, cabos e sargentos japonezes prisioneiros. Eram inteligentes; fallavam inglez; nos respectivos bornaes e mochilas encontraram-se-lhes cartas topographicas; seguiam o curso das operações e comprehendiam-no. Não eram instrumentos inertes, mas seres intelligentes que tomavam grande interesse no que executavam. Comparando estes graduados com os russos, foi quando comprehendí a extraordinaria differença dos dois exercitos. O exercito de hoje é a imagem fiel da nação; reflecte as suas qualidades e os seus defeitos. Se a nação não tem cultura, como ha de tel-a o exercito que d'ella dimana? Pois bem; o cabo e o sargento saem do povo; este na Russia é absolutamente inculto; a massa dos recrutas é ignorante, analfabeta. Como encontrar n'ella o pessoal escolhido para a dirigir?»

N'esta apreciação apenas se allude aos sargentos e cabos japonezes, mas não são só estes os instruidos; os soldados igualmente o são, mesmo sob o ponto de vista litterario. No Japão não ha aos 20 annos mancebo analfabeto, e sendo assim todos os seus soldados possuem uma relativa cultura intellectual, re-

forçada, por assim dizer, pela intelligencia, pela viveza natural que caracteriza essa raça de orientaes, que bem pôde qualificar-se de privilegiada.

Refere o escriptor inglez Cassell, auctor de uma desenvolvida historia da ultima guerra, que, finda a batalha a que deu lugar a passagem do Yalú em 1 de maio de 1904, á noite no campo das tropas japonezas, que deveriam estar extenuadas depois de uma accêsa lucta que durára não menos de 6 dias, não se viam em volta das luzes dos bivaques senão grupos de soldados de bruços no chão, escrevendo em finas tiras de papel não só extensas cartas para os seus parentes, como . . . os seus diarios de campanha! Por tal fórma o facto impressionou o correspondente inglez, que na *History of the Russo-Japanese War*, de Cassell se encontra uma estampa representando o caso, que de resto foi verificado por outros correspondentes europeus e americanos depois de varias acções da campanha.

E' evidente que não me move, ao citar aqui todas estas apreciações relativas ao soldado japonês, a idéa do seu panegyrico, que, embora muito merecido, seria n'este momento talvez deslocado; o meu intento é tão sómente apontar aos nossos soldados e aos nossos graduados todas as qualidades que a guerra de hoje d'elles requer, fazendo-lhes ver que a exclusiva bravura dos russos apenas conduz á derrota, á humilhação, á vergonha, mas que a bravura, a dedicação e o espirito de sacrificio — qualidades que tanto teem ennobrecido sempre o soldado portuguez e que ainda agora mesmo em Africa acába de patentear tão brilhantemente, accrescentando mais uma pagina gloriosa ao livro de ouro dos nossos fastos coloniaes — só quando alliadas á cultura intellectual e a uma aprimorada instrucção profissional pôdem conduzir á victoria, na lucta contra povos civilizados. E nada pôde garantir-nos que amanhã não tenhamos de passar das nossas arduas e dificeis guerras coloniaes, para a tremenda lucta com algum exercito europeu, em defesa da autonomia, da independencia da nossa querida patria.

Hoje, mais do que nunca, as qualidades do bom, do verdadeiro soldado, consubstanciam-se na legenda da nossa Torre e Espada — valor, lealdade e merito.

Ainda uma vez substituirei as minhas palavras sem auctoridade pelas do illustre official hespanhol a que já me referi, o general Marvá. Disse este n'uma das suas notaveis conferencias:

«Ao insistir sobre a circumstancia do soldado japonês se ter mostrado mais apto que o russo para a guerra moderna, não apresentei certamente nenhuma novidade; mas, quanto se diga para extirpar certos vicios arreigados pela rotina, será sempre pouco. E' necessario demonstrar que não pôde considerar-se já como infante util para a guerra, o recruta que entra no quartel no mez de março e, á força de zelo dos officiaes, desfila garbosamente ante o publico na nossa festa nacional do 2 de maio. Os exercicios de combate effectuados com criterio em terreno variado e em obediencia aos modernos preceitos da tactica; a pratica do tiro de guerra; os exercicios gymnasticos que desenvolvem as aptidões physicas naturaes dos nossos soldados; tudo isto constitue o essencial, a parte util da instrucção, a que precisam consagrar as suas energias todos os officiaes.

«Tempo é já de prescrever essa torpe aberração dos que cifram a disciplina do exercito e o seu valor guerreiro no rithmo dos movimentos tacticos, nas exterioridades pomposas e na sonora uniformidade do manejo da arma. Estamos n'este ponto sob os effeitos de uma lamentavel rotina; em paradas e revistas não se aprecia a instrucção collectiva senão pela *absoluta uniformidade, accentuando bem os tempos*, e nas ordens regimentaes e de guarnição continua-se recommendando esse absurdo synchroismo, com manifesto esquecimento das formaes prohibições contidas nas nossas Ordenanças do seculo xviii.»

Estas são palavras de um general hespanhol, ácerca do seu exercito; do nosso, não se poderá apresentar em rigor um quadro tão carregado, mas existe entre os dois — e infelizmente para nós — um fundo de semelhança que urge fazer desaparecer, adeantando-nos na verdadeira orientação militar moderna.

Ha, pois, duas luctas a tentar entre nós, duas verdadeiras cruzadas que requerem a maior dedicação, o mais decidido interesse e cujo exito representará obra essencialmente patriótica: a lucta pela verdadeira, pela util e proveitosa instrucção militar, tal como ella é hoje comprehendida e praticada na infantaria dos bons exercitos; a lucta pelo desenvolvimento da cultura intellectual do soldado, pela difusão da instrucção professional e litteraria entre os graduados. A' primeira consagram-se com ardôr todos os officiaes da nossa arma que ambicionam vê-la progredir e alcançar o honroso logar que de direito lhe pertence no exercito; a segunda incumbe ao pessoal dirigente das escolas regimentaes, e pela dedicação, pelo zelo que n'essa lucta deve tomar o pessoal da escola de Caçadores n.º 5, responde o seu director.

Ex.º Commandante: não devo concluir, sem asseverar a V. Ex.ª que desde que assumi a direcção d'esta escola reconheci em todo o seu pessoal dirigente a mais decidida boa vontade pelo exito da cruzada em que nos empenhamos. Propostos pelo meu illustrado antecessor, o actual major do nosso Batalhão, todos os professores dos differentes cursos teem manifestado não só a maior competencia, como a maior dedicação pelo ensino, facto que tive occasião de verificar em todos os exames a que presidi. As minhas palavras não representam, pois, senão um preito de justiça, que n'este momento me é muito agradavel poder prestar-lhes publicamente.

Uma explicação devo apresentar: examinando o mappa estatistico do movimento escolar no anno lectivo findo, notar-se-ha que ao passo que no curso de habilitação para 2.º sargentos se alcançou uma razoavel percentagem de approvações em relação ao numero de matriculados; que no curso de cabos essa percentagem attinge o elevado e animador numero de 77 9/10, no de instrucção elementar desce a 16 9/10. Varias causas concorreram para este resultado, que o justificam plenamente; a primeira, e sem duvida a mais importante, é a do elevado numero de mancebos analphabetos que se alistam em Caçadores n.º 5, cujo maior recrutamento é oriundo de Traz-os-Montes e das Beiras, regiões estas do nosso paiz onde a instrucção popular menos se tem desenvolvido, onde certamente avulta a falta de escolas primarias e a frequencia d'ellas é diminuta ou sem aproveitamento. De 176 alumnos matriculados no curso elementar da

nossa escola no anno lectivo findo, eram analphabetos 127 e apenas 49 possuíam uns leves rudimentos de instrucção. Em opposição ao que succede com Caçadores n.º 5, corpos ha que, tendo o recrutamento regional, vão buscar os seus soldados a concelhos onde a percentagem dos analphabetos e já hoje relativamente pequena. E' evidente que taes corpos estão summamente beneficiados em relação ao nosso e a outros em circumstancias de recrutamento identicas ás de Caçadores 5; não admira, pois, que a percentagem das approvações alcançadas no curso elementar d'esses corpos seja superior á que nós apresentamos. Assim havia fatalmente de succeder.

Outra causa devo ainda apontar que justifica essa pequena percentagem: é que nos exames realizados em Caçadores 5, quer sob a presidencia do meu illustrado antecessor, quer sob a minha, houve sempre a preocupação de lhes imprimir a seriedade que deve caracterisar taes actos, afastando d'elles toda a benevolencia excessiva, que tanto prejudica a instrucção dos alumnos, como afinal a reputação da escola e dos proprios professores. Procedendo assim, sacrificamos á verdade, por um lado o orgulho de apresentar uma estatistica brilhante que deslumbrasse estranhos e por outro o interesse pessoal dos professores do curso elementar, que deixaram de receber as gratificações a que teriam direito se a percentagem fosse mais elevada.

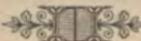
Eis qual foi o mobil do nosso modo de proceder: não faltar á verdade, não tentar illudir ninguem com resultados apparentemente brilhantes, mas falsos no fundo.

Entretanto confio que no anno lectivo que hoje se inaugura sob tão agradaveis auspicios, sob uma apparencia tão festiva, os resultados da nossa escola continuarão sendo pelo menos tão bons nos cursos de sargentos e cabos como no anno findo, e que no curso elementar se elevará o aproveitamento dos soldados e portanto a percentagem das approvações, para o que muito deve tambem contribuir a maior pratica de ensino dos respectivos professores. Para attingir, porém, este desideratum, continuaremos a manter a mesma nórma de proceder que nos orientou no anno lectivo findo, e que estabelecida pelo meu digno antecessor, eu invariavelmente conservarei emquanto desempenhar o honroso cargo de director da escola regimental.

E agora, professores e alumnos, agora ao trabalho, mas com ardor, com enthusiasmo; para os que aprendem vae n'elle o seu verdadeiro interesse, a garantia do futuro da sua definitiva carreira, quer militar, quer mesmo civil; para os que ensinam vae mais do que o interesse pessoal, porque vae o bom nome da nossa escola, porque vae a reputação, a todos os titulos sempre tão elevada, tão gloriosa de Caçadores n.º 5.

PACHECO SIMÕES.

Cap. de Caç. 5.





Instituto Infante D. Affonso

Recebemos o ultimo relatorio d'este utilissimo estabelecimento de educação e instrucção destinado especialmente a amparar as orphãs dos nossos camaradas do exercito e da armada.

Conhecemos muito de perto toda a grandeza d'esta obra generosa, todo o valor d'aquelle estabelecimento modelar, toda a influencia benefica e caridosa que tem largamente exercido no meio de tantas familias a quem a morte, roubando o seu chefe, colloca em precarias e por vezes penosas circumstancias.

Sabemos qual a acção paternal, apaixonada, de uma dedicação superior a todo o elogio, que o illustre e benemerito fundador e actual director, o nosso querido amigo, o sr. conselheiro Pimentel Pinto, tem exercido n'aquella adoravel casa de educação, tão santa nos seus intuitos caritativos, tão previdente na sua maneira de instruir e fortalecer, tão altruista na sua protecção efficaç, segura, de exito garantido, ás orphãs dos nossos irmãos de armas.

Bella instituição.

A educação da mulher representa nas sociedades modernas, sem duvida, o mais capital problema da felicidade humana.

Como é das suas mãos, aparentemente fracas e debéis que sahem os homens do futuro, do influxo do seu coração e da agudeza do seu espirito que se forma o character dos homens que hão-de reger os destinos da nação, importa implantar na alma da mulher muitas virtudes e no seu espirito muito vigor.

Como a verdadeira base da liberdade deve assentar no character individual, unica garantia segura da tranquillidade social e do progresso nacional, comprehende-se

como não deve impressionar todos os pensadores o problema maximo da educação da mulher.

Ora, sendo o benemerito Instituto a um tempo uma casa de caridade e uma doce e encantadora colonia de educação, sorri ao nosso espirito, impõe-se á nossa admiração toda essa grande e generosa obra a que o sr. conselheiro Pimentel Pinto tem consagrado todo o vigor da sua lucida intelligencia e toda a magnanimidade do seu grande coração.

O relatorio, que é subscripto pelo illustre e benemerito director, presta homenagem sentida e de profundo reconhecimento a todos que tão devotadamente teem auxiliado tão util e prestadia instituição.

A' frente d'essa pleiade de generosos bemfeitores figura, como de direito e de justiça, Sua Majestade a Rainha, Senhora D. Maria Pia, «que ao serviço do Instituto tem posto todo o seu carinho, todas as primorosas qualidades de coração que brilhantemente se teem affirmado, quer em obras de caridade, quer em actos de altruismo e de isenção.»

Os nomes dos nossos camaradas tenente-coronel Alfredo de Albuquerque, sub-director, major Francisco Julio Cortez, inspector dos estudos, capitão Guilherme de Campos Gonzaga, secretario, e capitão medico dr. João Carlos Mascarenhas de Mello, são citados com justo louvor no relatorio que temos presente, pondo-se em relevo o acrisolado amor e inegualavel dedicação com que todos se consagram ao caridoso trabalho de funcções tão nobres e tão generosas no intuito de bem alto erguerem este sympathico e adoravel estabelecimento.

O desenvolvimento material d'aquella casa, que é sem duvida hoje o primeiro estabelecimento de educação de meninas do nosso paiz, tem ido a par do seu desenvolvimento moral e instructivo, e nunca se tem negado ali a entrada a qualquer orphã de nossos camaradas.

Mas, infelizmente, nem todos teem comprehendido que «por muito grande que seja a boa vontade, diz o relatorio, dos poderes publicos, em auxiliar a instituição, por muito grande que seja, e tem sido sempre, o zelo e dedicação d'aquelles a quem a instituição tem estado entregue, ella não poderá caminhar, nem attingir o seu completo desenvolvimento, sem o concurso de todos os officiaes da armada e do exercito, sobretudo d'aquelles a quem directamente pode aproveitar».

Até hoje tem o Instituto tomado conta de 92 orphãs de officiaes, tendo sahido já 9 alumnas habilitadas com o curso completo da Escola Normal.

Não obstante tudo isto, é, infelizmente, diminuto o numero de officiaes subscriptores, e mais pequeno ainda o numero d'aquelles que podem, com uma pequena mensalidade, assegurar a educação de suas filhas, no caso desgraçado do seu fallecimento.

«Pela reforma do estatuto, diz ainda o relatorio citado, auctorisada por decreto de 11 de maio de 1904, foi dado a todos os officiaes a garantia de poderem assegurar a educação de suas filhas, para o caso do seu fallecimento, mediante o pagamento de uma quota mensal, que vae de 200 réis para capitães e subalternos, até 1\$000 réis para officiaes generaes; ainda n'esse estatuto foi permitido aos officiaes que tendo á data da publicação filhas menores de 9 annos quizessem assegurar a sua educação, o pudessem fazer, sem outros encargos, dentro de um prazo de doze mezes depois da publicação.»

«Enorme era a garantia concedida, largo o periodo para n'ella considerar, mas a imprevidencia mais uma vez se affirmou no reduzido numero de officiaes que de tal garantia se aproveitaram.

Transcrevendo estas passagens do relatorio nós procuramos prestar um serviço aos nossos camaradas, lembrando-lhes as grandes vantagens que teem com este acto de previdencia, de modo que a perda do chefe da familia não traga nem produza outra perturbação que não seja a dôr e a saudade do fallecimento de uma pessoa querida.

As instituições de previdencia estão hoje largamente espalhadas por todas as nações cultas, que as abraçam e protegem como uma das maiores tranquillidades de segurança do futuro.

E é por isso que consideramos o Instituto Infante D. Affonso um estabelecimento da maior utilidade e credor do nosso auxilio e das bençãos de todos nós.

Agradecendo a amabilidade da offerta do brilhante relatorio a que nos temos referido, a *Revista de Infanteria* pede licença para se inscrever como subscriptora do Instituto com a mensalidade de 1\$000 réis.





GENERAL

Eduardo Augustus Rodríguez Galhardo

O GENERAL

Eduardo Augusto Rodrigues Galhardo

Acaba de baixar á sepultura, coberto das benções da Nação inteira, o valente soldado e heroico chefe que, com tanta energia, tanta audacia e tanta competencia, dirigiu a nossa gloriosa campanha de Moçambique no anno de 1895.

A *Revista de Infanteria* vem tambem desfolhar sobre a campa do general Galhardo, sem duvida o mais prestigioso general da nossa arma e cuja perda toda a infantaria deplora, as petelas emmurchecidas da mais pungente saudade.

A Historia nunca poderá esquecer o heroico general, que tão alto levantou nos plainos de Africa a nossa gloriosa bandeira, vencendo o mais temivel e audaz potentado negro, que, com um soberbo desdem e atrevida arrogancia, pretendia invadir os nossos districtos de Lourenço Marques e Inhambane.

Na Europa espalhara-se que o celebre Gungunhana podia com facilidade reunir para guerra mais de 60 mil combatentes.

Para o coronel Galhardo o numero era o menos. Nunca a isso ligou a menor importancia.

Tendo luctado com a falta quasi absoluta de meios de transporte para constituir o comboio da columna que devia penetrar nas terras do paiz de Gaza, pode, emfim, ao cabo de esforços sobrehumanos, conseguir os carros indispensaveis apenas para 12 dias de viveres, e marchou.

A pequena columna, 500 combatentes, entrou em territorio do inimigo na manhã de 4 de novembro de 1895.

O valente coronel tinha regulado todos os serviços e previsto todas as hypotheses de modo que nem uma surpresa seria possível, nem ficaria sem resposta qualquer lance atrevido das manguas dos vatuas.

Com rara energia e plena confiança em si dirigia a marcha da columna, o que é sempre operação difficil e dolorosa n'aquelles climas, luctando-se com o calor esbrazeante de um sol desapiedado, e com a sêde devoradora pela escassez absoluta de agua n'aquellas *languas* resequidas por uma prolongada estiagem.

Na celebre madrugada de 7 de novembro de 1895, aos gritos de *impi Gungunhana! impi Gungunhana!* o quadrado tomava a sua posição de combate, na lingua de Coolella, abrindo um fogo violento contra mais de 20 mil combatentes do potentado preto, que ali enviara as suas mais valentes e aguerridas manguas.

O que se passou n'essa hora crepuscular n'aquella lingua, tornada hoje historica, ha muita testemunha ocular que o poderá contar melhor do que nós, mas nunca se apagará da lembrança dos combatentes que constituiam aquelle pequeno mas invencivel quadrado, nem a violencia e intensidade do fogo inimigo feito com excellentes espingardas Martinis, novas em folha a maior parte, nem a valentia e o ardor selvagem como avançavam os vatuas, vindo a morrer a 30 passos das nossas bayonetas.

Longe da patria, no coração das selvas africanas, aquelle punhado de portuguezes, jogando a sua vida, sabia que defendia a honra, o prestigio e o bom nome de Portugal.

E o grande coronel Galhardo, no mais 'acesso da re-frega, já quando tinha sido ferido o valente major Antonio Julio de Sousa Machado, o sempre lembrado commandante do batalhão de caçadores n.º 3, com a mais stoica serenidade, com a mais sublime indiferença e desprezo do perigo, percorria as faces do quadrado, como um verdadeiro heroe, infiltrando no coração dos seus subordinados o verdadeiro sentimento do dever e da honra.

Não cabe na estreiteza d'este pequeno artigo a descripção d'essa nunca esquecida jornada, que tão alto levantou o nome portuguez perante todas as nações do mundo.

Nem é nosso intento, n'este momento angustioso, em que procuramos prestar apenas uma singella mas muito sentida homenagem de eterna saudade ao grande portuguez e glorioso soldado a quem a Patria tanto deve, divagarmos sobre o combate de Coolella e a tomada do Majancaze.

O exercito portuguez perdeu um dos seus mais valentes e prestigiosos generaes, e a arma de infantaria perdeu um filho que muito a honrava e que com muita dedicação para ella trabalhava dia a dia, hora a hora, momento a momento, já como Director Geral de Infantaria que foi, já no desempenho do alto cargo de Director Geral da Secretaria da Guerra.

Esta pagina de luto, pagina magoada pela perda prematura do honrado chefe que era ao mesmo tempo um dilecto amigo, procura traduzir o sentimento de toda a arma, inclinando-se reverente perante a memoria gloriosa do general Galhardo.

Os seus grandes serviços ao paiz como soldado, ou como Governador de Macau e pacificador da India, dão-lhe direito ás benemerencias da Patria, entrando no Pantheon dos grandes portuguezes.

A' sua inconsolavel companheira de toda a vida, a seus filhos e a toda a sua familia, a *Revista de Infantaria* apresenta, n'este lance tão doloroso, a expressão sentida do seu profundo pezar.





Emprego tactico das metralhadoras com infantaria no ataque e defesa

(Conclusão)

Defensa

Pela natureza da sua construcção, a metralhadora torna-se muito apreciavel como machina de guerra para a defensiva, d'isso obtive para mim uma prova real e bem palpavel em todos os ataques contra as posições russas.

Locaes para a metralhadora. — Os locaes n'uma posição defensiva, em que a metralhadora pôde ser vantajosamente empregada, são os seguintes :

1.º — Pontos em que o seu fogo possa ser efficazmente empregado contra a direcção provavel da linha de ataque do inimigo.

2.º — N'uma offensiva-defensiva, em secções na area da defensiva passiva, trazendo como consequencia uma reducção na sua guarnição.

3.º — Em pontos fracos ou importantes d'uma posição, onde, pela natureza especial do terreno, não seja possivel pôr em acção um grande numero de espingardas.

4.º — Contra pontos onde o inimigo, tendo de avançar, ocupe uma frente muito restricta.

5.º — Nos espaços mortos dos flancos, á frente d'uma posição.

6.º — Para varrer pelo fogo a area comprehendida entre dois fortes ou para flanqueamento de fortes.

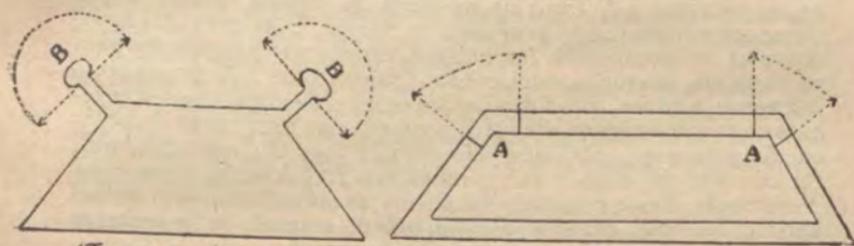
Como se vê das condições acima expostas, os espaços limitados são os mais favoraveis para o emprego da metralhadora, e alvos claramente defenidos, sobre os quaes se pôde concentrar um denso feixe de trajetorias. No entanto temos a convicção de que pôde ser vantajosamente empregada para cobrir uma vasta area, sem haver, comtudo, a idéa de que o inimigo seja varrido com fogo a grande distancia, comtanto que este possa ser directamente dirigido contra o inimigo em qualquer ponto que appareça, dentro da referida area.

Na defensiva d'uma larga frente, onde algumas metralhadoras serão aproveitaveis, os locaes para estas devem ser construidos nos salientes ou reinterantes das obras, e a extensão d'aquelles para a frente será tão grande quanto possivel, dentro dos limites efficazes do fogo.

No caso de haver uma acanhada frente, que não possua nem salientes nem reinterantes, recorre-se ao expediente da cons-

tracção de uma obra saliente para as metralhadoras, comtudo, pôde ter o inconveniente de oferecer alvo á artilheria inimiga.

As posições alternativas serão construidas com intervallos. Em certos pontos importantes d'uma posição, que se tenham reforçado com obras de fortificação e d'elles se não obtenha com o fogo das metralhadoras um sufficiente campo de tiro, serão vantajosamente trazidas mais á frente da obra n'um angulo saliente, conforme se mostra nas seguintes figuras:



(*Typos usados, ao terminar a guerra, pelas 3.^a e 5.^a divisões*)

Principios de distribuição. — As metralhadoras serão distribuidas em secções desde o inicio da defesa, ou conservadas em reserva á disposição do commando, segundo a natureza do terreno, situação, numero de espingardas, etc., não se pôde portanto determinar a sua situação em qualquer dos casos.

As occasiões em que podem ser distribuidas desde o principio, são principalmente as seguintes:

- 1.^a — Em posições de particular importancia, onde haja alguma probabilidade de mudança de posição.
- 2.^a — Em pontos em que, pela acção do fogo, bata completamente a frente da posição.
- 3.^a — Onde a configuração do terreno dificulte a operação, para cobrir a occupação d'uma posição preparada pelas reservas, ou quando relativamente á situação, o momento opportuno da sua entrada tenha de ser retardado.
- 4.^a — Quando se dispuzer d'um grande numero de metralhadoras, e uma parte possa ser distribuida desde o inicio pelos pontos mais importantes da primeira linha; a parte principal deve ser conservada em reserva.

E' d'uma grande difficuldade antecipar as mutações nas phases d'um combate, quando o defensor se mantem no seu papel passivo. Por esta razão as metralhadoras serão desde o principio, e com a maxima circumspecção, collocadas na primeira linha.

A sua mobilidade torna-as facilmente manejaveis nas mãos do commando, para preencher uma deficiencia, soccorrer pontos ameaçados, parar os movimentos envolventes, repellar os ataques, auxiliar um retorno, etc.

Com um diminuto numero de metralhadoras, quando a frente fôr muito extensa, torna-se mais necessaria a sua presença na reserva. Depois da batalha de Mukden, a uma divisão foi attribuida a guarnição de Chang-tu. A posição de Chang-tu era apertada por tres lados e tinha alguns kilometros de extensão. Existiam mais de nove posições para as metralhadoras (sendo tres vezes mais o numero de machinas aproveitaveis). No caso pre-

sente, concordou-se que não havia vantagem em collocar, desde o principio, as metralhadoras n'uma posição, mas depois da aproximação do inimigo, quando o ataque se esperava a todo o momento, e ainda se vacillava se a posição podia ser ampliada ou restringida, não se deveria hesitar, no momento opportuno, em collocar as metralhadoras no ponto mais importante.

Depois da batalha, nas cercanias de Hei-kou-tai, a força destinada á guarnição de Yao-tzu-pao estava frente a frente do inimigo, proximo á Wang-chia-wo-pêng. As nossas defesas accessorias envolviam completamente a aldeia, e as metralhadoras, reunidas no ponto mais importante, estavam-se preparando para receber um grande municimento. Na noite de 3 de fevereiro, a infantaria inimiga, na força approximada de uma brigada, executou um encarniçado ataque á posição, mas uma tenaz resistencia da guarnição, auxiliada pelo potente fogo das metralhadoras, foi coroado do melhor exito, repellindo forças muito superiores. A obtenção d'este resultado foi devido ás metralhadoras poderem abrir o seu fogo durante a noite, por de antemão já se acharem collocadas em posição nos entrancheamentos.

Abrigos e posições alternativas.—A metralhadora tem muito a recear das granadas. As suas posições devem, portanto, ser muito bem dissimuladas, e tão afastadas quanto a situação o permitta, devendo construir-se um abrigo reforçado, porque, apesar da posição estar bem dissimulada, iniciado uma vez o fogo, a metralhadora tornar-se-ha alvo da artilheria inimiga, e provavelmente posta fóra do combate. Para evitar este perigo, construir-se-hão posições avançadas, com liberdade completa para repentinas mudanças de posição. (Na batalha proximo de Mukden, a 1 de março, uma determinada bateria de montanha, cujo objectivo era as metralhadoras inimigas situadas em Wang-chia-wo-pêng, avançou para o exterior da aldeia de Yao-tzu-pao, e foi, em parte, bem succedida no fim que tinha em vista).

Abertura do fogo e escolha de alvo.—Na defesa estas particularidades demandam especial cuidado. A abertura do fogo sobre uma fraca e extensa linha de atiradores é d'uma inutilidade quasi absoluta, e não compensa o dispendio de munições. Contrariamente, o fogo executado sobre espessas linhas de atiradores que avançam para o assalto, ou sobre grandes massas, produz esmagadores effeitos em pouco tempo. O exercito russo deu-me a este respeito repetidas lições. Exporei alguns exemplos: Primeiro exemplo (impropriamente empregada).

No combate proximo a Hei-kou-tai, a 27 de janeiro (em que tomei parte com a companhia do meu commando), quando atacava o inimigo perto de Sha-shan, afastado do flanco esquerdo do exercito, cerca de quatro metralhadoras inimigas, a uma distancia de 900 metros, approximadamente, varriam por completo a nossa extensa linha de atiradores. Apesar d'isso o nosso avanço não foi sustado, e o inimigo eventualmente evacuou a posição. Segundo exemplo (propriamente empregada).

Na batalha proximo de Mukden, a 1 de março, a esquerda d'uma das nossas divisões atacava o inimigo proximo de Wang-chia-wo-pêng. Quando a nossa infantaria atacante se achava cerca de 180 a 270 metros, e uma parte estava para se lançar ao assalto, uma das metralhadoras inimigas rapidamente abriu um nutrido fogo de posições habilmente dissimuladas, causando-nos

tão importantes perdas que o ataque foi suspenso temporariamente.

Estes exemplos praticos confirmam o que se havia dito, que o poder d'esta machina não deve ser excessivamente apreciado; que na defensiva, o inimigo não pôde ser demorado a uma distancia superior ao alcance da arma; e o contrario a esta norma mostra uma completa ignorancia do emprego economico da metralhadora.

Retirada. — Na retirada, a metralhadora sómente será usada em occasiões muito especiaes: para temporariamente repellir o inimigo, ou, n'uma passagem difficil da guarda da retaguarda, sustentar a perseguição do inimigo, etc.

Mas, como o fim da guarda da retaguarda, ou força que cubra a retirada, é conservar o inimigo fóra do alcance efficaz, segue-se que a metralhadora, cujas características se adaptam para uma acção momentanea e a curto alcance, é de inconveniente emprego n'uma retirada.

Conclusão

E' erroneo suppor-se que a metralhadora venha a ter alguma influencia sobre a tactica moderna, ou que ella possa substituir a espingarda ou a bocca de fogo. Não é mais do que uma arma auxiliar da infantaria e da artilheria durante certas phases do combate. A tendencia que tem havido de, em geral, se exaggerar o poder d'esta machina, deve pôr-se um pouco de reserva.

Ainda mais, a idéa que o ruido das detonações das metralhadoras seria, como geralmente se empregam, um factor permanente debaixo do ponto de vista do effeito moral, está igualmente combatida. A historia fornece-nos um exemplo de confronto, quando os nossos combatentes de Kamakura defrontaram pela primeira vez com estas machinas, o terror da primeira impressão bem depressa se desvaneceu.

O emprego tactico da metralhadora, e o resultado que com ella se pôde obter, depende da avaliação exacta do effeito a produzir, entrando em linha de conta com o consumo de munições exigido para produzir aquelle effeito.

MINEIRO D'ALMEIDA
Cap. de caçadores n.º 1

Os aspirantes de Administração Militar

Uma classe ha no exercito cuja situação parece ter passado despercebida a todos os ministros da guerra.

Referimo-nos aos aspirantes de administração militar.

Esta classe é promovida ao posto immediato não por diuturnidade, mas sim por vaga, entrando para o preenchimento das vacaturas de subalterno do respectivo qua-

dro na proporção de $\frac{2}{3}$; o terço restante é reservado aos sargentos approvados em concurso.

E' um lapso, diz-se, da lei, que se esqueceu de regularisar a situação d'esses aspirantes, conforme o criterio seguido para os seus collegas de infantaria e cavallaria. Será. Mas o que é incontestavel é que d'esse lapso resulta uma situação angustiosa, que urge seja melhorada, para bem da disciplina e satisfação da justiça.

Acontece que, por causas diversas, não tem havido movimento no quadro de subalternos de administração militar, de sorte que ha um d'esses aspirantes que vae completar 4 annos n'este posto, 6 que vão completar 3, e 9 que vão completar 2 annos, apesar de ser apenas um anno o periodo de tirocinio, que devem ter como aspirantes.

Ora isto é contrario ao espirito da lei de promoções, que tem em vista fazer com que todos os officiaes sejam promovidos ao posto de tenente 8 annos depois da matricula em curso superior, regra esta que tem sido seguida em todas as armas e serviços, excepto n'este caso, para a administração militar, visto que os individuos a que nos vimos referindo, terão que permanecer, segundo a lei, 5 annos no posto de alferes, exactamente como se apenas houvessem tido um anno de aspirantes.

Calcule-se por aqui a desigualdade flagrante da situação futura entre elles e os seus camaradas que se matricularam no mesmo anno que elles em cursos superiores!

Estão, como vemos, prejudicadissimos, no que respeita a promoção, visto que é indeterminado e parece d'ora avante ser muito longo o praso que esses individuos tem que permanecer no posto de aspirante — posto essencialmente de transição. Vejamos a sua situação economica durante os annos que permanecem em tal posto.

A lei fixou em 800 réis diarios o pret dos aspirantes a official de infantaria e cavallaria e o dos aspirantes de administração militar em... 700 réis! E' uma differença odiosa e deprimente que não se comprehende e muito menos se justifica. Com effeito, sendo, quando officiaes, eguaes os seus soldos, por que motivo hão-de ser deseguaes os prets, emquanto aspirantes?

Tal exiguidade de vencimento chega a ser attentatoria da disciplina.

Não ha sargento-ajudante algum, nem 1.^o sargento de qualquer arma (excepto infantaria) que, com a gratifi-

cação maxima de readmissão não receba muito mais que aquelles superiores seus, accrescendo ainda que sobre os sargentos não impendem as despezas de representação, fardamentos dispendiosos, etc., a que se vêm forçados os aspirantes para conservar o decôro do posto que occupam.

N'uma epoca, como a actual, em que tão insistentemente se reclama que o militar se dedique de alma e coração a estudos cada vez mais vastos e complexos, em que se lhe fazem tantas e tamanhas exigencias de toda a especie, o mais elementar sentimento de justiça demonstra-nos a iniquidade de julgar tudo isso remunerado com 700 réis diarios.

Uma aggravante ha ainda:—esses rapazes, na maioria pobres, sáem da Escola do Exercito com divida á Fazenda, por motivo de fardamento, adiamento para carta de curso, etc., o que lhe dá o monstruoso resultado de—militares com regalias de official no que respeita a encargos onerosos e a quem se fazem as mesmas exigencias que a estes, receberem, para fazer face a todas essas despezas a irrisoria quantia de 584 réis diarios! Até no desconto são equiparados a officiaes, descontando a 6.^a parte do vencimento—116 réis—em lugar de 100 réis, que descontaria qualquer outra praça com identico vencimento.

Mas ha mais. Terminado o tirocinio, vão os aspirantes de administração servir nos conselhos administrativos dos corpos e na 5.^a direcção da Secretaria da Guerra, serviços estes que competem a subalternos, e para cujo desempenho são desde então julgados idoneos. Pois não ha, por esse motivo, para elles, accrescimo de pret: ha apenas augmento de trabalho e attribuições.

Na vida civil são mais que vulgares os confrontos que a cada passo veem por deante dos olhos d'esses aspirantes a injustiça da sua situação. Quantos d'elles não se sentirão envergonhados ao vêr tantos que não havendo conseguido sequer entrar nas escolas que elles cursaram, ganham todavia ordenados incomparavelmente maiores!

Ora isto é desmoralizador e capaz de enervar a mais robusta boa vontade e, a continuar tal estado de coisas, a concorrência a esse curso da Escola do Exercito, base da boa selecção de futuros officiaes, ha-de forçosamente diminuir, tanto em qualidade como em quantidade, visto que, conhecida a situação em que ao depois se verão col-

locados, todos os rapazes preferirão qualquer collocação, por mais modesta que seja, a uma carreira que por largo espaço de tempo não lhes dará sequer com que satisfazer as mais urgentes necessidades da vida.

Não nos alongaremos mais na demonstração da Justiça que assiste aos aspirantes de administração militar para lhe ser melhorada a sua situação. A tudo o que poderíamos discorrer mais sobre tal assumpto sobreleva a simples exposição d'este facto brutal: — «remunera-se com menos do que se dá, não diremos já a um bom artista, mas até a um mediocre operario — homens diplomados com um curso superior a quem se exigem todas as especies de obrigações moraes e profissionaes, impondo-se-lhes despezas pesadissimas e que se veem além d'isso ameaçados de permanecer largos annos em tão critica situação».

Creemos que resolveria satisfatoriamente a questão a adopção das seguintes medidas:

1.º — Concessão immediata do abono da gratificação mensal de exercicio como subalternos a todos os aspirantes de administração militar que tenham completado o respectivo tirocinio e que por esse motivo estejam desempenhando serviço de subalterno.

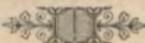
Esta medida deveria ser posta em pratica quanto antes, para attenuar a precaria situação economica d'esses aspirantes.

2.º — Equiparação do vencimento dos aspirantes a official de administração militar ao dos seus camaradas de infantaria e cavallaria.

3.º — Fixação de diuturnidade para a promoção a alferes dos aspirantes de administração militar, tendo em vista o numero *minimo* de annos que possam gastar para attingir este posto.

4.º — Ser contado aos aspirantes para a promoção a tenente, como tempo de serviço feito como alferes, o tempo que permanecerem no posto de aspirante além do anno regulamentar de tirocinio.

L. A. S.





BIBLIOGRAPHIA

Novo Dicionario Chorographico de Portugal Continental e Insular, organizado pelo tenente *Francisco Cardoso de Azevedo*.

É o melhor que no seu genero se tem publicado até hoje.

Contém as divisões administrativa, judicial, ecclesiastica e militar, actualmente em vigor, com indicação de todas as cidades, villas, freguezias e seus oragos, a superficie por districtos e concelhos, a população por sexos, dos districtos, concelhos e freguezias, todas as povoações, ainda as mais insignificantes, as designações das estações dos caminhos de ferro, as estações telegrapho-postaes, as estações postaes, ou simplesmente caixas, e tambem os cabos, lagôas, rios, ribeiras e ainda os ribeiros de certo curso, com a designação da extensão do seu percurso, a sua origem, os affluentes, etc., etc.

Nas terras principaes como cidades, villas e grandes povoações, vão indicados os estabelecimentos de instrucção, como lyceus e instituições de instrucção primaria, e secundaria, os hospitaes, misericordias, notarios, fabricas de quaesquer productos, etc., e, ainda, além de outros esclarecimentos curiosos, uma pequena e interessante resenha politico-historica desde a sua fundação, sempre que para tanto houve occasião de colher os elementos precisos.

Baseado em diplomas officiaes, é este um *trabalho*, que nos mostra de prompto todas as condições materiaes de uma dada povoação, e portanto de molde a prestar os maiores serviços tanto nas repartições administrativas, judiciaes, ecclesiasticas e militares, como ao commerciante, ao estudioso, e até ao mais simples particular.

É portanto, sem a menor duvida, um optimo livro de consulta, prestando por esta forma um grande serviço o sr. tenente Azevedo.

Este nosso camarada que com um trabalho porfiado e muito consciencioso tem melhorado e enriquecido o seu «Dicionario Chorographico» é credor das nossas sympathias e do nosso applauso.

O volume que temos presente e que muito penhoradamente

agradecemos, consta de 1192 paginas, sendo o seu preço 3\$000 réis.

Podem ser feitos pedidos ao seu auctor, no Quartel da Guarda Municipal do Porto.

Um governo em Africa, pelo 2.^o tenente da Armada *Thomas de Almeida Garrett*.

É muito interessante, muito instructivo e muito util para todos aquelles que consagram a sua actividade a assumptos coloniaes, o livro que temos presente, e que nos foi gentilmente offerecido pelo seu auctor, a quem consagramos sincera amizade de ha muitos annos, amizade que é tradição de familia.

O talentoso official, que, embora ainda novo, dispõe de grandes faculdades de trabalho e grande poder de observação, governou o districto de Inhambane com superior criterio e fez o que nem todos podem, sabem ou querem fazer,—governar procurando ser util ao districto, melhorando servíços e envidando todos os esforços para acabar com velhas formulas burocraticas que sendo um grande mal d'este nosso paiz, constituem um cancro, uma causa de atrofiamento e de mal estar das colonias.

Conhecemos muito bem o districto de Inhambane e tivemos occasião de sentir toda a influencia perniciosa de egoismos ferozes, de vaidades imbecis, de enfatuados caprichos, e, sobre tudo, toda a acção corrosiva da intriga damninha, que é planta que viceja muito entre as mediocridades que costumamos exportar para dirigir as colonias.

Ninguém que se proponha ir governar qualquer districto das nossas colonias o deve fazer sem estudar maduramente e meditar com ponderada reflexão o livro do sr. Garrett, por que alli encontrarão muita lição e muito bom conselho.

«Na opinião de alguns governei bem, diz o sr. Almeida Garrett, mal na de outros. Isto succedeu sempre e sempre ha-de succeder, que difficil é marchar no meio de egoismo ferozes que a nada cedem o passo, sem que por vezes contra elles se esbarre».

E governou, na verdade, com honestidade e intelligencia, com brio e honra, com zelo e dedicação, seguindo, sem um desalento, o caminho recto, despresando as intrigas, não se amedrontando com as inimidades creadas pela austeridade e rectidão do seu proceder, e alvejando o seu fim, todo de utilidades para o districto cuja administração lhe fôra confiada.

O nobre exemplo que o tenente da Armada Real, sr. Thomaz de Almeida Garrett, deu com a publicação do seu livro deve ser imitado, porque são sempre muito uteis todos os subsidios trazidos para a historia da nossa administração ultramarina, pondo em relevo o muito que ainda ha a fazer para libertar as colonias de uma rotina que as asphixia e de processos burocraticos que as illaqueiam, desbravando terreno que com toda a certeza facilitará o arduo trabalho de subsequentes governadores.

Felicitemos muito cordealmente e muito sentidamente o nosso amigo Almeida Garrett pelo seu governo e pelo seu interessante e curiosissimo livro.



Secção do estrangeiro

Allemanha. — A telephonia sem fios avança a largos passos. Ainda ha bem pouco tempo para se conseguir uma transmissão telephonica sem fios para a extensão maxima de 40 kilometros era mister uma antena de 100 metros de altura.

Acaba de realisar-se entre Berlim e Koenizsberg (75 kilometros de distancia) communicações telephonicas sem fios estabelecidas de uma maneira segura com uma antena de 26 metros de altura apenas.

*

N'uma conferencia que o conde de Zeppelin acaba de realisar em Berlim sobre os balões dirigiveis, afirmou que é capaz de conseguir no seu balão, com regularidade, uma marcha de 40 kilometros á hora.

Afirmou tambem que se consegue em trez vezes 24 horas percorrer o espaço que separa Berlim de Moscow, e de Moscow a Constantinopla, realisando essa viagem, que tem 1.700 kilometros de extensão n'uma só étape.

Tendo a capacidade do seu balão 10.000 metros cubicos de gaz, permite assegurar aos 7 engenheiros e 5 machinistas que o dirigem, uma grande commodidade.

Mais tarde poder-se-ha organizar para os millionarios viagens aereas, mas tal não é ao presente a ambição do conde de Zeppelin, que apenas procura fornecer á Allemanha um instrumento de guerra aperfeiçoado.

*

Acaba de ser nomeado commandante do 7.º corpo o general von Bernhardi.

Os jornaes allemães noticiando essa nomeação recordaram um facto que tinha tornado von Bernhardi muito conhecido na Allemanha, quando era apenas alferes.

Quando no 1.º de março de 1871 as tropas allemãs entraram triumphalmente na cidade de Paris, quem commandava a extrema guarda avançada era o alferes von Bernhardi.

Foi, portanto, este o primeiro official allemão que entrou em Paris.

Ao chegar ao Arco do Triumpho, cujas immediações estavam cercadas com uma cadeia, transpoz com o seu pelotão a cadeia e de sabre na mão conseguiu passar pela porta triumphal da cidade.

*

O imperador acaba de ordenar, a titulo de experiencia, a substituição das botas dos officiaes pelo bute e polaina.

Diz o coronel Gaedke que a suppressão da bota tornava-se uma medida de urgente necessidade. E' mister substituil-a pelo bute usado no exercito francez, o unico calçado de campanha verdadeiramente pratico e racional.

Entre nós, anda-se ha tantos annos a estudar o assumpto, sem nunca o resolver.

Que fatalidade!

Sabe-se que temos a nossa infantaria pessimamente calçada, que essa martyrisante bota é a razão unica do grande numero de retardatarios nas marchas, que a nossa infantaria não pode, por que a terrivel bota não a deixa, aguentar uma semana de marchas successivas sem que mais de metade do seu effectivo fique inutilisado, e nem assim se toma uma medida radical.

Já é apêgo á rotina!

Pois quem escreve estas linhas já viu formidaveis marchas por tropas francezas, calçadas com o tal bute que a Allemanha chama «o unico calçado de campanha verdadeiramente pratico e racional», sem que um só soldado ficasse para traz.

O que se espera pois?

*

A marinha de guerra allemã no anno de 1915 ficará assim constituida: 35 couraçados, 16 cruzadores couraçados, 5 grandes cruzadores e 37 pequenos cruzadores.

N'essa epocha a França não poderá metter em linha de batalha senão 25 couraçados, 20 cruzadores couraçados, 4 grandes cruzadores e 7 pequenos cruzadores.

Quer dizer, n'essa epocha a Allemanha será a segunda potencia naval do mundo se os Estados Unidos não augmentarem os seus armamentos além do previsto.

*

Depois da guerra do Transvaal, e sobretudo, depois da guerra do Extremo-Oriente, uma evolução muito notavel tem-se operado na tactica do exercito allemão.

O armamento foi consideravelmente aperfeiçoado.

A infantaria foi dotada com um modelo de espingarda (1898) cuja construcção tomou uma actividade particular a partir de 1904 para cá; uma nova bala foi adoptada; numerosos destacamentos e companhias de metralhadoras foram creadas; a arti-

lheria recebeu peças de tiro rapido e peças de campanha de tiro curvo, muito modernas e muito poderosas.

A fortificação tomou uma feição quasi alarmante, sendo radical a transformação do systema defensivo de Alsacia e Lorena.

N'uma palavra, os regulamentos, a instrucção, os armamentos e até o proprio fardamento de campanha e equipamento individual, tudo tem progredido de uma maneira verdadeiramente assombrosa n'estes ultimos 3 annos.

Austria-Hungria. — Informações de Vienna asseguram que a antipathia pela triplice alliança cresce de dia para dia.

Emquanto que no anno passado só os Tchéques é que repelliam a politica austro-hungara da grande Liga, hoje os Polacos e os Slavos meridionaes entram na contenda mostrando a sua grande animosidade contra a alliança dos trez estados, reclamando ao contrario uma approximação dos estados da Europa Occidental, principalmente com a Inglaterra e a França.

O delegado Voukovic declarou peremptoriamente em nome do seu partido (slavos meridionaes) que a sua alegria seria grande se a triplice alliança deixasse de ser a pedra angular da politica austro-hungara.

«A Allemanha, dizia Voukovic, paralyza totalmente a missão da Austria na Macedonia, porque encoraja ostensivamente o Sultão á quasi intransigencia.»

O deputado Glombinski cae a fundo tambem sobre a triplice.

Esta questão está interessando vivamente a politica internacional europeia, despertando na França um grande movimento de expectativa.

Hespanha—Actualmente as tropas que estão de guarnição nas praças do Campo de Gibraltar são: 6 batalhões de caçadores, um grupo de artilheria de montanha, uma secção de engenharia, uma secção de tropas de administração e uma ambulancia de montanha.

Estas tropas estão promptas para serem enviadas para Marrocos.

As duas companhias do regimento de Ceuta, que estavam em Casa Blanca sob o commando do major Santa Olalla, foram substituidas por outras duas companhias do mesmo regimento sob o commando do tenente-coronel Bernal.

*

No Campo de Carabanchel já se fizeram os primeiros ensaios da nova ordenança de infantaria.

Uma commissão presidida pelo general de brigada, S. A. o Infante D. Carlos de Bourbon, e da qual fazem parte officiaes de todas armas, está incumbida de elaborar os regulamentos tacticos para todas as armas, esperando-se, e com justificada razão, que todos esses diplomas fiquem harmonicos nas suas linhas geraes.

O pensamento dominante da commissão é simplificar os

regulamentos, desenvolver a iniciativa individual e substituir o formalismo classico por principios geraes.

O manejo de arma foi, como entre nós, muito simplificado, supprimindo-se muitos movimentos inuteis.

França. — As grandes manobras de outomno do presente anno serão dirigidas pelo general Lacroix.

Tomarão parte n'essas manobras o 4.º corpo de exercito (Le Mans), o 5.º (Orleans), o 8.º (Bourges) e o 9.º (Tours), com a 6.ª e 7.ª divisões de cavallaria, a 1.ª divisão de infantaria colonial e determinados elementos de reserva que opportunamente serão fixados.

Bulgaria. — No presente anno serão enviados 19 officiaes para o estrangeiro afim de completarem a sua instrucção militar.

Vão 10 para a academia do estado maior Nicolau, na Russia, 5 para a escola superior de guerra italiana, 2 para a escola pratica de artilheria tambem italiana, e 2 para a academia de artilheria Michel.

Japão. — O povo japonéz prepara a sua mocidade para o serviço militar, adoptando nas escolas medidas tendentes ao fim proposto.

A preparação moral dos rapazes é baseada no codigo de honra dos Samourai, que ensina a historia patriotica dos grandes homens do Japão, desenvolvendo o sentimento patriotico, uma dedicação sem limites ao imperador e todas as grandes virtudes militares.

A preparação physica assenta em exercicios gymnasticos e exercicios militares em todas as escolas do imperio, escolas primarias, secundarias e superiores.

As espingardas tomadas aos russos foram distribuidas ás escolas.

Continuam as viagens escolares em visita aos campos de batalha da Mandchuria.

Nas manobras de outomno do anno passado tomaram parte as seguintes tropas: 25.850 praças de infantaria com 770 cavallos; 3.850 de cavallaria, 7.160 de artilheria com 250 peças e 5.360 cavallos, 2.290 de engenharia e 1.790 de trem.





O CAPITÃO
João d'Almeida

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL
Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

A OCCUPAÇÃO DOS DEMBOS

E' sempre com o mais vivo entusiasmo e justificado orgulho que a *Revista de Infanteria* regista, nas suas paginas, as victorias dos nossos soldados, n'essas inhospitas e longiquas regiões africanas, victorias que tanto contribuem para affirmar a nossa soberania e o ardente desejo que Portugal tem em civilisar e valorisar tão rico patrimonio.

Na provincia de Angola, vasta e rica possessão, nem sempre se tem feito uma occupação efficaz em todas as regiões onde se torna mister a nossa acção civilisadora.

A região dos Dembos estava n'esse caso.

Coube agora a vez ao nosso camarada e amigo, o capitão João d'Almeida, para, arriscando a sua vida, poder prestar um alto serviço ao paiz, o que registamos com desvanecimento, prestando-lhe n'estas singellas palavras o preito da nossa admiração e do nosso agradecimento.

Apoz uma jornada cheia de mil e mil difficuldades creadas pelo gentio, em terrenos asperamente accidentados e com absoluta falta de agua, luctando dias consecutivos com o fogo inimigo, conseguiu o capitão João d'Almeida tomar á viva força Banza e Cazuangongo, focos principaes da resistencia e insubmissão do preto.

A columna, sob o commando do valente capitão João d'Almeida, andou, nos dias 15, 16 e 17 de outubro do anno findo, constantemente debaixo da acção do fogo inimigo.

No dia 20, os pretos da região da Cazuangongo, auxiliados pelo gentio de Gimbo e Amuquiãma, oppuzeram

serios embaraços á marcha da columna, concentrando toda a resistencia nas sanzallas, executando sempre um fogo intenso.

O fogo durou bastantes horas, tendo a nossa columna 4 mortos e 24 praças feridas, alem do ferimento n'um braço do valente capitão Almeida.

Tivemos tambem o major da 2.^a linha, Sousa, ferido e o alferes Netto.

Quando o fogo adverso começou a enfraquecer, o heroico e destemido commandante deu ordem para o assalto, distinguindo-se os nossos valentes soldados, levando na ponta de suas bayonetas o inimigo completamente desmoralizado, reconquistando para a nossa soberania uma vasta região indomita, que tem estado sempre divorciada da nossa acção civilisadora e administrativa.

No dia 21, ás 2 horas da tarde, fluctuava na povoação de Cazuangongo a nossa bandeira, essa gloriosa bandeira das quinas, como symbolo de paz e de progresso.

Ganha a batalha, desfeita a resistencia tenaz e altiva do preto rebelde, conquistada a povoação que era o centro de toda a acção guerreira, licito é esperar pacificada toda a região dos Dembos, e abertos ao commercio livre novos mercados, fontes de riqueza, elementos poderosos de progresso e de civilisação.

A valentia, a coragem, o grande tacto de commando e a alta competencia que o capitão João d'Almeida provou n'esta campanha, enfileira-o n'essa pleiade de brilhantes officiaes que teem illustrado os seus nomes e enriquecido a historia das nossas guerras coloniaes.

A *Revista de Infantaria*, publicando o seu retrato, traz o seu quinhão, muito sentido, de applauso e de reconhecimento ao heroico official de infantaria que, derramando o seu sangue generoso pela gloria e pela honra e prosperidade da patria, recebe hoje as bençãos e os agradecimentos da nação inteira.





CONCURSO LITTERARIO

Continuando no caminho que vimos seguindo ha 11 annos, procurando fomentar, por todas as formas e por todos os meios ao nosso alcance, o desenvolvimento da instrucção do exercito, vamos hoje abrir um concurso para todos os officiaes inferiores do exercito que sejam assignantes d'esta «Revista».

Presentemente o exercito possui uma pleiade de sargentos muito instruidos, muito intelligentes e muito dignos, consagrando-se de alma e coração á profissão das armas, o que constitue para nós um justificado motivo de orgulho e grande satisfação.

E' justo, portanto, que sejam chamados a patentear os seus conhecimentos e o seu amor e dedicação ao estudo.

O assumpto a versar é o seguinte:—Organisar um *aide-mémoire*, resumido e simples, mas que contenha o serviço que os sargentos teem a desempenhar em campanha.

As condições são:

1.^a—Sómente podem concorrer officiaes inferiores que sejam assignantes d'esta «Revista».

2.^a—O praso em que o *aide-mémoire* deve ser remetido para a redacção da «Revista de Infanteria» começa a contar-se em 1 de maio e termina em 1 de outubro do corrente anno.

3.^a—Os trabalhos serão classificados por 3 officiaes superiores que opportunamente serão indicados.

4.^a—O auctor do *aide-mémoire* primeiro classificado

terá um premio de 30\$000 réis, e o do segundo um premio de 15\$000 réis.

5.^a—Estes trabalhos serão publicados na «Revista de Infantaria» e ficarão sendo propriedade da mesma «Revista».

6.^a—Far-se-ha uma separata do *aide-mémoire* primeiro classificado e ao seu auctor ser-lhes-hão offerecidos 50 exemplares.

7.^a—O terceiro, quarto, etc., *aide-mémoire* classificados terão como premio um diploma de honra.

8.^a—Estes trabalhos não serão assignados, devendo ser remettido dentro de envelope fechado e lacrado, um cartão do auctor com a designação do seu nome, posto e situação, bem como um numero, escolhido *ad libitum*, escripto em tinta encarnada, numero que deve tambem ser escripto no alto da primeira pagina do *aide-mémoire*, para servir de reconhecimento.

9.^a—Os trabalhos não classificados serão remettidos aos seus auctores, conservando-se no mais absoluto segredo os seus nomes.



Acerca dos alferes promovidos para o ultramar nos termos do decreto de 14 de novembro de 1904

Muito se tem fallado e alguma cousa se tem escripto, mas é justo confessar que poucos teem discutido o assumpto com serena attenção de modo a não ferir a nota da parcialidade. Perdõem os nossos camaradas, mas a verdade primeiro do que tudo, ainda que d'ahi advenha qualquer prejuizo — que nunca o póde ser aquillo que não representa a perda de um direito consignado nas leis. Tambem servimos no ultramar e isso basta para que a nossa imparcialidade fique justificada.

Tinhamos resolvido occupar-nos do assumpto depois de conhecidos os trabalhos da commissão encarregada de indicar o logar que os referidos alferes devem occupar na escala de acesso depois de concluido o tempo de serviço no ultramar, porque, apesar de tão prolongada gestação, conservamos ainda a impressão de que esses trabalhos hão de merecer algumas referencias, no campo

doutrinário, da critica imparcial. Antecipando parte das nossas considerações, fazemol-o forçados pela imperiosa necessidade de pugnar, urgentemente, pelos nossos direitos que tão pouco respeitadas estão sendo, e tambem para equilibrio da nossa dignidade que o actual estado de cousas está magoando.

Não é a actual legislação, effectivamente, muito prodiga para os alferes que serviram nas colonias menos por seu beneficio, como nos parece ter demonstrado quando, em varios artigos publicados n'esta *Revista*, apreciámos a *Organização militar colonial*, e muito mais para alliviar os cofres publicos que teriam de fazer maior dispendio sendo as vagas de subalerno preenchidas pelos alferes offerecidos como aliás determina o § 2.º do artigo 8.º Para provar, mais uma vez, a nossa asserção, basta tomar por base a média de 12 annos, nos ultimos 10, o tempo que os sargentos esperam a promoção a official para se verificar que só um pequeno numero dos promovidos para o ultramar alcança melhores vantagens, havendo bastantes que só lucram... o que não perdem por não quererem que outros lhe passem para a direita. Mas esse pouco que se ganhou, com tanto sacrificio, quando nol-o dão?

O nosso camarada do corpo de almoxarifes, sr. J. Ramos, publicou um opusculo, que lemos por alto porque só o acaso nol-o deparou, em que trata do assumpto com bastante approximação, em nosso parecer. De um ponto, porem, nos permittimos duvidar, embora isso concorra em nosso prejuizo. Referimo-nos á promoção a tenente com fundamento de que ha direito a ella no fim de 4 annos de serviço como alferes.

Segundo o artigo 10.º do D. de 14-11-901, os alferes d'infanteria e cavallaria que, tendo terminado a commissão de serviço do ultramar, regressem ao serviço, são collocados na escala de accesso de modo que não fique prejudicada a relação entre os officiaes habilitados com o curso da Escola do Exercito e os provenientes da classe dos sargentos; isto é, os referidos officiaes dão entrada no quadro preenchendo só um terço das vagas em conformidade com o artigo 49.º da lei de 12-6-901. Portanto, para a promoção a tenente, contam a antiguidade em conformidade com o § 1.º do referido artigo 49.º, que, no nosso caso, restringe a doutrina do artigo 55.º da mesma lei.

No quadro a que pertence o nosso distincto camarada terá applicação a doutrina exposta. Para nós, não, porque somos *arrastados* com o curso *com quem ficamos intercalados*. Dil-o o artigo 49.º da lei de promoções que o artigo 10.º da organização militar colonial cuidou de salvar. E' isto, ainda que nos custa, e, infelizmente, os factos estão provando que a razão está do nosso lado.

Mas, se nos não queixamos da falta de promoção, em que reside a nossa já extraordinaria razão de queixa? Reside em não se ter resolvido o assumpto de qualquer fórma. Não são os trabalhos da commissão que hão de pôr embargos á intervenção dos tribunaes competentes se a lei não fôr absolutamente respeitada. Portanto, urge que seja conhecida qualquer resolução das instancias superiores, porque isto assim não póde continuar. A disciplina está soffrendo enormemente e a dignidade soffre grandemente, o que não deve acontecer em circumstancia alguma.

Prestamo-nos a todos os sacrificios, até mesmo aos que não são a expressa determinação da lei, mas permittir que affrontem a nossa dignidade ou posterguem o nosso direito, isso é que os poderes constituídos não devem consentir. Ha quasi dois annos que os alferes, em serviço nos corpos, mantem uma situação anormalissima, principalmente aquelles *que ainda lhes não pertenceu o posto (?!)* porque são considerados *sem prejuizo d'antiguidade*, o que não póde ser. A lei diz claramente (v. relatório que precede o D. de 14-11-901, pag. 386, linhas 10 e 11) que a promoção para o ultramar é com prejuizo. Além d'isso a simples leitura do § 1.º do artigo 6.º nos induz a concluir que o official entra na posse das regalias que a lei lhe confere, *logo que complete o tempo de serviço obrigatorio no ultramar*. Nada justifica, pois, que para os alferes se mantenha uma situação como a actual.

Não servem estas razões? Pois arranjem outras, comtanto que o assumpto se resolva. Ninguém solicitou a mercê dos galões que foram conquistados á custa de um inilludível direito, consolidado por muitos sacrificios. Desembainhámos a nossa espada, combatemos em prol da patria e da civilização, e não nos sobrou tempo para alguma accumulção rendosa que attenuasse o deficit para que não chegou a minguada subvenção. Temos portanto direito a que não nos regateiem o pouco que a lei nos confere.



NO SUL D'AFRICA

Campanha de 1907

E' tarefa muito difficil, descrever o que foi a campanha dos Cuamatos, para me abalançar a tão grande empreza; porem, accedendo ao pedido que me foi feito, e desejando mostrar, principalmente aos meus camaradas, o papel preponderante da nossa infantaria n'esta campanha, o faço, confiado que me desculpem a singelleza da phrase, visto me faltarem todos os predicados de escriptor e critico, supprindo-os, comtudo, pela expressão sincera, pela verdade simples dos factos, e pela boa vontade que tenho sempre tido de ser util a minha Patria.

Dividirei a minha simples narrativa em cinco partes, tratando a 1.^a da organização e instrucção ministrada á companhia d'infanteria 12; a 2.^a, marcha d'esta até incorporar-se na columna d'operações no morro-fronteiro e ao S. do forte Roçadas; 3.^a, a campanha com os Cuamatos; 4.^a, regresso da companhia ao reino; 5.^a, vantagens e inconvenientes encontrados no armamento, equipamento, calçado e fardamento.

1.^a PARTE

Organização e instrucção ministrada á companhia

Organização — Effectivo: 1 capitão, 4 subalternos, 8 sargentos, 4 corneteiros, 12 1.^{os} cabos, 6 2.^{os} cabos e 222 soldados. Total: 5 officiaes e 252 praças de pret.

O regimento d'infanteria 12, unidade que pertencia destacar a companhia, unicamente deu 3 officiaes, 3 sargentos, 1 cabo e 8 soldados, os outros eram de diferentes corpos, onde voluntariamente se offereceram para to-

mar parte nas operações, tendo ido á séde do seu novo regimento sómente para receberem o armamento e equipamento, marchando por pelotões para a Escola Pratica d'Infanteria, afim de receberem instrucção de tiro.

Assumi o commando da companhia em Mafra, em 22 de abril. Passando revista ao armamento e equipamento, achei conveniente a sua substituição, para o que fiz uma exposição, juntando-lhe requisições não só d'estes artigos como as de material de bivaque, fardamento, calçado e respectivas reservas, calculadas para um anno. Tudo me foi fornecido, ordenando-me Sua Ex.^a o ministro da guerra que pedisse o que fosse necessario, por fórma a não haver faltas. Voltei depois a minha attenção para a disciplina e instrucção das praças; confesso não me desanimou mas tambem não me sorriu.

A selecção feita pela fórma que acabei de expôr, traz as seguintes vantagens: os soldados são os mais destemidos, arrojados e valentes, a maior parte tem 25 annos de idade e por isso resistem facilmente ao clima, ás fadigas de longas etapes e ás privações d'uma campanha; porem, tem os seguintes inconvenientes: não conhecem os officiaes e sargentos, não receberam a mesma orientação na instrucção, não existem os laços de camaradagem, são de provincias differentes e a maior parte d'elles teem andado desviados do serviço.

Pelo que acabo de expôr, parece-me conveniente quando qualquer unidade destacar para Africa se faça a selecção no proprio regimento, principalmente quando tiver de marchar sem uma previa preparação.

Instrucção — Theorias sobre armar e desarmar a arma, limpeza do armamento e equipamento, principios geraes de tiro e exercicios preleminares d'este, cuidados hygienicos a observar nos climas tropicaes, serviço de segurança em marcha e em estação, tactica usada pelos Cuamatos, processos adoptados por estes para nos obrigarem a consumir as munições, emboscadas, obras de fortificação a construir e quaes as empregadas pelo inimigo, diligencias que empregam para penetrarem no acampamento e causarem o panico.

Tiro ao alvo, obtendo-se a percentagem de 160 atiradores de 1.^a e 63 de 2.^a classe, avaliação de distancia á vista, tactica abstracta e applicada, armar e desarmar tendas.

Durou esta instrucção 32 dias, sendo completada na

Chibia, districto de Huilla, a que me referirei em occasião oportuna, e finda a qual adquiri plena confiança na unidade que me havia sido confiada. O mesmo conceito formou o commandante da columna quando a viu evolucionar e mandou depois louvar, pelo seu estado de disciplina, aprumo e correção em todos os movimentos.

2.^a PARTE

Marcha da companhia até incorporar-se na columna d'operações, no morro fronteiros ao S. do forte Roçadas

Recebeu a companhia ordem de marchar para Lisboa em 28 de maio, devendo alojar-se no quartel d'infanteria 2. Um dia antes seguiu a secção de quartéis, tendo alterado a sua composição com mais 4 soldados, por ser insufficiente o numero determinado no regulamento de campanha, attendendo aos serviços de vinha encarregada, chegando essa secção a ser formada com 12 soldados, logo que desembarquei, em Africa, no porto de destino.

No dia designado, embarcámos na estação de Mafra, pelas 9^h,45' da manhã, desembarcando-se na do Rocio ás 10^h,15', seguindo-se para infanteria 2, onde estivemos até ao dia 1 de junho.

Não posso deixar de aqui patentear o meu reconhecimento, pela maneira lhana e affavel como fomos recebidos pelos dignos officiaes d'infanteria 2, e agradecer-lhes a espontanea coadjuvação que nos prestaram, mostrando-nos assim a mais franca e leal camaradagem, tendo á sua frente um commandante brioso, muito digno e illustrado, que honra aquelles que teem a ventura de servirem sob as suas ordens.

Em 1 de junho teve logar o embarque, no vapor *Lusitania* da Empreza Nacional de Navegação. Ás 8^h e 30' da manhã d'este dia, formou a companhia na parada do quartel, não faltando praça alguma; antes de dar a voz de marcha fiz uma brève e simples allocução, exhortando os soldados ao cumprimento do seu dever, terminando por vivas á Patria, á Familia Real, ao exercito e marinha, sendo entusiasticamente correspondidos por todos os officiaes e praças que nos claustros do quartel se encontravam para se despedirem.

Posta a companhia em marcha, levando na frente a banda do 2, que executava o hymno nacional, o povo

durante o nosso percurso até ao Caes da Areia, ora nos saudava, ora lastimava a nossa sorte, julgando que iam ter outro massacre; porem os soldados, sempre alegres e entusiasmados, confiavam que uma boa estrella nos guiaria.

Procedeu-se ao embarque por secções, o pessoal de serviço indicava ás praças os logares que anticipadamente lhe haviam sido marcados nas camaratas, as quaes estavam n'um asseio e compostura dignas de louvor.

Ao meio dia, a charanga de bordo e a banda d'infanteria 2 executavam o hymno nacional, o navio levanta ferro, rompendo com entusiasmo os vivas á Patria, a El-Rei, a Sua Magestade a Rainha e a Familia Real, a que a multidão correspondia delirantemente, e accenando-nos com os lenços dava-nos o ultimo adeus.

Depois de passarmos a barra, ordenei aos commandantes de pelotões que os mandassem dividir em grupos de 10, tendo cada um por chefe um cabo, o qual ficaria responsavel de mandar receber as refeições e distribuil-as pelas praças do grupo.

Aos officiaes recommendei que permittissem ás praças o não comparecerem ás formaturas, porque a maior parte encontrar-se-hia, até á Madeira, encommodada com o enjão.

Em 3, de madrugada, avistámos terra, e ás 9 horas, aportavamos á pittoresca e encantadora ilha da Madeira; demoramo-nos aqui 6 horas, permittindo somente o desembarque a tres praças, naturaes da ilha.

Na ordem mandei publicar:

1.^o—Que além do pessoal privativo de serviço da companhia, seria nomeada uma guarda de policia, composta de 1 cabo e 6 soldados, 1 corneteiro e uma ordenança.

2.^o—O official de dia terá as attribuições de official d'inspecção.

3.^o—A guarda de policia fornecerá uma sentinella ao tombadilho, junto ás camaratas, e outra ao deposito de agua.

4.^o—Os pelotões, alternadamente, e em seguida ao café, procedem a um dos seguintes serviços:—lavagem de roupa ou limpeza do correame ou banho.

5.^o—Que ás 2 horas da tarde tenha logar uma theoria sobre as materias mencionadas na instrucção recebida em Mafra.

A's 3 horas da tarde o navio levantou ferro, e seguindo a sua derrota, chegamos a S. Thomé no dia 13, onde se festejava pomposamente o nosso tradicional Santo Antonio. Auctorisei os commandantes de pelotão a permittirem o desembarque de 10 praças. Mandeí nomear pessoal de ronda, não se dando occorrecia alguma.

Em 14, ao meio dia, seguimos para Loanda, onde aportámos ás 10 da noite, continuando a nossa marcha em 16, ancorando no dia seguinte na bahia do Lobito pelas 3 horas e 30 minutos da tarde. A's 7 horas d'este dia proseguimos para Mossamedes, onde chegamos a 19. Muito perto d'esta cidade, fômos surprehendidos por um espesso nevoeiro; o navio teve de diminuir o andamento, caminhava ao sabor das vagas; começou a avistar-se terra ao meio dia. A's 2 horas estavam em frente da bella e amena estancia balnear do planalto.

Fomos transportados para o caes em lanchões, fazendo-se o desembarque com difficuldade, devido principalmente ao estado do mar.

Feita a apresentação ao governador do districto, foi a companhia alojar-se parte na fortaleza e parte n'outras dependencias da camara municipal.

Estavamos pisando territorio africano, e agora iriamos passar por difficuldades, fadigas e privações, que muitos nunca calcularam; mas era preciso supportal-as com coragem e abnegação, para cumprimos a missão de soldado, a que voluntariamente nos impuzemos, para obtermos a desforra dos nossos camaradas massacrados pelas hostes negras, para levantarmos bem alto o pendão das quinas na região do Cuamato, e mostrarmos ao mundo inteiro quanto vale ainda um punhado de portuguezes, por que a raça é a mesma que outr'ora praticou brilhantes e assombrosos feitos nos campos de batalha.

Lisboa, 14 — 2 — 907.

(*Continúa.*)

F. PIMENTEL
Capitão d'infanteria.





UM POUCO DE HISTORIA

A instrução dos quadros nos fins do seculo XVIII, e a instrução actual

O exercito adquire forças no exercicio, e perde-as na inacção.

Maxima de *Vegetius*. (1)

O incremento dado á instrução dos quadros nestes ultimos tempos, a copiosa serie de regulamentos e outros diplomas tendentes a desenvolver a instrução do exercito e, por ultimo, a renovação das disposições sobre conferencias, suggeriu-nos a ideia de algumas considerações acerca das phases por que tem passado a instrução dos quadros desde os fins do seculo XVIII, em que o conde, Schaumbourg-Lippe, instituiu as bibliothecas militares, e formulou as instrucções para a resolução dos problemas militares. E' um pouco de historia, como dizemos no alto d'este artigo, e nada mais.

No fim dos dous *Regulamentos para o exercicio e disciplina dos regimentos de infantaria e cavallaria dos exercitos de Sua Magestade Fidelissima*, feitos pelo conde

(1) *Flavio Vegetio Renato*, — auctor da obra, — *De Re militari*; — viveu no IV seculo da nossa era no tempo de Valentiniano. E' um dos mais notaveis escriptores militares da antiguidade. Na bibliotheca de Mafra ha um exemplar de Vegetio intitulado — *Tactica sive de instruendis aciebus usore graecorum, ex interpretatione Theodozi Gazae*. — E' o volume 26 da 3.^a parte da estante 41 da galeria.

Schaumbourg-Lippe, está a, — Memoria sobre os exercicios de meditação militar para se remetter aos senhores generaes e governadores de provincias, afim de se distribuir aos senhores chefes dos regimentos dos exercitos de Sua Magestade, etc.

Essa meditação consta de xviii §§, afóra varias notas. No § vii, indica o numero de obras que os officiaes devem consultar, com determinadas restricções. Vejamos a doutrina do § xiv. Diz assim: — «Algumas vezes ha espiritos que, por terem lido muito, se deixão levar tão fortemente da opinião do seu proprio saber, que por este meio se enfraquece, e diminue o respeito, e a attenção devidos aos seus superiores».

Da leitura d'este parographo deprehende-se que a intenção do legislador, se assim se póde chamar, era restringir os conhecimentos dos officiaes aos que elles deviam ter para desempenharem as funcções dos seus postos. Já no § vii se indicavam as obras a consultar dizendo-se que algumas eram principalmente destinadas aos officiaes generaes, o que equivalia a dizer-se que ficavam interdictas essas obras a qualquer outro official. Vejamos a disposição de tal parographo.

«O grande numero de livros militares faz com que a escolha seja bastantemente embaraçada. Seria presumpção o querer decidir sobre a sua preferencia. Eu só proponho os seguintes para evitar a tardança, que causaria a indecisão».

Arte da guerra, — pelo marechal de Puysegur, 2 vol. in folio. O segundo volume especialmente merece estudar-se com uma especial applicação.

N. B. — Deve, porém, fazer-se reflexão, que tanto esta obra, como alguns dos livros que se seguem são principalmente destinados para os officiaes generaes.

Memorias do marquez de Feuquieres, 4 vol. in 8.

Instrucções de El-rei da Prussia aos seus generaes, com um tratado das obrigações da cavallaria ligeira.

Arte da guerra, pelo conde de Turpim, 2 vol. in 4.

Memorias de Montecuculi, 1 vol. in 12.

Reflexões militares e politicas do Marquez de Santa Cruz, 2 vol. em pequeno oitavo.

Ray de St. Genies, Arte de guerra pratica, 2 vol. in 8 pequeno.

Grand-Maison, A pequena guerra, ou Tractado do serviço da tropa ligeira em campanha, 20 vl. in 12.

Lacroix, Tractado da pequena guerra, 1 vol. in 12.
Clairac, Engenheiro de campanha, 2 vol. in 4.

Como se vê era bastante reduzido o numero de obras indicadas como devendo ser consultadas pelos officiaes. Não era permittido ir além. Veja-se a disposição do § xv.

«Outros se transportarão além da sua esphera, e suppondo-se habilitados para postos mais elevados, do que a sua actual estação, se descuidam das obrigações do cargo que occupam».

Os §§ xiv e xv, cuja transcripção fizemos, constituíam duas especies de abusos. Para evitar o primeiro abuso prescrevia o § xvii :

«A respeito do primeiro abuso se deve observar. — 1. — Que os escriptos de qualquer dos auctores, de que aqui se tracta, não tem nenhuma força de lei, e nenhum official será jámais admittido a auctorisar a sua conducta com a opinião de algum auctor militar, em tudo aquillo em que as ordens dos seus superiores forem expressamente determinadas; porque sómente por ellas, é que a sua conducta será julgada. — 2. — Que o official, cujo talento for já maduro pelo discurso, submeterá sem repugnancia a sua opinião, ainda que lhe pareça que esta merece toda a preferencia, ás ordens dos seus superiores. Um semelhante official sabe que a subordinação é a alma do serviço, e que sem ella vem a ser inuteis as melhores qualidades militares».

Com respeito ao segundo abuso, indicado no § xv acima transcripto, preceituava o § xviii, com a respectiva nota, o seguinte: — «Para evitar o segundo abuso recordar-se-ha, que o primeiro uso que o official deve fazer da leitura, é adquirir todas as instrucções *convenientes á sua graduação actual*; pois na *mesma graduação, é que elle actualmente deve obrar*». Nota. — «Como a maior parte dos auctores trabalharão sobre objectos mais geraes, os senhores officiaes devem escolher nos livros aquillo que, segundo este § xviii for proprio para a sua instrucção, e *deixar o resto para outro tempo*».

Era pela forma que acabamos de indicar, que se reprimiam os abusos mencionados nos §§ xiv e xv.

Uma especie de premio de consolação vinha expresso no § xx. Diz assim:

«Com tudo se algum official depois de se ter muito bem inteirado de tudo o que pertence á sua graduação actual, quer applicar-se á instrucção do que diz respeito

às graduações superiores, não lhe será isto *absolutamente* prohibido; porém, será ainda assim *empregar mal o tempo*, se se occupar no que pertence aos postos demasiadamente superiores ao que elle occupa, excepto no caso de o mover a isto alguma razão particular, como *verbi gratia*; ser ajudante do campo de algum general commandante, estar encarregado de correspondencias militares, ou achar-se empregado na repartição dos acampamentos, e das marchas».

Para fornecer aos officiaes os livros necessarios estabeleceram-se bibliothecas. Vejamos as disposições a tal respeito contidas nos §§ iv, v e vi da Memoria.

Diz o § iv: — «A leitura serve para formar-se o espirito militar, e prover-se de ideias: por ella se enriquece com as luzes, e com a experiencia dos outros: e os senhores officiaes não poderão melhor, nem mais agradavelmente (para aquelles que amão a sua profissão) empregar, do que na leitura, as horas do descanso que deixão, especialmente em tempo de paz, as funcções do serviço diario. Para facilitar os meios d'ella aos senhores officiaes, haverá em cada guarnição, debaixo da guarda e direcção do governador ou commandante, um numero de exemplares dos livros militares, que Sua Ex.^a o Ministro de estado, dirigindo os negocios da guerra ordenar, em consequencia das ordens de Sua Magestade».

«§ v. — Haverá logo ao principio exemplares de cada livro na sua lingua original, e assim que se puder, um numero consideravel de traducções na lingua portugueza. Emprestar-se-hão estes livros aos senhores officiaes, com recibos seus, e no fim de cada mez, os livros assim emprestados, serão restituídos á bibliotheca, para passarem a outros officiaes, ou para serem emprestados novamente aos mesmos, que em semelhante caso renovarão os recibos.»

Ainda o § vi prescrevia: — «O numero dos exemplares é mais importante, do que o numero dos diferentes livros; pois não é a questão formar lettrados, nem fazer ostentação de erudicção: o fim d'esta instituição, é sómente exercitar o talento dos leitores, e fornecer-os, ou seja pela mesma leitura, ou pela meditação que ella occasiona, de ideias das quaes possam, carecendo, fazer uso immediato na pratica; não sendo o parecer dos auctores auctorizado de modo, que obrigue á obediencia, poder-se-ha servir com escolha das suas

maximas, reflectir sobre a diversidade das opiniões, e instruir-se ainda mesmo pelos seus erros.»

Até aqui a parte theorica da Meditação. Estabeleceram-se bibliothecas, indicaram-se os livros, que os officiaes deveriam consultar, e no § XXI, dizia-se: — «Problemas militares. O coronel de cada regimento proporá, ou fará propôr aos officiaes do regimento problemas militares applicaveis quanto fôr possível a cada gradação».

Em nove numeros d'este paragrapho se acham expostas as regras a que devia satisfazer a resolução d'estes problemas, transcrevendo aqui algumas que nos parecem de certa importancia para o fim que tivemos em vista n'este despretencioso artigo.

No numero I preceituava-se que o official se deveria suppôr encarregado de qualquer operação militar, *proporcionada ao cargo que elle occupasse*, e no n.º 2, dizia-se que taes operações seriam propostas com toda a attenção necessaria, para não conterem nada de impossivel, devendo ao propol-as observar-se as circumstancias que a guerra verosimilmente fizer nascer, ou originar.

Taes problemas, diz ainda o n.º 3 não serão propostos por um modo geral, ou indeterminado; mas todas as circumstancias devem ser n'elles estabelecidas o mais possível, para que as ideias vagas, e geraes se applicuem com clareza, exactidão, e miudeza a objectos, que se representa serem reaes, e presentes.

As soluções dos problemas eram apresentadas por escripto em forma de memorias. Em taes memorias deveriam expôr o modo e disposição, ordem e operação executada, e a commissão de que haviam sido encarregados. As memorias deveriam ainda indicar, com a maior lucidez, as ordens e instrucções que tivessem dado aos seus subordinados para completa execução da missão que lhes havia sido confiada.

Determinava-se ainda, que o local, ou theatro da operação devia ser escolhido de modo que os officiaes tivessem d'elle o mais perfeito conhecimento.

A' memoria devia juntar-se a carta do local. Esta carta dizia-se que deveria ser um *borrão*, não tirado *com exactidão, ou desenho com arte, e elegancia*; devendo apenas indicar-se por *um modo approximado* á situação dos logares, as estradas reaes, os montes, e valles, os rios, regatos, pontes, desfiladeiros, e *tudo o que é militarmente*

interessante para a occasião de que se tracta; afim de fixar ideias pelo golpe do olho, e ajudar a imaginação e a memoria.

Em taes memorias era defeso apresentar doutrina contraria aos regulamentos, leis militares estabelecidas, e ordens expressas dos superiores.

Os coroneis deviam enviar todas as memorias, *ou aquellas cujas soluções mais acertadas tivessem sahido*, aos generaes encarregados de as examinarem, e estes depois do exame enviavam aos coroneis o seu parecer. E nas relações, e propostas que os coroneis tivessem de fazer seguir até ás instancias superiores deviam fazer menção do que os generaes tivessem dicto sobre o assumpto, *afim de que a capacidade e os talentos dos senhores officiaes a este respeito cheguem ao conhecimento de Sua Magestade.*

Eis as disposições ácerca dos problemas militares, que deviam ser resolvidos pelos officiaes de infantaria e cavallaria.

Em nota dispunha-se que *era util que os officiaes de artilharia e engenharia se occupassem tambem n'esta especie de estudos militares.* E, a estes officiaes dava-se toda a liberdade na consulta de livros, como adeante veremos.

As razões pelas quaes foi extensivo aos officiaes de artilharia e engenharia a resolução de problemas militares vê-se logo no principio da nota a que nos estamos referindo pelas seguintes palavras: — «Notar-se-ha a respeito d'isto, que sem fazer menção das razões que nascem da connexão immediata dos objectos, (taes como por exemplo os movimentos, e operações da artilharia com as tropas, a escolha das situações para as obras de fortificação em consequencia das posições, ou assento das tropas, etc.) convem que os senhores officiaes de artilharia, e engenheiros estendam os seus conhecimentos militares, além d'aquillo que é para assim dizer *reservado á sua profissão*».

Em subseqüentes artigos continuaremos a fazer *um pouco de historia.*

Aveiro — 1907.

J. CORREIA DOS SANTOS
Major de inf. 24.





METRALHADORAS

(Continuado do n.º 3 — 1908)

O aparelho de pontaria em direcção consiste n'um leito onde se apoie a cauda de bronze da peça a que está ligada a metralhadora. N'este leito correm d'um e outro lado da cauda dois corpos destinados a determinarem, até zero, o angulo azimuthal do leque de fogo.

Estas peças são fixas em qualquer posição por meio de um excentrico e de uma alavanca.

Ambos os aparelhos são de simples e facil manejo. No emtanto o de pontaria em largura para o fogo em leque, é origem de perda de munições pela quasi impossibilidade de, muito lentamente, como é necessario, se poder fazer mover durante o fogo. Em geral as balas juntam-se nos dois pontos extremos do movimento; isto é, nos flancos do leque.

Este reparo, ainda que relativamente pesado, não tem grande estabilidade.

E' indispensavel principalmente quando sobre terrenos duros, cavar os 3 pontos de apoio no solo, correspondendo aos pés do tripé. E ainda, fazer a pontaria sentado, porque a flecha cede ao peso do apontador.

Uma pontaria feita pelo apontador não sentado, é sempre baixa por a bocca do cano se elevar, quando o apontador se senta para fazer fogo.

Este reparo monta-se sobre o rodado não só para o transporte mas tambem para, sobre elle, fazer fogo.

Sobre o rodado é mais estavel a posição da metralhadora, mas é tambem mais visivel o alvo e mais apertado o espaço para o serviço dos serventes.

Transporte

O emprego especial das metralhadoras conforme a organização dos seus agrupamentos e fins que se tem em vista, arrasta consigo uma forma de transporte diferente.

Podemos considerar 6 fórmias diferentes de transporte das metralhadoras:

- a) em viaturas;
- b) directamente sobre rodado;
- c) em trenó e rodado;
- d) a dorso de solipede;
- e) a dorso de homem;
- f) sobre automoveis blindados.

Quanto ao transporte das munições faz-se como em a), d), e), f), e ainda manualmente.



Fig. 32

Do transporte das metralhadoras e munições em viaturas, é melhor modelo o adoptado no exercito allemão desde 1901, fig. 32.

Este material, fornecido aos grupos de metralhadoras independentes, são destinados a concorrer com todas as armas; e por isso, são tirados a 4 cavallos cada armão e carro engatados, com a metralhadora.

O armão (carro da frente) contém:

4 caixas (cunhetes) com munições;

1 caixa de folha para agua;

- 1 pequeno barril com glycerina;
- 1 pá;
- 1 picareta;
- 1 machado.

O carro detraz, que carrega com a metralhadora, transporta além d'ella, mais 3 cunhetes com munições.

A metralhadora é montada sobre o centro e em cima d'este carro conjuntamente com o seu reparo (fig. 32), que pode ou não estar armado com as rodas, como já dissemos.

Dois dos serventes sentam-se sobre este carro, um de cada lado da metralhadora; os outros dois sobre o carro da frente. Os conductores montam os cavallos de tiro.

O material assim constituido pode acompanhar inclusivamente a cavallaria.

A formação de combate toma-se rapidamente.



Fig. 33

Os serventes saltam em terra e puxam a metralhadora, rodando-a, arrastando-a, ou transportando-a como sobre padiola, conforme o terreno em que combatem, para a posição já indicada e marcada pelo chefe da metralhadora (unteroffizier).

Os dois serventes que iam no carro da frente tiram as munições e seguem os outros.

A fig. 33 mostra o material da nossa metralhadora caracterisada por ser transportada directamente sobre rodado.

Ainda que ella possa ser transportada sobre o tripé, isto só muito raramente succederá e só para mudanças de posição muito proximas, por o seu transporte exígir 3 homens e ainda assim ser moroso e difficil. A unica

forma de transporte é sobre o rodado, quer por um ou dois homens, quer engatada ao carro de munições.

Este, transporta as munições já convenientemente dispostas, os cartuchos nas fitas e estas nos cunhetes. Contém 15 cunhetes com duas fitas a 250 cartuchos cada um, o que perfaz um total de 7.500 cartuchos por metralhadora.

Além das munições também o carro transporta:

1 caixa com ferramenta e peças de sobressalente da metralhadora;

1 lata para agua;

1 lata para untura dos eixos das rodas;

1 cano de sobressalente;

1 machina de carregar;

1 picareta;

1 pá;

1 machado;

1 corda para a tracção por homens.

Um animal tira este material, que pesa (excepção feita do arreo) cerca de 900 kilos.

Pode, pois, acompanhar a infantaria, porém, em terrenos não accidentados. Mas, como o nosso paiz tem uma orographia muito variada, claro é que não se presta a manobrar em toda a parte, com tão fraca força de tracção.

Além d'isso muitos casos ha em que o carro de munições tem de ficar bastante distanciado da metralhadora e a alimentação d'esta fica prejudicada ou será deficiente se não se soccorrer de transporte das munições em baste, a dorso de muares, as quaes vão onde fôr a metralhadora. Assegura-se assim uma bôa alimentação á metralhadora, pois que as muares servirão para trazer do carro, as munições para junto da arma, com celeridade e facilidade incomparavelmente superiores ao que se conseguiria com os serventes.

Para conseguir também um superior resultado no transporte do material, muito conveniente seria que a tracção fosse substituida por uma parelha em logar de uma muar entre varaes.

Com o material existente apenas o conductor pôde ir sobre o carro. Os serventes vão a pé.

Com o transporte mixto, em carro e a dorso em baste e com a força de tracção augmentada, o material

actual poderia ir com a infantaria a todos os pontos do paiz a ella accessivel.

O transporte da metralhadora póde tambem ser feito no trenó sobre rodas, ao que o material allemão se presta.

As rodas, de ferro, muito leves, adaptam-se-lhe com rapidez, e um homem transporta-a com extrema facilidade.

O material que é transportado a dorso de homem, é, pelo que respeita á metralhadora e reparo, muito mais leve que o empregado n'outros transportes, e é actualmente usado este systema de transporte nas companhias alpinas da Suissa e na fronteira ungara (Bosnia).

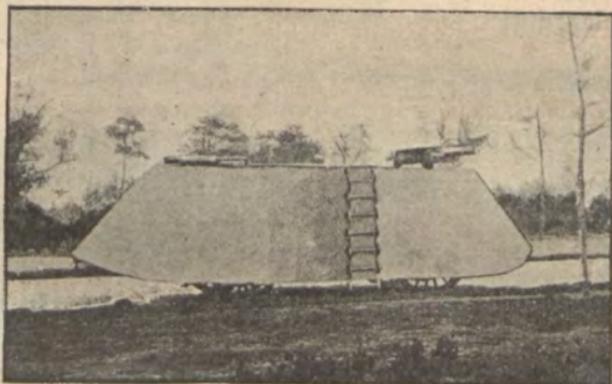


Fig. 34

As metralhadoras não pesam mais de 18 kilos e os reparos (*raf*) mais de 5. Umhas simples correias de couro servem á ligação do dorso. As munições em pequenas caixas são transportadas por fórma idêntica.

O transporte a dorso de solipede é vantajoso em paizes accidentados mas não se presta a grandes velocidades, pela difficuldade das seguras ligações.

Em geral um solipede supporta um baste, no qual d'um lado se monta a metralhadora e no outro o reparo. Outros em baste tambem transportam as munições.

O transporte da metralhadora em baste é vantajoso, como dissemos, nos paizes accidentados, porque é facil ao solipede o transportal-a aonde se queira. No entanto

está muito exposta a receber pancadas que a podem inutilisar mesmo na marcha.

Quando haja necessidade de, como na cavallaria, as operações para o fogo se succederem muito rapidamente, este meio de transporte é máu não só porque, por muito bem feitas que sejam as ligações, é morosa a operação da descarga d'ella e do reparo e da sua montagem n'este, como porque na operação inversa especialmente estando quente, é lenta e difficil a desmontagem e o carregamento do solipede.

Finalmente, existe ainda em ensaio o transporte das metralhadoras sobre automoveis blindados (fig. 34).

Em terrenos duros trabalharam perfeitamente nas manobras allemãs de 1905.

As metralhadoras são postas a barbete sobre a crista da blindagem, uma virada á frente e outra á retaguarda, e as munições são dispostas por fórma analoga ao de carro de cavallaria (fig. 30).

(Continúa)

CAP. BUGALHO

CAPITÃO CAMACHO

O commandante da companhia de infantaria n.º 13, que partiu para a campanha da Guiné, é o sr. capitão Jorge Perestrello de Pestana Velloso Camacho, que já por duas vezes se distinguiu em campanhas coloniaes.

Official valente, arrojado, destemido e sabedor, constitue, sem duvida, uma garantia do exito que a companhia de infantaria n.º 13 ha-de obter na campanha que se vae encetar para pacificar a Guiné.

Na expedição ao Nyassa, em 1899, essa celebre expedição habil e valorosamente commandada pelo nosso querido amigo, o então major de infantaria n.º 5, sr. Manuel de Sousa Machado, o capitão Camacho tomou parte nos combates dos dias 14, 20, 22 e 24 de agosto, tendo-se salientado no combate de Metanculo a 23 do mesmo mez.

Entrou no *encontro* e passagem do rio Livamballa a

14, no combate de Namatanda a 16, e na acção de Nangama e passagem do rio Luangua a 17 de outubro do mesmo anno.

Mais tarde, na campanha do Barué, entrou no combate de Xoarira, a 12 de setembro de 1903, e mereceu do bravo capitão-tenente, o sr. João de Azevedo Coutinho, governador da Zambezía e commandante geral das tropas em operações, referencias muito elogiosas e muito justas no relatório official d'essa campanha.

Por isso tem o sr. capitão Camacho a guarnecer-lhe a farda as merecidissimas e honrosas condecorações de cavalleiro e de official da Torre e Espada, a medalha de ouro de serviços distinctos e relevantes no Ultramar e a medalha D. Amelia com as legendas Nyassa — 1899 e Barué — 1903.

A *Revista de Infanteria* acompanha sempre com viva sympathia e o maior affecto todos os nossos camaradas que partem para as guerras coloniaes, avaliando, com toda a justiça, o valor dos sacrificios e os trabalhos que os esperam em territorios onde tudo é hostile ao europeu.

Faz votos pelo triumpho das nossas armas, e que mais uma vez se cubra de gloria o nosso velho e querido amigo, o sr. capitão Camacho, cuja alma de verdadeiro soldado e de verdadeiro patriota o tem arrastado ao sertão africano quando se torna mister affirmar a nossa soberania e submeter tribus revoltadas.



PELO GENERALATO

Quando o sr. ministro da guerra recebeu os cumprimentos dos officiaes da guarnição de Lisboa, pela sua recente elevação aos conselhos da corôa, disse que todo o seu empenho era elevar o valor do exercito para elle bem poder servir o paiz, e que o principal elemento

d'essa valorisação residia n'uma boa organização do exercito.

«Ella está sendo estudada, disse S. Ex.^a, pelo conselho superior da Defeza Nacional, e eu diligenciarei obter as bases da organização estudada para a ir successivamente pondo em execução, com o concurso do parlamento, em tudo o que fôr necessario».

D'estas palavras, que tiveram larga repercussão em toda a imprensa diaria, se infere que para breve teremos uma nova organização do exercito assente em bases estudadas pelo conselho superior da Defeza Nacional.

Não ha occasião mais asada para se organizar os quadros do exercito, em harmonia com as necessidades do serviço, e funcções de cada arma, em face das exigencias da guerra moderna.

Ha muito tempo que temos advogado n'estas paginas a necessidade imperiosa de dar-se satisfação á arma de infantaria, que se vê preterida no posto de general, sem para isso ter dado o mais insignificante motivo, vendo que os generaes existentes nem são em numero sufficiente para as necessidades do serviço da arma, nem estão na devida proporcionalidade com o numero de coroneis existentes, comparado com o das outras armas do exercito.

O subterfugio das chamadas vagas fluctuantes não pode subsistir.

Deixem-n'o ficar para sempre sepultado no pó do esquecimento, e aproveite-se a oportunidade, que o ensejo vae offerecer ao sr. ministro da guerra, para reconstituir o quadro do nosso generalato dando, primeiro que tudo, plena satisfação ás exigencias de uma organização militar moderna, havendo chefes no generalato para as diferentes unidades e serviços, depois, harmonisando-se esse quadro com uma justa e equitativa proporcionalidade entre todos os coroneis do exercito.

Ter a infantaria 7 generaes e as restantes armas 19, quando o quadro dos coroneis de infantaria é de 49 e os das outras armas de 45, não é nem justo, nem tão pouco se amolda e casa com a organização existente no nosso exercito.

Actualmente temos 12 brigadas de infantaria e uma direcção geral da arma.

Logo, 13 seria o menor numero de generaes que devia ter a infantaria.

Mas como é natural que haja necessidade de mais um

general de infantaria, pelo menos, para qualquer commissão de serviço, 14 serão os generaes de brigada de infantaria pertencentes ao quadro.

E como actualmente o quadro dos generaes de brigada é constituído por 20 generaes, apenas ficavam para as restantes armas 6 vagas, o que na verdade não pode ser.

Por tanto, o problema apresenta-se com duas soluções; ou diminuir o numero de brigadas de infantaria, e parece-nos ser essa a intenção do Conselho Superior da Defeza Nacional, ou alargar o quadro dos generaes de brigada.

Sem querermos, n'este momento, emittir parecer sobre um assumpto que ainda está sendo estudado pela estação competente, reservando-nos para em occasião oportuna dizermos de nossa justiça, seja-nos permittido alvitrar a conveniencia de, na nova organização que vai dar-se ao exercito, e oxalá corresponda ás necessidades da defeza do paiz, attender-se á harmonia que deve haver entre todas as armas, não ferindo a susceptibilidade de nenhuma, com preferencias absolutamente injustificaveis, lesivas do direito de cada uma, e ainda menos preterindo-se, sem razão nem motivo de ordem technica ou moral, a infantaria, que não querendo para si as honras de ser a que mais trabalha na paz e a que mais soffre na guerra, se julga pelo menos em egualdade de circumstancias para com as suas irmãs.

Isto desejamos accentuar da forma mais nitida e clara, porque bem sabemos ser este o clamor de toda a arma.

Não queremos dar ao quadro as côres carregadas que elle merece, porque confiamos em que o sr. ministro da guerra nos fará inteira justiça.

E a justiça da nossa causa resalta bem flagrante e bem palpavel de uma infinidade de artigos que temos produzido, ha já annos, n'esta Revista, e que de novo virão á flux se tanto fôr preciso.





BIBLIOGRAPHIA

Oração proferida na sessão solenne de abertura da Escola do Exército, 1907-1908, por *Alfredo Vaz Pinto da Veiga*, major de engenharia, lente da 14.^a cadeira.

Em obediencia a um preceito regulamentar do nosso primeiro estabelecimento de instrução militar coube a vez, no anno lectivo que está correndo, ao nosso querido amigo e talentoso camarada, o sr. major Veiga, de proferir a chamada oração de *Sapientia*.

Esse notavel trabalho, digno de um registo muito especial, acha-se impresso, e é com o mais profundo reconhecimento e a maior gratidão que vimos agradecer o folheto recebido e a carinhosa dedicatória com que nos distinguiu o nosso querido amigo.

A impressão que nos deixou a leitura meditada do admiravel discurso do sr. major Veiga é d'aquellas que nunca mais se apaga.

Ha alli a manifestação palpitante do trabalho consciencioso do homem de estudo, do professor para quem a honestidade scientifica constitue brazão de honra do seu caracter; encontra-se n'aquellas brilhantes paginas fulgurações de um grande talento, a affirmação de uma individualidade superior, e, até o sentimento apaixonado de um verdadeiro patriota e de um grande pensador.

N'aquellas paginas scintillantes, onde se casam em doce harmonia a ideia elevada, o conceito scientifico e a forma encantadoramente litteraria, encontra-se lição que todos devem sempre conservar na memoria e no coração.

«Luctar e vencer, diz o sr. major Veiga, é lei do progresso, e as nações que conservam um patrimonio colonial são responsaveis do seu estado de avanço ou de atrazo perante o mundo.

«A guerra é instrumento de penetração, um meio de estabelecer relações com os indigenas, o que não quer dizer que se

dispendam granadas para espoliar tribus, mas que se aproveite o prestigio das armas para que a bandeira protectora exerça o seu predominio, attrahindo o sertão á esphera do trabalho.»

Passa em revista depois as paginas brilhantes das nossas guerras colonias e referindo-se á campanha de 1895, diz:

«A 7 de novembro nascia o sol na lingua de Coolella; a columna do norte proseguiu na sua marcha methodica e ordenada; os vatuas, avançando em forma de crescente envolvem o quadrado; prestes rompe o fogo nervosamente, mas logo toma, á voz firme do bravo coronel, a regularidade compassada de um exercicio, semeando a morte no inimigo. Passava-se o épico prelude do bombardeamento e do incendio do *kraal* de Manjase, que dias depois succedia, desfazendo-se em fumaradas a capital do imperio vátua.»

«E a curto trecho seguiu a cavalleirosa jornada de Chaimite, o logar santo onde se acolhera o supersticioso filho do Musilla. A prisão do Gungunhana por um punhado de portuguezes é maravilhosa empreza; commandava-os o heroe que mezes mais tarde batia em Macontene a sublevação do Maguiguana e se lançava com os seus cavalleiros sobre os fugitivos, reduzindo de vez á obediencia o paiz de Gaza.»

E para fecharmos as citações, porque o espaço não nos sobra, mais esta passagem, que é sem duvida preciosa joia engastada n'essa riquissima filigrana do talento e da erudição do nosso amigo, o sr. major Veiga:

«As cathedraes romanicas dos primeiros tempos da monarchia, erigidas por monjes, são livros de pedra mais duradouros do que os archivios dos conventos seus contemporaneos, bem mais expressivos que as coplas dos trovadores, cuja frouxa imaginação não se compara com as phantasias dos capiteis.»

«Santa Maria da Victória, esse poema da Batalha, compartilha do entusiasmo e do colorido das chronicas de Fernão Lopes, define o espirito crente e patriotico de El-Rei D. João I, que lá repousa da sua agitada vida no venerando pantheon, ao lado da virtuosa e austera esposa, e rodeado das cinzas dos filhos,

Inclita geração, altos infantes.»

«Nas ogivas arrojadas e puras ha como o flammejar da espada de Nun'Alvares. A fabrica ponderada e logica do monumento lembra a dialectica do douto João das Regras. Na flora mimosa dos ornatos presentem-se os votos da ala dos namorados. A amplidão das naves e claustros é proporcionada á grandeza moral do povo, conscio do seu querer e vitalidade que, acclamando o mestre de Aviz defensor do reino e elevando-o ao throno, scismava talvez com Ceuta e com os mysterios do *mar tenebroso*.»

As nossas felicitações ao erudito professor e os nossos agradecimentos ao querido amigo.

Conferencia realisada em janeiro do corrente anno no regimento de infantaria 16, pelo capitão do mesmo regimento, *Manuel Joaquim de Barros*.

Acabamos de ler com o mais profundo agrado a conferencia do nosso camarada, o sr. capitão Manuel Joaquim de Barros.

E' um trabalho muito interessante de historia, onde o auctor faz vibrar toda a sua alma de soldado, crente de que o nosso passado glorioso é lição da maior valia para as esperanças do nosso futuro.

Passa em revista as grandes façanhas dos antigos portuguezes dominando e desbravando os mares, creando o imperio da India, marchando na vanguarda da civilisação europeia e enchendo a Historia com o heroismo e grandeza d'esta nossa raça luzitana.

Relembra as nossas mais brilhantes campanhas coloniaes modernas e aponta o nosso dominio ultramarino, já pequeno para o muito que foi, mas ainda grande bastante para absorver muito actividade e muitos esforços, constituindo a grande esperança da prosperidade de Portugal.

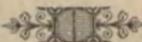
E' nas colonias que o sr. capitão Barros presente o grande emporio do trabalho, a grande fonte de riqueza, a vasta arena para este povo poder exercer as suas industrias, applicar as suas faculdades de trabalho, desenvolver a sua missão civilisadora.

«A bandeira da Patria, diz o illustre conferente, feita da espuma do mar que acaricia as nossas praias e do azul do ceu que cobre este Portugal glorioso, tremula nos topos dos nossos mastros com a mesma galhardia que nos tempos aureos das nossas conquistas e descobertas. Hoje não vivemos puramente das nossas tradições d'outr'ora, esse foi o nosso grande mal.»

«Neste momento historico trabalhamos para, perante as nações estrangeiras, occuparmos o logar honroso que nos pertence como verdadeiros campeadores da civilisação, construindo caminhos de ferro, melhorando esses soberbos portos que por toda a costa africana possuímos, fomentando as nossas riquezas naturaes, que as temos como poucos, mas o que ha para fazer é muito, é muitissimo mesmo.»

«Pois bem. A's nossas virtudes de homens de acção, allie-mos a perseverança e o tino administrativo e este velho Portugal como o grande personagem de Goethe rejuvenescerá formoso e forte, majestoso em terra, grande nos mares, com esse grande emporio commercial africano que bem orientado será a joia mais rutilante d'esta corôa feita das mais brilhantes gemas que a Natureza offertou á Terra.»

Resta-nos, agradecendo a oferta da preciosa conferencia, felicitar muito cordalmente o seu auctor.





Secção do estrangeiro

Austria-Hungria. — Em cada corpo de exercito ha uma *escola pratica* destinada a aperfeiçoar a instrucção tactica dos tenentes de todas as armas. Este curso dura 6 mezes, de 1 de janeiro a 1 de julho de cada anno.

Só os officiaes admittidos na Escola Superior de Guerra é que são dispensados da frequencia d'esse curso.

Afim de harmonisar o trabalho de todas estas escolas o ministro da guerra austriaco acaba de nomear um general para inspector geral das escolas praticas.

França. — Sabe-se que é na celebre *Torre Eiffel* de Paris que está installado o posto de telegraphia sem fios que tem a França em communicação com Marrocos.

Ha pouco houve um incendio na *Torre Eiffel*, que produziu importantes prejuizos, mas que não attingiu o posto telegraphico.

*

Na fabrica de armas de Saint-Etienne trabalha-se activamente no fabrico das novas metralhadoras destinadas ao exercito francez.

Os regimentos francezes vão recebendo esta nova arma á proporção que a fabrica as vae produzindo.

A 1.^a divisão de cavallaria aquartellada em Paris, vae tambem receber metralhadoras, estando já a construir-se um parque no quartel do 1.^o de «Couraceiros» para as guardar.

Russia. — Como se esperava, foi condemnado á morte o general Stoessel, o celebre defensor de Porto-Arthur.

Os seus co-reus, general Fock, foi reprehendido, e os generaes Reiss e Smirnoff foram absolvidos

O general Stoessel foi condemnado por ter capitulado tendo a praça ainda viveres e munições para poder resistir.

O proprio conselho de guerra que o condemnou invoca a clemencia do Imperador pedindo a commutação da pena em 10 annos de prisão n'uma fortaleza, assentando esse pedido nos seguintes factos:

a) Foi sob as ordens do general Stoessel que Porto-Arthur resistiu a forças esmagadoras com uma tenacidade sem exemplo, enchendo de admiração o mundo, espantado deante da bravura heroica da guarnição;

b) Foi sob as suas ordens que muitos assaltos foram repellidos com perdas terriveis para o inimigo;

c) Foi Stoessel que durante o cerco soube alimentar a heroica coragem dos defensores;

d) Emfim, o general Stoessel tinha tido uma brilhante conducta em trez campanhas anteriores.

Allemanha. — Como se sabe, e já aqui n'esta «Revista» referimos, o exercito allemão está creando companhias de metralhadoras especialmente destinadas para a infantaria.

Vamos apresentar as ideias allemãs sobre este assumpto, aliás da mais palpitante actualidade.

«Os *destacamentos de metralhadoras*, diz o jornal allemão «Neue Militoerische Bloetter», que até ao presente temos organiado, teem as suas armas transportadas em carretas que se separam facilmente do armão: os serventes são transportados na viatura e os officiaes e sargentos a cavallo. Estes destacamentos constituam na marcha de avanço um verdadeiro reforço para a cavallaria fazendo serviço de descoberta a grande distancia da frente. No combate constituam nas mãos do commando superior um elemento efficaz para operar contra os flancos do adversario, ou para impedir inergicamente e rapidamente um movimento do inimigo contra o nosso proprio flanco.»

«Uma vez terminado o serviço de descoberta, estes destacamentos não eram mais necessarios na frente, retirando para a retaguarda da linha de combate para constituirem uma reserva rapidamente utilisavel nas mãos do commando superior.»

«O emprego, porém, das *companhias de metralhadoras* será completamente differente.»

«Ellas devem estabelecer-se nos pontos da linha de combate em que se pretenda pôr em acção uma potencia de fogo tão grande quanto possivel, n'um espaço tão estreito quanto possa ser nas linhas de atiradores da infantaria.»

«Os pontos de apoio que caem nas mãos do assaltante são occupados com metralhadoras para obstar um contra-ataque, ainda mesmo emprehendido com forças superiores. Se a infantaria é obrigada a bater em retirada, as metralhadoras protegendo essa retirada, habilmente collocadas, impedem que o inimigo se lance para a frente e evitam a perseguição pelo fogo.»

«Assim, enquanto os *destacamentos de metralhadoras* são empregados as mais das vezes em conformidade com a ordem do commando superior, não se fraccionando geralmente, as *companhias de metralhadoras*, pelo contrario, serão fraccionadas em pequenos grupos tendo um emprego completamente individual. A regra será collocar as secções entre os batalhões de infantaria.»

«Só excepcionalmente serão as 6 armas das companhias de metralhadoras empregadas todas juntas. Nos *destacamentos de metralhadoras* era permittido o emprego de uma metralhadora isolada, nas companhias é absolutamente prohibido fraccionar a secção de duas metralhadoras.»

D'aqui, conclue o mesmo jornal que os *destacamentos de metralhadoras* constituem uma arma nova, quasi que exclusivamente empregada pelo commando superior, enquanto que as *companhias de metralhadoras* constituem uma arma auxiliar da

infanteria, organicamente ligada a esta, tendo o seu emprego no quadro do combate da infanteria.

Hespanha. — Uma comissão de officiaes de cavallaria, composta dos nossos camaradas do exercito hespanhol os coroneis D. José Cortés e D. Joaquin Roselló, do major D. Felipe Navarro e dos capitães D. Pablo Montesinos, duque de la Victoria e D. Felipe Escalada, acaba de apresentar á approvação superior um modelo de uniforme de campanha e novo equipamento para a cavallaria do exercito visinho.

A gravura que juntamos, que é d'um sargento de cavallaria, dá uma ideia perfeita do novo uniforme, que é de côr gris esverdeada, sendo o chapéu leve, impremeavel e malcaavel.

Este modelo vae ser ensaiado praticamente por uma força do regimento de Husares de la Princesa, que fará um percurso de mil kilometros para poder-se praticamente avaliar das suas vantagens ou inconvenientes.

O novo uniforme de campanha para as tropas de infanteria tambem está sendo estudado.

Julga-se que muito brevemente o exercito hespanhol terá um novo uniforme de campanha, commodo, resistente e pouco visível.

Inglaterra. — O ministro da fazenda do Reino Unido, Mr. Asquith, respondendo na camara a uma interpeção de Mr. Macdonald, disse: «A nossa força naval dá-nos uma supremacia inatacavel. Devemos conservar esta supremacia. O imperio dos mares é para nós, inglezes, uma questão de vida ou de morte. Esse imperio é-nos absolutamente necessario, não contra perigos imaginarios, mas contra todas as contingencias que um homem de Estado deve rasoavelmente prevêr. Precisamos, portanto, a todo o custo, conservar a nossa superioridade sobre as bases precedentemente estabelecidas.»





11.º ANNO

MAIO DE 1908

N.º 5

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL
Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

METRALHADORAS

(Continuado do n.º 4 — 1908)

**Peso e algumas dimensões do material
da Maxim portugueza, de 6^{mm},5 m/1906, e outras**

Designação	Kilos
Metralhadora completa (sem agua).....	26,750
Agua	3,5
Reforçador do recuo.....	1,090
Bloco	1,720
Cano	2,900
Tripé	40,0
Escudo	13
Tripé com rodado e escudo	117,500
Cunhete (vasio)	4,500
Fita carregadora (vasia)	1,070
Pá	2,600
Picareta	3,800
2 cordas para tracção.....	2,200
Machado	2,700
Caixa para agua	1,310
» para untura	0,450
» de ferramenta	7,500
Machina de carregar fitas	9,0

Designação	Kilos
Carro de munições (completo e sem cartuchos)	360
Comprimento do cano	0 ^m ,72
Comprimento da metralhadora	1 ^m ,10
Base do tripé armado	$\frac{1,10 \times 1,80}{2}$
Reparo de marinha (gaveas)	48,060
" " " (convez)	25,400
" " " (torpedeiros)	25,400
" " " (saia e pivot)	23,600
Reff e metralhadora	35,000
Baste descarregado	De 17
Metralhadora Maxim, alemã	a 21,200
Agua	26,0
Reforçador de recuo para o tiro com bala simulada	3,800
Reparo de trenó com rodas	1,600
Reparo de trenó sem rodas	64,500
Tripé articulado	52,500
Comprimento de metralhadora	26
Comprimento do cano	1 ^m ,08
	0 ^m ,72

Manejo

Collocada a metralhadora na posição e proxima-mente na direcção do alvo, e o cunhete aberto e atravessado debaixo do tripé, correspondendo proxima-mente á vertical que passa pelo alimentador, o apon-tador, sentado, levanta a alça e gradua-a, rodando o rolete para fazer subir ou descer o cursor até que a sua linha de fé corresponda com a distancia dada, e marcada na lamina graduada.

Por meio das respectivas alavancas desaperta os appparelhos de pontaria em largura e profundidade, fa-zendo, a seguir, uso d'elles. Para isso, manobra pri-meiro o volante do parafuso de elevação de forma que a linha de mira fique na altura desejada, antes, porém, mais baixa do que alta; depois desloca a metralhadora para um ou outro lado, fazendo-a rodar sobre o pião com as mãos no punho duplo até obter a direcção desejada.

Com as duas mãos, uma em cada espera do appa-relho de pontaria em direcção, fal-os escorregar sobre a mesa até encostarem á guia da cauda do eixo do tripé. Fixa a pontaria puxando a alavanca de aperto.

Corrige rapidamente a pontaria em altura e fixa-a tambem pelo mesmo systema.

Tomando a ponta metallica da primeira fita do cunhete, introduz-a no alimentador pela direita, puxando-a com a mão esquerda para este lado até que o primeiro cartucho fique preso pelos detentores do alimentador, o que se reconhece quando a fita resiste absolutamente á tracção.

Continuando sempre com a mão esquerda a puxar a fita, leva-se á frente completamente e larga-se, por duas vezes a manivella d'armar.

No primeiro movimento para a frente o porta-cartucho desce; largando a manivella elle avança e sobe, agarrando o primeiro cartucho.

No segundo movimento da alavanca d'armar para a frente o porta-cartuchos extrahe o primeiro cartucho, recua e desce, enquanto a fita livre d'elle mas sempre puxada para a esquerda, encosta um segundo cartucho á espera do alimentador. Largando a manivella de armar o primeiro cartucho, é introduzido na camara e o porta-cartuchos, subindo, vae agarrar o outro.

Está a metralhadora carregada.

Fazendo descer a segurança com o pollegar esquerdo e premindo o gatilho com os dois, os tiros succedem-se enquanto durar a pressão ou existirem cartuchos na fita. Quando esta não tiver mais, procede-se ao carregamento por identica fórma com uma nova fita carregadora.

E' indispensavel baixar a segurança para fazer funcionar o gatilho; se se allivia demasiado a pressão sobre este, a segurança sobe e o tiro é interrompido.

Se o fogo é com o fim de bater um sector, indicados os seus limites, o apontador, depois de fazer a pontaria em altura, aponta aos dois extremos do sector sem que os exceda e fixa as pontarias com as alavancas.

Se o tiro fôr destinado a bater o terreno em profundidade, fixada a pontaria em direcção, manobra muito suavemente o volante do parafuso de elevação para a frente ou para a retaguarda conforme quer augmentar ou diminuir o alcance.

E' necessario notar que a uma pequena elevação ou abaixamento da bocca do cano corresponde uma alça differente por centenas de metros até; e, como o

alvo, deslocando-se, por muito rapidamente que se mova não percorre espaços exagerados, o movimento do volante para bater o terreno em profundidade, deve ser muito suave e muito curto.

Para evitar desperdícios de munições e ainda as consequências graves que estas perdas acarretam, os apontadores devem ter todo o cuidado na manobra dos aparelhos de pontaria, nunca esquecendo fixar bem os que assim se devem conservar durante o fogo, porque as vibrações da arma fazem alterar as pontarias quando ellas não estiverem bem fixas.

E' preciso ainda notar que, propositadamente, a metralhadora é montada no reparo de fôrma a, aproveitando as vibrações, bater uma profundidade de terreno maior que um conjunto de armas do mesmo calibre e qualidades balísticas.

Assim, só em casos excepcionaes se deverá fazer uso do aparelho de pontarias em altura.

Tiro com bala simulada

As metralhadoras de pequenos calibres só podem funcionar quando a sua força de recuo seja artificialmente augmentada, porque o conjunto dos elementos que entram na formula do recuo são insufficientes (peso da bala) e exaggerados (peso da metralhadora) para darem um resultado cuja força seja sufficiente para o trabalho do automatismo.

São, pois, todas as metralhadoras de pequeno calibre munidas de um aparelho (reforçador do recuo) que suppre a falta dos elementos necessarios á producção da força que gera o movimento automatico.

A's metralhadoras de maior calibre (7^{mm},7 em deante) não se torna necessario o aparelho por sem elle se poder garantir o funcionamento automatico.

Mas se isto se dá com o tiro de guerra em que os pesos da bala e da carga da polvora são muito maiores do que com o tiro simulado, cuja bala é de madeira vasada e a carga diminuta, com este tiro já não se pôde conseguir o tiro automatico sem um reforçador de recuo.

Por isso a metralhadora allemã de 7^{mm},9 de calibre não tem reforçador de recuo para o tiro de guerra e a metralhadora funciona perfeitamente.

Para o tiro com bala simulada é que possui um aparelho que se rosca na bocca do cano da metralhadora *Rückstossverstärker für Platzpatronen* e que tem o mesmo fim que os reforçadores de recuo para o tiro de guerra das metralhadoras de pequenos calibres.

Este aparelho não é mais que uma camara onde os gazes se juntam, sendo forçados a sahir por uma abertura por onde a bala tambem sahe, mas que é de diametro bastante inferior a esta. Para a limpeza automatica dos residuos dos gazes da polvora que nas suas paredes tendem a depôr-se, tem uns anneis pesados que se movem a cada tiro em movimento de vae-vem.

O tiro é pérfeito e semelhante ao tiro de guerra, excepto na força do estampido, com a mesma regularidade e fazendo-se o automatismo egualmente como n'aquelle.

Para as Maxims de calibre de 6^{mm},5 não ha ainda reforçador para o tiro de bala simulada.

Ha todavia um aparelho que se adapta á metralhadora com o fim de fazer o tiro simulado mas não automaticamente.

Consiste este aparelho, que se fixa no punho da metralhadora, n'um rolete com escape onde se enrola uma cadeia articulada fixa a um anel que se liga ao eixo da cambota da metralhadora e ao qual se dá movimento por meio de uma manivella.

Fazendo rodar a manivella ao mesmo tempo que se prime o gatilho, as operações para o tiro succedem-se partindo os tiros.

Este aparelho propõe-se:

1.º Permittir que a metralhadora faça fogo em exercicios com uma velocidade muito rapida fazendo uso de cartuchos com bala simulada sem risco de que o cano ou o mecanismo se damnifiquem.

2.º Permittir que a metralhadora seja posta em todas as suas posições de funcionamento exactamente da mesma maneira como quando faz fogo automaticamente, proporcionando assim um prompto meio d'instrucção.

E' verdadeira a primeira proposição, excepção feita no que se refere á grande velocidade que se attribue ao tiro, por isso que basta considerar o movimento rotativo applicado por um homem no extremo de uma alavanca de 0^m,16 de comprido para reconhecer que

muito brevemente se cança; e não reputamos em mais de 120 tiros (rotações) por minuto (e em muito poucos minutos) o que a machina, praticamente, é susceptível de dar.

Para o effeito de demonstração e instrucção isto é mais que sufficiente; mas para exercicios é muito pouco.

O aparelho falseia a realidade do tiro proprio da metralhadora. E é nos exercicios que as tropas devem reconhecer da potencia dos seus meios de combate.

Quem vir, pois, uma metralhadora dar 120 ou mesmo 200 tiros com extenuamento do apontador, não pôde considerar a arma com um valor igual ao de outra (a mesma mas com cartucho com bala) que dispara 500 tiros sem a mais pequena fadiga para o soldado.

Por isso aquella velocidade a consideramos mais que sufficiente para demonstração de funcionamento do machinismo e instrucção especial dos apontadores; mas muito defficiente para os exercicios a que as tropas concorrem com os seus fogos, desenvolvendo toda a potencia de que são susceptiveis e que sómente nas metralhadoras é falseada.

Propriamente o cano e o mechanismo da metralhadora nada soffrem. Mas as fitas ficam mordidas e inutilisadas para o tiro de guerra.

O que se affirma na segunda proposição não é constante, mas sim occasional.

As operações, em geral, não se succedem como no tiro automatico; mas sobrepõem-se e repetem-se até no mesmo tiro, com prejuizo, não só da veracidade e exactidão do tiro automatico, como das fitas, que são destruidas.

No tiro automatico, a culatra solidariamente com o cano, recuam no primeiro momento depois do tiro e logo que percorrem alguns millimetros a culatra affasta-se do cano; deu-se a translação da fita.

Com o aparelho, a culatra deixa muitas vezes o cano immediatamente o qual recua depois dando-se a translação da fita.

Isto não só altera a ordem automatica dos movimentos mas ainda destroe a fita, porque ao completar a rotação, a manivela d'armar cae para a frente, obrigando a um esforço superior, que faz recuar novamente

o cano, o que produz rasgamento na fita, por este novo recúo tender a sobrepôr um cartucho a outro, o que não é possível.

Querendo abstrahir nos exercicios da velocidade de tiro tão conforme com a verdade quanto possível, o que é inconveniente, e sacrificar na instrucção especial muitas fitas, o que tambem não convém, o apparelho pôde servir, mas não para demonstração.

Todos os inconvenientes desaparecerão quando se construir, para os pequenos calibres, um apparelho analogo ao allemão Platzpatronenapparat, que faz o tiro com bala simulada identicamente ao tiro de guerra.

(*Continúa.*)

CAP. BUGALHO.

Acerca dos alferes promovidos para o ultramar nos termos do decreto de 14 de novembro de 1901

II

Depois de escripto o artigo anterior chegou até nós o boato de que o assumpto referente á collocação na escala de acesso dos alferes que regressaram do ultramar, que ali serviram nos termos do referido decreto, ia ser presente ao parlamento.

Ignóramos que especie de intervenção se pretende dar as côrtes. E' para modificar a lei? Não é occasião d'isso, quando ella já foi cumprida tal como está, não se podendo, portanto, ampliar nem restringir vantagens.

Nem n'elle ha esse apregoado conflicto entre os artigos 6.º e 10.º, se não estamos enganados, mas não nos parece. — Se, segundo este ultimo artigo, a entrada no quadro para applicação do artigo 6.º se deve fazer sem prejudicar a relação estabelecida no artigo 49.º da lei de promoções, é evidente que cada alferes proveniente da classe dos sargentos que fôr prejudicado deve recuar tantos logares quantos forem os camaradas que o prejudiquem, multiplicados por tres, aliás, não se manteria a relação. Ora, isto é tão claro que para o comprehender se prescinde bem da cooperação dos illustres representantes do povo.

O que se pretende pois? Não o sabemos. Mas, pessimista um pouco por temperamento, modo de vêr que a observação das cousas da vida tem justificado sufficientemente; vencido a cada passo por successivas desillusões que mais se teem accentuado e repetido desde a promoção a official, que parece ter-se dado em hora fatidica; nós não agouramos cousa boa de tão serodia resolução ministerial. Meditem no caso os nossos camaradas de infortunio, que nos hão-de achar razão. E, no fim de contas, chega a ser mesquinho o que nós pedimos!

— Bem sabemos que o nosso modo de ver contraria o de muitos camaradas que acostumaram a sua phantasia a vaguear em torno de magnificos projectos, mas isso não é motivo para que deixemos de dizer o que pensamos. E' que nós julgamos que, entrincheirados dentro da lei, podemos muito melhor defender o nosso direito, e isso faremos sejam quaes forem as circumstancias que se nos deparem.

Provado, como nos parece estar, que nenhuma razão ha que justifique qualquer demora na resolução do assumpto, urge pôr termo a tão anormal estado de cousas que affecta extraordinariamente o prestigio militar.

— Vejam esta linda situação: — Um alferes, nosso amigo, ainda não logrou vêr uma famosa declaração, a seu respeito, na ordem do exercito; isto é, segundo a maneira de vêr as cousas, lá pelas altas regiões, ainda não chegou á altura para a promoção (*sic*) naturalmente... porque *roubou* uma vaga a si mesmo. Tendo sido collocado n'um regimento, quando o fizeram commetter o tal *roubo*, viu-se, segundo nos contou e nós acreditamos, na situação mais deprimente da sua vida — *alferes sem antiguidade*, circumstancia em virtude da qual foi, por vezes, obrigado a fazer serviço que lhe não podia pertencer, porque, como solução mais facil, era considerado o mais moderno, o que não pode admittir-se, porque isso revela completo desrespeito pela lei de promoções para o ultramar, com prejuizo de sagrados direitos adquiridos. Alem d'isso conservava a triste impressão de que os camaradas o consideravam um intruzo que ali pavoneava uns galões a que não adquirira direito. E' triste, profundamente triste!

Alem dos prejuizos de ordem moral que vimos de mencionar, outros de ordem material, resultam. — As colonias não teem subalternos, que ali devem fazer muita falta, visto não se terem feito promoções, porque a lista

publicada na ordem do exercito n.º 22 (2.ª serie) do anno findo está errada na parte referente á inscripção dos alferes, facto de que se reclamou. Tambem muitos se supuzeram, com fundada razão, ao alcance da promoção a tenente para o ultramar, uma vez na posse dos seus direitos, e por isso não cuidaram em se collocar convenientemente, motivo porque se encontram deslocados, com prejuizo dos seus legitimos interesses, o que tambem é para attender.

Desfeita, como nos parece estar, a illusão de que não é de facil execução o decreto de que vimos tratando, vemos em que poderão ter consistido algumas difficuldades, para de algum modo acharmos justificação ao assaz moroso trabalho da commissão encarregada de estudar o assumpto.

— Quem escreve estas linhas tem occupado varias vezes a *Revista de Infanteria* sempre com honesta intenção de ser alguma cousa util á collectividade e á instituição que lhe tem consumido o melhor da sua existencia, e nunca com intuito vaidoso de alardiar meritos de escriptor, porque os não tem, como bem se vê. Conseguindo, com a exposição do seu modo de vêr sobre varios assumptos, estimular os mais competentes a aperfeiçoarem as ideias rudemente expostas seria isso paga mais do que sufficiente. Mas, se recordarmos o que se publicou n'esta *Revista* em maio de 1906 — muito a tempo de se evitar qualquer erro — teremos que nos convencer que as nossas modestas considerações eram dignas de mais alguma attenção. Então, apontámos nós o grave inconveniente de se promoverem a tenentes para o ultramar alferes que, fatalmente, haviam de ser mais modernos de que os que estavam prestes a acabar a commissão de serviço nas colonias. Assim vae dar-se o caso anormalissimo de haver tenentes mais antigos, que, como alferes, eram mais modernos do que os outros, sem que para isso haja uma razão justificativa. Será por causa d'isto que o assumpto vae, ao que dizem, ser presente ao parlamento? — Sentimos não poder alimentar qualquer esperanza acêrca da efficaçia de tal intervenção.

F. S.





Cosinhas rolantes

Temos, por diferentes vezes, n'esta *Revista*, feito referencia ás experiencias que teem tido lugar, principalmente na Russia, relativas ás cosinhas rolantes ou viaturas-cosinhas.

Na Allemanha este assumpto tem preocupado seriamente as attentões do exercito, e largas experiencias se fizeram tambem.

As cosinhas rolantes que funcionaram na guerra russo-japoneza comportaram-se por forma a fazer com que o governo allemão sollicitasse do Reichstag um credito de 1 milhão de marcos para adquirir d'essas cosinhas para o exercito.

A Austria acaba tambem de adoptar em principio as cosinhas rolantes, por ter reconhecido quão extraordinarios foram os serviços que prestaram na ultima guerra do Extremo Oriente.

Nas manobras imperiaes da Allemanha do anno passado as cosinhas rolantes prestaram optimo serviço e provaram a sua grande utilidade.

A imprensa militar allemã tem-se dedicado a uma propaganda activa e séria a favor das cosinhas rolantes, parecendo-nos, portanto, que prestaremos um serviço ao exercito transcrevendo n'estas paginas o parecer do coronel von François.

Chamamos a attentão para o artigo que se segue:

«As viaturas-cosinhas, assegurando aos soldados, em quasi todas as circumstancias, uma alimentação quente e convenientemente preparada, muito contribuirão para di-

minuir as doenças e mortalidade por doença, que, em todas as guerras, anteriores á campanha da Mandchuria, tem causado o fogo inimigo.

Assim temos:

Campanha de 1866 (prussianos): mortos 4.008; — feridos 12.774, total 16.782 — Doentes 57.989; mortos de doença, 5.000.

Campanha de 1870-81 (allemães): mortos 28.278; — feridos 88.543; total 116.821. — Doentes 475.400; mortos de doença 14.904.

Campanha de 1877-78 (russos): mortos 16.578; — feridos, 40.327; total 56.905. — Doentes 951.993; mortos de doença, 54.329.

Quando as praças são obrigadas a cosinharem o seu rancho depois de um combate ou em seguida a uma etape violenta, ou o cosinham mal ou não chegam mesmo a poder cosinhal-o (1).

Comem os generos que lhes são distribuidos, muito mal cosidos ou mesmo crus. Este facto determina o não poderem reconstituir as forças perdidas, expondo-as a uma serie de doenças das vias intestinaes.

Pelo contrario, a viatura-cosinha permite, quando as praças chegam ao limite de uma etape, ou no fim de um combate, ou ainda durante um periodo menos intenso do mesmo, poder fornecer-se-lhes um rancho quente convenientemente preparado que restaura as forças e consente que se aproveite o maximo do tempo para o descanso.

O grande contra das viaturas-cosinhas é augmentar o trem das tropas combatentes, já tão consideravel. Para os 4 regimentos de uma divisão são precisas 48 viaturas, o que não é para despezar.

(1) Em Forbach, conta o distincto academico Mr. Ludovic Halévy, no seu notavel livro *Recits de guerre*, um regimento recebe ordem para avançar, devendo lançar fóra o rancho que já estava meio cosinhado.

— «Elle ia tão bem, o nosso pobre rancho», dizia um soldado que docilmente ajudava a executar tão magoada e tão impressionavel operação.

— «Quando o rancho está bom é preciso deital-o fóra».

— «É quando está mau é preciso comel-o, ajuntava outro soldado».

— «E quando não ha rancho é preciso passar sem elle», dizia um terceiro».

Este augmento poderia ser sensivelmente menos consideravel se se suprimisse a viatura cantina de cada batalhão, tão pesada e tão encommoda. O augmento não seria então senão de 36 viaturas, ou seja uma quarta parte menos.

Se se adopta as viaturas-cosinhas, o seu logar nas columnas será incontestavelmente no trem de combate, que deve comprehender tudo o que as tropas precisam no combate. Ellas teem tanta necessidade das viaturas-cosinhas, como das viaturas de companhia, como dos carros de munições e dos carros sanitarios. Se as viaturas-cosinhas fossem intercaladas no trem regimental não appareceriam nos dias de combate onde são precisamente mais uteis.. O regulamento do serviço de campanha ha-de determinar o agrupamento d'estas viaturas, ou por batalhão ou regimento.

E' provavel que a solução variará conforme as circumstancias.

*
* *

Eis as condições a que deve satisfazer uma viatura-cosinha:

- a) ter capacidade para o rancho de uma companhia e poder cosinhar carne e legumes;
- b) assegurar um cosinhado rapido podendo conservar o rancho quente por muito tempo;
- c) conduzir o combustivel durante a marcha, mesmo que se cosinhe com lenha;
- d) ser de construcção solida e simples, podendo ser facilmente limpa;
- e) comportar um recipiente de agua para se preparar o café e para a lavagem das marmitas das praças;
- f) poder ser facilmente puxada por dois cavallos trotando nas estradas e rodando atravez dos campos;
- g) comportar um recipiente para a conservação dos utensilios de cosinha necessarios, e para uma meia ração do effectivo da companhia.

*
* *

Da adoptação das viaturas-cosinhas, resultam as seguintes vantagens:

- 1.º — Conservação em bom estado de limpeza dos alimentos até serem cosinhados;
- 2.º — Preparação dos alimentos por um pessoal idoneo;
- 3.º — Utilização completa dos viveres que competem á unidade, em quanto que com as distribuições individuais ha sempre perdas;
- 4.º — Desembaraçar as praças do trabalho de cosinharem os seus alimentos, que lhes toma tempo e as fadiga;
- 5.º — Cosinhado rapido durante a marcha, e possibilidade de alimentar as praças durante as pausas do combate, ou, em todo o caso, logo que se pode passar ao descanço;
- 6.º — Facil fiscalisação da alimentação e seu cosinhado pelos officiaes de administração militar e seus agentes».

Os exames para major

«O accesso não é um favor nem um direito; é uma recompensa dada ao valor e á capacidade.»

Lewal — Reforma do exercito.

Ninguem dirá que seja assumpto novo o que nos vae servir de thema; é velho e revelho, mas, por um antagonismo facilmente perceptivel, é tambem d'uma palpavel actualidade para a administração militar que, embora insistentemente reclame os exames para major, ainda até agora não viu satisfeito o seu desejo.

A questão põe-se nitidamente em dois pontos:

— Ha ou não necessidade de estabelecer provas para a promoção a major na administração militar?

— Havendo, de que devem, d'uma fórmula generica, constar essas provas?

E' a estes dois pontos que nós vamos procurar responder, com a argumentação solida que sempre possui quem está dentro da verdade e com a falta de artificios que uma causa justa dispensa.

Não é a primeira vez que tratamos este assumpto (1),

(1) *Revista Militar*, n.º 14, de 31 de julho de 1902 e *Revista d'Administração Militar*, n.º 13, de janeiro de 1903.

nem as considerações que fizermos agora teem accentuado cunho de novidade; reeditam-se, porém, na bem fundamentada esperança de conseguir na proxima sessão legislativa a approvação d'um projecto de lei que satisfaça as aspirações d'uma classe que deseja servir bem o seu paiz.

*

As provas para a promoção a major nas diferentes armas do exercito são reputadas indispensaveis, como garantia de cultura technica e de capacidade profissional.

A cultura technica, a capacidade profissional, precisam-a igualmente os officiaes superiores da administração militar, pela complexidade das funcções que na guerra exercem, pelas importantissimas attribuições que lhes incumbem.

Sem querer estabelecer primasias de serviços em campanha, sem procurar parallelos, visto que, n'um exercito em operações todos, ou d'uma ou d'outra fórma, cooperam para identico fim, é todavia licito constatar que a administração militar tem um dos mais espinhosos e ingratos encargos, uma vastissima area d'acção, que exige muita actividade, muita somma d'esforços e muita competencia technica.

Se, como diz Clausewitz, *l'alimentation des troupes présente toujours une difficulté telle qu'elle exerce une influence décisive sur le choix des dispositions*, afirmação que a Historia comprova exuberantemente, se as exigencias dos serviços administrativos podem muitas vezes oppôr-se ás melhores combinações e obrigar o commando a preoccupar-se com os viveres quando se poderia preoccupar com a victoria, é evidente que o exercito tem o direito, o dever mesmo, de se assegurar de que os officiaes aos quaes incumbe o desempenho de tão importantes serviços não comprometterão, no momento critico, pela sua insciencia e falta d'aptidão profissional, o fim a que visa o exercito que opéra.

Se, mesmo nos postos subalternos, o official d'administração militar precisa ter largos conhecimentos e especiaes aptidões, essa necessidade avoluma-se nos postos superiores, onde os officiaes são chamados ao desempenho dos difficilimos cargos da *directão* dos serviços.

E' intuitivo, portanto, que aos candidatos aos postos superiores da administração militar se exijam, como se

exigem aos das armas, provas especiaes d'aptidão. E assim chegamos naturalmente a responder ao primeiro ponto que puzémos no começo d'este artigo.

*

As provas para major no nosso quadro devem indubitavelmente versar sobre os variados serviços que incumbem á administração militar, tanto na paz como na guerra.

Mas, se attendermos a que é para a guerra que os exercitos se organisam, que a paz não póde ser encarada mais do que como um accidente, se ponderarmos que ao passo que nos congressos pacifistas se vae gastando a rhetorica internacional n'um ideal talvez inatingivel, os exercitos das potencias vão augmentando os seus meios de defeza e aperfeiçoando os armamentos, facilmente constataremos que é para o serviço de campanha que primordialmente temos de dirigir as nossas vistas.

Não quer isto dizer, de forma alguma, que se desprezem os serviços administrativos do tempo de paz. Excellente seria que nós os tivéssemos organisados de fórma a que sem graves embaraços pudessem funcionar em campanha.

Mas, já que a excellencia do principio não está sancionada superiormente, já que a preocupação burocratica continúa dominando os serviços administrativos do nosso exercito, engolphando-os em myriades de papeis, indispensavel será que algumas das provas dos exames para major versem sobre a complicada engrenagem que os esmaga.

Resumindo, as provas que os capitães d'administração militar devem prestar, embora mais desenvolvidas na parte referente aos serviços de campanha, incluindo até uma prova pratica sobre a carta, devem assentar tambem na parte organica e funcional dos serviços da paz e no exercicio da acção fiscal dos conselhos administrativos.

Curioso será recordar aqui, como elemento de elucidação, que no exercito francez a prova d'equitação para os candidatos, quer a adjunto, quer a sub-intendente militar, é considerada eliminatória para o candidato que não obtiver um minimo de 8 valores.

Dando tanta importancia a esta prova preliminar, querem os francezes significar certamente que os officiaes

encarregados de desempenhar serviços administrativos devem só com estes preoccupar-se *sem receio do cavallo que montam*, verdade que tambem julgamos dispensar argumentos justificativos.

5 - 3 - 908.

A. DAVID BRANQUINHO
Tenente d'administração militar.



NO SUL D'AFRICA

Campanha de 1907

(Continuado do n.º 4 — 1908)

Estacionamos algum tempo, afim de nos prepararmos para uma marcha de sete dias.

Como o armamento, a bordo, viesse encaixotado, mandei-o distribuir, e bem assim um lençol impermeavel a cada fila e um cobertor por praça, que seriam enrolados nas tendas-abrigos e levados por ellas a tiracollo. As mochilas iriam em carros.

Em 21 marchou a secção de quarteis para o Muniho (fazenda do José Luiz), tendo dado ao commandante as seguintes instrucções: previna o chefe da linha de etapes, no kilometro 73, que mande confeccionar o rancho para a 3.^a refeição de 22 e uma ração fria para a marcha de 23; forneça cinco carros boers, sendo um para a secção de quarteis e quatro para transporte de mochilas, reservas de armamento e fardamento; 257 saccos de lona para agua e 5 montadas para officiaes. Requisite generos para dois dias, marche ao seu destino, onde mandará cosinhar a 3.^a refeição. Estas requisições já haviam sido feitas com a devida antecedencia.

Em 22, pelas 8 horas da manhã, formou a companhia na fortaleza, seguindo para a estação do caminho de ferro, pondo-se o comboio em marcha ás 9, executando uma banda marcial o hymno nacional. Na gare compareceu todo o elemento official da cidade e muito povo; notei em todos a tristeza que lhes ia na alma, pois previam outro massacre, reputando o effectivo da columna insufficiente para bater tão aguerrida e bem armada gente.

A's duas horas desembarcámos no km. 73, sendo informado que a requisição não pôde cabalmente ser satisfeita, visto os quatro carros e saccos para agua não terem chegado. Por este motivo, deixei uma guarda á bagagem e marchámos ás 5 e meia da tarde, acampando-se no cruzamento dos caminhos Chacuto-Muninho.

No dia seguinte, pelas 4 horas da manhã, proseguimos a marcha, acampando-se pela uma hora da tarde no Muninho. A secção de quartéis, depois de distribuir a refeição já designada e feito o café para o dia immediato, marchou para Campangombe.

Em 24, continuámos a marcha para esta localidade, acampando-se dentro dos muros d'uma desmantelada fortaleza. Aqui a secção de quartéis deixou de marchar na vanguarda, por haver nas outras etapes pessoal encarregado de nos fornecer a alimentação.

No dia 25, novamente encetámos a marcha, subindo-se a serra de Chella, que apresenta em differentes pontos declives asperos, sendo necessario caminhar-se em *zig-zag*, descançando-se muitas vezes e ouvindo-se frequentemente ás praças: — *ou n.º tantos, isto é que é puxar do peito* — o que define quão difficil e fatigante é a ascensão. O que nos suavizava o cansaço, era o bello e frondoso arvoredado e as agradaveis e soberbas cascatas, d'onde se despenha crystalina e delectosa agua.

Chegados ao alto da serra, respirou-se o ar puro do planalto, e com um pequeno descanso seguimos para a missão do Tchiminguiro (uma das succursaes da missão do Espirito Santo do planalto da Huilla), onde o superior e todo o pessoal da mesma foram prodigos em nos proporcionar bons alojamentos e de pôr á nossa disposição tudo que pediamos e estava ao seu alcance, e taes confortos são bem apreciaveis no fim de fatigantes marchas. Permanecemos ali a tarde d'este dia e todo o de 26, indo no immediato acampar no Jau.

Chegámos á Chibia em 28, terminando-se o itinerario que nos havia sido marcado, aquartelando a companhia n'uns barracões que foram construidos sob a minha direcção, quando commandei a 2.^a companhia mixta d'artilleria e infantaria, e que serviam de alojamento a esta unidade.

Percorremos 130 kilometros.

Só quem tenha andado por estas paragens pôde avaliar as difficuldades e contrariedades com que se depara, e quanto custa conduzir uma companhia ao ponto determinado, principalmente com soldados novos, inexperientes nos cuidados hygienicos, pouco habituados a marchas fatigantes, mimosos por uma viagem de 19 dias em vapor, com um calor asphixiante e falta d'água, com um corream e calçado improprio para forças ultramarinas, atravessando-se extensas mattas de muthiati e de espinheiros; mas, apesar d'estas contrariedades, a marcha fez-se, chegando todos ao seu destino.

Tendo tido conhecimento que permaneceria n'esta localidade até 25 de julho, voltei novamente a prestar toda attenção á instrucção das praças, e organizei o respectivo programma.

Notei que a divisão da companhia em tres pelotões apresentava os seguintes inconvenientes: a) no fogo em massa as vozes dos commandantes dos pelotões não eram ouvidas no flanco opposto do que estavam postados; b) não podiam exercer uma perfeita vigilancia no fogo, na ordem extensa; c) o quadrado não era manejavel; em face d'estes motivos, pedi auctorisação ao commandante da columna para dividir a companhia em quatro pelotões, o que me foi auctorisado.

As evoluções continuariam a ser as regulamentadas no titulo II da instrucção tactica de companhia, com excepção:

Fogo em massa sobre o centro. Preparar. — Estando a companhia em linha á primeira voz, os commandantes do 2.^o e 3.^o pelotões davam-lhe a voz de *firme*, os dos 1.^o e 4.^o conduzem-nos respectivamente para a retaguarda do 2.^o e 3.^o, cerrando. A' segunda voz os pelotões da frente ajoelham e os outros ficam de pé. Os commandantes postavam-se no flanco direito dos seus pelotões e esperam que o capitão indicasse os que deviam fazer fogo e a especie d'este. A' voz de *cessar-fogo* os pelotões iam occupar os seus primitivos logares.

Se o mandamento fosse — *fogo em massa sobre a direita ou esquerda*. Preparar. — A' voz de advertencia, os dois pelotões do flanco indicado ficavam firmes e os outros iam-se postar á retaguarda. Todos os demais movimentos como no primeiro caso.

A companhia em columna. — *Fogo em massa sobre a direita ou esquerda*. Preparar. — A' primeira voz, o pelotão testa ficava firme, o seguinte cerrava e os outros postavam-se no flanco direito ou esquerdo, como nos casos já mencionados na companhia em linha.

Formar quadrado sobre o centro, direita ou esquerda. — A companhia em linha. No primeiro caso, o commandante do 2.º pelotão (base em todas as formações) dava-lhe a voz — *firme*, o do 1.ª a de *esquerda volver, acelerado-marche, pela esquerda em linha, meia volta alto*, formando assim a face da direita; da mesma fórma procederia o do 3.º, adequando as respectivas vozes; o do 4.º dava as vozes — *direita volver, acelerado marche*, e constituía a face da retaguarda.

No segundo caso, o commandante do pelotão da direita dava a voz de — *firme*, o do 2.º *direita volver, acelerado marche*, e quando chegava a altura do flanco direito do pelotão, que agora servia de base, a de *pela direita em linha, alto*, formando a face da direita; o do 3.º com os mesmos movimentos e mais a voz de *meia volta, alto*, constituía a da esquerda; o 4.º, com uma marcha obliqua, a da retaguarda. Se fosse sobre a esquerda, accomodando as vozes, formava-se o quadrado.

A companhia em columna. A' voz *formar quadrado*, o pelotão testa ficava firme, os do centro por conversões, bem faceis de conceber, formavam a face da direita e esquerda, o ultimo cerrava.

Em todos os casos, logo que o quadrado estava organizado, todas as praças preparavam as armas, independente de voz, mas não armavam bayoneta sem que fosse determinado.

A' voz — *em linha*, ou *columna de companhia* ou *estender*, os commandantes de pelotões conduziam-os ás posições indicadas.

Estando a companhia em quadrado, á voz de — *avancar pela face da frente* (direita, esquerda, retaguarda), *ordinario* ou *acelerado marche*. A' voz de advertencia, o commandante da face designada e bem assim o da opposta, davam-lhe a voz — *avancar e retirar por secções*

de costado, e o das outras — *direita e esquerda volver*. A' de execução todos rompiam a marcha, tendo os commandantes das faces lateraes e da retaguarda o cuidado de retardar ao principio um tanto a marcha, afim de se desembaraçarem, retomando a cadencia designada á medida que se vão libertando.

A' voz — *alto*, as secções mettem em linha e com movimentos que julgo desnecessario mencionar, se fórma quadrado.

Recapitulou-se a instrucção ensinada em Mafra, incluindo o tiro ao alvo, estabelecendo mais o serviço de segurança durante a noute, afim de habituar as praças a uma rigorosa vigilancia, ao silencio e alarmes.

Ao terminar a instrucção, tinha plena confiança na companhia, mesmo nos momentos mais criticos dos combates, visto os soldados se terem compenetrado quão proveitosa e util era a instrucção ministrada, e que a missão a desempenhar devia ser espinhosa e arriscada, e só com boa disciplina, muito valor e coragem, se obteriam louros para engrandecer a Patria e o exercito.

Não chegaria a um resultado tão satisfatorio se não fôsse a boa vontade, os conhecimentos militares e a illustração dos meus camaradas, tenentes Beirão, Figueiredo, alferes Passos e Bicudo, e a comprovada competencia dos sargentos.

Recebendo ordem para seguir para o forte Roçadas, com o itinerario de 16 dias de marcha, requisitei sete carros boers, sendo dois para a secção de quarteis, dois para levarem as mochilas e mantas e os restantes para transporte de 60 praças, devendo os pelotões revesarem-se.

Em 24 de julho, mandei publicar na ordem da companhia :

1.º Previne-se a companhia que no dia 26, pelas 4 horas da manhã, marcha para o forte Roçadas.

2.º Que ás praças só é permittido levarem na mochila os seguintes artigos :— um fato completo cinzento, duas camisas, duas ceroulas, um par de botas, um par de alpercatas, seis lenços e uma camisola de algodão.

3.º Que as praças deixem de levar as mantas a tira-collo, devendo os commandantes de secção, distribuirl-as nos acampamentos, bem como os capotes, que vão enrolados n'ellas.

4.º Como reserva, seguem :— 20 espingardas, 100 pares de botas, 100 pares de alpercatas e 100 fatos cinzentos.

5.º As restantes reservas, bem como os artigos deixados pelas praças, serão devidamente relacionados e entregues ao commandante militar da localidade.

6.º Os pelotões conservam entre si e durante a marcha, o intervalo de 80^m.

Ao commandante da secção de quartéis dei as seguintes instrucções: (a) requisite n'esta localidade os bois necessários para o rancho, calculados para dezeseis refeições; (b) generos para dois dias; (c) marche sempre na frente da companhia e em seguida ao ter-se distribuido a 3.ª refeição, deixando comtudo o café feito para o dia seguinte; (d) ao chegar ao local, que antecipadamente lhe será designado, escolherá e mandará preparar o terreno para se acampar.

No dia indicado na ordem, marchou a companhia ao seu destino, acampando-se no Chaungo, Kihita, Biriambundo, Cachana, Gambos, Binguero, Cavalano, Cahama, Cascata, Mabera, Mutucua, Toandiva, Lupembe, Humbe, chegando-se ao forte Roçadas no dia 11 de agosto, acampando-se tambem, dentro da rede de arame farpado, que serve de primeira linha de defeza.

No Chaungo, por ordem do commandante da columna, veio addir á companhia, um facultativo.

Apesar de se ter percorrido uns 300 kilometros, a marcha fez-se com regularidade e sem grande fadiga, devido ás praças estarem mais habituadas, terem sido desembaraçadas das mantas, irem munidas de saccos para agua e observarem a hygiene, que consideravam como uma phantasia caprichosa.

Contrariedades sempre as houve, devido ás doenças, aos carros não chegarem aos acampamentos a horas precisas, e outras eventualidades, que julgo desnecessario relatar.

Luctou-se algumas vezes com falta d'agua e a das cimbias (poços) não era boa.

Nos locaes onde estacionamos, unicamente se encontravam grupos de libatas (palhoças), rodeadas de arimos de massambala, massango, milho, vastas planicies cobertas de capim, circumdadas de mattas de muthiati ou de espinheiros, e por entre os quaes se destacam enormes imbondeiros. O terreno ouera arenoso, apresentando n'alguns pontos grandes sulcos, devidos ás torrentes, na epocha das chuvas, ou barrento abrindo fendas no tempo secco.

Os habitantes das libatas vieram-nos cumprimentar e

presentear com cabritos, gallinhas, ovos, etc.; retribuindo-se com aguardente, sal e fazendas, pois ao dinheiro não ligam importancia.

No concelho dos Gambos e Humbe, existem fortalezas, com a respectiva guarnição, e algumas casas construidas de adobes, moradias de commerciantes e empregados publicos; tudo o mais apresenta apenas um aspecto de desolação.

O forte Roçadas, que serviria de base d'operações á columna, está construido n'um morro, junto á margem esquerda do rio Cunene; esta posição alem de satisfazer a todos os principios estrategicos, deleita-nos com um vasto horisonte e pittoresco panorama; está construido com todos os requisitos d'uma fortificação moderna.

Foi o primeiro padrão levantado além Cunene, onde a bandeira das quinas tremula ovante, mostrando o poderio e a soberania de Portugal.

O rio Cunene nasce no limite do districto de Benguella, passa pelos postos militares do Capelongo, Guitem, Mulondo e Dongoena e desviando-se para o N., vae sumir-se no extenso areal que divide a costa do interior.

Este rio banha o Cuanhama e Cuamato Grande e Pequeno, pela sua margem esquerda.

Apresenta muitos vaus, sendo os principaes o de Cacuma, Cacua, Pembe e dos Carros.

E' sómente navegavel por pequenos barcos, desde o forte Roçadas á Douguena, motivado pelos saltos e cascatas, sendo as mais notaveis as que ficam a montante e a 500^m do posto do Capelongo. Para policia do rio, ha uma lancha canhoneira — a *Cunene* — sob o commando do 2.^o tenente da armada Silva Nunes.

Na epocha das chuvas chega a attingir, n'alguns pontos, 6 e 7 metros de altura, e saindo do leito, vae inundar os terrenos da margem direita n'uma extensão de 3 a 4 kilometros.

Como passagem para o forte, montou-se uma ponte de supportes fluctuantes.

Todas as vezes que se pensou bater os Cuamatatas, um dos problemas que se deparava, era o abastecimento das tropas, desde Mossamedes á base d'operações, por o percurso ser de 500 kilometros e se julgar impossivel obter carros sufficientes, para transporte de viveres e munições, que provessem os postos d'étapes, a columna durante as

operações e uma reserva para seis mezes. Foi precisamente resolvido por um reflectido estudo, grande actividade e criterio, dos tenentes Antonio Domingues Ferreira (chefe dos serviços administrativos), Abeillard Armando da Silva Saraiva, Joaquim Montes Martins e alferes Tristão, por forma tal que as requisições dos commandantes das secções de quartéis, das unidades em transitio, foram plenamente satisfeitas.

Lisboa, 8—4—907.

(*Continúa.*)

F. PIMENTEL
Capitão d'infanteria.



A GUERRA DA PENINSULA

O nosso collega, a *Revista Militar*, no louvavel e patriotico empenho de prestar justa homenagem á memoria d'aquelles portuguezes que, no principio do seculo passado, tão alto levantaram o nome de Portugal, pelejando pela independencia da nossa nacionalidade, pretende commemorar tão grande acontecimento reunindo em publicação instructiva e ao mesmo tempo grandiosa e palpitante das brilhantes qualidades militares da nação, os estudos dos nossos camaradas sobre uma serie de questões relativas á guerra da Peninsula e que abaixo transcrevemos.

O nosso applauso a tão feliz como fecunda iniciativa é incondicional, e por isso temos a maior satisfação em chamar a attenção da arma de infanteria para esse tor-

neio historico que a *Revista Militar* acaba de iniciar, certos de que não faltarão á liça todos aquelles que consagram um fervoroso culto ás tradições gloriosas do nosso exercito.

Os assumptos a versar podem ser, entre outros á escolha do auctor, os seguintes, propostos pela *Revista Militar*:

- 1.º — Estudo psychologico-militar do exercito portuguez nos principios de 1807 (disciplina, justiça militar, instrucção; ideias dominantes sobre o papel dos exercitos, modo de encarar a guerra, respeito pelas tradições, etc., etc., etc.);
- 2.º — Idem, depois da guerra;
- 3.º — Estudo comparativo do exercito portuguez, sob o ponto de vista do seu valor como orgão de defeza, em 1807 e 1814;
- 4.º — Os generaes portuguezes; sua influencia na campanha;
- 5.º — Os officiaes portuguezes; seu recrutamento e grau de instrucção geral e profissional, em cada uma das armas;
- 6.º — Os officiaes estrangeiros; influencia que exerceram na reorganisação e no modo de ser do exercito portuguez; suas relações com os officiaes portuguezes;
- 7.º — Estudo biographico de officiaes illustres, quer estrangeiros, quer portuguezes;
- 8.º — Provas de resistencia dadas pelos soldados portuguezes durante a guerra (idade e vigor physico dos homens, regiões que percorreram, epochas do anno em que o fizeram, retardatarios das columnas, mortos de doença, etc., etc.);
- 9.º — Parallelo entre Beresford e Lippe sob o ponto de vista da influencia que cada um d'elles exerceu no exercito portuguez;
- 10.º — Critica do plano de campanha que os generaes portuguezes se propunham seguir antes dos generaes inglezes imprimirem a direcção á guerra;
- 11.º — Plano de campanha dos generaes inglezes e sua justificação;
- 12.º — Confronto e critica dos dois alludidos planos;
- 13.º — Recrutamento e meios empregados para completar os effectivos do exercito portuguez durante a guerra;
- 14.º — Instrucção dos recrutas durante a guerra: meios empregados para a realizar;
- 15.º — A infantaria portugueza: sua organisação e serviços prestados durante a guerra;
- 16.º — A cavallaria portugueza: sua organisação e serviços prestados durante a guerra;
- 17.º — Remonta da cavallaria portugueza durante a guerra; qualidade e resistencia dos cavallos, comprovada com exemplos tirados da campanha;
- 18.º — A artilheria de campanha portugueza: sua creação e organisação; seu armamento; sua collaboraçaõ para o exito da guerra;
- 19.º — A artilheria de sitio e praça do exercito portuguez: idem, idem;

- 20.^o — A engenharia militar portugueza : serviços prestados durante a guerra ;
- 21.^o — Milicias : organização legal e valor real d'estas tropas no começo da guerra ;
- 22.^o — Milicias : serviços prestados por estas tropas durante a guerra ;
- 23.^o — Ordenanças : organização legal e valor real d'estas tropas no começo da guerra ;
- 24.^o — Ordenanças : serviços prestados por estas tropas durante a guerra ;
- 25.^o — Haveria na organização de milicias e ordenanças alguma coisa proveitosamente applicavel á epocha actual ?
- 26.^o — Valor intrinseco das differentes obras de fortificação permanente do paiz no começo da guerra peninsular ;
- 27.^o — Linhas de Torres Vedras : seu aproveitamento actual ;
- 28.^o — Emprego da fortificação de campanha pelas tropas alliadas durante a guerra ;
- 29.^o — Serviço de saude ;
- 30.^o — Como se alimentaram as tropas dos exercitos alliados durante a guerra e especialmente emquanto operaram dentro das fronteiras ?
- 31.^o — Como se forneceram de calçado e fardamento as tropas dos exercitos alliados durante a guerra, especialmente emquanto manobraram dentro das fronteiras ?
- 32.^o — Fornecimento de rações para o gado ;
- 33.^o — Abastecimento de munições ;
- 34.^o — O arsenal do exercito : seus serviços durante a guerra ;
- 35.^o — Vias de communicação terrestres e fluviaes aproveitadas para os transportes de munições de guerra e de bocca, especialmente o Tejo e o Douro ;
- 36.^o — Armas de combate usadas durante a guerra e distancias a que se combateu ;
- 37.^o — Estudo comparativo entre o valor tactico actual e o d'então das posições occupadas pelos belligerantes dentro das nossas fronteiras, tendo em vista a transformação do armamento ;
- 38.^o — Constituição das unidades inglezas que tomaram parte na campanha com as tropas portuguezas ;
- 39.^o — Despeza feita pelo exercito portuguez durante a guerra ;
- 40.^o — Estado da marinha de guerra portugueza em 1807 ;
- 41.^o — Unidades de combate da marinha de guerra e sua distribuição ao rebentar a guerra ;
- 42.^o — Serviços prestados pela marinha portugueza durante a guerra ;
- 43.^o — Noticia bibliographica de manuscriptos ineditos, sobre a guerra, e impressos de reconhecida raridade e não registados nos respectivos dictionarios.





Simplificação da escripturação das companhias

O trabalho que em seguida publicamos é devido ao estudo do 1.º sargento do batalhão n.º 2 de caçadores da Rainha, sr. Eduardo Augusto Barbosa Gonçalves.

E' trabalho que honra o auctor, e que esta *Revista* publica com especial agrado, por ser devido a um official inferior e intelligente e que revela muita applicação e notavel aptidão para os serviços que os regulamentos lhe incumbem como 1.º sargento.

Parece-nos digno de attenção este trabalho, e por isso o recommendamos á observação dos nossos camaradas, convictos de que hão de concordar em que muito tem a lucrar a escripturação das companhias, se fôr adoptado o modelo que se indica, e que n'um só registo reúne todos os registos que, pelo actual regulamento do serviço interno dos corpos, devem existir n'aquellas unidades.

E', sem duvida, um trabalho digno d'elogio e que, quando não tivesse outros requisitos que o recommendassem, tinha a grande vantagem,—que é importantissima—de simplificar e unificar a escripturação, dando n'um só documento, clara e precisamente o que actualmente tem de se fazer em quatro.

FOLHA DEMONSTRATIVA DAS PRAÇAS DA COMPANHIA

Mez de

Anno de

1.ª Parte — Diario e registo de rancho

Companhia	N.ºs de Matricula	Postos	Nomes	Dias																															Somma dos ranchos	
				1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31		
9	2676	17	Capitão	F...	1	1	S	1	1	1	S	1	1	1	1	1	S	1	1	1	S	1	1	1	S	1	1	1	1	1	S	1	1	25		
		45	Tenente	F...	S	1	1	S	1	1	1	1	1	S	1	1	S	1	1	1	D	D	D	1	S	1	1	S	1	1	1	S	1	1	25	
		72	Alferes	F...	1	1	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	25
11	2971	»	F...	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	28	
				1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
12	2468	»	F...	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	S	1	1	12		
				1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	37
Somma (ou a transportar)...				2	2	2	2	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	127
				5	5	5	5	5	5	5	5	5	4	4	4	4	4	3	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	3	3	3	127

2.ª Parte ALTERAÇÕES

3.ª Parte — Distribuição individual de vencimentos

Dias de vencimento	Vencimento diario	Vencimento durante a quinzena	Descontos							Liquido a receber	N.ºs de companhia	Signal de pago	Vencim.º em genero			
			Faz.ª Nacio- nal	Rancho no corpo	Escola	Abonos na quinzena	Deposita-se	P.ª Beirollas	Somma dos descontos				Alvo	Munição	Compra ou ar- rematação	Etape
Do antecedente commanda a companhia.																
D.ª a V. F. de Xira por conta do M.º do R.º em 17. Recolheu em 20.																
Nao arrancou de v a 14. Promovido a 1.º cabo em 28.																
		15050								15050	9		9	6		
		680								680			16			
		600								600	11		15			
		520						520		520			13			
		780				180			600	780	12		14	1		
		640							610	640			16			
		215625	960	25775		180			600	45375	175100		21	68	27	
		205000	640	25320			520	610		45120	155880		16	77	32	



BIBLIOGRAPHIA

Maniobras generales de 1907 — *Memoria.*

Antes de mais nada seja-nos licito agradecer, muito cordealmente, ao sr. Ministro da Guerra do paiz visinho e irmão, a offerta do notavel livro que temos presente, e que nos foi remettido por meio da Legação de Hespanha com uma amavel carta do nosso camarada o Ex.^{mo} Sr. D. Rafael Aparicio, coronel do Estado Maior hespanhol, e addido militar á mesma Legação.

Nunca esqueceremos esta prova de consideração para com a nossa *Revista*.

A notavel *Memoria* a que nos estamos referindo, impressa em optimo papel, com um grande cabedal de notas illucidativas, instrucções, ordens, modelos, croquis, graphics e mappas a côres é subscripta pelo distincto general do exercito hespanhol, D. Vicente Martitegui, director das manobras de 1907, e das quaes tivemos occasião de dar aqui n'esta *Revista*, uma desenvolvida e bem elaborada noticia, devida á brilhante penna do nosso talentoso camarada, o sr. capellão Eduardo Correia, do batalhão de caçadores da Rainha.

A *Memoria* é muito detalhada e encontra-se n'ella lição proveitosa para todos aquelles que se consagram á carreira das armas.

Começa o illustre general Martitegui por apresentar um resumo das disposições tomadas para as manobras; passa em seguida a tratar da *mobilisação*, dando a este capitulo notavel desenvolvimento.

Sabe-se prefeitamente que o ensaio de mobilisação foi positadamente feito na Galliza pela razão fundamental da grande tendencia que os povos d'aquella provincia teem para a emigração.

Não obstante, constata o auctor da *Memoria*, decretada a mobilisação muitos reservistas se apresentaram nas fileiras idas de Portugal e até da America, o que põe bem em evidencia toda a grandeza patriotica dos povos gallegos.

Descreve depois minuciosamente todos os trabalhos de reconhecimento para a escolha do terreno, a organização das forças em manobras, a concentração e deslocação, o desenvolvimento das manobras, ou thema das operações, armamento e muniamento, fardamento e equipamento, sapadores, serviços de communicações, administrativos, sanitarios, correios, imprensa e photographia.

O distincto general Martitegui termina a sua muito notavel *Memoria* fazendo uma affirmação que por estar em absoluta conformidade com as douctrinas largamente expendidas na nossa *Revista* não podemos furtar-nos ao prazer de a transcrever.

«A reunião de forças de todas as armas, diz o distincto general auctor das manobras do exercito hespanhol em 1907, e dos serviços auxiliares correspondentes, com effectivos ainda que inferiores aos de guerra, comtudo, muito superiores aos que habitualmente costumam commandar os officiaes, manobrando em terreno desconhecido e que por seus accidentes muito apropriado ao desenvolvimento de operações reaes, é de grande utilidade, tanto para as praças como para os officiaes, e, sobretudo, para os generaes, que conseguem obter occasião de dirigir tropas de armas diferentes e de estudar a relação e mutuó apoio que se devem prestar umas ás outras, collocando na devida situação as falsas ideias que se formam em campos de instrucção conhecidos, e onde pequenos contingentes facilmente se occultam nas ondulações do terreno, roubando d'este modo áquelle que tem a responsabilidade do mando o poder formar justo juizo das difficuldades que se offerecem manobrando com effectivos reforçados ou de guerra, em condições que exigem maior espaço de tempo para os movimentos e evoluções».

Reiteramos os protestos do nosso profundo agradecimento, sentindo que a falta de espaço não nos permitta fazer maior relato do notavel trabalho do sr. general Martitegui, a quem felicitamos cordealmente.

Manual de gymnastica sueca, coordenado pelo alferes *Carlos L. Travassos Lopes*.

E' um opusculo muito interessante e que consubstancia a pratica de alguns annos do seu auctor como professor de gymnastica.

Trabalho conciso, mas muito claro e methodico, ao alcance de todas as intelligencias, constitue um valioso auxiliar para todos aquelles que se desejem consagrar á gymnastica racional, que, como é sabido, constitue um poderoso factor da saude do corpo, da sua força, da sua agilidade e da sua energia.

Agradecemos muito reconhecidos a offerta que amavelmente nos foi feita.

Secção do estrangeiro

Allemanha. -- Como se sabe, e já n'esta *Revista* fizemos a devida referencia, as ideias allemãs sobre o emprego tactico das metralhadoras impõem o dever de esta arma acompanhar a linha de combate desde o inicio do fogo.

Para isso é mister que a arma possa ser facilmente transportada a braços.

A metralhadora usada no exercito allemão é a Maxim, cujo peso é de 26 kilogrammas para a arma propriamente dita e 56 kilogrammas para o trenó-supporte.

Os allemães acabam de tornar a arma 5 kilos mais leve, substituindo por aço de qualidade superior um certo numero de partes da metralhadora, que eram de bronze ou de aço fundido.

No trenó houve uma diminuição de 24 kilogrammas.

As metralhadoras assim modificadas já estão em serviço.

*

No polygono de Halensée, perto de Berlim, e na presença de todos os addidos militares estrangeiros (excepto portuguez, porque é coisa que infelizmente e erradamente não temos) procedeu-se a experiencias de uma nova bala para espingarda, inventada pelo engenheiro de Spandau von Puff.

O projectil tem na base uma grossura em fórma de anel ou um envasamento em tulipa, mas o cano da espingarda é apropriado ao uso d'esta bala, tendo as ranhuras um pouco mais fundas na base do cano, ranhuras que vão perdendo essa propriedade á maneira que se sobe para a bocca do cano.

O projectil Puff furou a 300 metros o escudo blindado da peça allemã, escudo que com a bala actual era apenas impressionado ligeiramente á mesma distancia.

Uma nota curiosa d'esta novidade balística é que a bala Puff póde adaptar-se, por uma transformação muito simples, ao cano de todas as espingardas.

*

No exercito allemão, os generaes commandantes de corpo de exercito, teem, em média, 59 $\frac{1}{2}$ annos de idade, tendo o mais velho 62 annos e o mais novo 56.

No mesmo exercito os generaes de divisão teem em média 56 annos de idade.

Na França a média da idade dos generaes de divisão é de 61 annos.

Entre nós os generaes de divisão teem em média 66 $\frac{1}{2}$ annos de idade e os de brigada 63.

O mais velho dos nossos divisionarios tem 70 annos e o mais novo 62.

Dos generaes de brigada do nosso exercito, o mais velho tem 67 annos e o mais novo 59.

Nem sequer quizemos fazer o confronto da idade dos nossos brigadeiros com os brigadeiros allemães.

Os numeros que ahí ficam são de sobra para mostrar o cuidado com que a Allemanha trata do rejuvenescimento dos quadros do seu alto commando, e ainda provam tambem quanto o limite de idade no nosso exercito está longe de preencher cabalmente o seu fim.

*

O governo convidou todos os jornaes a de aqui para o futuro não mais darem noticias sobre os navios de guerra em construção ou que se venham a construir.

Devem mesmo abster-se de darem noticias relativas ás dimensões e tonelagem dos navios de guerra, não devendo publicar-se coisa alguma sobre a marinha sem ser auctorizado pelo Almirantado.

*

O industrial Karl Lanz, de Mannheim, fundou um premio de 40.000 marcos (quasi dez contos de réis) para o melhor aeroplano, ou a melhor machina aerea construida por um engenheiro allemão, com motores allemães e materiaes allemães.

Belgica. — Suicidou-se um capitão belga por não lhe ter sido concedida licença para casar com a eleita do seu coração.

Na camara dos deputados foi interpellado o ministro da guerra, general Hellébaut, por esse facto, tendo o *leader* socialista, Mr. Vanderveld proposto que fôsse abolido da lei militar o *dote da noiva* e inquerito feito ás finanças do official que pretenda casar.

O ministro oppoz-se á approvação d'essa medida, mas a maioria da camara approvou-a, dando assim um cheque no governo.

Estados Unidos. — O governo de Washington decidiu enviar ás Filippinas 2:500 homens para concluirem os trabalhos das fortificações da ilha do Corregedor, á entrada da bahia de Manilla.

França. — Foi ha pouco inaugurada uma placa commemorativa da Batalha de Rivoli, no quartel do regimento de infantaria n.º 18, na qual se menciona o louvor que recebeu este regimento do general Bonaparte, commandante em chefe do exercito de Italia.

A festa revistiu uma grande imponencia, tendo o general Bonnet passado uma revista ao regimento, seguindo-se uma *matinée* muito interessante.

O coronel Jacquin, commandante do 18, fez uma brilhante allocução recordando a gloriosa jornada de 14 de janeiro de 1797, em que o exercito francez, atravessando os Alpes, desembocou no valle do Pó, indo de victoria em victoria, conduzido pelo seu joven chefe, que inflammava as tropas com o seu genio guerreiro.

Sentimos que a falta de espaço nos inhiba de transcrever aqui a referida allocução.

*

Em Chalons está funcionando o curso regional de tiro de artilheria de campanha, dirigido pelo tenente-coronel Delmotte do 12 de artilheria de Vincennes.

Este curso divide-se em duas series.

A primeira para officiaes de artilheria do exercito territorial, durou de 3 a 15 de abril findo.

A segunda, para officiaes de artilheria do exercito activo, de 21 de abril a 9 do corrente mez.

Para ministrar esta instrucção tem o tenente-coronel Delmotte 6 baterias á sua disposição, sendo 3 de artilheria n.º 25 e 3 do regimento n.º 8.

Italia. — Desde o dia de hoje (1 de maio) são abertos cursos para sargentos em 10 regimentos de infantaria, em 2 de bersa-

gliers, em 3 alpinos, em 2 de cavallaria, em 4 de artilheria de campanha, em 1 de artilheria de costa e outro de artilheria de posição.

O numero de alumnos é limitado, sendo de 60 para cada regimento de infantaria; 30 para cada de bersagliers; 25 para cada de cavallaria; 40 para cada de artilheria de campanha, 30 para cada de artilheria de costa e posição.

Só os regimentos alpinos é que podem ter um numero illimitado de alumnos.

Alem dos sargentos que podem concorrer a estes cursos, são tambem admittidos mancebos ainda não alistados, em determinadas condições, e mesmo cabos e soldados.

Para ser admittido n'estes cursos, que durarão 12 mezes, basta apenas saber ler e escrever, ter boa aptidão physica e bom comportamento.

Japão. — Acaba de transformar as suas metralhadoras, sistema Hotchkiss, supprimindo o escudo, fazendo-a descrever sobre o supporte um circulo completo, o que lhe proporciona um campo de tiro em todas as direcções sem mudar de posição, e adoptando um dispositivo especial que garante um optimo funcionamento das fitas de cartuchos.

Os japonezes reconheceram que na guerra o transporte das metralhadoras sobre viaturas é altamente inconveniente, e por isso acabam de adoptar esse transporte a dorso de mulas.

O agrupamento das metralhadoras é na infantaria a 6 e na cavallaria a 8, sendo todas transportadas a dorso.

Chamamos a attenção dos competentes para este facto que resulta da experiencia da guerra da Mandchuria.

Haíti — Os ultimos acontecimentos passados n'aquella pequena republica composta de um milhão de negros, chamaram a attenção da Europa para essa ilha americana.

A origem dos acontecimentos, aliás, lamentaveis, está na ambição do general Firmin que queria depôr o general Alexis de presidente.

Firmin é mulato e Alexis é preto retinto.

Alexis mandou fuzilar todos os adversarios que lhe cahiram nas mãos, e enfeitava-se para mandar fuzilar os que se tinham refugiado nos consulados.

Este attentado não se realisou pela pressão energica e a tempo das potencias, que enviaram os seus cruzadores á celebre ilha.

Um artista dos Estados-Unidos conta uma anedocta que vem a proposito para pôr em relevo o estado do exercito da republica e em geral o estado da sua civilisação.

O exercito compõe-se de 8.000 homens, e os seus officiaes que usam largas calças de balão e grandes dragonas, andam de pés descalços, embora afilem esporas, que não dispensam, aos pés nus.

A *France Militaire* traduzia do *Dally-Mail* a anedocta que vamos transcrever e *si non e vero...*

«Um dia o generalissimo haítiano passava revista ás tropas em Gonaïvas, quando um irlandez que alli estava, disse-me: Você gostaria de vêr dispersar toda esta gente?»

«De certo.

«Dito isto, tira do bolso cinco moedas de prata e atira-as ao ar dando um grande grito. Todo o exercito se precipitou como um só homem n'uma balburdia frenetica para apanhar as moedas.

«Depois de uma desordem medonha de alguns momentos, restabeleceu-se a ordem. Duas das moedas estavam nas mãos dos soldados, e as outras trez nas do generalissimo.

«Em seguida este generalissimo mandou prender o meu amigo irlandez por ter desacreditado o exercito haítiano em presença de um estrangeiro distincto. O estrangeiro distincto era eu.

«O meu amigo foi condemnado immediatamente a trez semanas de prisão, mas outras cinco moedas de prata e uma garrafa de rhum haítiano arranjaram as cousas de forma que vinte minutos depois estava comigo».

Russia. — Todos os regimentos de infantaria são dotados com duas metralhadoras em pé de paz e quatro em pé de guerra.

Um *prikase* recente prescreve que cada destacamento de metralhadoras terá dois officiaes, que serão montados.

No fim do anno passado havia no exercito russo 288 destacamentos de metralhadoras.

Dinamarca. — O governo dinamarquez vae submeter a approvação do Parlamento as seguintes linhas geraes de reorganisação do exercito:

a) O exercito compôr-se-ha de 3 divisões militares, sendo uma na Jutlandia e duas na Seelandia;

b) A divisão militar da Fionia será supprimida, mas deixar-se-ha uma guarnição em Roskilde;

c) As obras de terra de Copenhague serão conservadas mas retirar-se-ha a artilheria;

d) As obras de ferro serão augmentadas; construir-se-ha um novo forte e a ilha de Amager será fortificada;

e) Será supprimido um regimento de cavallaria e augmentada a artilheria de campanha ao dobro;

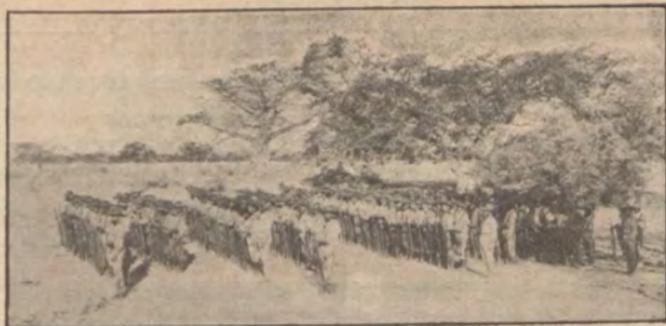
f) A artilheria de posição fica toda consagrada á defesa das costas;

g) O serviço militar obrigatorio será, emfim, completamente adoptado.

Suissa. — O sr. Louis Mayor, cura de Grandvaux e um apaixonado pelas sciencias electricas, acaba de apresentar á sub-secção dos officiaes de Lausanne um pequeno modelo de um canhão electrico de sua invenção,

Parece que se trata de um invento de incontestavel valor, em que a força propulsiva da bala, que tem uma grande penetração, é dada por uma serie de bobinas electricas.

Não ha, com este canhão, nem fogo, nem estampido, nem fumo.



11.º ANNO

JUNHO DE 1908

N.º 6

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL
Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

NO SUL D'AFRICA

Campanha de 1907

(Continuado do n.º 5 — 1908)

Ao S. do forte Roçadas, e a 800^m d'este, preparava-se um terreno destinado á concentração das unidades e serviços que deviam entrar na formação da columna, e como estivesse coberto de espinheiros, muthiati, imbondeiros e matto, foi o tenente Severino encarregado de o mandar limpar por degradados do deposito geral de Angola e soldados indigenas, de fôrma a servir de estacionamento da columna durante alguns dias. Aproveitar-se-ia os ramos das arvores para abatizes, os maiores imbondeiros seriam adaptados a postos de observação e o terreno tambem defendido com uma réde de arame farpado. O trabalho foi protegido pela companhia do 12 e 10.^a de Moçambique. A este campo se deu o nome de: «morro fronteiro ao S. do forte Roçadas».

No dia 15 de agosto recebeu a companhia ordem de acampar no morro, conjunctamente com a de marinha, a de guerra, a 10.^a de Moçambique e bateria Canet, que es-

tavam na margem esquerda do rio Cunene, devendo formar-se em quadrado.

Em 18 chegou o commandante da columna, os dois esquadrões, bateria Erhardt, 15.^a e 16.^a companhias indigenas d'infanteria, e em 20 as restantes unidades, alargando o quadrado, afim de todas as forças tomarem os logares determinados.

ORGANISAÇÃO DA COLUMNA

Quartel general

Commandante, José Augusto Alves Roçadas, capitão do estado maior e governador do districto de Huilla. Chefe de estado maior, capitão de estado maior, Eduardo Augusto Marques. Sub-chefe, tenente de cavallaria com o curso de estado maior, Joaquim Pinto Mascarenhas. Ajudantes, alferes Germaão Dias, Velloso de Castro e José da Costa. Dois amanuenses, sargentos, dois aspirantes do telegrapho, dois guardas-fios, tres ordenanças, seis tratadores de gado e nove solipedes.

Serviço de saude

Ambulancia. — Director, medico de 1.^a classe, Alfredo Borges; facultativos de 3.^a classe Rodrigues, Fonseca e Côte Real. Oito enfermeiros, dois serventes, dois cosinheiros, um soldado conductor, vinte maqueiros, um carro alemtejano e duas muares.

Serviço administrativo

Chefe, tenente do corpo de officiaes da administração militar, Antonio Domingos Ferreira; dois subalternos, tenente Saraiva e alferes Tristão; dois sargentos e dois soldados. Carros boers, 17; bois de tracção, 340; gado para abater, 40 cabeças.

Trem de combate

Commandante, alferes Marçal.

Secção de munições. — Um subalerno do corpo de almoxarifes, dois 2.^{os} sargentos de artilheria, um cabo, doze soldados conductores e vinte soldados indigenas. Carros alemtejanos, 12; muares, 24.

Secção d'agua. — Foi mandada dirigir pelo ajudante do quartel general, alferes Germano Dias. Um sargento chefe da secção, quatro soldados e cinco serviças. Pessoal dos carros boers, 14; bois de tracção, 280.

Escolta do combolo

Commandante, capitão de artilheria, João Luiz Carriho. Tropas: dois esquadrões e a 16.^a companhia indígena d'infanteria.

Auxiliares

Commandante, tenente d'infanteria, João Teixeira Pinto; chefes, José Lopes, Carlos Maria e os boers Vamder-Waal, Andries Alberts e Wellem-Wenter, e aproximadamente 40 europeus, boers e mulatos e 400 indígenas.

Pelotão de sapadores

Commandante, alferes de infanteria Jonet; dois sargentos, 20 artifices e 40 soldados indígenas.

Tropas de combate

Artilheria

Bateria Erhardt. — Commandante, tenente de artilheria Justiniano Augusto Esteves; commandantes de secção, alferes almoxarife e 1.^o sargento Andrade, quatro 2.^{os} sargentos, quatro cabos, um clarim, um ferrador, 40 soldados artilheiros e 20 soldados indígenas. Boccas de fogo, 4; muares, 32.

Bateria Canet. — Commandante, tenente almoxarife Francisco Gonçalves; commandantes de secção, alferes almoxarifes Angelo e Victoria; quatro 2.^{os} sargentos, cinco cabos, um clarim, um carpinteiro, um serralheiro, 30 soldados artilheiros e 20 soldados indígenas. Boccas de fogo, 4; muares, 28.

Secção Krupp (B. M. E. 7^{cm}). — Commandante, 2.^o tenente da armada Alvaro Penalva; um sargento, um cabo e sete soldados.

Metralhadoras

Commandante, 2.^o tenente da armada Jayme da Silva Nunes; um subalerno d'infanteria, tenente Paes, quatro

artilheiros de marinha, um cabo e doze soldados d'infanteria 12 e seis soldados indigenas. Metralhadoras Nordenfeld, 4; bois, 8.

Cavallaria

Grupo de esquadões.—Commandante, capitão de cavallaria Alfredo Rodrigues Montez; ajudante, tenente Lusionan.

1.^o *esquadrão.*—Commandante, capitão José Maria Chaves Galvão de Magalhães; subalternos Vendeirinho, Carvalho e Prats, veterinario Cerdeira, oito sargentos, um selleiro, 81 cabos e soldados, tres ferradores, tres clarins, 17 soldados indigenas e 101 muares.

2.^o *esquadrão.*—Commandante, tenente Alfredo Martins de Lima; subalternos Benjamin, Martins e Natividade, veterinario Pereira, cinco sargentos, 101 cabos e soldados, 30 soldados indigenas e 95 cavallos.

Infanteria europeia

Companhia expedicionaria de marinha.—Commandante, 1.^o tenente Victor Leite Sepulveda; 2.^{os} tenentes Rego, Marinho e Martha, seis sargentos, um enfermeiro, quatro corneteiros, 158 cabos e marinheiros e 18 soldados indigenas.

Companhia expedicionaria d'infanteria 12.—Commandante, capitão Francelino Pimentel; subalternos, tenentes Beirão e Figueiredo e alferes Passos e Bicudo; oito sargentos, quatro corneteiros, 240 cabos e soldados e 13 soldados indigenas.

1.^a *companhia europeia.*—Commandante, capitão Domingos Patacho; subalternos Mello Velloso, Durão, Peixoto e Quaresma, oito sargentos, quatro corneteiros e 153 soldados.

2.^a *companhia europeia.*—Commandante, José Antonio d'Araujo; subalternos Machado Junior, Pires, Limão e Milheiro, oito sargentos, tres corneteiros e 114 cabos e soldados.

Companhia de guerra do batalhão disciplinar.—Commandante, Julio Alberto de Sousa Schiappa de Azevedo; subalternos, Ultra Machado, Mello Vieira, Mello e Augusto Maria, sete sargentos, tres corneteiros e 137 cabos e soldados.

Infanteria indigena

10.^a *companhia de Moçambique*. — Commandante, tenente Ignacio Soares Severino; subalternos, Caeiro, Custodio Marques, Rezende Dias e Conceição Gonçalves, quatro corneteiros e 195 cabos e soldados.

14.^a *companhia de Angola*. — Commandante, capitão Sousa Dias; subalternos, Garcia, Antonio Nunes, Augusto Oliveira, Assumpção Almeida e Miranda, sete sargentos, tres corneteiros e 166 cabos e soldados.

15.^a *companhia*. — Commandante, capitão Lucinio Maria Ribeiro; subalternos, Roberto Mendes, Rodrigues Carvalho, Silva Ramos, Henrique Pimenta e Adelino Ferreira, sete sargentos, tres corneteiros e 148 cabos e soldados.

16.^a *companhia*. — Commandante, capitão Ramos da da Silva; subalternos, Bargão, Alves de Sá, Silva Fernandes, Pereira de Castro, Egydio dos Santos e Annibal de Barros, quatro sargentos, cinco corneteiros e 163 cabos e soldados.

17.^a *companhia*. — Commandante, tenente Feio Valle; subalternos, Gomes de Azevedo e Varejão Peres, tres sargentos, tres corneteiros e 166 cabos e soldados. Esta companhia ficou na base de operações, forte Roçadas, bem como os facultativos, de 2.^a classe, Barros e o de 3.^a, Araujo Chaves, 3.^o pharmaceutico Guerreiro, um enfermeiro, tres soldados de infantaria 12 e os doentes que não podiam seguir com a columna.

Conselho de guerra

Por ordem do governador geral da provincia, foi mandado nomear um conselho de guerra, que ficou composto do 1.^o tenente da armada Sepulveda, e capitães d'infanteria Pimentel e cavallaria Montez.

Muniamento

Cada peça Ehrhardt, 166 tiros; Canet, 200; metralhadoras, 10:000. Soldados de cavallaria e infantaria, 120 cartuchos por praça.

No trem de combate iam reservas em quantidade tal que nos inspirava a maxima confiança.

A composição da columna não está em harmonia com o publicado na ordem, por ter havido alteração, mas sim com os dados que pude colher.

Tambem em 20 se recebeu ordem de formarmos com o dispositivo de marcha para o campo d'operações, com o fim do governador geral nos passar revista. A' sua entrada, uma das baterias salvou com dezanove tiros, e finda esta, as tropas foram occupar os seus primitivos logares.

O commandante da columna mandou depois tocar a officiaes, e, reunidos estes ao pé do quartel general, foi proferida a allocução do theor seguinte:

Allocução do ex.^{no} sr. governador geral Palva Couceiro

Aos srs. officiaes, cabos e soldados da columna. — Aqui, no proprio local e no proprio momento do começo da guerra, venho saudar a columna d'operações contra o Cuamato, em nome do governo da nação e do povo que represento, e exprimir-lhe a certeza de que mais uma vez os soldados portuguezes de terra e mar, disciplinados, resistentes e bravos, saberão honrar por uma forma tradicional, por ousadias e glorias, a mais nobre herança do passado. E venho ainda dizer ás tropas da columna que atravez da sua marcha e dos combates e no meio dos trabalhos e perigos que rodeiam a vossa attenção e o vosso interesse, os mais ardentes votos seguem sempre a seu lado, acompanhando-os passo a passo, dia a dia, e sentindo ao mesmo tempo a confiança no plano que com ajuda de Deus e a força das suas armas, um exito completo virá recompensar tanta somma de coragem e dedicação, de boa vontade e de providencia, aqui empenhada no cumprimento do dever a bem do serviço militar. Que a columna avance, pois, em corôa de louros e levante bem alto essa bandeira cuja guarda e defeza aqui lhes entrego. Quartel General no Cuamato, 20 de agosto de 1907. — (a) *Governador Geral.*

*

Tenho escripto muito da companhia d'infanteria 12, e os que tiverem lido a minha breve e desprendida narrativa, parecer-lhes-ha, á primeira vista, que pretendo realçal-a, deixando no olvido as outras unidades. E, comtudo, esse não é o meu intento; unicamente posso, com mais precisão e conhecimento proprio, expôr o que se passou com a unidade do meu commando.

Não tive oportunidade para poder avaliar concretamente as outras unidades, nem essa era a missão que me competia; porém, o que vos posso afirmar, é que todas as unidades receberam uma solida e bem orientada instrução, e se a minha companhia me merecia confiança, o mesmo juizo formava o commandante da columna das outras unidades.

Todos os commandantes tinham a mais nitida comprehensão das suas responsabilidades, e bem presente estava no coração de nós todos o massacre de 904. Por isso facilmente se comprehende o nosso indetectivel empenho em constituir as nossas tropas em tropas de combate.

Todavia, seja-me permitido, ainda que muito ao leve, citar factos referentes a ellas, que serão o sufficiente para se avaliar o trabalho, boa vontade, somma de energia e dedicação pelo serviço. Antes, porém, de o fazer, seja-me licito abrir dois parenthesis.

O commandante da columna tinha a certeza que todas as unidades sob o seu commando, cumpririam o seu dever, por ter assistido aos exercicios tacticos e na carreira a diversas sessões de tiro. Militar energico, conhecedor e experimentado em guerras coloniaes, d'uma vontade inquebrantavel, contemporisando sem fraqueza, delicado, attencioso e d'uma resistencia admirada por todos. Estando no Lubango, só veiu tomar o commando das tropas, quando teve a certeza que nada lhes faltaria, e que os viveres e munições estavam concentrados na base d'operações.

O chefe de estado maior, official de largas vistas, trabalhador, conciliador, conhecendo os costumes e modo de combater d'aquelles povos, minucioso e resolvendo promptamente todas as difficuldades, delicado, preciso e energico no cumprimento de ordens.

Aqui deixo bem patente o conceito que todos formavamos dos nossos chefes.

O commandante da bateria Ehrhardt, instruiu habilmente os soldados no funcionamento das peças, que desconheciam, merecendo-lhe o maximo cuidado o tiro ao alvo.

E' um material moderno, calibre 7^{cm}, dos mais aperfeiçoados e rapidos que tem entrado nas nossas campanhas coloniaes, a tracção é feita por duas muares; desengatadas e desdobrando a conreira, que tem um espigão, para se fixar no terreno, evita o recuo; tambem podem

ser transportadas a dorso de muares, bem como os cofres de ferro.

Bateria Canet, tracção por duas mulas, pôde ser transportada a dorso e igualmente os cofres.

Estando este material um tanto damnificado, teve o commandante de mandar proceder a concertos sob a sua direcção e fiscalisação. Notando que o mechanismo de percursão da escorva estava em mau estado, substituiu-o pelo de fricção das peças B. E. M. 7^{cm}. Faltando-lhe projecteis com espoletas de tempos, com pequenas alterações adaptou as d'esta peça. Procedendo depois a experiencias n'uma improvisada carreira obteve resultados satisfatorios. Instruiu o pessoal e dirigiu o ensino das muares.

Os commandantes da secção Krupp, B. E. M. 7^{cm} e das metrelhadoras, tiveram de instruir o pessoal nos 10 dias que a columna estacionou no morro, e, com muito trabalho e dedicação, viram os seus esforços coroados de bom exito.

O primeiro esquadrão foi organizado de novo, com cavallos adquiridos pelo tenente Martins de Lima, na Argentina, os quaes vindo no estado selvagem, foram ensinados sob a sua direcção, coadjuvado pelo tenente Lusignan, official novo, mas incansavel trabalhador e apaixonado pelos serviços da sua arma. O esquadrão evolucionava com uma precisão digna de especial menção, nas cargas, armados de lanças, com os seus bons cavallos, velozes e resistentes, com um correcto alinhamento, tornavam-se soberbos e imponentes.

O segundo esquadrão, montado em mulas, recebeu igual instrucção e a maioria do gado foi tambem ensinado.

Ao seu commandante lhe mereceu especial attenção o tiro e o serviço de exploração.

O commandante da companhia de marinha, official experimentado nas campanhas coloniaes, intelligente, vigoroso, inergico e disciplinador, conseguiu que fosse uma unidade de *elite*, pela sua bem orientada e solida instrucção, aprumo e correcção. Como seguiu do reino, julgo que devia passar pelas mesmas phases, trabalhos e fadigas, como a d'infanteria n.º 12.

Nas restantes unidades europeias, a maioria das praças já haviam entrado na campanha do Mulondo, occupação e construcção do forté Roçadas e n'outras operações mi-

litares em Africa, e por este motivo a sua preparação e instrucção já estava feita.

Não posso deixar de relatar um facto que se deu com muitos dos soldados d'estas unidades — com febres, macilentos e n'um estado de magresa que inspirava dó e compaixão, estando em tratamento no hospital, pediram alta para se incorporarem nas suas companhias — allegando: «vencemos o Mulondo e construimos um forte, já nos batemos com os Cuamatos e lá collocamos outro forte, pois bem, ou morremos ou tambem venceremos os Cuamatos», e alguns pagaram com a vida o seu heroismo — aos sobreviventes, a Patria que vos contemple e nunca os deixe morrer á mingua de recursos, porque soldados d'estes nenhuma nação do mundo os tem.

Os commandantes das companhias indignas, enviaram todos os esforços para as pôr a par das europeias, obtendo resultados muito satisfatorios, sobresaheindo comtudo a 10.^a de Moçambique.

Os serviços de saude e administrativos, instruíram o seu pessoal, organisaram e prepararam tudo com o maximo cuidado, evitando faltas.

Durante o estacionamento e a 22, a companhia de marinha e 1.^o esquadrão, sob o commando do chefe de estado maior, foram reconhecer o vau João, para dar passagem aos carros boers, vendo-se que não era praticavel.

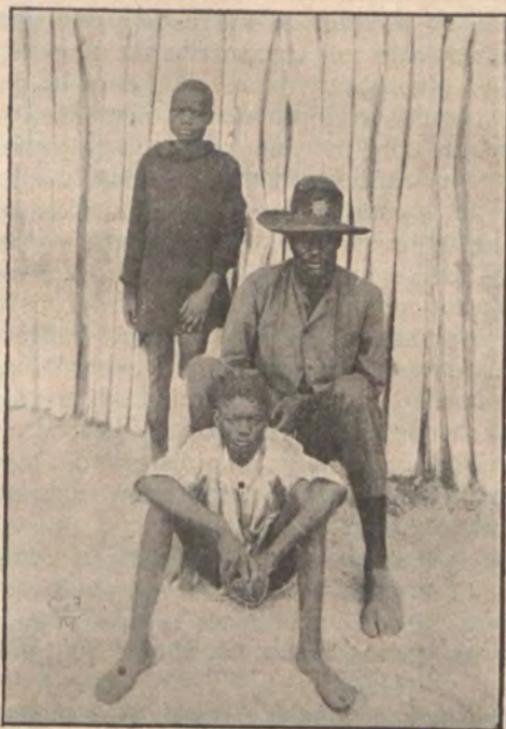
Pelo rio seguiu a lancha *Cunene*. A companhia do 12 ficou de prevenção no acampamento. O tenente Vendeirinho, um dos sobreviventes do massacre de 904, foi o primeiro a passar o vau, apesar de vêr perto da outra margem alguns Cuamatos, dando por esta forma um bom exemplo aos seus subordinados.

Em 23 e 24, os sapadores foram abrir, atravez o matto, tres caminhos, por onde a columna devia seguir, protegendo o trabalho a marinha e o 12, assistindo umas vezes o commandante da columna, outras o chefe de estado maior. Abriram-se quatro kilometros.

No dia 18, pelas 8 horas da noite, uns Cuamatos dispararam para o quadrado quatro tiros, a que não se ligou importancia e depois disseram-nos: — *venham para a nossa terra, que serão corridos a pau; os brancos são galinhas.* — Ao que se respondeu: — *descancem, que não perdem com a demora.*

O serviço de segurança no acampamento foi feito por

um terço das forças de cada unidade, pondo-se todas em armas, desde as 4 horas da manhã até ao romper do dia.



Serviu de guia o Calipalula, preto do Cuamato Grande, Naloéque, bem construído, altura 1^m,98, parente do sóba Chaula, fidalgo da terra e pretendente ao sobado; por este motivo o seu parente achou conveniente mandal-o matar, mas sendo prevenido, foi refugiar-se com a sua família no Cuanhama, e, perseguido, feriram-no com um tiro e uma zagaiada. O soba d'esta região, ao saber que iam encetar as operações e calculando outro massacre, mandou-o matar, provando assim a sua amisade, mas sendo novamente prevenido, fugiu para o Humbe, sendo ainda ferido com duas balas. Eduardo Marques, tendo conhecimento da sua permanencia ali, mandou-o chamar e, como bom diplomata, conseguiu que elle fosse um bom guia e se affeiçoasse aos brancos, servindo-lhe de interprete o mulato Andrade.

Em 25 foi passada revista á columna, pelo seu commandante; recebendo-se n'este mesmo dia ordem de se levantar o acampamento e bivacar-se a E. e a 500^m d'este, junto á rede de arame com o dispositivo de marcha indicado na figura; sómente era permittido levar-se capote e o impermeavel enrolado na tenda abrigo; as mochilas e caixas dos officiaes, seriam entregues ao commandante do forte Roçadas. Toda a columna levaria nos bornaes ração fria para dois dias, e quando fosse ordenado confeccionar-se rancho, seria feito por unidades, requisitando-se o trem de cosinha e viveres ao chefe dos serviços administrativos. A cada praça distribuiram-se dois saccos e uma pá por grupo de tres.

Formação a adoptar no primeiro encontro com o inimigo. — Traços geraes. — A columna faz alto. Forças de apoio e exploradores, sustentam o primeiro embate, devendo retirar, regular e gradualmente para dentro do quadrado. Formar-se-ha quadrado, ficando no centro de cada face uma metralhadora, nos angulos, secções da bateria Ehrhardt e Canet, logo que lhe fôr ordenado, a infantaria desenvolve em ordem extensa, conservando as filas dois passos de intervallo. Os carros irão para o centro, unindo tanto quanto possivel, e ladeados pelos esquadrões.

Fogo a empregar: descargas por pelotões.

Estavamos em frente d'um inimigo aguerrido e o mais temido de todo o Ovampo. Sabia-se ao certo o numero de combatentes, o armamento e municiamento que possuíam; seriam auxiliados pelos Cuanhamas, apesar dos protestos de amizade para conosco do soba Nande, pelos Ganjellas, Cualudes, Barantos, Huigos e outros? não se podia saber, mas presumia-se, e o commandante da columna havia contado com todas as eventualidades. Estou plenamente convicto que nenhum europeu tinha percorrido a região e pelo que diziam os pretos, não se podia formar um juizo seguro, por serem contradictorias as versões.

Confiavamos na Providencia, no valor e alta competencia technica do commando, na instrucção, disciplina e valentia dos soldados, promptos a vencer ou morrer em defeza do brio e honra portugueza.

Lisboa, 28-4-908.

(Continúa).

F. PIMENTEL.

Cap. de caç. 2



A NAÇÃO ARMADA ⁽¹⁾

(CONFERENCIA)

Meus camaradas — Não venho apresentar-vos um trabalho completo de organica militar, nem tampouco um estudo circunstanciado e justificado do assumpto que me propuz tratar, mas tão sómente o producto de algumas horas de reflexão que dediquei a tão momentosa questão, e que nada mais traduz do que o meu modo de vêr ácerca do systema que mais conviria ao nosso Paiz para se garantir a independencia da Patria ou affirmar a sua neutralidade, quando isso lhe convenha.

Venho — Senhores! — desobrigar-me d'um encargo que me foi imposto pelo regulamento, embora não possua a illustração e a intelligencia necessarias para dar o brilho que exige uma conferencia. Conheço bem as circumstancias modestissimas em que me encontro, e bem avalio que a nada mais posso aspirar do que a apresentar-vos

(1) A *Revista de Infanteria*, cujo ideal supremo consiste em ser util ao exercito procurando ser util á arma, põe as suas paginas sempre, gostosamente, á disposição de todos os que trabalham. Esta *Revista* pertence á arma de infanteria e valerá tanto quanto a arma quizer que ella valha. As conferencias, que em todos os regimentos constituem assumptos meditadamente estudados, motivo muito louvavel e digno do maior elogio, e, quantas vezes, flagrantes manifestações de grandes aptidões e de vastos conhecimentos, ficam, quasi sempre, apertadas no estreito recinto das paredes de um quartel, quando deviam irradiar, como abençoado estimulo ou como lição proveitosa, por todas as unidades da arma, levadas nas paginas d'esta *Revista*.

O exemplo está dado.

O nosso amigo e presado camarada, o sr. tenente Amaro, trabalhador e estudioso, apaixonadamente amante do exercito e das glorias da Patria, cedeu ao nosso pedido e por isso aqui lhe consignamos o nosso mais sincero agradecimento.

Que tão nobre exemplo seja seguido por todos os que trabalham é o que sinceramente desejamos.

A REDACÇÃO.

uma desprerenciosa palestra, que apenas exprime a sinceridade do meu affecto pela instituição militar, a intensidade da minha dedicação á causa santa do progresso da nossa Patria. Da vossa critica, da vossa consagrada competencia receberei lição, e feliz me darei se a poder utilmente aproveitar.

Conheço quaes as qualidades indispensaveis a todo o conferente, e bem sei que não se encontram em mim. Mas — Senhores! — nem por isso julgo que seja completamente inutil occupar a vossa attenção n'este momento, e, muito pelo contrario, penso que nós, os que menos sabemos, os que mais alheios andamos d'estes torneios do espirito, é que mais carecemos de trabalhar para vêr se conseguimos, pelo aturado estudo, pelas lições recebidas, compensar de certo modo a avareza com que a natureza nos tratou.

O meu trabalho será dividido em tres partes :

- 1.º — O exercito é necessario e util;
- 2.º — O seu recrutamentó;
- 3.º — A sua instrucção.

I

O exercito é necessario e util

Desde o apparecimento do homem sobre a terra que a lueta existe e continuará existindo, pois que ella é a consequencia da collisão de interesses.

De nada servirá a boa vontade d'alguns para fazerem valer os seus direitos mais legitimos, se não tiverem os meios necessarios para os fazer sustentar; hontem, como hoje e como amanhã, o direito da força será sempre o attendido, terá a preferencia, será o de resultados decisivos.

Haverá sempre um pretexto para o mais forte justificar a imposição feita ao mais fraco, e quando as chances-larias não souberem resolver ou não poderem liquidar a pendencia levantada, a hecatombe será certa para o que menos avisadamente a não soube prevenir.

A guerra vem liquidar por uma fórma brutal e temerosa o conflicto que se levantou por essa lueta de interesses, que nem sempre é a mais consentanea com a razão, mas que nem por isso deixará de ser favoravel áquelle que mais a proposito se tiver preparado para ella.

Por mais que a humanidade caminhe para a sua per-

fectibilidade, nunca attingirá o absoluto d'essa perfeição, pois que isso seria a egualdade absoluta entre todos os homens, o que é apenas uma phantasia generosa dos sonhadores.

A desigualdade está na natureza, e o homem com as suas faculdades limitadas não pôde pensar e muito menos conseguir o que exigiria meios d'acção infinitos.

Constituindo a egualdade absoluta o impossivel, para que procurar attingil-a? Deixemos essa utopia e volvamos a nossa attenção para o que é humano, para o que está em harmonia com a nossa organização de faculdades restrictas.

Assim entraremos no campo pratico, razoavel, e, portanto, de resultados seguros. A paz perpetua é um sonho, e nem chega a ser um bello sonho, como dizia Moltke.

Em todo o caso se se podesse tirar do coração do homem a ambição, então ter-se-ia dado, talvez, um grande passo para o estreitamento das suas relações intimas, para a união e boa harmonia entre os homens, emfim, para a paz universal!

Mas a ambição é innata no homem, é factor peculiar ao mais intimo do seu sentir, do seu pensar, da sua propria existencia. Todos nós ambicionamos o saber, o possuir grandes qualidades moraes, o ser util á communitade, o conquistar posição honrada e proeminente na sociedade, etc.

Todavia, embora todas estas ambições sejam legitimas e constituam um bem social, quando convenientemente reguladas, ellas expressam e impõem a necessidade da lucta, como consequencia fatal do chòque de muitos desejos eguaes expressos por mil fórmas differentes.

Seria preciso que a humanidade fosse refundida e apparecesse com uma natureza inteiramente differente para que a guerra se extinguisse da face do mundo.

A lucta existe entre todos os animaes, e querer que o homem faça uma excepção, é querer espiritalisal-o em excesso, é querer despil-o do envulcro com que tem de fazer a sua travessia por este planeta.

A superioridade que o colloca acima dos outros animaes, pelas faculdades de pensar e de querer, parecendo que devia ser motivo de harmonia em toda a humanidade, é, pelo contrario, razão bastante para despertar toda a violencia das paixões que perturbam o espirito e por vezes avigoram a força material.

Só a educação robustecida pela illustração pôde até

certo ponto estabelecer o conveniente equilibrio entre os instinctos e a razão.

Ah! meus camaradas, a educação é, sem duvida, o mais poderoso auxiliar, ou ainda, a grande força propulsora para se formar o character d'um povo.

«Ha annos, diz o sr. dr. Ricardo Jorge, que as normas de uma educação nacional se ventilam no jornal, no livro, na conferencia e no parlamento».

«O governo de uma nação, diz o sr. Samuel Smiles, é ordinariamente a imagem e o reflexo dos individuos que a compõem.»

«A liberdade não é sómente o effeito de um engrandecimento politico, é, sobretudo, a consequencia de um grande desenvolvimento moral, é o resultado da energia, da liberdade de acção individuaes».

A influencia da educação nos destinos de um povo é tão poderosa, que o mesmo auctor citado affirma que «a maneira como um homem é governado pôde não ter uma immensa importancia, ao passo que tudo depende da maneira como elle se governa a si mesmo. O mais miseravel dos escravos não é, com effeito, aquelle que está submettido aos caprichos de um despota, por maior que possa ser este mal, mas sim aquelle que é escravo dos seus proprios vicios, do seu egoismo, da sua ignorancia».

Ora, como o homem é o elemento primacial da familia, e de muitas familias é que se compõe uma nação, d'aqui deriva palpitantemente o alto grau de importancia que tem para o progresso e felicidade de um povo o valor da cultura intellectual e elevação moral do individuo.

Póde affirmar-se que esses dois factores marcam n'uma nacionalidade o estadio da sua civilisação.

Differentes teem sido as civilisações que teem existido e de que até nós tem chegado conhecimento. Algumas houve que não differiam muito da actual, não obstante terem existido ha muitos seculos, tal o desenvolvimento que tiveram as suas letras, artes, commercio e industrias.

Se ellas nos mostram que a humanidade se tem aperfeiçoado constantemente, tambem nos indicam que esse aperfeiçoamento não tem sido constantemente progressivo, e que epochas tem havido de retrocesso, notando-se comtudo, no mais completo destaque, que as epochas de maior lustre das diversas civilisações, correspondem precisamente ás dos periodos aureos do seu maior esplendor militar.

E' que o exercito em todos os tempos foi o depositario de todas as virtudes civicas, uma poderosa alavanca do progresso, o traço de união entre todos os povos do mundo, o primeiro elemento civilisador, pela ordem e disciplina que impõe e de que faz uso em todas as cousas que lhe dizem respeito.

A' onda de insania e de desorientação que vae crescendo dia a dia por esses negros horisontes alem, é mister oppôr um dique que lhe tolha e paralise o movimento. Mas isso só não basta, é necessario reconstituir e depois aperfeiçoar, isto é, é necessario educar a Nação no respeito á lei, na obediencia prompta á auctoridade, e nos principios de ordem e disciplina que tão necessarios são e que tão descurados teem andado.

Só d'este modo pôde vir o respeito mutuo, a consideração e attenção que devem existir entre os concidadãos.

Se não fôr orientado o povo por um criterio differente d'aquelle que se tem seguido, caminharemos irremediavelmente para a ruina! A'manhã não haverá disciplina que possa manter-se em parte alguma, e a raça abastardada terminará por desaparecer sob a tutela d'outros que melhor souberem cultivar as suas virtudes civicas.

E já que essas suspiradas normas de uma educação nacional não apparecem, ao exercito compete um papel importante n'este momento historico, influindo directa e poderosamente na educação da Nação, incutindo nos seus filhos a ideia do cumprimento do dever, o respeito á lei, o acatamento ás auctoridades, o amor á liberdade, á integridade e independencia da Patria, o culto da bandeira e tantos outros sentimentos generosos que fazem do homem um ente prestadio e util, e quantas vezes um heroe.

Hoje, como em nenhuma epocha, o exercito deve chamar a si o papel de educador da mocidade do paiz, para a guiar pelo caminho recto da verdade, da justiça e do bem.

Para isso deve o exercito começar a fazer sentir a sua acção desde os primeiros dias do alistamento dos manebos nas fileiras, é necessario que as classes que maior influencia teem na formação do character das differentes camadas sociaes se encontrem completamente identificadas com o exercito, é imprescindivel que todas as camadas sociaes, absolutamente todas, tenham passado por esta grande escola do dever civico.

Ninguem ousará dizer que o exercito em todos os

tempos não foi o strenuo defensor da Patria, que não foi elle que formou, augmentou e sustenta, integro e independente, este Portugal, e, que, se as liberdades existem n'esta nossa terra portugueza, foram conquistadas á custa do sangue de tantos e tantos soldados!

Elle ahi está hoje cumprindo gloriosamente o seu dever para manter o prestigio da nossa bandeira onde quer que seja, e, no meio d'esta decadencia, elle é ainda o unico elemento social que se mantem sereno, que se não deixa influenciar por theorias dissolventes, e que, seguro no seu posto, está disciplinado e firme para entrar na lucta, defendendo a Patria dos seus inimigos internos e externos.

E' necessario, pois, que o exercito continue sendo, dentro do paiz, um elemento de ordem e disciplina, que se imponha ao respeito e consideração da Nação, servindo de exemplo no escrupuloso cumprimento dos seus deveres, e que lá fóra, no estrangeiro, elle seja respeitado como o sustentaculo da independencia nacional, correndo-lhe nas veias o mesmo sangue de Aljubarrota, do Busaco e de Torres Vedras.

Temos presentemente uma alliança com a Inglaterra, vivemos nas melhores relações com as potencias estrangeiras, mas isto não quer dizer que d'um para outro momento não nos vejamos a sós comnosco mesmo e em condições bem criticas para a nossa autonomia e independencia.

D'ahi a necessidade de avisadamente contarmos só com os nossos recursos, de estudarmos e melhorarmos as nossas condições de defeza.

Admittindo mesmo que a alliança ingleza continua comnosco na mais cordeal e estreita amisade, nem por isso devemos deixar de olhar com menos interesse para o exercito; muito pelo contrario, temos obrigação de nos tornarmos um elemento de valor n'essa alliança, para não sermos tomados á conta de pesado fardo, a quem a tutela dictaria a lei.

Não, nós não precisamos de servir de pesado encargo n'uma alliança, de confiar a outros o que temos o dever de confiar a nós mesmos; temos recursos para cooperarmos no interesse commum dos alliados.

Não temos grandes capitaes com que possamos adquirir muitos navios de guerra, apresentando valiosas unidades de combate, somos pobres e o territorio não é ex-

cessivamente extenso; mas temos meios de formar um importante exercito, bem armado, disciplinado e com o valor de que tem dado sobejas provas, o que constituirá sempre um valioso auxiliar.

Assim, por mar seremos auxiliados, por terra coadjuvaremos importantemente e com bizarrria os nossos alliados.

Seremos fortes onde os nossos alliados forem fracos e fracos onde elles forem fortes, para haver o mutuo interesse e o respeito e consideração que d'uma e d'outra parte se devem dispensar no auxilio que pactuaram prestar-se.

A alliança impõe-nos por isso a obrigação de nos mantermos á altura do nosso alliado; e cada um com os meios de que poder dispôr, elles, com as grandes forças navaes, senhores dos mares, nós, com a nossa situação geographica, com a nossa parte insular e ainda com o nosso imperio colonial, tudo valorisado com um formidavel exercito.

E' pois o exercito necessario para manter a independencia nacional e o prestigio a que temos direito no concerto das nações.

Tambem o exercito muito contribue para o aperfeiçoamento moral e physico da Nação; primeiro, pela pontualidade no serviço, regularidade e methodo no trabalho, subordinação e respeito para com todos, e muito principalmente estabelecendo a consideração a que tem jus todas as classes da hierarquia, que o mesmo será dizer o respeito e consideração que se deverá dispensar ás diferentes classes sociaes; segundo, pelos cuidados hygienicos e exercicios convenientemente regulados, contribuindo d'um modo importantissimo para o desenvolvimento physico do soldado.

Tendo ingresso nas fileiras n'uma idade em que o desenvolvimento dos conscriptos se está effectuando e quasi a chegar ao seu termo, é occasião propicia para tornar esse desenvolvimento o mais completo possivel, por exercicios methodicamente regulados, apropriado aos órgãos que se pretende desenvolver, e com uma alimentação racionalmente equivalente ao trabalho a dispender.

A par do desenvolvimento physico do organismo, que se procura obter pelos exercicios convenientemente dirigidos e pela alimentação accommodada, veem os cuidados hygienicos que se deve procurar incutir no espirito dos nossos soldados de fórma a leval-os a amarem o

asseio, a procurarem effectuar os seus trabalhos sempre com observancia dos cuidados prescriptos, que, para bem da saude, nunca devem ser esquecidos nem preteridos.

Tambem no exercito se tem cuidado da cultura intellectual dos mancebos que todos os annos veem reabastecer as suas fileiras, contribuindo com um coeficiente importante para a extincção do analphabetismo, que tantos prejuizos causa e descredito á Nação.

O exercito é, não resta duvida, um elemento preponderante de cultura intellectual, um elemento civilizador do paiz, contribuindo para o seu desenvolvimento material e moral.

N'uma palavra, o exercito disciplina o espirito, esclarece a razão, aformoseia o character e avigora e robustece o corpo.

E' a grande, a incomparavel escola civica da Nação.

(*Continúa*)

MANUEL TELLES AMARO.

Tenente d'infanteria 12

A alimentação do soldado no ultramar

Um dos mais difficeis problemas da administração d'um exercito é, sem duvida, o da alimentação das tropas. Este problema assume ainda um mais complicado character quando se trata das forças que servem no ultramar.

A insufficiencia dos recursos, a quasi carencia de productos locaes adaptaveis ao regimen alimentar do soldado europeu, as exigencias especiaes a que tem de satisfazer a ração n'um paiz quente, são embaraços de consideravel importancia á organização methodica d'uma ração que plenamente satisfaça.

Recorrer ás conservas, á *lataria*, na pittoresca phrasologia colonial, sobre encarecer demasiadamente a ração, o que é antagonico com o espirito fundamental da administração, offerece ainda o gravissimo inconveniente de provocar perturbações sérias no apparelho digestivo do soldado, com toda a cohorte de doenças e com o obrigatorio desfecho d'um repatriamento prematuro.

Este simples enunciado basta a demonstrar a vantagem que ha para os paizes que, como o nosso, mantem forças relativamente grandes no ultramar, em estudar devidamente qual deva ser o seu regimen alimentar.

D'uma fôrma positiva e concreta nada ha, que saibamos, definitivamente assente. Apenas em principios de 1905 o então Governador Geral de Moçambique, o conselheiro João Coutinho, mandou adoptar, a titulo d'experiencia, um estudo sobre a alimentação das forças da provincia, elaborado na 2.^a repartição do quartel general.

De fructuosos ou improficuos resultados, o que ainda não conseguimos apurar, a tentativa denota pelo menos uma boa vontade d'attender um dos mais importantes problemas da administração militar colonial e merece por isso especialissimo registo.

Sempre que o exercito ultramarino se reorganisa tem succedido deixar para indeterminado futuro a regulamentação dos diversos serviços. A já classica formula, excellente para arredar embaraços, de: *Regulamentos especiaes definirão, etc.*, dá como logico resultado que estes nunca veem á luz. Assim succedeu com a reorganização de 14 de novembro de 1901, como repetição do que com as anteriores acontecera.

Como, porém, volta a fallar-se e com insistencia n'uma reorganização do exercito do ultramar, na esperança de que agora se siga differente rumo e se regulamentem os diversos serviços ao mesmo tempo que se reorganizam, iremos colligindo aqui os materiaes que reputamos valiosos para o esclarecimento do problema que serve d'epigraphe a este modesto trabalho.

Certamente que tão difficil assumpto se não poderá julgar resolvido com as ligeiras notas que aqui deixaremos compiladas, embora acrescidas algumas d'ellas com a observação directa; pensamos, todavia, que ellas terão algum valor para aquelles a quem fôr incumbido o estudo detalhado de que deva ser o regimen alimentar do nosso soldado no ultramar.

*

Ninguém ignora que nos paizes quentes a excessiva transpiração cutanea enfraquece notavelmente o organismo e que este enfraquecimento só pôde ser combatido com uma alimentação sádia e reconfortante.

A composição e o valor da ração devem, por isso, ser muito mais elevadas do que na metropole e o regimen alimentar, alem de produzir menos calor, deve necessitar ainda d'um menor trabalho digestivo.

Todos os physiologistas que ao estudo do assumpto se teem dedicado concordam em que nos paizes quentes a ração do soldado deve ser superior á ração de conservação.

Tres são os elementos que elles reputam indispensaveis na ração, alem do pão: a carne fresca, o vinho e os legumes.

A carne fresca por estar universalmente reconhecida como o elemento reparador por excellencia, embora o boi do ultramar forneça, na maioria dos casos, uma carne de mediocre qualidade.

O vinho por ser um excellente estimulante e reparador de forças.

Os legumes pelo pouco trabalho digestivo que offerecem. As difficuldades de obter estes é que são ás vezes grandes, pois nem todas as colonias os produzem. Este inconveniente póde, porém, sanar-se com o recurso ás colonias visinhas que os tenham. Foi o que fizeram as tropas inglezas que estacionaram em Suakim, que os obtiveram do Egypto e dos portos do Mediterraneo, e o que se deu com os francezes no Dahomey, que os pediram ao Congo francez (1).

*

Vejamos agora como é constituida a ração do soldado europeu em algumas colonias do ultramar.

As tropas que fazem serviço no Tonkim recebem a seguinte ração (2):

Pão	0 ^k ,750
ou Biscoito	0 ^k ,500
Vinho	0 ^l ,43
Tafia	0 ^l ,04
Café	0 ^k ,024
Assucar	0 ^l ,025

(1) Ned Noll — *Tactique de ravitaillement dans les guerres coloniales* — Paris, 1895.

(2) G. Reynaud — *L'armee coloniale au point de vue de l'hygiene pratique* — 1892.

Carne fresca.....	0k,300
ou de conserva.....	0k,200
ou toucinho.....	0k,225
ou sardinhas.....	0k,080
Sal.....	0k,022
Legumes seccos ou arroz....	0k,060

Desde 1 de maio de 1889, a ração em Diego Suares é a seguinte:

Pão.....	0k,750
Vinho (1).....	0l,60
Carne fresca.....	0k,500
Tafia.....	0l,04
Feijão.....	0k,120
ou Ervilhas.....	0k,120
ou Lentilhas.....	0k,100
Café (2).....	0k,056
Açúcar (2).....	0k,046
Sal.....	0k,030

No Soldão, as tropas recebem (3):

Pão.....	0k,750
ou Farinha.....	0k,500
ou Biscoito.....	0k,550
ou Arroz.....	0k,550
Carne fresca.....	0k,500
ou Toucinho.....	0k,300
Vinho (1).....	0l,5
ou Tafia (2).....	0l,21
Assucar crystallizado.....	0k,040
Sopa Tacot.....	0k,050
Arroz (6).....	0k,060
Azeite.....	0l,06
Gordura.....	0k,012

A ração em Madagascar é composta por (3):

Pão.....	0k,750
Carne fresca.....	0k,500
Legumes (7).....	0k,100

(1) Do qual 0l,010 para alcoolato de quina.

(2) Do qual 0k,020 para bebida hygienica.

(3) Ch. Voisy — *Principes d'hygiène militaire* — Paris, 1896.

(4) Bordeaux.

(5) Desde 1890, o tafia é substituído por café ou chá.

(6) 3 vezes por semana.

(7) Sendo 0k,040 d'arroz, 0k,030 de feijão e 0k,030 de Julianna.

Sal	0 ^k ,020
Assucar.....	0 ^k ,035
Gordura	0 ^k ,030
Café	0 ^k ,025
Chá.....	0 ^k ,004
Vinho .. .	0 ^l ,4
Tafia.....	0 ^l ,04

Os italianos, receberam em Massuah (1):

Pão	0 ^k ,750
Carne fresca.....	0 ^k ,400
ou Conservas	0 ^k ,220
Biscoitos para sopa.....	0 ^k ,200
Arroz ou massa.....	0 ^k ,280
Queijo, azeite ou toucinho...	0 ^k ,015
Sal.....	0 ^k ,020
Café.....	0 ^k ,015
Assucar.....	0 ^k ,022
Vinho.....	0 ^l ,28

A ração do soldado inglez no Soldão foi (1):

Carne de conserva.....	0 ^k ,453
ou Carne fresca	0 ^k ,566
Biscoito.. .	0 ^k ,453
ou Pão	0 ^k ,566
Chá.....	0 ^k ,009
Café.....	0 ^k ,009
Assucar .. .	0 ^k ,063
Legumes frescos ou batatas..	0 ^k ,339
Vegetaes comprimido.....	0 ^k ,028

Como extraordinario distribuia-se ainda 0^l,07 de rum, summo de limão e um ligeiro supplemento d'assucar.

Isto emquanto ás tropas europeias. Em subsequente artigo archivaremos algumas das rações das tropas indigenas.

16-3-1908.

A. DAVID BRANQUINHO
Tenente d'administração militar

(1) Ned Noll — *Tactique de ravitaillemente dans les guerres coloniales* — Paris, 1895.



UM POUCO DE HISTORIA

A instrucção dos quadros nos fins do seculo XVIII, e a instrucção actual

N'est-on pas en droit de demander raison de leurs écarts à ceux qui versent sur le papier des flots de critiques acerbes contre les généraux de cavalerie et d'infanterie pour distribuer largement leurs libéralités de tendresse aux armes dites *savantes*; comme si dans la guerre moderne l'arme savante par excellence n'était pas l'infanterie!

COLONEL BIDAUT.—*Armées anciennes et les Armées actuelles.*

Principiemos pela transcripção das disposições da *nota* a que nos referimos no final do artigo anterior.

1.º—Porque será extremamente util que haja nos exercitos, junto aos senhores generaes, e governadores das praças ou provincias, pessoas cuja sciencia abrace toda a sorte de objectos militares, e se estenda a tudo o que a elles pertence directa ou indirectamente; afim de poderem dar as informações, calcular e preparar os detalhes, reunindo em um ponto de vista combinado a grande variedade dos objectos de attenção que requerem as disposições e projectos militares, de modo que todas as cousas se harmonisem para concorrerem a um mesmo fim.

2.º—Porque como os estudos fundamentaes da profissão dos senhores officiaes de artilharia e engenharia,

tem uma grande influencia sobre tantos outros conhecimentos e habituam tanto o espirito ao calculo, á exacção e á meditação; e que o estudo dos outros conhecimentos não é para elles senão um estudo facil e, para assim dizer, historico, os senhores officiaes de artilharia e engenharia é que estão mais habilitados para adquirirem aquella *universalidade* de conhecimentos cujas vantagens se acabam de notar; e convém que se instruem tambem além da sciencia da artilharia e engenharia propriamente chamadas, da doutrina das marchas e das manobras das tropas, da castrametação, de toda a casta de operações da guerra de campanha, das artes mechanicas necessarias ás fabricas; e urgencias militares, e de tudo o que é relativo ás subsistencias e á economia.

Tendo-me conduzido a natureza do assumpto a recomendar n'este logar leituras que parecem prohibidas pelo Alvará publicado em 1763, em o plano que Sua Magestade manda seguir no estabelecimento, estudos, etc., § 17.º linha 8.ª e seguintes, devo necessariamente, para justificar os motivos que a isso me obrigaram, dizer que esta prohibição tinha por objecto estabelecer a auctoridade dos auctores expressamente prescriptos para as informações e lições publicas, obrigar a estudal-os sem distracção, e desviar efficazmente tudo o que podesse dar occasião a se introduzirem innovações, alterações e discussões particularmente nocivas a um estabelecimento novo; porém, actualmente que o plano dos estudos publicos está assás estabelecido pelo decurso de dez annos, para se não poder reccar que se misturem, sem auctoridade, os estudos particulares com as informações e practicas publicas, parece (a não haver outras razões importantes que a isso se opponham) ser *conveniente* (1) (tanto por causa das vantagens da multiplicidade das instrucções, de que se fallou nos dois §§ precedentes, como tambem porque subindo todos os dias a maior auge e perfeição as sciencias em diversos paizes, é preciso, para não ficar

(1) *Observação.* — O que aqui se diz não é mais do que uma exposição das razões que ha para propôr presentemente uma mitigação da prohibição que se acaba de citar; porém, emquanto ella não fôr expressamente revogada ou mitigada pelas ordens de Sua Magestade, fica claro que cousa alguma póde ou deve dispensar de obedecer a ella pontualmente.

atrás emquanto os outros se vão illustrando, instruir-se dos progressos d'ellas) *permittir-se* e, ainda mesmo, animar-se aos estudos e leituras particulares de auctores differentes, d'aquelles que se acham estabelecidos por auctoridade, para serem ensinados nas aulas de artilharia e engenharia; bem entendido, que não deve permittir-se de se introduzir qualquer cousa que seja nas informações publicas, e menos ainda nas praticas do serviço, senão quando houverem ordens legitimas superiores para esse effeito, contentando-se com se lerem outros auctores differentes d'aquelles que estão auctorizados para se ensinarem, só para o fim de augmentar-se o saber de cada um, instruir-se nos progressos da sciencia e habilitar-se antecipadamente para a intelligencia e mais perfeita execução do que puder vir a ser auctorizado pelo tempo adeante. — Hagenbourg, 20 de setembro de 1773. — *O Conde reinante de Schaumbourg-Lippe*, Marechal General.

Já em 2 de abril de 1762 havia sido estabelecida, em S. Julião da Barra, uma aula, onde se davam lições e faziam exercicios praticos de artilharia, 3 dias em cada semana, hora e meia de manhã e meia de tarde. Em 1790, foi creada em Lisboa a Academia Real de fortificação, artilharia e desenho, destinada para os estudos de applicação militar das differentes armas.

A portaria de 10 de outubro de 1815, dizia: «O Principe regente, desejando promover nos corpos de linha do seu exercito o conhecimento da leitura e escripta portugueza, não só para bem do serviço dos mesmos corpos e economia da sua real fazenda, mas tambem para beneficio d'aquelles seus vassallos que pretendem occupar os diversos postos militares na classe de officiaes inferiores, é servido mandar estabelecer uma aula de ler, escrever e contar, em cada corpo de infantaria, caçadores, cavallaria e artilharia, do seu exercito, e na guarda real da policia de Lisboa, afim de que se aproveitem d'ellas os individuos dos mencionados corpos, querendo elles, e egualmente seus filhos, assim como tambem os filhos dos habitantes das terras ou bairros em que os mesmos corpos tiverem os seus quartéis, na conformidade das instrucções juntas, assignadas por D. Miguel Pereira Forjaz, etc.»

O artigo 1.º das instrucções, dizia: «A escola de ler, escrever e contar, mandada erigir em cada um dos 24 regimentos de infantaria, dos 12 batalhões de caçadores,

dos 12 regimentos de cavallaria, dos 4 regimentos de artilharia e no corpo da guarda real da policia de Lisboa, será regida por um mestre e um ajudante do mestre, e na falta do ajudante, por um aspirantê».

O mestre tinha 200 réis diarios de soldo, pagos com os pretis, além dos vencimentos que lhe competiam em razão do seu posto. O ajudantê, 100 réis diarios nas mesmas condições do mestre, e o aspirante, tambem 100 réis diarios nas mesmas condições.

O mestre devia ter o posto de 1.º sargento aggregado, o ajudante o de 2.º sargento tambem aggregado e o aspirante a ajudante o de cabo aggregado. Estes cargos eram postos a concurso pelos commandantes dos corpos e a relação nominal dos concorrentes era enviada á secretaria de estado dos negocios da guerra, acompanhando a mesma relação um papel dado por cada concorrente eleito, no qual elle tivesse escripto, no acto do referido concurso, uma phrase da lingua portugueza, empregando as tres fórmas de lettras designadas —bastarda, bastardinha e cursiva —, e juntamente attestações da boa conducta dos mesmos concorrentes eleitos, passados pelos commandantes das respectivas companhias.

Com o fim de tornar o ensino uniforme e regular, estabelecia o art. 11.º das instrucções, que todos os individuos propostos para os empregos de mestres, ajudante e aspirante das escolas, fossem instruidos n'uma escola geral que para tal fim se ia estabelecer em Lisboa, segundo as instrucções que depois deviam observar nas suas respectivas escolas, deixando a escola geral logo que tivesse apromptado alumnos necessarios para prehencherem os referidos empregos em todos os corpos.

Abonava-se a cada um dos concorrentes á escola geral a quantia de 60 réis para rancho, emquanto n'ella existissem, e o capellão do corpo em que houvesse escola ficava incumbido de ensinar a doutrina christã a todos os alumnos d'essa escola, em todos os dias santos e domingos, depois da missa, e por tempo de hora e meia.

Em 1823, ordem n.º 53 de 22 de abril, supprimiram-se as escolas por um decreto do theor seguinte: «Tendo as côrtes auctorisado o governo, por decreto de 29 de março proximo passado, para pôr em execução as resoluções tomadas na discussão do orçamento da despeza publica, e de que se tivesse feito communicação ao mesmo governo; hei por bem ordenar, segundo o que na fórma

acima foi reconhecido em 4 de fevereiro ultimo, que ficam supprimidas as escolas de ler, escrever e contar, que se achavam estabelecidas nos corpos do exercito, e bem assim a escola geral onde se habilitavam os mestres, ajudantes e aspirantes, e que os mestres, ajudantes e aspirantes ora existentes, e que tiverem postos effectivos passem nos mesmos a servir nos corpos a que actualmente pertencem ou n'aquelles de onde sahiram para os ditos empregos, se assim o preferirem.

Aveiro — 1908.

J. CORREIA DOS SANTOS

Major de inf. 24.

INVENTO IMPORTANTE PARA AS METRALHADORAS

Um official indio inventou um apparelho notavel, que decerto vae revolucionar o fogo das metralhadoras, e que tem por fim abafar-lhes o estampido, e, portanto, augmentar muito o seu valor no campo de batalha.

O sr. Alfred Thompson, seu inventor, serve agora na India ingleza como inspector em chefe das metralhadoras.

O incessante e revelador estampido da «Maxim» é por este apparelho reduzido ao minimo, de sorte que se torna absolutamente impossivel ouvir-o a uma distancia de 500 jardas.

Actualmente as metralhadoras podem ouvir-se á distancia de milhares de jardas, e por melhor e mais rapido que seja o seu fogo a artilheria descobre-as e inutilisa-as, antes que se tornem perigosas. Mas se a metralhadora puder funcionar em silencio o seu valor é muito maior, não só pelos seus effeitos desmoralisadores, mas tambem porque pode sustentar durante o combate, com pequenos intervallos, umas descargas certas de 100 tiros por minuto.

Esta nova invenção pode adaptar-se á «Maxim» em muito pouco tempo; o seu peso é apenas de 16 arrateis, e mede menos de um pé de comprimento.

Este apparelho vae revolucinar não só no fogo das metralhadoras, como em muitos pontos importantes a arte da guerra em geral.

(Do periodico inglez *The Army & Navy Chronicle*).



BIBLIOGRAPHIA

A carne na alimentação, por *F. Motta d'Almeida*, capitão medico-veterinario.

Este livro utilissimo por igual aos officiaes da administração militar, a todos os officiaes do exercito e ás camaras municipais do nosso paiz, merece ser estudado com interesse.

A competencia technica do seu auctor desenvolve-se em 258 paginas cheias de lição bem proveitosa.

Trata das raças bovinas, caprinas e porcinas.

Apresenta a distribuição da produção pecuaria pelas provincias; estuda as raças bovinas do Brazil e da Republica Argentina; a avaliação do estado das carnes; vitellos, carneiros, etc.

Tabella de Dombasle; matadouros; processos de matança; ideia geral da constituição chimica das carnes; rações militares estrangeiras e do nosso exercito; ração normal de viveres em campanha; contractos das camaras municipais para fornecimento de carnes; contractos militares para fornecimentos ás tropas; fornecimento em época de exercicios ou campanha.

Emfim, do pouco que acima fica enunciado do muito de que o livro trata resalta a toda a evidencia o seu alto valor para o exercito.

Tanto nos basta para o recommendarmos com vivo interesse.

Agradecemos muito sinceramente a offerta que nos foi feita e a gentileza da captivante dedicatória que a acompanhou.

Annuario do Real Collegio Militar — *Anno lectivo de 1906-1907.*

Recebemos esta interessante e util publicação que contem uma curiosa resenha da vida escolar e aproveitamento dos alumnos, e bem assim, relação do desenvolvimento da Bibliotheca do Collegio, sem duvida, hoje muito importante, e do material de ensino.

A realçar o valor do livro abre logo a primeira pagina com uma notavel oração inaugural proferida pelo distincto professor e muito considerado homem de sciencia, o sr. capitão de engenharia, Luiz Augusto Leitão.

A sympathia que nos prende e liga áquelle abençoado instituto, onde vemos crescer e instruir-se os nossos filhos, instituto que se destaca no nosso paiz como, sem duvida, o primeiro estabelecimento de instrução secundaria, leva-nos a transcrever aqui um trecho do bello e consubstancioso discurso do erudito professor, nosso presado amigo.

«Mas no *Real Collegio Militar*, diz o sr. capitão Leitão, além da instrução physica, moral e litteraria ministrada em outras escolas secundarias de caracter particular ou official, destaca-se como factor de incontestavel importancia a educação militar dada desde o primeiro anno ás creanças aqui admittidas, fundindo-se n'ella uns preliminares de instrução que, não sendo na infancia de immediata utilidade, prestam a esses homens de amanhã conhecimentos e vantagens que em determinadas circumstancias os collocam em plano superior ao dos alumnos d'essas outras escolas. E acerca do que pôde valer essa educação na carreira futura, da utilidade da sua expansão e enraizamento, opportuna será talvez a exposição de juizos e reflexões, nunca por certo de mais para afervorarem a ideia de que sendo os institutos secundarios em que se principia a incutir nos espiritos juvenis a alta noção do amor patrio, é o Collegio Militar que pela sua indole característica ha-de caminhar na vanguarda de quem lucha pela exaltação d'esse sentimento nobilissimo, origem de tantos actos magnanimos esculpidos em letras de ouro na historia de cada povo».

E é realmente na generalisação da ideia, que fica acima brilhantemente esplanada, pelas differentes escolas do paiz, que residem todas as esperanças da grandeza da patria.

E' mister ensinar as creanças a amarem a patria e a saberem defendel-a, incutindo-lhes no coração o sentimento da honra e do dever, e esmagando todo o pensamento egoista e desordenadamente ambicioso, que é causa e origem de todos os nossos males.

E' pela educação que se forma o caracter dos homens do futuro, e cabe á escola essa altiva e nobre missão, emquanto do pobre lar inculdo das nossas aldeias não sahir a grande luz que os inglezes exprimem com estas simples mas consubstanciosas palavras — a mão que embala o berço governará o mundo.—

Felicitamos o nosso amigo, o sr. capitão Leitão pelo seu notavel discurso e agradecemos ao Real Collegio Militar a amabilidade da offerta do seu precioso *Anuario*.

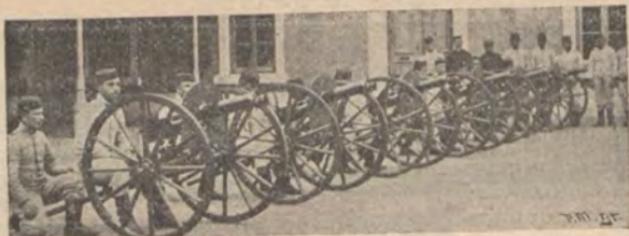
Regulamento dos exercicios da infantaria allemã, traduzido pelo capitão *J. Prata Dias*.

E' sem duvida mais um serviço que o sr. capitão Prata Dias presta aos seus camaradas traduzindo para a nossa lingua a ordenança allemã de 1906.

Vulgarisar entre nós a regulamentação dos differentes ramos de instrução e serviços das infantarias europeias é serviço do mais largo alcance, porque muito ha a apprehender com o estudo dos regulamentos estrangeiros, e do confronto e da analyse comparativa d'esses regulamento com os nossos resultará muita luz que será proveitosa no momento propicio.

Vulgarisar, porém, os regulamentos allemães, indo a Allemanha na vanguarda do movimento dos exercitos europeus, é alto serviço muito para apreciar e agradecer.

E n'esta ordem de ideias, agradecemos ao sr. capitão Prata Dias não só a sua offerta, mas ainda a sua iniciativa, felicitando-o pelo seu trabalho, que é de incontestado valor.



Secção do estrangeiro

Hespanha. — A esquadra do paiz visinho vae ser augmentada com 3 couraçados de 15:000 toneladas cada um, 3 torpedeiros de 350 toneladas, 24 torpedeiros de 180 toneladas e 4 canhoneiras de 800 toneladas.

Além d'isto vae construir a Hespanha arsenaes maritimos, officinas electricas e uma grande doca.

Coréa. — A occupação militar da Coréa pelos japonezes fez despertar n'aquelle povo um vivo sentimento patriotico que explodiu com grande intensidade.

Os coreanos pegaram em armas contra os japonezes. Bandos armados perseguem os japonezes por toda a parte, tendo sido mortos mais de 500 em 3 mezes. Os negociantes japonezes que estavam estabelecidos na Coréa tiveram que abandonar as aldeias e concentrarem-se nas cidades, sob a protecção directa das tropas de occupação.

Os depositos de mercadorias pertencentes aos japonezes teem sido incendiados.

O Japão tem presentemente na Coréa 24:000 homens divididos em 3 divisões militares, mas a situação continua a mesma.

Os caminhos de ferro estão sob um regimen de protecção especial.

Pode afirmar-se que a Coréa está em plena agitação.

E' o grito da independencia, é o sentimento do amor da patria que levanta esse povo opprimido na reivindicacão da sua liberdade, tornando os seus filhos martyres gloriosos.

França. — Um certo numero de officiaes interpretes da reserva e do exercito territorial foram convocados para um periodo de instrucção em Châlons-sur-Marne.

O tenente Bord, do 106 de infantaria, foi encarregado de os instruir.

Assistiram tambem a conferencias sobre o serviço de campanha e organisação do exercito allemão.

Tiveram tambem de executar trabalhos praticos na lingua allemã.

Assistiram a uma manobra de dupla acção do regimento 106 de infantaria, com cavallaria e artilheria, sob a direcção do coronel M. Moreau de Bellaing.

Os officiaes interpretes terminaram o seu periodo de instrucção com um relatorio da manobra a que assistiram escripto na lingua allemã.



11.º ANNO

JULHO DE 1908

N.º 7

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL
Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

METRALHADORAS

(Continuado do n.º 5 — 1908)

QUARTA PARTE

Organizações de agrupamentos de metralhadoras

As metralhadoras tem sido destinadas a cooperar com a infantaria e cavallaria e ainda isoladamente, constituindo unidades com effectivos e organizações muito variaveis, como se verá pela observação das formas de agrupamentos em diversos paizes.

Portugal. — Data de 24 de dezembro de 1901 a introdução das metralhadoras no nosso exercito, distribuindo-se por cada companhia dos 6 corpos de caçadores uma secção de 2 metralhadoras, ou uma totalidade de 72 metralhadoras em 36 secções.

O pessoal e animal especial para o serviço, era o que segue, por cada secção:

Em pé de paz

4 serventes
4 conductores
2 aprendizes
4 muares

Em pé de guerra

8 serventes
8 conductores
12 muares

Quando esta organização foi decretada ainda não se havia escolhido o typo de metralhadora e mais material, a qual se fez em 1903, adoptando-se a metralhadora Maxim que deu, sobre os outros modelos estudados, Bergmann, Hotchkiss e Schwarzlose, resultados muito superiores como metralhadora para terra (4).

A organização obedeceu certamente á necessidade da introducção d'esta arma no nosso exercito, abstrahindo do typo a adoptar.

Em 27 de junho de 1906, o regulamento de mobilisação do exercito em campanha, estatuiu a criação de baterias de metralhadoras a cavallo, a pé e de montanha, com as composições que seguem, não designando a quantidade nem se seriam independentes ou adstrictas a algumas das armas de cavallaria ou infantaria, ou a ambas.

Bateria de metralhadoras a cavallo

	Capitão ou tenente.....	1
	Subalternos	2
	1. ^o sargentos	1
	2. ^{os} sargentos.....	4
Pessoal ...	Apontadores (cabos ou soldados)...	8
	Clarim	1
	Ferrador.....	1
	Serventes (cabos ou soldados)	16
	Espingardeiro-serralheiro.....	1
	Praças de reserva.....	2
Animal ...	Solípedes de sella.....	35
	Solípedes de tiro ou a dorso.....	22
Material...	Metralhadoras.....	4
	Carros de munições.....	3
	Carro de bagagem e viveres.....	1

Bateria de metralhadoras a pé

	Capitão ou tenente.....	1
	Subalternos	2
Pessoal ...	1. ^o sargento.....	1
	2. ^{os} sargentos.....	4
	Apontadores de 1. ^a classe.....	8
	Clarim	1

(4) V. Ordens do Exercito de 1904, parte não official.

Pessoal ...	{	Serventes (cabos ou soldados).....	12
		Espingardeiro-serralheiro.....	1
		Praça de reserva.....	1
Animal ...	{	Solipedes de sella.....	4
		Solipedes de tiro.....	16
Material...	{	Metralhadoras.....	4
		Carros de munições	6
		Carro de bagagens e viveres	1

Bateria de metralhadoras de campanha

Pessoal ...	{	Capitão ou tenente.....	1
		Subalternos.....	2
		1. ^o sargento.....	1
		2. ^{os} sargentos.....	4
		Apontadores de 1. ^a classe.....	8
		Ferrador.....	1
		Clarim.....	1
		Serventes (cabos e soldados).....	12
		Maqueiros (d'entre os serventes).....	4
		Serralheiro-espingardeiro.....	9
Animal ...	{	Praças de reserva....	2
		Praças para bagagens e viveres.....	1
		Solipedes de sella.....	0
Material —	{	Solipedes de tiro.....	36
		Metralhadoras.....	4

Actualmente acham-se as metralhadoras distribuidas aos corpos de caçadores, constituindo companhias de 4 metralhadoras cada 5.^a e 6.^a companhias, divididas em 2 secções, com a seguinte composição e na totalidade de 48 metralhadoras em 24 secções:

Companhia de metralhadoras

Pessoal ...	{	Capitão.....	1
		Subalternos.....	2
		1. ^o sargento.....	1
		2. ^{os} sargentos.....	4
		Apontadores (1) ¹	8
		Corneteiro.....	1
Material —	{	Cabos e soldados serventes (1) ¹	12

(1) D'entre a totalidade dos apontadores e cabos e soldados serventes, quatro d'estas praças serão 1.^{os} cabos.

Pessoal ...	{	Conductores (1).....	14
		Espingardeiro-serralheiro.....	1
		Reserva e impedidos dos officiaes....	4
Animal ...	{	Solipedes de sella.....	4
		Solipedes de tiro (2).....	18
Material... {	Metralhadoras.....	4	
	Carros de munições.....	4	
	Carro de bagagem e viveres.....	1	

Esta organização não tem character definitivo (3); só depois de exercicio e applicação em manobras, se poderá escolher a melhor forma de agrupamento, como aliás tem succedido a outros paizes, como teremos occasião de reconhecer, e determinar, com conhecimento, o seu emprego tactico.

O material da metralhadora Maxim é o já indicado. Com as munições a dorso de luar, transportando cada uma 3:000 cartuchos, ficará cada arma municiaada com 15:000 cartuchos, o que não é demais como se verá por outras organizações.

O modelo de baste ainda não se acha escolhido, mas o que melhor nos parece que conviria adoptar seria o typo suiso de 17 kilos, já longamente experimentado.

Inglaterra.— Este paiz emprega as metralhadoras ha bastantes annos nas suas expedições coloniaes, e será talvez o mais conservador na forma de agrupamento que adoptou, apesar de que em alguns casos e por circumstancias de momento, o tem alterado.

Em 1890 distribuiram-se metralhadoras Nordenfeldt, Gardner e Maxim ás tropas de infantaria e cavallaria, escolhendo-se ao mesmo tempo nas companhias e esquadões, entre os atiradores classificados e os mechanicos profissioaes, as praças, que recebiam uma instrucção completa sobre o funcionamento e emprego

(1) Quatro para as metralhadoras e carros de munições e 10 para as muares conduzindo munições em bastes, a dorso.

(2) Dois para o carro de bagagem e viveres, dois de reserva, quatro para as metralhadoras e dez (cinco por secção) para transportarem munições em baste, a dorso.

(3) O serviço da metralhadora em detalhe pode ser visto nas *Instrucções provisórias para o serviço das metralhadoras.*

da metralhadora do modelo usado nos corpos a que pertenciam.

Depois de experiencias feitas no campo de Aldershot, reconheceram a necessidade de que as metralhadoras deveriam constituir unidades espeziaes; e em 1892 crearam as primeiras secções a duas metralhadoras que ficaram adstrictas ás brigadas de infantaria.

A seguir, crearam-se mais duas secções que se destinaram aos batalhões de infantaria montada.

Em tempo de guerra, a cada brigada de infantaria e batalhões de milicias, é adjuncta uma secção de metralhadoras, composta de:

Pessoal ...	{	Tenente	1
		Sargento.....	1
		Cabos.....	2
Animal —	{	Soldados.....	9
		Cavalllos.....	6
Material...	{	Metralhadoras Maxim.....	2
		Carro de munições.....	1
		Carro de viveres.....	1

As munições comprehendiam 21:000 cartuchos dos quaes 4:000 em cada reparo que transportava a propria metralhadora; e 13:000 no carro de munições.

A metralhadora, n'um carro, é tirada a dois cavalllos, sobre um dos quaes monta o conductor. Dois ser-ventes vão sobre o carro aos lados da metralhadora, e os outros dois vão a cavallo, junto da mesma.

Estas secções estão addidas, em tempo de paz, a um batalhão da brigada.

Os officiaes estão armados de pistola e sabre, os sargentos e cabos de revolver e pistola e os soldados de espingarda e baioneta.

Cada brigada de cavallaria recebe, em caso de guerra, uma secção de metralhadoras Maxim, a qual na paz estava addida a um dos regimentos da brigada. Egualmente, cada regimento de cavallaria da *Imperial Yeomanry*, tem já, em tempo de paz, uma secção.

A composição d'estas secções é a seguinte:

Pessoal ..	{	Tenente	1
		Cabos.....	2
		Soldados.....	15

Animal	— Cavallos.....	2	
Material...	{	Metralhadoras Maxim	2
		Carros de munições.....	2
		Carro de viveres.....	1

As munições compõem-se de 7.000 cartuchos nos reparos das metralhadoras e 34.000 nos carros de munições. Os officiaes estão armados de pistola e sabre; os cabos, de revolver e sabre, e os soldados, de sabre e carabina Lee-Enfield, de calibre 7,7^{mm} (igual ao da metralhadora).

O effectivo das secções de metralhadoras que se juntam aos batalhões de infantaria montada é quasi igual ao effectivo das da cavallaria. N'aquellas tem um soldado e 3 cavallos a menos; em compensação tem mais munições (1.100 cartuchos).

A cada divisão de cavallaria de constituição eventual, são adjunctas tres secções de metralhadoras, das quaes duas ás brigadas e uma ao batalhão de infantaria montada.

Apesar d'este agrupamento, que tem sempre por base a secção, a Inglaterra, quando tem de empregar muitas metralhadoras, agrupa-as por outra fórma, não se prendendo com a organização.

Na ultima campanha do Egypto (1), que a levou á victoria de Omdurman (1898), o exercito anglo-egypcio, composto de 6 brigadas de infantaria, 5 esquadões, 8 companhias de méharistas e 46 peças de artilheria, dispunha ainda de 20 metralhadoras, sem contar as Maxim, de 14 canhoneiras da esquadra.

Seis metralhadoras Maxim foram adstrictas á 1.^a brigada e quatro á 2.^a do exercito inglez, e constituiram-se ainda uma bateria montada de seis, e outra a cavallo de quatro metralhadoras, que se juntaram ás tropas egypcias.

No começo da guerra anglo-boer, a Inglaterra tinha dez secções de metralhadoras, adstrictas ás quatro divisões (das quaes tres de infantaria e uma de cavallaria) a duas brigadas cada uma.

Todas as tropas que seguiram para a Africa do Sul, em reforço ás que ali se encontravam, iam com metralhadoras.

(1) Notes sur les mitrailleuses, par le capitaine Mléneck.

A 5.^a divisão d'infanteria, de duas brigadas a 4 batalhões, tinha quatro secções de metralhadoras; as 6.^a, 7.^a e 8.^a divisões (da mesma composição e oito companhias de infanteria montada) eram dotadas cada uma de 8 secções de metralhadoras. Só a 4.^a brigada de cavallaria tinha as duas secções regulamentares.

Em abril de 1900, tinham as tropas inglezas na Africa do Sul 200.623 homens e 144 metralhadoras!

A organização das metralhadoras em algumas das colonias inglezas é completamente differente.

O segundo contingente que a Nova-Zelandia forneceu para a guerra sul-africana, possuia uma companhia de 4 metralhadoras Hotchkiss, carregando com o cartucho da Lee-Enfield, montadas sobre tripés articulados e transportadas, como as munições, sobre baste, a dorso de cavallos.

Pelo que fica exposto, se vê que o municiamiento por metralhadora, varia entre 10.500 e 20.500 cartuchos, o que é já superior á dotação da metralhadora portugueza, e, ainda assim, com as munições transportadas por forma mixta: em carro, e em bastes, a dorso.

O typo do material para a cavallaria e infanteria montada é um pouco semelhante ao representado na figura 30. A metralhadora está montada sobre uma columna protegida por um escudo e fixa no carro. O atirador fica tambem protegido pelo escudo e o fogo póde ser feito, quer com os cavallos engatados, quer desengatados.

O fogo, no primeiro caso, só deve ser feito quando absolutamente necessario.

Na marcha devem os serventes sentar-se aos lados da metralhadora, no armão; um cavallo vae entre varaes, e o outro, ao lado, transporta tambem o conductor.

O reparo das metralhadoras de infanteria tem tambem varaes. Um solipede tira-o e o conductor dirige este, a pé. E' prohibido aos serventes sentarem-se no carro.

Allemanha. — Nas manobras de 1899 appareceram, pela primeira vez, seis companhias de metralhadoras a quatro Maxim, em viaturas puxadas a dois cavallos, adjuntas: uma ao corpo da guarda, tres ao 1.^o corpo d'exercito e duas ao 14.^o.

A's manobras de 1900 foram duas companhias tambem de quatro metralhadoras Maxim, mas tiradas a 4 cavallos, adjunctas ás divisões de cavallaria.

Em 1901, crearam-se cinco companhias de metralhadoras adjunctas a batalhões de caçadores da guarda e com uniforme especial. A composição das companhias era a seguinte:

Pessoal ...	{	Capitão.....	1
		Subalternos.....	2
		1.º sargento.....	1
		2.ªs sargentos.....	2
		1.ªs cabos.....	6
		Soldados.....	58

Nos cabos e soldados estão comprehendidos: um ferrador, um artifice, um serralheiro e 18 conductores.

Animal....	{	Cavallos de tiro.....	34
		» » sella.....	9
Material....	{	Metralhadoras.....	6
		Carros de munições.....	2

Em 1902 foram creadas mais oito companhias eguaes ás anteriores.

Em 1904, de 16 companhias de metralhadoras adjunctas aos batalhões de caçadores e infantaria, 13 pertenciam ao exercito prussiano, uma ao Bavaro e duas ao Saxonio.

Em 1 de setembro do mesmo anno era publicado o regulamento d'exercicios e de tiro para as metralhadoras.

Pelo mesmo regulamento, a companhia tinha 6 metralhadoras Maxim, constituindo 3 secções; 3 carros de munições, 2 carros de abastecimento, cavallos de reserva, 1 carro de viveres, 1 de forragens e 1 de bagagem, que constituiam o trem de munições e viveres.

As metralhadoras, os carros de munições, de abastecimentos e de forragens, são tirados a 4 cavallos, sendo dois d'estes montados pelos conductores.

O capitão commanda a companhia, os subalternos, as secções, e o 1.º sargento ou um subalterno, o trem de munições.

O pessoal montado (officiaes, sargentos, corneteiros e conductores) estão armados de espada e pistola au-

tomática, e o apeado (serventes), de carabinas m/98 e sabre-bayone a curto.

O uniforme é todo de panno cinzento, inclusivé a barretina (*Tschako*) e todo o correame e o calçado, de couro, com a côr natural.

As companhias de metralhadoras recebem recrutas, que instruem para o serviço especial; os cavallos de tiro e de sella são recebidos com completa instrucção.

A instrucção especial do serviço de metralhadoras é precedida da instrucção geral dos caçadores, mas começam a conhecer a arma logo desde o seu alistamento. Todos os serventes recebem a mesma instrucção e até a necessaria para substituir, em caso de necessidade, os conductores. Estes igualmente recebem a instrucção precisa para supprirem a falta de qualquer servente.

Para o serviço da metralhadora são necesarios um chefe de metralhadora e quatro serventes.

Estes são numerados de 1 a 4, sendo o n.º 2 o apontador.

Quando em marcha, o chefe da metralhadora vae ao lado esquerdo e junto do conductor do tiro da frente. Os n.ºs 1 e 4 vão sentados no carro da frente (armão) e os n.ºs 2 e 3 no da retaguarda, que transporta tambem a metralhadora. Os n.ºs 1 e 4 teem as carabinas em bandoleira (sobre as costas); as dos n.ºs 2 e 3 estão sobre o reparo. Os n.ºs 1 e 3 transportam pequenas pás e o n.º 4 um machado-picareta.

As metralhadoras estão sempre montadas sobre o reparo trenó, o qual, conforme o terreno, pôde ser applicado para fogo sentado, de joelhos ou deitado; as fitas carregadoras conteem, como as nossas, 250 cartuchos, mas estão cada uma em seu cunhete e não duas como entre nós.

O municiamento de uma companhia de metralhadoras é quasi o dobro do de uma companhia de infantaria.

As munições são, na maioria dos casos, transportadas para junto das metralhadoras nos cunhetes sobre trenós, que os n.ºs 1 e 4 arrastam com facilidade, e os quaes estão no armão.

Tanto o manejo do fogo como a sua execução, são identicos aos adoptados no nosso paiz.

As companhias de metralhadoras estão addidas aos

batalhões de caçadores e infantaria simplesmente para effeitos de administração e disciplina, e os seus officiaes são do quadro do corpo a que se acham addidos.

(*Continúa*)

CAP. BUGALHO

A Escola Pratica de Artilheria

Chega-nos ao conhecimento informações fidedignas de nossos camaradas de arma que, fazendo o tirocinio, a que são obrigados por lei, na Escola de Vendas Novas, saem d'ali com as melhores impressões, não só ácerca do valor do nosso material de artilheria, mas tambem da bella camaradagem, da consideração, da estima, do carinhoso acolhimento como são tratados e recebidos, conservando no seu espirito grata lembrança de tão util quão proveitosa passagem por aquella Escola.

A *Revista de Infantaria* tornando-se echo do sentir geral da arma regista com desvanecimento a criteriosa orientação da Escola Pratica de Artilheria, tanto mais digna de applauso quanto é certo que no combate moderno é do mais efficaz resultado a judiciosa combinação dos esforços de todas as armas, mas muito principalmente da infantaria e da artilheria.

Todavia, seria injustiça, que nunca voluntariamente poderemos commetter, não mencionar n'este agradecimento as Escolas Praticas de Engenharia e de Cavallaria.

Todas com uma gentileza captivante e estremada amabilidade procuram facultar á nossa arma todos os elementos de estudo da suas especialidades e que tanto importa vulgarisar no exercito.

Se nos referimos em especial á Escola Prática de Artilheria é por conhecermos quão improficuos foram os bombardeamentos inglezes na guerra do Transwaal e dos russos na ultima guerra do Extremo Oriente, sempre que a acção do fogo da artilheria não fôsse acompanhada pela offensiva da infantaria, para forçar o inimigo a mostrar-se, e assim poderem ser aproveitados os maravilhosos effeitos da artilheria moderna.

A phisionomia do combate moderno assenta essencialmente na combinação dos esforços d'estas duas armas.

E assim encontramos-nos hoje, como hontem, na mesma ordem de ideias, propugnando pela união do exercito, pela intimidade de todos os seus elementos, pela correlação effectiva de todas as armas para o fim commum, não se devendo regatear a ninguem a sua quota parte de louvor e agradecimento pelo trabalho util em favor dos mais respeitaveis interesses do paiz.

E encontrar-nos-hão sempre n'esta estrada, franca, aberta, leal e illuminada pela luz quente e brilhante do mais devotado altruismo em favor da causa de nós todos, filhos da mesma terra, officiaes do mesmo exercito.

E' indispensavel manter-se entre todos os officiaes das differentes armas um certo contacto intellectual, pondo em confronto o valor tactico de cada uma, a sua especialisação, a potencia dos seus meios de acção, os recursos do seu material, n'uma palavra, é absolutamente indispensavel familiarisar cada arma com os processos de combate das outras.

E como realisar este almejado desideratum?

Evidentemente proporcionando aos officiaes todas as occasiões de estreitarem relações pessoaes, de trocarem impressões tacticas, de avaliarem de visu o valor das armas differentes, sendo um valioso meio para tal se conseguirem os tirocinios nas differentes Escolas Praticas do nosso exercito.

Pena é, e lamentamos sinceramente, que uma medida impensada, para não dizer imprudente, viesse reduzir o numero de dias d'esse tirocinio tão absolutamente indispensavel á valorisação do conjuncto.

Mas, emfim, emquanto se não voltar ás formulas que devem definitivamente regular assumpto de tanta magnitudde sirva de inicio á boa doutrina os tirocinios actuaes.

Não ha nada que possa dar uma ideia do que é o fogo de artilheria, diz o major Niessel, do 69 de infantaria franceza, senão o tiro real.

E esse tiro só na respectiva Escola Pratica ou nos poligonos adequados é que póde realisar-se.

Portanto, applaudimos, por todos os motivos, os tirocinios nas differentes Escolas Praticas do nosso exercito, e registamos com o maior agradecimento, a delicadeza, a amabilidade, a solitudine e o interesse com que os nossos camaradas das differentes Escolas procuram tornar uteis e agradaveis os dias que a infantaria passa em Tancos, em Vendas Novas e em Torres Novas.



NO SUL D'AFRICA

Campanha de 1907

(Continuado do n.º 6 — 1908)

3.ª PARTE

A campanha com os Cuamatos

A's tres horas da madrugada de 26 d'agosto, toda a columnã formou, tomando o dispositivo indicado na figura do numero antecedente. Fez-se a distribuição do café.

Deviam ser umas sete horas quando se rompeu a marcha. Comprehende-se bem a demora havida quando se pense que era necessario engatar o gado dos carros boers, tirados a 10 e 14 juntas de bois, carregar os carros, e conduzil-os para o centro da columnã, o que é sempre trabalho moroso.

Bello e imponente o aspecto da columnã, encantador o garbo dos nossos soldados. Fizeram-me recordar as palavras do gascão João de Montferrat, na batalha de Aljubarrota: — *Tenho assistido a sete batalhas e nunca vi soldados com mais alegre aspecto, com mais resoluta physionomia.*

Como antecipadamente se haviam aberto tres caminhos paralelos, os tres escalões seguiram por elles, indo tambem pelo do centro o quartel general, artilheria, trem de combate, ambulancia e carros, e para que se marchasse á mesma altura estabeleceram-se patrulhas de communicacão.

A marcha fazia-se vagarosamente, o terreno era arenoso e os carros caminhavam com difficuldade, paran-

do-se frequentemente para diminuir a profundidade. Percorridos os caminhos abertos, os altos foram mais demorados para dar tempo aos sapadores derrubarem as arvores e devastarem as mattas de espinheiros.

As tropas seguiam em rigoroso silencio, esperando-se a todo o momento o encontro do inimigo; unicamente se ouvia o estalido do chicote dos carreiros e os seus gritos caracteristicos com que fazem andar e parar os bois, e travar os carros — *Anáo, hoppe e catarulla*.

Andados uns seis kilometros, deparou-se com *arimbos* (terrenos cultivados) e vestigios de cubatas incendiadas, pelo 2.º esquadrão, quando em 1906 foi explorar o terreno em volta do forte Roçadas, e tendo-se afastado mais do que devia, se viu obrigado a travar uma momentanea escaramuça, e a retirar desordenadamente, perseguido com fogo, e cahiria em poder dos Cuamatos, se não fosse a protecção dos auxiliares (pretos do Osloj), que pagaram com a vida o respeito ao seu chefe (1), ficando em poder do inimigo muitas armas.

O terreno aqui era muito arenoso, seguindo depois uma grande matta de muthiati, o que novamente obrigou os sapadores a continuarem na sua fatigante faina de abrir caminho.

A's onze horas entrámos n'uma grande *chana*, (clareira) Tchahafenda, coberta de capim, e recebemos ordem de bivácar em quadrado. Toda a columna cerrou; as forças da frente e retaguarda metteram em linha, as baterias volveram á direita e á esquerda e todas as tropas desenvolveram com dois passos de intervallo; os exploradores e forças de protecção recolheram ao quadrado, a bateria Ehrhardt destacou as secções para os angulos da frente e a Canet para os da retaguarda, a secção B. E. M. 7^{cm} para as faces lateraes, as metralhadoras a meio de todas as faces, a ambulancia e comboio para o centro, flâqueado pelos esquadrões.

Traçou-se um correcto entrincheiramento, sendo o perfilamento feito com os sabres, mandando-se depois — *entrincheirar* — a primeira fileira deu 30 passos em frente

(1) Osloj é um mulato muito temido pelos pretos dos Gambos, e bem sabiam que, se o abandonassem, receberiam depois severo castigo. Tem prestado com os seus alliados bom serviço ás columnas que operaram no sul d'Angola.

e deitou-se, tendo dado os saccos de que ia munida aos cerra-filas; estes encheram-nos com a terra tirada da escavação da trincheira e collocavam-os na sua frente, em sentido horisontal, em dois renques de tres ordens. Terminado o trabalho todos se abrigaram.

Ao meio dia estava montado o serviço de segurança, e tivemos occasião de comermos uma parte da ração fria,

Ao encetarmos a marcha, o dia apresentou-se ameno e sereno, mas a esta hora o calor era insupportavel e os soldados esgotaram a agua dos saccos.

Continuámos a recommendar ás praças a maxima vigilancia durante a noite — que d'um momento para o outro se poderia iniciar o combate — que a victoria seria nossa, e se recordassem sempre das palavras do nosso commandante: — «Sobre retiradas não se fala, porque, nas guerras com pretos, o soldado portuguez não sabe o que seja retirar. Soldados e marinheiros! Lembrae-vos que inspiraes ao negro um terror supersticioso; tomae isto como um dos mandamentos: vence o sangue frio, pontarias baixas, fogo por descargas á voz dos vossos commandantes, e quando se dê a voz de carregar fazei-o a fundo! Quanto mais numeroso fôr o inimigo, maiores serão as perdas que vós lhes causareis e maior será a vossa gloria de o ter derrotado!»

Durante o dia nada de anormal se passou, unicamente se presencava o movimento proprio do bivaque e se ouviavam as conjecturas sobre o proximo combate.

Por nos terem deixado entrar na *chana* e entrincheirar, sem hostilidade, calculámos não ser provavel dar-se ali o primeiro combate; sabia-se tambem que em 1904 o sóba havia censurado asperamente os *lengas* (chefes de guerra) por não terem deixado internar mais toda a columna, pois contando com a victoria, a presa seria maior e a retirada mais difficil e mortifera.

De noite o serviço de segurança foi feito por $\frac{1}{3}$ da força de cada unidade. Dormiu-se nas trincheiras, com as armas em bateria, tendo-se por cama o terreno e por cobertura a abobada celeste.

A *chana* foi illuminada por projectores de acetylene, collocados em dois angulos oppostos ao quadrado.

Os Cuamatos, ás oito horas da noite, tiveram a amabilidade de nos prevenir que, se tentassemos avançar, pagaríamos bem caro o atrevimento de entrarmos na sua terra e seríamos corridos a pau.

Pouco depois cahiu-se em silencio, entrecortado sómente pelas passadas das constantes rondas, pelo latido das rapozas e *mabécos* (pequenos cães) e o uivo da hyena.

No dia immediato, ao alvorecer, bebemos uma ração de aguardente e distribuiu-se tres decilitros de agua. Levantou-se o acampamento, despejando-se os saccos nas trincheiras e tomando-se novamente o dispositivo de marcha.

Deveriam ser umas sete horas, quando esta se principiou, fazendo-se sem difficuldade e com muita regularidade, emquanto atravessámos a *chana*, mas seguindo-se uma densa matta, principiamos os fatigantes altos; depois deparou-se com outra *chana* (Lilaombe), fazendo-se aqui um alto mais demorado e proseguindo-se entrou-se n'outra matta.

A meio d'esta, os auxiliares a cavallo e a pé, que iam como exploradores e de protecção á columna, retiraram para o quadrado, ficando este simplesmente defendido pelas patrulhas e pelotão de cavallaria; confesso, fiquei fazendo um juizo desfavoravel dos auxiliares, quer brancos quer pretos, pouco crente nas suas fanfarronadas — mercenarios, emfim.

Avisaram o commandante da columna que a 500^m havia uma *chana* e estava negra de pretos.

Estavamos, portanto, no verdadeiro theatro da guerra, onde não ha preconceitos de exercito de terra e mar, precedencias de armas, nem outras futilidades que os ocios da paz ingenuamente acalentam. Ali, ao avisinhar-se o choque de uma lucta que todos sabiam seria terrivel, todos confraternisavam, e todos concorriam com a maior dedicação e sacrificio para se gravar mais uma pagina de ouro na historia das nossas campanhas coloniaes, e rasgar-se os crepes da nossa bandeira, que na região do Cuamato, em tres retiradas, serviu de mortalha a muitos dos nossos heroicos soldados, combatendo com denodo em sua defeza.

1.ª ACÇÃO

Tcha-Mufilo (Campo do silencio)

A columna fez um pequeno alto; com satisfação ouvi aos soldados que estavam ao pé de mim: — *Até que emfim, appareceram, ia custando a encontrar-os.* Posso precisar que não lhes notei a menor commoção nem fraqueza, estavam anciosos por se baterem.

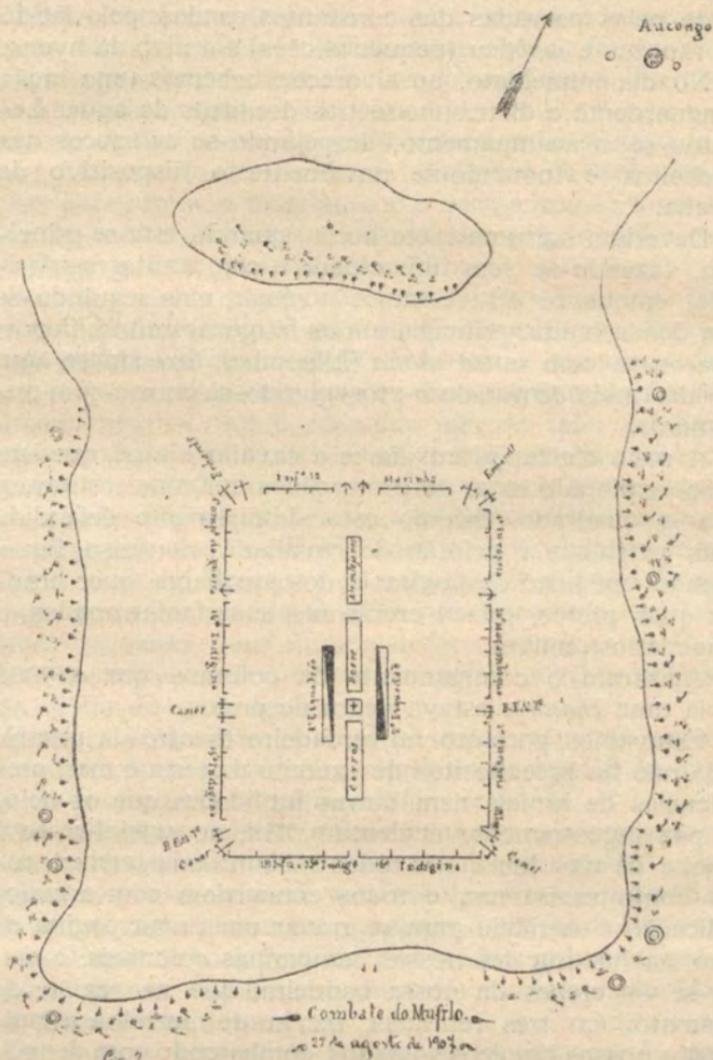


fig 2

Legenda

- Peltate Niipe
- † Met. chadoras.
- † Pico
- M'indoro muniger.
- ⊙ Libatas
- Libatas
- ⊙ Muro salak'
- ⊙ Muro
- ⊙ mata

Avançou-se com todo o cuidado e precaução até á orla da *chana*, onde as forças do primeiro escalão pararam, para o comboio diminuir de profundidade.

Conferenciei com o meu camarada, 1.º tenente da armada Sepulveda, e analysámos detidamente a *chana*. Deve ter 2000^m de comprimento por 1500^m de largura, forma rectangular, sem arvores e matto, e com capim rasteiro, rodeada de arvores, matto e *morros de salalé* (1). Por esta simples descripção, poder-se-ha avaliar que o terreno que nos haviam reservado era desfavoravel, tendo o inimigo todo o partido.

Pretos não se viram, tinham retirado para o matto. Se nos internassemos no mattagal, desappareceria a cohesão e, n'uma surpresa, travar-se-hia a lucta corpo a corpo, o que daria logar a desorganisarem-se as fileiras e, em face da agilidade e destreza dos Cuamatos, não seria provavel tirar-se bom partido; portanto a *chana* seria o campo onde deviamos receber o inimigo a peito descoberto.

N'esta altura já os pelotões de cavallaria e os d'infanteria, que apoiavam os sapadores, haviam retirado. Continuámos no avanço e á medida que se entrava na *chana* ia-se tomando o dispositivo (fig. 2), de que conheciamos os traços geraes, sendo as alterações transmittidas pelos officiaes do quartel general. A infantaria estendeu em linha, com dois passos de intervallo.

A's 9 $\frac{1}{2}$ ainda na matta vinham dois carros boers e uma carroça alemtejana, quando o inimigo rompeu fogo certo e intenso sobre a guarda do comboio. O 1.º esquadrão apeou-se e estendeu em atiradores para o flanco esquerdo, tendo como reserva a 16.ª companhia indigena e a secção Krupp.

Os carreiros chicotearam desalmadamente os bois, para que os carros fossem rapidamente para o centro da *chana*, onde a defeza estava prompta na frente, direita e

(1) Pyramides de terra, variando, vulgarmente, o raio da base entre 0^m,5 e 1^m,5, e a altura de 2 a 6^m, construidas por uma formiga — *salalé* — muito consistentes e difficeis de destruir com artilheria de pequeno calibre, servindo de excellentes abrigos, onde os pretos abrem uns buracos na base e se podem deitar, mettendo o cano das armas por esses pequenos orificios e construindo uma banqueta, que permite o fogo em andares.

esquerda. A carroça alemtejana foi abandonada, por se ter partido o eixo, trazendo-se para dentro do quadrado as muares e tudo o que ella conduzia.

O capitão de artilheria Carrilho só retirou para o quadrado quando todo o comboio estava sob a protecção da columna.

Faltava fechal-o com a face da retaguarda, onde momentaneamente se deu uma pequena desorganisação, indo reforçal-a o pelotão de reserva de infantaria 12, cuja incorporação com os soldados indigenas lhes deu alento, concorrendo tambem com descargas precisas, para affastar o inimigo e fazel-o diminuir o fogo; o pelotão logo ao principio teve dois soldados mortos e cinco feridos. Beirão, valente e destemido, imprimiu as mesmas qualidades aos seus subordinados.

O inimigo, vendo o comboio protegido e o quadrado organizado, desistiu de forçar a face da retaguarda, para onde por muito tempo convergiram as suas atenções e fogo nutrido, fogo que se generalisou depois sobre todas as faces.

A infantaria ajoelhou e, com alças conjugadas, varria com descargas de pelotões, dadas com a regularidade que muitas vezes não se consegue n'um simples exercicio, toda a *chana*, sendo comtudo espaçadas, e indicando o commandante das companhias o pelotão que devia responder ao intensivo tiroteio, a alça e a direcção.

A artilheria, sem precipitação, nota d'onde o fogo é mais intenso, ou a passagem d'um grupo de negros, ou visa uma *libata*, e para lá dirige, com precisão, os projecteis, que augmentam o effeito moral das tropas e dão confiança á infantaria; as metralhadoras espalham os seus continuos feixes de balas em direcções diversas.

Assim se permaneceu por algum tempo, combatendo-se com um inimigo que nos visava e a quem se não via, respondendo ao seu com um fogo ao acaso, baseado apenas em calculos problematicos.

O commandante entendeu ser necessario *arejar o quadrado*, e ordenou á 1.^a companhia europeia (commandante capitão Patacho) para carregar o inimigo; armam bayoneta e com todo o aprumo e correcção no alinhamento, cumprem a ordem, gritando: *agarra e mata*. Igual ordem recebeu a 10.^a de Moçambique (commandante tenente Severino), arrojados e valentes, carregam entoando o canticó de guerra.

Desalojado o inimigo das suas posições, as companhias mettem em linha e perseguem-nos com descargas de pelotões, retirando depois por lanços e sem serem acoissados. Este movimento foi dirigido pelo chefe do estado maior.

Na face esquerda carregou tambem a companhia de guerra (commandante capitão Schiappa) com uma impetuosidade e coragem proprias de homens que querem resgatar com a vida a honra da bandeira; dois pelotões da 14.^a indigena (commandante capitão Sousa Dias) e uma secção Canet (alferes Victoria).

Sahiu depois o grupo de esquadrões (commandantes capitão Galvão Magalhães e tenente Martins de Lima), seguiram na direcção da face da retaguarda e percorrendo esta e parte da esquerda. Matam alguns Cuamatos, mas internando-se na matta, estes fazem-lhe fogo vivo por detraz dos abrigos e teem de regressar. Trazem armas e cintos com cartuchos.

O commandante vê que o inimigo não desiste do seu intento e é impossivel avançar-se n'aquelle dia, o fogo não cessava e as baixas augmentam consideravelmente; manda entrincheirar, procedendo-se como na *chana* de *Tchahafenda*, respondendo a 1.^a fileira ao inimigo, enquanto a 2.^a procedia ao trabalho, feito com precisão e rapidez em 40 minutos.

Entrincheiradas as forças, o inimigo diminue o fogo, á 1^h,30', respondendo-lhe atiradores escolhidos, visando bem o alvo, por se terem approximado mais da orla, abrigando-se igualmente com as arvores.

Apesar do fogo ser menos intenso, as pontarias eram mais certas e convergiam principalmente sobre a face da frente; de novo se julgou conveniente *arejar o quadrado*, carregando os bravos marinheiros (commandante 1.^o tenente Sepulveda), fazendo alto perto da orla da *chana*, desalojando o inimigo com descargas e retirando por lanços.

Principiaram a enfiar-nos as trincheiras, construíram-se travezes com a altura superior á regulamentar, de esquadra em esquadra.

Sahiu mais uma vez o 2.^o esquadrão (commandante Martins de Lima), percorrendo o matto em torno do quadrado. Os soldados preveniram o seu valente e destemido commandante de que o esquadrão estava cercado, ao que respondeu: — *Soldados! o nosso esquadrão, quando se vê*

cercado, abre caminho na ponta da lança, e apontou com a espada o caminho a seguir, regressando para o quadrado em linha, com os clarins na frente, tocando a marcha de guerra e postando-se em frente da face d'este lado.

Este rasgo de heroicidade foi aclamado pela marinha e infantaria 12, secundado depois pelas outras unidades.

O fogo continuou a afrouxar, ao qual respondiam atiradores classificados e escolhidos, apontando para os pretos que divisavam nas arvores ou a passarem d'um para outro lado no mattagal.

Tivemos então occasião de comer mais uma parte da ração fria. Os soldados pediam agua, alguns disseram-me: — *Meu capitão, mande-nos dar agua, não podemos resistir mais*; permittiu-se-lhes que fossem em pequenos grupos receber a á secção d'agua, 3 decilitros, o maximo que havia ordem para distribuir. Calcule-se o que é matar a sede com agua á ração! Quando chegavam ás trincheiras tinham mais sede ainda! Ah! a sede é o mais terrivel inimigo do branco no meio do sertão.

A's 4 horas da tarde julgou-se o combate terminado; um ou outro tiro é dirigido para o pessoal que, em serviço, passava pelo centro do quadrado. O gado estava sequioso. A companhia d'infanteria 12 e os esquadrões recebem ordem para o protegerem quando forem a uma *cacimba*, que distava 800^m do quadrado.

Tive occasião de vêr sahir debaixo dos carros os auxiliares que, prevendo não haver perigo e tratar-se de dar agua aos seus bois, ganharam coragem; porem houve excepções e infelizmente poucas — José Lopes e os boers Wan-der-Waal, Andries Alberts, Wellem-Wenten e o mulato Emilio Baptista, portaram-se bem.

Logo que as forças sahiram, romperam um vivo fogo sobre ellas e sobre o quadrado, recebendo-se ordem para não se cumprir o serviço.

Desde as 9^{h,30'} da manhã até ás 5^h da tarde estivemos debaixo de fogo e durante a noite houve alguns tiros isolados.

Assim terminou o combate de Mufilo, em 27 d'agosto.

Durante o combate, Roçadas conservou-se sempre a cavallo, bem como os seus ajudantes, percorrendo todas as faces, dando ordens aos commandantes d'estas, mandando carregar sobre tal ponto, etc.; sempre sereno, sorrindo satisfeito quando via bom resultado em qualquer movimento, e sem a menor commoção, apesar de vêr cair

ao seu lado, gravemente ferido, o seu ajudante, alferes Velloso, e mortalmente a sua ordenança.

Os officiaes conservavam-se de pé e ás distancias regulamentares, estando os soldados entrincheirados.

A's praças, sempre corajosas, nunca lhes faltou o sangue frio. Algumas, nos periodos mais accessos do combate, estando feridas e na ambulancia, fugiam d'alli para se incorporarem nas fileiras.

Bello! Adoravel é o nosso soldado!

(*Continúa*).

F. PIMENTEL.
Cap. de caç. 2

A NAÇÃO ARMADA

(CONFERENCIA)

(*Continuado do n.º 6—1908*)

II

O seu recrutamento

No recrutamento do exercito está a sua base fundamental, a materia prima d'esse enorme gigante que tem a seu cargo a guarda e defesa de tudo quanto nos é mais caro, o socego e a tranquillidade do lar, a honra e os haveres da familia, o brio e a dignidade da Nação.

E' para o recrutamento do exercito que devem soltar-se primeiramente as nossas atenções, porque assenta n'elle toda a obra utilitaria e patriótica que pretendamos fazer.

São tão honrosos os serviços que o exercito presta que ninguem deverá eximir-se ao cumprimento d'esse dever.

Além d'isso o interesse que todos os individuos tem em conservar a integridade e a independencia da Patria, deve leval-os ao desejo de se prepararem convenientemente para, na occasião do perigo, os seus peitos servirem de valioso baluarte ás arremettidas do inimigo.

D'ahi se conclue que todo o cidadão valido deverá

passar pelas fileiras e fazer a aprendizagem indispensavel a tornal-o apto á defensa da Patria commum.

Para os não aptos para o serviço militar, e que tenham rendimentos consideraveis, será creada a taxa militar, pela qual todo o mancebo que não esteja em condições de prestar os seus serviços á Patria, como militar, pagará uma certa contribuição durante os annos em que estaria sujeito ao serviço que não pôde prestar.

Este honroso encargo é indispensavel que seja distribuido por todos, visto que elle viza ao bem commum, contribuindo todos com todas as forças de que possam dispôr.

O serviço militar tornar-se-ha assim mais equitativo e menos vexatorio; todos passarão pelas fileiras, todos pagarão o seu tributo; aquelles que não pôdem prestar o serviço com o seu braço, pagarão com a sua bolsa; desaparecerá a desigualdade que existe de os desprotegidos da fortuna serem os unicos a sacrificarem no altar da Patria as suas commodidades, os seus interesses, e até a propria vida, como se só elles fossem os interessados em manter integra a terra santa que nos foi berço.

Não, tal iniquidade, tal monstruosidade moral deve desaparecer dos nossos codigos, porque offende, deprime e humilha esta gloriosa Nação, que tem no seu activo historico grandes commettimentos que tanto lustre e renome dão a raça portugueza.

Nos tempos que vamos atravessando, tempos de sordido egoismo e de ambições illegitimas, urge oppôr á marcha dissolvente da sociedade um antemural vasado nos moldes de uma completa harmonia e solidariedade de interesses, que se devem conjugar de tal modo que cada um, na sua esphera d'acção, contribua para o bem commum com o esforço que, em bom direito, haja de exigir-se-lhe, isto é, que cada um procure no cumprimento dos seus deveres sociaes, o esteio em que apoiar-se para a exigencia dos seus direitos.

Ninguem deve procurar sophismar o cumprimento do dever para que possa com desassombro exigir o seu direito.

Direitos e deveres são correlativos, por isso nunca em boa consciencia, se poderá pedir a satisfação de uns, tendo havido a preterição de outros.

As desigualdades entre as diversas camadas sociaes não pôdem ir até ao ponto de haver desigualdade perante a lei.

Desde que os homens não pódem ser todos iguaes, por isso que essa igualdade não é possível, tem de existir na sociedade differentes classes, as quaes serão constituídas por individuos cujas condições de illustração, de educação, de intelligencia, etc., mais se approximem.

Existindo, como não póde deixar de existir, classes na sociedade mais distinctas e outras mais modestas, devem ser os membros das primeiras os que devem dar em todas as occasiões o exemplo da abnegação, do mais completo altruismo, para que as classes menos esclarecidas vejam n'elles não os seus dominadores, os seus senhores, mas muito pelo contrario, os seus auxiliares mais valiosos, os seus melhores modelos a imitar.

Em parte alguma mais do que no exercito se torna necessario que essas differenças desapareçam; aqui é que devem encontrar-se reunidos todos, pobres e ricos, sabios e ignorantes, nobres e plebeus, visto que a Patria é de todos e a todos cabe por dever a sua defeza.

Ainda por conveniencia social, nas relações que devem existir entre todos os membros das diversas classes, se accentua a necessidade de que todos os individuos ali se reunam e se irmanem no mesmo ideal, no mais sublime ideal, qual é o de dar a vida pela Patria.

Encontrando-se nas fileiras homens de tão differentes condições, lucrarão os mais humildes com a convivencia dos mais illustres, adquirindo maneiras mais polidas, illustrando-se e tornando-se menos rudes, e muito ganharão os das classes superiores em estima e consideração d'aquelles pelo estreitamento de relações que nascem da communnidade do serviço a que são chamados a prestar, e, quantas vezes tambem, pelas virtudes que n'elles descobrem, que cultivadas por intelligencias luminosas e brilhantes, muito contribuiriam para o aperfeiçoamento moral de todos.

Hoje, pois, não ha que pensar nem meditar profundamente para escolher o systema de recrutamento mais vantajoso para o exercito, está indicado claramente, não ha que fugir-lhe, o recrutamento deverá abranger todos os cidadãos validos, os quaes devem todos, sem excepção, passar pelas fileiras do exercito.

Só d'este modo terminarão as desigualdades existentes e se estabelecerá a equidade no cumprimento do dever mais pesado que a Nação impõe a seus filhos, só assim ella poderá contar com a bastante garantia á sua integridade e independencia.

Tomando para base dos nossos estudos a media dos numeros fornecidos pela estatistica do recrutamento nos annos de 1903 a 1905, verifica-se que são recenseados annualmente 63:609 mancebos, dos quaes são isemptos 22:033, apurados definitivamente 41:596, sendo d'estes 682 destinados á armada, 15:931 encorporados no exercito activo, e por tanto 24:983 encorporados directamente na segunda reserva.

Com o systema actualmente em vigor, de 41:596 mancebos considerados aptos annualmente para o serviço, veem receber a instrucção militar uma diminuta parte, que vem a ser 15:931 encorporados no exercito activo, 4:400 reservistas para a instrucção do mez d'agosto e 682 encorporados na armada, o que dá um total de 21:013; pôde dizer-se metade dos mancebos que deveriam passar pelas fileiras, e para isso ainda é necessario contar com os 4:400 da segunda reserva no mez d'agosto, cuja instrucção é muito rudimentar.

Como se vê, este systema não nos satisfaz e muito menos se tivermos em attenção a corrente e o movimento deliberado em todas as nações de augmentar os seus exercitos sem lhes diminuirem o valor, pois que nos combates modernos o numero de combatentes tem sido sempre muito consideravel.

Quanto mais se fala na paz, quantas mais conferencias internacionaes se reúnem com esse objectivo, tanto mais as nações se armam, e com justa razão, porque a unica fórma de se manter a paz é cada um estar disposto e preparado para a guerra, de modo tal que o seu adversario esteja sempre receioso dos resultados da lucta que venha a travar-se e não possa suppôr, com probabilidade, para que lado penderá a victoria.

N'estes termos é um crime de leza patria não cuidarmos do nosso exercito, empregando os meios que sejam mais conducentes á melhor preparação para a defeza da nossa terra, para a garantia da nossa autonomia.

Deve por isso o exercito ser formado por todos os cidadãos validos convenientemente instruidos.

N'estas condições, nós vemos que, devendo passar pelas fileiras do exercito activo todos os mancebos apurados pela juntas de recrutamento, os 40:914 mancebos, além dos destinados á marinha, receberiam instrucção no exercito, sendo distribuidos pelas differentes armas e serviços conforme as percentagens com que essas unidades

e serviços teriam de ser organizados no pé de guerra, pois que tudo seria regulado desde a paz, estando já as unidades creadas n'essa conformidade, servindo de base, como não pôde deixar de ser, a infantaria, a mais numerosa.

Contando com a entrada no exercito dos mancebos aos 20 annos e com o serviço activo, primeira e segunda reservas até aos 35 annos, temos 15 annos de serviço, que multiplicando pelo contingente annual nos fornece um exercito de 613:710 homens, não contando com os mancebos isentos annualmente em numero de 22:033, dos quaes uma boa percentagem talvez pudesse ser destinada aos serviços auxiliares do exercito.

Mas, dando como não capazes completamente os que foram considerados isentos e ainda que a totalidade dos contingentes soffria durante os 15 annos de serviço, 20 0/0 de baixas, ainda assim, ficaria um exercito de 500.000 homens, que bem armados, bem disciplinados e instruidos, seriam em nossa casa, capazes de fazer frente a quem pretendesse violar o nosso direito de nação livre.

Para a defeza do paiz são considerados sufficientes 200:000 homens, deixando completamente ao abandono todo o territorio que fique fora da zona concentrada de defeza em volta de Lisboa.

Organisemos, como podemos, em vez de 200:000 homens 500:000, o que nos permitirá garantir a defeza em toda a parte, por isso que o nosso paiz é de tão pequena superficie e com as vias ordinarias e acceleradas que possuimos tão vantajosamente dispostas, poderemos ser fortes promptamente em qualquer ponto, fazendo para ahi convergir as forças a tempo de nos oppormos effizamente á marcha do invasor.

Devemos disputar palmo a palmo o territorio, desde a a fronteira, ao inimigo invasor, e não lhe abandonar o paiz á descripção, por isso que é barbaro e deshumano deixar á mercê do inimigo os nossos concidadãos, quando é certo que, se olharmos com bõa vontade para as nossas cousas militares, podemos, com exito, evitar a desolação e os horrores de uma invasão.

O accidentado do reino deixando, por terra, limitadas a trez as linhas de invasão é-nos favoravel para a conveniente disposição das forças, tomando um ponto central para a concentração, d'onde a parte mais importante do exercito deverá mover-se segundo as necessidades da defeza.

Não devemos esquecer que o inimigo deve ser combatido desde que pize o nosso territorio, e que para o podermos fazer se torna necessario que todo o cidadão valido seja militar.

Organisemo-nos convenientemente, utilizemos todos os recursos de que podemos e devemos dispor, se queremos subir na consideração e respeito dos outros povos do mundo.

Devemos lembrar-nos que os povos mais respeitadas, aquelles que hoje são grandes e dictam as leis á humanidade, se elevaram pela bravura dos seus soldados e pela manutenção dos seus exercitos conservam a supremacia que adquiriram.

Não ha sacrificio a que devemos poupar-nos quando se trata da nossa independencia, da nossa existencia como Nação livre, façamos tudo, sacrificuemos tudo pela Patria.

(*Continúa*)

MANUEL TELLES AMARO.
Teneute d'infanteria 12

Uma operação de guerra desempenhada por tropas d'infanteria da Expedição á Guiné

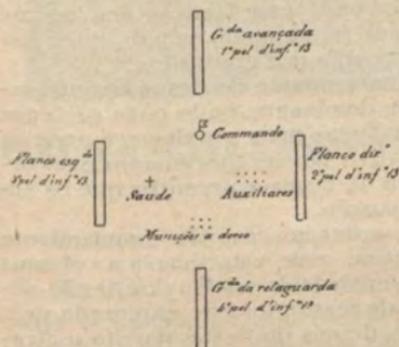
Tomada e destruição de «Contumbe» em 3 de maio de 1908

Depois do combate e destruição d'Intim, em 4 de maio, no qual, com muitas baixas, e após 3 horas d'um fogo vivissimo a columna expedicionaria mostrou quanto vale a coragem do soldado portuguez, e em vista das informações dadas pelo capitão Jorge Camacho que, á frente de dois pelotões da companhia de infanteria n.º 13, tinha avançado 2 kilometros para oeste a fim de tomar e destruir Bandim, o que fez sem os rebeldes apresentarem resistencia, o commandante da columna, governador da Guiné, João Musanty, nomeou o mesmo capitão para que no dia immediato commandasse um destacamento composto da companhia d'infanteria n.º 13, na força aproximada de 170 homens, 80 auxiliares e serviço de saude, a fim de tomar e destruir a importantissima povoação de Contumbe, que continha mais de 400 palhotas e demorava a uns 5 kilometros de Intim.

*

Pelas 8 horas e 56 minutos da manhã de 5 de maio poz-se o destacamento em marcha sob o commando do referido capitão

Jorge Camacho, tendo como adjunto o tenente do estado-maior



N. B. — Para poder ser organizada esta formação a companhia d'infanteria 13 foi dividida eventualmente em 4 pelotões.

Fig. 1

D. José de Sousa Coutinho, e como encarregado do serviço de saúde o tenente medico dr. Manuel Suzano, acompanhando tambem o destacamento o capitão da administração militar Joaquim Simões da Costa.

A marcha fez-se em columna dupla (fig. 1), commandando a guarda avançada o alferes Sepulveda Rodrigues; o flanco direito o tenente Annibal Montalvão; o flanco esquerdo o alferes Victor Duque; e a guarda da retaguarda o 1.º sargento Ferreira.

*

O percurso até Bandim foi feito sem o menor incidente, e havendo na frente d'essa povoação um enorme descampado com mais de 1:500m d'extensão, e no fim d'elle uma faixa de matto que corta o caminho para Contumbe, o commandante do destacamento logo que chegou a uns 200 metros d'elle tomou a disposição de combate (fig. 2), mandou explorar pelo fogo durante 4 ou 5 minutos, proseguindo de novo a marcha, suspendeu-a a uns 50m do matto, que foi novamente explorado pelo fogo, ordenando a sua travessia, durante a qual não houve nenhum incidente.



Fig. 2

A uns 50m após a travessia, o destacamento foi completamente envolvido pelo inimigo, travando-se uma rigissima refrega que durou das 9h e 40' ás 10h e 42' da manhã, na qual cahiu mortalmente ferido o mallogrado alferes Victor Duque e gravemente dois soldados, além de mortos um outro soldado, um auxiliar e um solipe de munições.

No momento de cair ferido o alferes Duque e mais duas praças, o angulo do quadrado onde esse facto se deu hesitou um pouco, estabelecendo-se uma tal ou qual confusão que rapidamente foi evitada pela intervenção dos graduados.

Repellido o inimigo, o commandante do destacamento ordenou a tomada d'uma posição dominante, onde pôde proteger os auxiliares na queima das palhotas mais proximas, e onde se procedeu ao conveniente curativo dos feridos, findo o qual ordenou a deslocação da columna de fórma a permittir que os auxiliares destruíssem toda a povoação.

Desempenhado o serviço, ordenou o capitão commandante o regresso ao bivaque de Intim, onde estacionava a columna principal, marcha essa que foi iniciada ás 11^h e 15'; e tendo novamente de atravessar a faixa de matto, foi este explorado pelo fogo, o que não obistou a que, depois do destacamento o atravessar, fôsse novamente atacado violentamente pela retaguarda e flancos direito e esquerdo, travando-se novo combate que durou das 12^h e 14' até ás 12^h e 35', no qual ficaram gravemente feridos o tenente Montalvão, dois soldados e um auxiliar.

Tudo leva a crêr que o inimigo com que a companhia do bravo regimento d'infanteria 13 teve de se bater, orçava entre 2:500 e 3:000 homens, dispondo de mais de 600 armas Sniders e algumas mais aperfeiçoadas, combatendo em grupos d'atiradores perfeitamente isolados e bem abrigados, escolhendo as melhores posições defensivas, emfim, um adversario bem armado, empregando no ataque e defeza principios e regras tacticas.

Para melhor elucidacão juntamos um ligeiro esboço (fig. 3) das phases do combate.

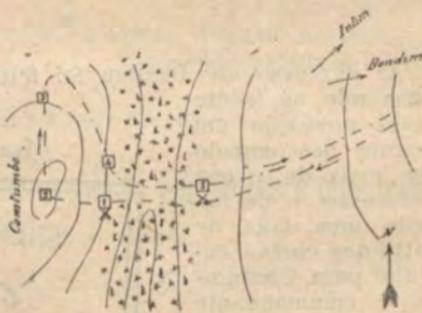


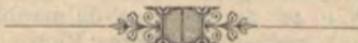
Fig 3

- (1) Local do 1.º combate.
 (2) } Posições do destacamento para apoiar
 (3) } os auxiliares na destruição da po-
 (4) } voação.
 -.->.-.-, Caminho seguido pelo desta-
 camento.

*

O destacamento ao chegar ao bivaque d'Intim foi recebido com o maior entusiasmo por toda a columna.

* * *





PARA QUE SERVE A ESCOLA PRATICA DE INFANTERIA?

Sentimos muito não poder publicar o artigo subordinado á epigrapha que encima estas linhas, e que nos foi enviado por um distincto camarada, que muito apreciamos pela sua grande intellectualidade e pela nobreza do seu caracter.

Esta *Revista* é de paz e de concordia entre todas as armas, e, não obstante, concordarmos plenamente com a doutrina do artigo em questão, cujo fundo de justiça é evidente, dissentimos da sua fórma, e a tal ponto que nos impede, com bastante contrariedade nossa, de o inserir n'estas paginas.

Damos esta satisfação ao auctor do artigo, pela muita consideração que nos merece, e pelo muito apreço e respeito que ha' muitos annos votamos á sua alta competencia e amor pelas coisas da nossa arma.

Foram officiaes de caçadores assistir na Escola de Tancos a exercicios com metralhadoras?

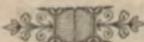
Talvez.

Na Escola de Mafra não se fazem d'esses exercicios?
Será tambem certo.

Mas o que é incontestavel é que a Escola de Tancos não pode ter a menor responsabilidade do desamor e desinteresse com que em Mafra são tratadas as questões mais fundamentaes e palpitantes da nossa arma.

E' interessante este assumpto, e d'elle opportunamente trataremos, sem ferir nem maguar a susceptibilidade de ninguem, se a esse trabalho não se quizer dedicar o nosso camarada a que nos estamos referindo, tratando-o sob o ponto de vista doutrinario e nada mais.

As nossas responsabilidades obrigam-nos a esta linha de conducta.





Secção do estrangeiro

Suissa. — Segundo uma nova organização militar suissa o effectivo do exercito comprehende:

Tropas da elite

Estados maiores.....	2:783	homens
Inianteria	101:075	>
Cavallaria	5:316	>
Artilheria	19:754	>
Engenharia	5:709	>
Serviço de saude	2:049	>
Administração	1:566	>
Total.....	138:252	>

Landwehr

Infanteria	48:428	homens
Cavallaria	3:710	>
Artilheria	9:470	>
Engenharia.	2:758	>
Serviço de saude	966	>
Administração	618	>
Velocipedistas.....	95	>
Total.....	66:045	>

Landsturm

Armados—Infanteria	50:598	homens
Artilheria	3:892	>
Total.....	54:490	>

Landsturm

Serviços complementares — sem armamento.....	249:938	>
Total das tropas armadas .. que juntas com as reservas não armadas perfaz um to- tal de	258:787	>
	508:725	>

Allemanha. — Em abril do corrente anno foi distribuida ás tropas a nova *ordenança para o serviço de campanha*, approvada pelo imperador a 22 de março.

Esta ordenança veio substituir a de 1900, e na sua elaboração houve apenas a preocupação de fazer-se um *livro para a guerra*.

Consta de um pequeno volume muito portatil e que o official pode trazer n'um bolso.

Tem um supplemento com cifras muito interessantes sobre os effectivos de guerra, sobre a profundidade das columnas, as capacidades de marcha, o tempo a empregar para os desenvolvimentos, as installações de bivaques, as fortificações, o reabastecimento de munições, o serviço sanitario, as etapes, o correio de campanha, indicações para a execução de croquis, etc., etc.

Esta innovação é importante, porque todas as indicações que veem no supplemento alludido andavam disseminadas por differentes obras de tactica que o official não podia ter constantemente á sua disposição.

Na ordenança referida abandonou-se todo o schema. Não se figuram detalhes senão na medida do absolutamente indispensavel. O texto é conciso, e muitos capitulos são precedidos d'uma curta introdução mais especialmente destinada aos jovens officiaes.

Conselhos e simples indicações substituiram prescripções que precisavam ser rigorosamente observadas, conseguindo-se por esta forma desenvolver o espirito de iniciativa, obrigando o official a reflectir.

Na *introdução* accentua-se a importancia do papel do official como educador, e affirma-se a necessidade que elle tem de se aperfeiçoar e desenvolver moral e physicamente para poder arcar com todas as responsabilidades e collocar-se á altura de todas as circumstancias, ainda as mais excepcionaes. A instrucção do soldado é uma condição primordial do successo, a pedra angular do exercito. O official deve procurar ter uma influencia directa nos seus soldados. A correcção e o exemplo do chefe fortificam a confiança da tropa, e constituem no momento do perigo os pontos de apoio mais firme da disciplina, estimulando o soldado e levando-o a praticar as mais brilhantes acções.

N'uma palavra, esta preciosa ordenança, que torna os comandantes responsaveis pela instrucção tactica dos officiaes, não esqueceu explicar, com alguns detalhes, a organização do jogo da guerra, não deixando tambem de referir-se ás conferencias e aos cursos theoreticos de inverno.

Menciona pela primeira vez a utilidade do estudo da historia da guerra, e exige que o official conheça não sómente as formações de guerra do seu exercito, mas ainda as dos exercitos estrangeiros.

A *Revista* espera opportunamente poder apresentar uma traducção d'esta ordenança que tão util poderá e deverá ser aos nossos camaradas.

Russia. — O rei Eduardo VII de Inglaterra brindando no jantar de honra do dia 11 do mez passado, em Revel, ao imperador da Russia, disse que «sentia uma grande satisfação de vêr o czar possuir o grau de almirante da marinha ingleza».

A impressão produzida em S. Pétersbourg por este facto foi das melhores.

A imprensa russa não esconde o seu contentamento e afirma que uma nova era de paz resurge para o imperio e para o mundo.

Por seu lado a Allemanha não occulta a sua preocupação provocada pela entrevista de Revel, temendo que d'este facto resulte a consolidação da amizade anglo-russa.

Dizem de Berlim para o «Standart» que a Allemanha tem visto sempre o entendimento cordeal entre a Inglaterra e a França como um obstaculo á realisação da sua propria politica.

Se isto assim é, naturalmente a entrevista de Revel, tão acariciada pelos russos, não poderá despertar da parte dos alle-mães senão um sentimento de desconfiança, e portanto de des-approvação.

Diz o «Standart» que a antiga ficção da hostilidade do rei para com a Allemanha começa a reviver.

França. — Avança e caminha a passos largos a solução do interessante problema da navegação aerea.

O novo dirigivel «Republique» deixando o hangar de Moisson deve a esta hora ter começado uma serie de experiencias sob a direcção de M. Juchmés.

Dentro em breve os balões militares terão a desempenhar importante papel na guerra moderna, entrando no campo das applicações praticas de maior utilidade.

China. — Na provincia do Chili organisaram os chinezes 7 divisões militares á europea, e mandaram para a Mandchuria uma d'essas divisões e duas brigadas mixtas, cêrca de 25,000 homens.

As novas divisões foram collocadas de modo a poderem fazer face á Russia, ao norte, e ao Japão a leste.

Cada divisão comprehende 12 batalhões de 650 praças, e as unidades de artilheria, cavallaria, engenharia e serviços auxiliares correlativos.

A organisação da divisão, que conta em pé de paz 12:000 homens, é copiada do modelo japonéz.

A duração do serviço é de 3 annos no exercito activo, 3 na primeira reserva e 4 na segunda.

A infantaria está armada com a espingarda Mauser, a cavallaria com a carabina Mauser, e a artilheria com a peça franceza Creusot e canhões japonezes.

A cavallaria é remontada no imperio, que, aliás, possui um cavallo insufficiente para os usos da guerra.

O cavallo chinéz é pequeno em extremo para poder ser utilmente aproveitado na tactica do choque.

Todavia, é vigoroso e optimo para a infantaria montada.

O soldado chinéz tem excellentes qualidades, o que o tornam bom soldado, quando bem commandado.

O capitão Kincaid-Smith affirma que o regimento chinéz de Wei-Hai-Wei, commandado por officiaes inglezes, no combate em volta de Tientsin, portou-se valentemente.

Todavia ha uma nota bem extraordinaria sobre a instrucção do soldado chinéz — por economia — o governo não consente a instrucção do tiro ao alvo, para se não gastar as munições.



Teniente-coronel Alberto José Vergueira



11.º ANNO

AGOSTO DE 1908

N.º 8

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL
Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

METRALHADORAS

(Continuado do n.º 7 — 1908)

Suissa. — N'este paiz fizeram-se numerosas experiencias com as metralhadoras accionadas á mão, mas que nunca satisfizeram.

Mais tarde, feitos os estudos com as metralhadoras automaticas, foram adoptadas as Maxim e destinadas aos fortes de Saint Maurice e Saint Gothard.

As metralhadoras eram montadas sobre um tripé. Um homem transportava este, e outro a metralhadora, por meio do *reff*.

Em 1892, o *reff* foi transformado em reparo e, por consequência, foi eliminado um homem para transporte do tripé, que desapareceu.

Já se pensava em dotar tambem a cavallaria com metralhadoras e assim, em 1891, a metralhadora Maxim appareceu em carro especial nas manobras de cavallaria.

Em seguida ás manobras, foi esta fórma de transporte da metralhadora abandonada, por as viaturas empregadas não poderem acompanhar a cavallaria em todos os seus deslocamentos.

Experimentado o transporte a dorso de cavallos, provou melhor e foi adoptado.

Em 1894, o conselho federal creava por cada regi-

mento de cavallaria uma secção de tres metralhadoras com a seguinte composição :

Pessoal . . .	{	Subalerno	1
		Sargento	1
		Artifice	1
		Cabos	3
		Serventes	12
Animal . . .	{	Praças de trem	2
		Cavallos de sella	19
		» » baste	6
Material . . .	{	» » tiro	4
		Metralhadoras	3
		Carro de munições	1

As metralhadoras eram montadas sobre reparos de tripé e levadas, bem como as munições preparadas, a dorso dos cavallos que eram conduzidos por um soldado, tambem a cavallo.

Esta organização foi em breve modificada depois das experiencias de Thoune, em 1898, e ainda hoje é conservada a organização posta em vigor em 11 d'outubro do mesmo anno.

Actualmente a Suissa tem quatro companhias de metralhadoras a cavallo e tres a pé; as primeiras são destinadas ao exercito de campanha e as ultimas á defesa das fortificações Alpinas.

As companhias de metralhadoras a cavallo foram as primeiras a ser organisadas em 1898. Cada uma das quatro pertence a um dos quatro corpos de exercito e está adstricta á respectiva brigada de cavallaria.

Primeiro a companhia tinha 4 officiaes, 68 praças e 99 cavallos, mas foi reconhecida com effectivo fraco e hoje é assim constituída :

Pessoal . . .	{	Capitão	1
		Tenente	1
		Alferes	4
		1.º sargento	1
		Furriel	1
		Sargentos	4
		Cabos	12
		Chefe d'espingardeiro	1

A transportar 25

	Transporte	25
Pessoal ...	Espingardeiros	12
	Enfermeiro	1
	Clarim	1
	Ferradores	2
	Correeiro	1
	Soldados	80
	Conductores	<u>7</u>
	Somma	129
Animal ...	Cavallos de sella	120
	» » tiro	<u>48</u>
	Somma	168

Os officiaes teem, cada um, dois cavallos.

Metralhadoras	8
Carros de munições a 4 cavallos	4
» » bagagens e viveres a 2 cavallos	2
» » forja e cosinha a 4 cavallos	1

Todos os officiaes e praças teem o armamento, abonos, tempo de serviço e instrução a cavallo, como na cavallaria.

A instrução especial recebem-a as praças por partes e repetem-na e desenvolvem-na em escolas adjunctas á cavallaria.

Os cavallos de tiro e sella são fornecidos pela artilheria; os de baste pelo deposito de remonta da cavallaria a maior parte, e a restante por aluguer a particulares.

As praças devem satisfazer ás seguintes condições: Forte constituição physica; altura não inferior a 1^m,58; boa vista; conhecimento do tratamento do gado; grande desembaraço a cavallo; ser bom atirador e ter habilitade para trabalhos mechanicos.

Durante os primeiros 90 dias de instrução geral de récrutas são escolhidas as praças que satisfazem as condições acima para serem encorporadas, em tempo, nas companhias de metralhadoras. Os espingardeiros necessitam fazer um curso pratico especial, em tres semanas, na fabrica d'armas, antes de fazerem parte do effectivo das mesmas companhias.

A instrucção é em conformidade com o *Regulamento de Exercícios para a Cavallaria*, que contem tambem as instrucções para o serviço das metralhadoras.

Os officiaes devem conhecel-os em ambas as partes, e, para a nomeação de commandantes de companhias de metralhadoras, necessitam os capitães commandar distinctamente, pelo menos durante dois mezes, um esquadrão de cavallaria perante os officiaes superiores da arma e mostrarem que elles e o seu pessoal satisfazem aos requisitos necessarios para o serviço das metralhadoras.

O uniforme é quasi igual, bem como os equipamentos e arreios, ao da cavallaria, apenas com muito pequenas differenças. Os apontadores usam distinctivos bem visiveis nos dois braços.

Os officiaes e sargentos estão armados com pistola automatica; os cabos e as praças (excepto conductores), com carabina $m/93$ (de $7^{mm},5$ de calibre) e as outras com o sabre de cavallaria $m/73$ no selim.

As ferramentas, com excepção de picaretas e pás, e peças de sobresalente são transportadas em 12 caixas de couro; aquellas, em numero de 12 de cada, não vão em caixas.

O reparo da metralhadora é um pequeno tripé articulado com um sellote na maior perna para o apontador se assentar.

Os apontadores e serventes marcham juntos ás suas metralhadoras e a respectiva officina.

As fitas carregadoras são de linho e comportam 250 cartuchos. Podem, em raros casos, ser carregadas á mão; sempre que possa ser, deverão ser cheias á machina (modelo igual ao nosso), o que é melhor e mais rapido e para o que ha 3 machinas em cada carro de munições ou sejam 12 machinas por companhia.

A metralhadora e o tripé vão sobre o mesmo cavallo (fig. 37), a primeira á direita e o segundo á esquerda, sobre baste apropriado. Tanto uma como outro estão quanto possivel protegidas por capas de couro, o que, com a vantagem de garantir até certo ponto a conservação da arma, traz o inconveniente de complicar e demorar o manejo para a montagem da metralhadora no tripé.

Como os pesos do tripé e da metralhadora, bastante

differentes, fariam má carga aos cavallos que as transportam, em cada secção um d'elles leva, do lado esquerdo, agua para as duas metralhadoras, e o outro um sacco com peças de sobralente e ferramentas, cujo peso compensa o excesso do da metralhadora sobre o do tripe.

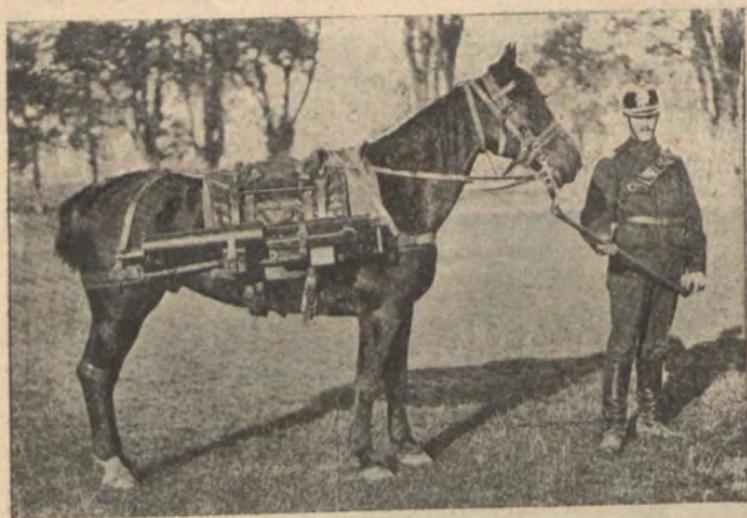


Fig. 37

Os cavallos com baste para munições transportam 32.000 cartuchos (fig. 38); e os carros de munições, além de 76.000 cartuchos, transportam ainda ferramentas para fortificação improvisada, caixas de ferramenta ppjoria das metralhadoras, lanternas, ferro para forjar, ferraduras e ração de aveia para dois dias para todos os cavallos da companhia.

Tactica e administrativamente, cada companhia de metralhadoras constitue uma unidade, dividida em 4 secções a duas metralhadoras de commando de subal-terno.

Os serventes são 3 para cada arma: o apontador, o ajudante d'este e o municizador.

O commandante da secção dirige o fogo da sua secção depois dos chefes de metralhadora (*Wachtmeister*) haverem escolhido os logares para as suas metralhadoras e vigiado o serviço preparatorio do fogo.

O sargento vigia os cavallos dos homens que se apiam; o furriel os outros cavallos dos carros e das munições, pondo-os a coberto quanto possível.

As formações são simples e estreitas. A de origem é a columna de marcha a uma metralhadora; em campanha ou em terrenos accidentados, porém, as metralhadoras de cada secção, marcham em linha e distanciadas de 20 passos.

Os serventes marcham na frente das metralhadoras e, conforme a natureza do terreno, a companhia marcha em columnas simples, de secção ou em linha de combate. Quando proximo do lugar de combate, toda a companhia faz alto.

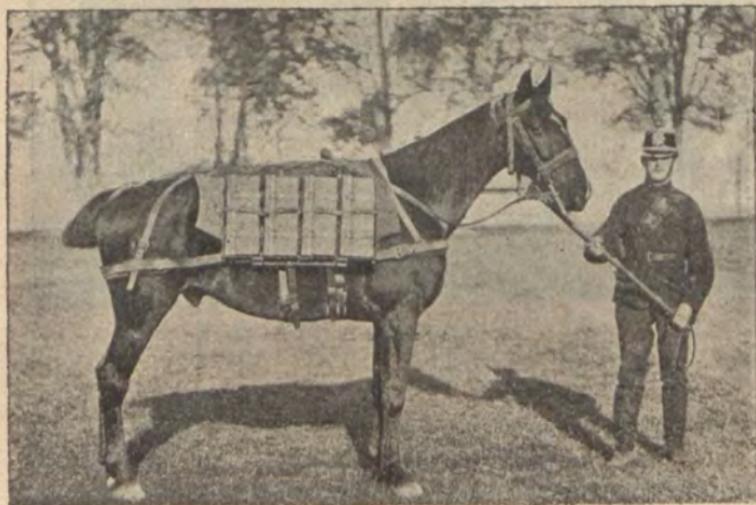


Fig. 38

A' voz de combate e designada a direcção do fogo, as metralhadoras, tripés e munições são rapidamente transportadas para a posição respectivamente pelo apontador, o seu ajudante e o municionador, que preparam tudo para o fogo começar quando lhes seja ordenado.

O fogo é de tres especies: por pequenas series (20 e 30 tiros), por grandes series (100 tiros proximamente), fogo continuo. Para a execução do primeiro, o commandante da secção designa a metralhadora que o deve fazer, depois de indicar o alvo e a alça, por indicação directa ao respectivo apontador. Este dispara 20 a 30 tiros

depois de ambos os apontadores graduarem as alças e fazerem a pontaria; e interrompe o fogo independentemente de nova ordem.

O commandante da secção, acompanhando com a vista o effeito do fogo, manda fazer as correcções d'alça que forem precisas, e ordena ao mesmo ou ao outro apontador a continuação do fogo, se fôr necessario.

Esta especie de fogo é empregada principalmente para regular a pontaria ou para bater pequenos alvos.

A segunda especie de fogo é executada logo a seguir á primeira quando ha necessidade de bater alvos maiores e deve ser executada alternadamente por uma e outra metralhadora da secção, mas sempre á voz do respectivo commandante que designa os apontadores pelos seus numeros ou nomes.

Os intervallos de fogo são aproveitados para corrigir deficiencias de funcionamento e lubrificar as peças em attricto. E' esta especie de fogo a mais vulgar em campanha.

O fogo continuo é feito ao mesmo tempo pelas duas metralhadoras á respectiva voz e só termina quando o inimigo retira, não havendo opposição.

Esta especie de fogo é só empregada para sahir de uma situação perigosa, para bater o inimigo em muito grande força, ou uma massa que passa rapidamente mas não a grande distancia.

A segunda e terceira especie de fogo são tambem empregadas para bater alvos largos e pouco densos, movendo lateralmente a metralhadora sobre o eixo vertical do reparo; e bate os alvos estreitos e profundos fazendo elevar e descer a bocca do cano por forma analogá á que já referimos quando se tratou do *Manejo*.

A Suissa tem, ainda, alem das metralhadoras adstrictas á cavallaria, tres companhias a pé de guarnição, duas no forte de St. Gotthard e uma no de St. Maurice. As companhias, commandadas por capitães, tem duas secções por cada 4 metralhadoras. A força de cada uma é de 2 officiaes e 60 sargentos, cabos e soldados de caçadores.

Estas companhias tem por fim coadjuvar a infantaria de guarnição dos fortes por meio do fogo das suas metralhadoras em todas as circumstancias em que se

torne necessario o reforço, e ainda para as substituir.

As praças são d'uma grande robustez, escolhidas, e as que transportam a metralhadora, com o reparo (*reff*), trazem-no sobre as costas (fig. 28). Cada metralhadora tem um chefe que por si mesmo aponta e faz fogo.

O reparo permite a mais alta ou mais baixa das posições de fogo. Póde com elle atirar-se de pé, de joelhos, sentado ou deitado (fig. 29). As munições são transportadas ás costas dos municiaes por meio de uma armação especial.

O uniforme é o da Artilheria Federal com outras platinas com numeros brancos em fundo vermelho. Os officiaes estão armados de sabre e da pistola automatica Parabellum ^m/1900. Nas marchas nas montanhas o sabre serve para se apoiarem nas subidas e descidas como para as praças serve o Berastock (1).

As praças, com excepção dos chefes das metralhadoras e das que as transportam, estão armadas com a espingarda curta ^m/1900 de 7,5 de calibre.

Os avaliadores de distancias e os bons atiradores teem distinctivos especiaes.

Todas as praças das companhias de metralhadoras de caçadores teem um forte pau ferrado proprio para os ajudar a subir e descer naquelles accidentados terrenos dos Alpes e indispensavel, principalmente, aos que vão carregados com as metralhadoras e com as munições.

E' intenção do governo federal augmentar os effectivos d'estas companhias de metralhadoras.

(Continúa)

CAP. BUGALHO



(1) E' uma especie de pau ferrado.



SUBSIDIO

PARA A

RESOLUÇÃO DO PROBLEMA DO CALÇADO NO EXERCITO

Um distincto camarada nosso mandou fazer uns pares de botas pelo modelo representado nas figuras que se seguem, e que em longas marchas de experiencia deu os mais satisfatorios resultados.



Trata-se de uma bota de cano curto, cano que tem apenas o comprimento sufficiente para bem prender a calça convenientemente enrolada á perna, leve, solida, maleavel e que melhor será da propria côr do cabedal.

A condição essencial para um bom calçado, que não inutilise as praças ao cabo de um ou dois dias de marcha, é ser feito por medida.



Como nem sempre é possível tal desideratum, que haja todavia em deposito, pelo menos, 12 medidas diversas, em função do comprimento e da altura do pé.



O modelo inventado pelo official, que modestamente deseja occultar o seu nome, calça-se com extrema facilidade, ligando-se o cano á perna por uma correia engenhosamente lançada de modo a não comprimir o pé nem tolher os seus movimentos.

Na redacção da «Revista de Infanteria» existe o desenho do modelo proposto, em tamanho natural, que pômos á disposição de qualquer entidade official que d'elle queira tomar conhecimento.

Ouvimos contar taes maravilhas dos resultados praticos do uso d'este calçado, que se nos afigura util, e, até muito conveniente, proceder-se a experiencias officiaes do modelo portuguez.

A NAÇÃO ARMADA

(CONFERENCIA)

(Conclusão)

III

A sua instrucção

Se no recrutamento do exercito encontramos a sua base, na instrucção está o seu valor.

A força e cohesão d'um exercito reside tanto na sua instrucção como na sua disciplina.

No combate moderno é que se avalia bem da instrucção dos combatentes; se esta não tiver sido completa, se não tiver sido convenientemente orientada, o desastre é quasi inevitavel.

Não é do numero de annos de serviço effectivo que depende a boa preparação das tropas para o combate, mas tão sómente da instrucção accomodada ao fim que se tem em vista, e do methodo a empregar, para no menor tempo possivel conseguir-se uma preparação completa.

No adestramento dos homens deve haver dois periodos, um de aprendizagem, outro de recapitulação ou treinamento; o primeiro, comprehenderia o periodo da instrucção de recruta, abrangendo este todos os conhecimentos indispensaveis a fazer de qualquer homem um

soldado; o segundo, de exercicios de unidades constituidas, batalhão e seus multiplos, em todos os exercicios que haverá de praticar-se em campanha, e servirá para familiarisar bem o soldado com as muitas e variadas exigencias que lhe serão feitas quando a lucta se travar, servindo para lhe desenvolver a iniciativa e discernimento que tão necessarios se tornam nos combates modernos.

A instrucção não pode deixar de ser completa, por isso que hoje, dadas as circumstancias do aperfeiçoamento dos armamentos, a lucta tem de travar-se a grande distancia e a dispersão dos homens tem de inevitavelmente fazer-se nas linhas de atiradores, para os subtrahir aos effeitos dos fogos, ficando d'este modo menos sujeitos á acção dos graduados e mais entregues á sua destreza e perspicacia.

Deve pois a instrucção ser orientada de modo a que dentro das directrizes traçadas pelos officiaes, que nos differentes graus do commando servem para dar unidade aos esforços a produzir para se attingir o objectivo visado pelo commando superior, cada um fique com a liberdade de proceder, sem comtudo desligar-se do pensamento dominante que dá ao conjuncto a cohesão e unidade imprescindiveis.

Devemos fazer do soldado um auxiliar consciente que, compenetrado do papel que tem a desempenhar, o execute sem constrangimento de espirito e tanto á vontade, que, sejam quaes forem as circumstancias em que o combate se trave, não tenha duvidas no procedimento a adoptar.

E fiquemos certos que do soldado tudo se consegue quando haja uma vontade preserverante e um criterio intelligentemente bem formado; não é com systemas complicados, com processos mirabolantes que se conseguem resultados proveitosos; na guerra tudo deve ser simples, e quanto mais simples e mais á vontade for o nosso modo de proceder, tanto mais seguros serão os bons resultados.

Se com a instrucção do soldado devemos ter estes cuidados, com a dos graduados muito maior deve ser ainda a nossa attenção.

Para estes o que mais convem é oriental-os de modo que todos facilmente comprehendam os intuitos do chefe de quem dependam. Com este methodo torna-se mais facil a acção do commando, mais seguro o cumprimento das ordens, que sempre hão-de ser bem comprehendidas,

e mais perfeita a sua execução por parte d'aquelles que as tenham recebido.

Assim a unidade de pensamento e de execução facilmente se conjugam e se leva a effeito pela identificação do modo de vêr em que se encontram os diversos individuos que teem de obrar.

Segundo este meu modo de aboárdar o assumpto parece-me que a instrucção seria completa e de resultados seguros, fazendo-se a sua applicação pela forma porque passo a expôr:

Os 40:914 mancebos que annualmente deveriam ser incorporados no exercito, seriam divididos em duas fracções, as quaes teriam instrucção em dois periodos completos de 5 mezes cada um.

Durante cada periodo seria ensinado a escola do soldado, de esquadra, de pelotão e de companhia, com a instrucção complementar de tiro ao alvo, do serviço de campanha, etc., isto é, toda a instrucção que deve ser ministrada aos soldados até aos exercicios da escola de companhia, inclusivé.

Emquanto uma parte do contingente estava em instrucção a outra era licenceada.

O serviço no exercito activo seria de 3 annos, como actualmente, na primeira reserva 5 annos e na segunda reserva 7 annos.

N'um dos mezes do anno haveria exercicios de batalhão e mesmo de unidades superiores, reunindo os contingentes dos 3 annos de serviço activo, e quando o ministro da guerra o determinasse, haveriam exercicios em que tomariam parte as diversas classes das reservas, mobilizando-se as divisões.

Com este systema a instrucção dos quadros era muito mais completa e proveitosa, porque teriamos unidades constituidas com os effectivos de guerra e portanto os exercicios assemelhar-se-hiam, seriam uma imagem mais perfeita do que se passará em campanha.

Ha uma parte importante a tratar e que, desde que se trata d'um exercito assim numeroso como aquelle que temos de crear se quizermos garantir a nossa autonomia e independencia, é a dos quadros, que, para um paiz pobre, como se encontra o nosso, nas suas finanças publicas, que não nas particulares, não podem ser augmentados de modo a satisfazer ás necessidades de uma organização semelhante.

Não penso em alargamento de quadros, nem isso é preciso; os quadros para este numeroso exercito vou buscar-os ás escolas para os collocar nas reservas, que é como quem diz, nas unidades que teriam de formar-se, e ainda para completar os quadros nas unidades activas por occasião da sua mobilisação.

É convicção minha que não faltariam officiaes para todas as necessidades e que, em qualidade, alguns até deveriam ser muito bons, satisfazendo no geral todos ao serviço que lhe tem de ser exigido, por isso que haviam de dar as suas provas de aptidão repetidas vezes.

Junto de cada escola superior, universidade e escolas polytechnicas, haveria um curso militar, funcionando parallelamente com os diversos cursos scientificos ou literarios que se professassem n'essas escolas.

Esse curso seria frequentado por todos os alumnos que tivessem idade conveniente e aptidão physica, teria os seus programmas convenientemente elaborados, tendo em vista a necessária preparação para o exercicio do cargo de official do exercito.

Todo o alumno que ao terminar o curso d'esse estabelecimento scientifico apresentasse a carta do curso militar que tivesse frequentado, seria nomeado official de reserva, e collocado na mesma arma ou serviço em que podesse prestar melhores serviços, pelos conhecimentos especiaes e aptidões que tivesse.

Se o alumno não tivesse aproveitamento no curso militar e não podesse apresentar ao terminar os seus estudos na escola superior a carta do curso militar, teria ingresso nas unidades activas juntamente com os conscriptos do primeiro contingente a instruir, ficando sujeito ás mesmas obrigações de serviço que as praças d'esse contingente.

Junto dos lyceus, escolas normaes, districtaes, institutos commerciaes, etc., haveria similhantemente um curso d'instrução militar, que seriam obrigados a frequentar os alumnos que estivessem em idade propria e em condições de aptidão physica.

N'estes estabelecimentos ir-se-ia recrutar os sargentos para os quadros das reservas, ficando aquelles que não conseguissem habilitações no respectivo curso militar, nas condições que já citei, isto é, com a obrigação de servir no exercito activo, nas mesmas condições das outras praças do primeiro contingente a instruir, e não seriam providos no cargo publico para que tivessem habilitação.

Não era dispendioso este modo de recrutar officiaes e sargentos para a reserva, por isso que em todas as localidades onde estão escolas ha guarnições, e por isso facil seria nomear os professores que haviam de reger os respectivos cursos, os quaes mediante uma pequena gratificação exerceriam estes cargos cumulativamente com o serviço regimental.

Assim temos que o director da escola, o professor do curso de habilitação para sargentos e o commandante do pelotão de sapadores, que são entidades que não teem de fazer serviço exterior, estão permanentemente nas localidades, poderiam ser os encarregados d'este ensino.

No ensino haveria a parte pratica e theorica, consignando-se-lhe os materiaes precisos a uma instrução completa e adequada ao cargo a desempenhar.

No ultimo anno do curso iriam praticar tomando parte em exercicios, incorporados nas unidades das guarnições das localidades em que estivessem estudando e que lhes fossem indicadas.

Os officiaes e sargentos das reservas teriam os seus periodos d'instrução como agora está regulamentado, e nas occasiões de exercicios em que houvesse mobilisação seriam incorporados nas unidades em que pelo respectivo plano estivessem collocados.

Para os officiaes haveria além d'isso os tirocinios de aptidão para os que quizessem subir de posto, devendo effectuar-se estes nas escolas praticas, ou por occasião dos exercicios de batalhão ou unidades superiores.

O exercito organizado nos lineamentos geraes que ahi deixo apontados, parece-me, satisfazia em quantidade e em qualidade ás necessidades a que é destinado e não exigiria maior sacrificio á Nação.

Talvez que com a applicação do orçamento do ministerio da guerra no sentido que venho indicando se conseguisse o que me parece mais accommodado ao nosso paiz.

O que não resta duvida, do que estou certo, é que deste modo se conseguiria a militarisação da Nação, fim unico a que deve visar todo aquelle que ama a sua patria, que deseja vel-a engrandecida e respeitada pelo estrangeiro.

Quartel na Guarda, 30 de março de 1908.

MANUEL TELLES AMARO.
Tenente d'infanteria 12



AS PROMOÇÕES PELO QUINTO

Todos os elementos constitutivos d'um exercito cooperam dentro da sua missão especial para um resultado commum.

Combatentes ou não combatentes, infantes ou artilheiros, medicos ou officaes de administração, n'uma palavra, todos os membros d'essa grande collectividade se completam, por assim dizer, para conseguir o funcionamento harmonico do conjuncto.

Se n'um exercito se supprimir qualquer das suas armas ou serviços, se se desprezar qualquer parcella, o todo perderá fatalmente em regularidade de funcções, podendo o desequilibrio ir até á desorganisação completa, tal qual como na mechanica d'um orgão complicado a que se roube ou descure qualquer das suas engrenagens essenciaes.

Verdade é esta tão flagrante e tão seguramente apoiada no criterio individual e na sciencia historica que se dispensa rol d'argumentos a justifical-a.

E porque assim é, e porque a asserção que fazemos não pode soffrer a mais leve contestação, é que mal se comprehendem por vezes determinações que, entre servidores da mesma causa, beneficiam uns, deixando outros no olvido.

D'uma ou d'outra fórma, todos poem o melhor do seu esforço na acção commum; justo nos parece conceder a todos as mesmas regalias.

D'estas considerações singelas, postas aqui como simples prefacio ás que a seguir vamos fazer sobre as promoções pelo *quinto*, tira-se um corollario seguro, que justifica de sobejo o nosso intento e nos anima a sollicitar das instancias superiores a satisfação das aspirações dos olvidados:

«N'um exercito, todos os profissionaes devem gosar identicas regalias.»

*

Desataviada será a exposição dos factos, pela insufficiencia da penna e pela natureza do assumpto, que é causa ganha no espirito de todos que a puzerem n'um alto plano de justiça.

Para o Ex.^{mo} Ministro da Guerra vamos appellar, na bem fundamentada esperanza de sermos attendidos nas medidas que serão apresentadas á proxima sessão parlamentar.

O artigo 45.^o do decreto de 12 de junho de 1901, tomando como base a promoção da infantaria, dá a outras *armas* uma acceleração ou atrazo de promoção aos postos de coronel e ca-

pitão, que pode ir até um quinto do numero d'officiaes d'estes postos fixado na lei para cada quadro.

Esta concessão que, no actual estado das promoções, atrazadas por causas varias que não é nosso intuito esmiuçar agora aqui, representa ainda assim uma forma mais ou menos correcta d'equiparar as promoções nas diversas armas, não se estendeu, por motivos que ignoramos, nem aos almoxarifes d'engenharia e artilheria, nem aos diversos quadros não combatentes.

Se a desigualdade material que assim se estabeleceu entre uns e outros é já de si digna de séria ponderação, o que ella representa como significado moral na desvalorisação de serviços torna-se de percepção difficil pelas razões que preambularmente expuzemos.

A desproporcionalidade de promoção que resultou d'essa excepção da lei para os que ficaram de fóra em relação aos que gosam dos seus beneficios é já hoje muito importante e ameaça agravar-se cada vez mais.

Baseando factos e numeros como argumentação segura, facil será demonstrar a veracidade do asserto.

A promoção a capitão na arma de infantaria está-se actualmente fazendo nos tenentes de março de 1900; as outras armas acompanham-na, como prescreve a lei de 12 de junho de 1901, a que nos temos referido.

Arredando em absoluto a ideia de que se possa já considerar como satisfactoria ás aspirações dos quadros e ás necessidades do exercito essa promoção com 8 annos de tenente, ella serve-nos, todavia, como termo de comparação para a dos quadros que a lei excluiu.

Pelo ultimo «Almanach do Exercito» e pelas «Ordens do Exercito» posteriormente publicadas, verificamos que o ultimo tenente promovido a capitão era:

Na infantaria (reguladora)	Tenente de março de 1900
Nos almoxarifes.	» de setembro de 1897
Nos medicos militares	» de julho de 1898
Nos veterinarios militares	» de setembro de 1899
Na administração militar.	» de novembro de 1899
No secretariado militar	» de setembro de 1899

Da simples inspecção d'estes numeros, facilmente comprovaveis, se conclue que os quadros excluidos por lei do beneficio da promoção pelo *quinto* se encontram n'um atrazo relativamente importante, e que convem attenuar quanto antes esta situação.

O argumento de pezo que poderia produzir-se contra a satisfação do nosso *desideratum* seria a d'um excessivo encargo economico para o Estado; vamos, pois, encarar o problema por este lado, embora racionalmente se devesse n'um assumpto de justiça abstrahir da parte financeira.

A estender-se a todos os quadros o beneficio da lei citada, a promoção resultante seria agora:

Nos almoxarifes.	2	tenentes a capitães
Nos medicos	12	» » »
Nos veterinarios	2	» » »
Na administração militar	6	» » »
No secretariado	1	» » »

Dos que eram promovidos, possuem já a diuturnidade de serviço:

Nos almoxarifes	2	tenentes
Nos medicos	8	>
Na administração militar	3	>
No secretariado	1	>

Os seus vencimentos actuaes são, portanto:

2 tenentes almoxarifes:		
Soldos e gratificações a 600\$000 ..	1.200\$000	
Diuturnidade a 60\$000.....	120\$000	1.320\$000
12 tenentes medicos:		
Soldos e gratificações a 660\$000 ..	7.920\$000	
8 com diuturnidade a 60\$000.....	480\$000	8.400\$000
1 tenente veterinario:		
Soldo e gratificação a 600\$000 ...		600\$000
6 tenentes d'administração militar:		
Soldos e gratificações a 600\$000 ..	3.600\$000	
3 com diuturnidads a 60\$000	180\$000	3.780\$000
1 tenente do secretariado militar:		
Soldo e gratificação a 600\$000....	600\$000	
Diuturnidade a 60\$000.....	60\$000	660\$000
	Reis.....	14.760\$000

Promovendo-se a capitães, os seus vencimentos passavam a ser:

2 capitães almoxarifes:		
Soldos e gratificações a 780\$000.....		1.560\$000
12 capitães medicos:		
Soldos e gratificações a 900\$000.....		10.800\$000
1 capitão veterinario:		
Soldo e gratificação.....		780\$000
6 capitães d'administração militar:		
Soldos e gratificações a 780\$000.....		4.680\$000
1 capitão do secretariado militar:		
Soldo e gratificação		780\$000
	Réis.....	18.600\$000

O acrescimo de despeza annual era, pois, apenas de 3.840\$000 réis, que não póde reputar-se como pesado encargo no orçamento do ministerio da guerra, nem deve servir d'obice á approvação d'uma medida que se impõe como satisfação d'uma aspiração justa, e que, estamos certos, agradará a todos os membros da collectividade militar.

O tenente-coronel ALBERTO JOSÉ VERGUEIRO

Quando á nossa redacção chegou o conhecimento de que o exercito havia perdido um dos seus mais prestimosos officiaes, e a infantaria uma das suas mais lidimas glorias, já estava impressa a primeira folha d'esta *Revista*.

Por isso destacamos para este logar a nossa sentida homenagem ao grande soldado que a Patria acaba de perder.

Alberto José Vergueiro, o notavel inventor da culatra da espingarda portugueza, e que por forma tão avantajada e superior se destaca de todas as espingardas em serviço na Europa, foi tambem um apóstolo dedicadamente devotado á causa sagrada do estudo e pratica do tiro.

A suas faculdades de trabalho, os seus grandes dotes de intelligencia, a inquebrantavel energia da sua vontade, e o estudo consciencioso e aturado, já no gabinete, já nas carreiras de tiro e na officina, collocavam-no na vanguarda dos nossos officiaes, e o seu nome nunca poderá ser esquecido nas fileiras da nossa arma.

O seu character de verdadeiro homem de bem, juncto ao seu temperamento de transmontano, tornavam-no um luctador sempre victorioso, e as suas aspirações eram pelos mais nobres e puros ideaes.

Na imprensa militar, a sua argumentação cerrada e baseada na grande abastança de conhecimentos que enriqueciam o seu grande espirito, Alberto Vergueiro triumphou sempre, porque como official moderno, apaixonadamente encarnado na sua arma, que elle tanto amou, pôz todo o seu coração ao serviço da causa que sempre devotadamente sustentou de que a superioridade na guerra de amanhã ha-de residir na superioridade do fogo.

A sua perda foi para a infantaria uma perda tão sensível que ainda hoje se não pôde bem medir o seu alcance.

A *Revista de Infantaria*, que o contava no numero dos seus collaboradores effectivos, vem hoje desfolhar as

flores emmurchecidas da sua saudade sobre a campá fria onde ficará para sempre encerrado aquelle que tanto trabalhou para efficazmente concorrer para a defeza da Patria.

A vida de constante trabalho e de encendrado patriotismo de Alberto Vergueiro pode e deve servir de exemplo a todos aquelles que sintam na sua alma o calor de uma aspiração generosa pelo bem commum.

Modelar em toda a extensão da palavra, como cidadão, como chefe de familia e como official, a sua envergadura moral tornavam-no respeitavel e respeitado.

Nas nossas mãos fica um trabalho inédito do distinctissimo official e aprimorado escriptor, sobre o que devia ser a Escola Pratica de Infantaria, onde Alberto Vergueiro serviu durante bastantes annos.

Ficará nos nossos papeis como uma saudosa recordação do amigo querido, e como um documento de alto valor do seu talento e das suas generosas intenções.

Ao baixar á sepultura, e encerrado n'aquellas estreitas paredes da campá gelida da morte, receba, Alberto Vergueiro, com as benções de toda a arma de infantaria do nosso exercito, as benemerencias da Patria, como irradiação augusta da eterna justiça.

E que a Historia na sua missão do mais alto ensinamento moral preste a devida homenagem a quem soube vincular o seu nome ao mais grandioso sentimento do coração humano — o amor da Patria.

A toda a familia do nosso querido extincto, e em especial á sua desolada viuva, a expressão sincera do nosso profundo pesar.

O coronel Manuel de Sousa Machado

Inesperadamente, quando ainda a Patria tanto tinha a esperar do seu alto valor, cae fulminado no leito da morte o coronel Manuel de Sousa Machado, para não mais acordar d'esse somno eterno, que tão pungente e magoada saudade nos deixou.

A campanha gloriosa de 1899 contra dois potentados negros, o Kuamba e o Mataka, que urgia submeter á nossa soberania para honra da nossa bandeira e prestigio

da nossa acção civilisadora nos territorios que constituem o nosso patrimonio colonial, campanha habil e valorosamente dirigida pelo então major Manuel de Sousa Machado, é feito tão grandioso e de tão esforçado valor que para logo collocou o nosso querido amigo, hoje inanimado e para sempre roubado á nossa amisade e affecto, entre os que mais teem procurado engrandecer e honrar a Patria portugueza.

Esta *Revista*, que tem sempre procurado com a mais nobre isenção e com os intuitos mais patrioticos e mais puros tornar-se echo do sentir geral da arma no louvor e applauso aos que bem merecem da Patria, largamente se referiu, em 1900, á marcha nunca igualada em territorios africanos de Chilomo a Napulu e de Napulo até ao Zarafi, marcha entrecortada por serios combates, que mais uma vez trouxeram á apreciação da Europa o valor do nosso soldado, a energia, a tenacidade, a coragem e a competencia dos nossos officiaes.

E o chefe d'essa expedição gloriosa foi o nosso querido amigo, o coronel Manuel de Sousa Machado, tão prematuramente roubado ao nosso convivio e á nossa amisade, repetimos.

Mas a Historia, que é facho luminoso e resplendente, irrompendo atravez dos seculos como grande lição e labaro de justiça, não deixará nunca esquecer o seu nome como um *d'aquelles que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando*.

Soldado destemido e arrojado, nunca encontrou no seu caminho uma difficuldade que não vencesse, nunca a Patria exigiu d'elle o seu trabalho, o seu esforço, o seu sacrificio que não o encontrasse prompto sempre para derramar o seu sangue, se tanto fosse preciso, pelo prestigio da nossa bandeira, pelo bom nome do exercito e pela honra da nação.

Chefe, soube sempre conciliar os deveres do cargo, como fiel e honrado mantenedor da disciplina da unidade confiada ao seu sabio e prudente commando, com os affectos do seu generoso coração, com a delicadeza dos seus sentimentos nobilissimos, com os primores do seu character do mais fino quilate.

N'estas paginas de luto, e que são sempre para nós paginas bem magoadas, e em que esta *Revista* procura apenas, no cumprimento de um doloroso dever, prestar a homenagem sentida de saudade áquelles que honrando

a Patria trazem á arma de infantaria, em especial, renome e brilho, não costumamos traçar notas biographicas.

Não cabe tal commettimento nem na estreiteza do espaço que habitualmente dispomos, nem a impressão de momento pela perda de officiaes de tanto valor e de tão assignalados serviços nos deixam a serenidade reflectida para trabalho de tanta responsabilidade.

No caso presente, porém, taes notas biographicas são bem dispensadas.

Os serviços do nosso querido amigo, o coronel Manuel de Sousa Machado, foram tão altos, o seu nome echoou com tal enthusiasmo e admiração de um a outro extremo do paiz, a sua individualidade impoz-se de tal fôrma ao respeito de nós todos, que a sua morte traz á nação inteira a nota bem sentida de que perdeu para sempre um dos seus filhos de maior valor, um dos seus soldados mais arrojados.

A' sua desolada familia e aos nossos camaradas do regimento de infantaria n.º I, que com a perda do seu commandante perderam um verdadeiro amigo, os nossos sentidos pezames.



NO SUL D'AFRICA

Campanha de 1907

(Continuado do n.º 7 — 1908)

Muito desejaria descrever os quadros majestosos que se desenrolaram n'este combate, mas não posso predica-dos de escriptor; a minha linguagem fallada e escripta é desataviada, simples e despida dos attractivos que encantan; todavia, não posso nem devo deixar de referir que, passado o primeiro choque, a primeira impressão que todo o homem deve sentir ao vêr-se rodeado de balas, e entrando-se na embriaguez do combate, é imponente, sumptuoso e bello, ouvir-se as descargas d'infantaria dadas com precisão á voz dos seus commandantes, o troar da artilheria, o incendio e o estrondo no mattagal, produzido

pelas granadas; as cargas impetuosas e brilhantes da cavallaria, o estalido característico das metralhadoras; a vozearia d'uma carga d'infanteria, o cantico guerreiro dos *landins*, os gritos da retirada do inimigo, e finalmente o sibilar differente das balas, em todas as direcções.

Deixemos, por um momento, recordações e impressões que nos seduzem e servem como que de incentivo e estímulo para estarmos sempre promptos á defeza da nossa bandeira; esqueçamos por instantes as tradições gloriosas d'esta raça portugueza a que nos ufanamos de pertencer, para fazermos desenrolar um quadro triste, onde se vêem mortos em defeza da patria e feridos que soffrem com resignação, sem recriminações nem queixumes.

Enfileirados, lá estavam os nossos queridos mortos, marinheiros e soldados. Ao todo 19, incluindo 6 indigenas.

Feridos: capitão Sousa Dias, tenente Figueiredo, tenente veterinario Pereira (mortalmente) e alferes Velloso (gravemente), 66 praças de pret, a quem facultativos e enfermeiros cortavam uma perna, um braço, ou punham um penso. Alguns morreram passados dias.

O gado tambem soffreu — cavallos mortos e feridos 29, muares 22, e muitos bois.

E se não houve mais victimas, foi isso devido ao entrincheiramento.

Desejaria que perante este quadro, os que pretendem amesquinhar os sacrificios prestados por fracções do exercito de terra e mar nas plagas africanas, dessem a sua opinião, e estou convencido de que quantas palavras impensadas, quantas injustiças revoltantes, não ficariam mudas umas e envergonhadas outras deante d'esta bem triste e dolorosa realidade.

Mas, adeante com a nossa narrativa, que o tempo urge.

Duas palavras sobre as forças do inimigo, as phases do ataque, e armamento que dispunha.

Aos Cuamatas haviam-se reunido, Makir, um preto muito aguerrido que commandava nove *lengas* e 4.500 pretos Cuanhamas, os Barantus, Cuambis, Ganguellas, Hingas e pretos de algumas regiões já submissas, como Humbe, Mulondo, etc.; ao tudo cerca de 25.000 combatentes. Os Evals forneceram-lhe todo o cartuchame que puderam.

Armamento — 7.000 armas finas, Kropatschek, Snider, Martini, Wischester, 317 Mauser, e não aperfeiçoados

6.000, sendo as restantes forças armadas de *porrinhos* (mocas), arcos e zagaias.

O seu plano era atacar-nos na *chana* do Mufile, por ser uma das maiores e ficar a nove kilometros da base d'operações. Os pretos armados de armas aperfeiçoadas (7.000), desenvolveram em atiradores, circumdando toda a orla da *chana*, servindo-lhe de abrigo as arvores, onde se collocavam de pé e em estrados construidos nos sitios mais copados dos ramos, subindo para estes por meio de escadas de mão ou degraus feitos no proprio tronco, e os morros de salalé (já descriptos) transformados em baluartes.

A' retaguarda d'esta primeira linha estava a reserva desarmada, uns, promptos a pegar nas armas e cartuchame dos mortos e a substitui-los na linha de fogo, e outros, encarregados de levarem os mortos cahidos no campo de batalha.

A um signal convencional (um tiro) inicia o inimigo o ataque convergindo sobre a guarda do comboio, sendo feito fogo pelos melhores atiradores (Cuanhamas e alguns Cuamatas), e como este fogo não produziu a desorganização da columna, cessa momentaneamente para se generalisar sobre todas as faces do quadrado.

Os Cuamatas contavam como certa a nossa retirada, e por isso estabeleceram duas alas de pretos (os armados de zagaias e armas não aperfeiçoadas), ao longo do caminho percorrido pelos *brancos*, e cuja missão era massacrar-nos, como fizeram em 904.

O ataque foi tão visivel e pronunciado, que bem se sentiu ser o resultado d'um plano préviamente preconcebido.

Com pretos bem armados, aguerridos, combatendo á europeia, e não querendo o dominio dos *brancos*, impossivel seria pensar-se na efficacia de qualquer acção diplomatica.

Tambem se diz que o Cuanhama e Cuamato, nenhuma riqueza nos trouxeram e que não valiam uma das vidas lá sacrificadas! Não me parece que quem avança tal proposição tenha exacto conhecimento da situação.

Sem que Portugal tivesse assignalado a sua soberania n'aquelles territorios ver-nos-hiamos a breve trecho a braços com os estrangeiros, e que assenhoreando-se dos nossos territorios alem Cunene, em breve seriam senhores tambem do planalto circumvisinho, o que seria para nós uma deshonra e uma humilhação. Esses territorios que

dizem serem pobres, nós os veríamos ricos e opulentos nas mãos do estrangeiro!

Toda a questão se cifra em saber bem administrar. O nosso patrimonio colonial deve constituir para todo o portuguez uma questão sagrada, e jámais deveremos consentir que continue essa debacle, que a historia tristemente assignala, representada pela perda successiva de tantas terras, que eram outros tantos florões da nossa gloria de povo colonial.

Sou, em these, contrario a guerras, mas quando sejam precisas, façam-se. Podem e devem deixar de ser tão frequentes. Para isto é mister administrar com justiça, captar a estima do preto, castigar rigorosamente mãos criminosas, que não pensando senão em auferir grandes lucros, vendem armas e munições a pretos, e Deus sabe se os insubordinam tambem para que o negocio não pare!

Os males de Angola enfermam de muitas causas, que só uma completa liberdade de acção, ligada a um punho de ferro, guiado pelo bom senso e bom criterio, poderão debellar.

Angola é, e continuará a ser, a nossa melhor possessão, a grande joia da corôa portugueza.

Haja uma administração intelligente e cheia de grandes iniciativas; paguem-se todas as dividas da provincia, sem o que ella não pôde caminhar; colloquem-se em todos os ramos de servlço funcionarios trabalhadores, e com boa orientação e ver-se-ha Angola, a nossa querida Angola, prosperar e tornar-se a mais invejavel das nossas colonias.

Apesar das nossas pontarias serem feitas ao acaso, as baixas no inimigo foram enormes.

Soubemos mais tarde, pelos proprios cuamatás, que ao findar o combate de Mufilo, em todas as libatas se chorava a morte d'um filho (filho, refere-se a um dos habitantes das libatas), e que o numero de feridos fôra consideravel e quasi todos os ferimentos nas pernas. Dos nove lengas do Cuanhama, haviam morrido todos. Sem grande erro, deviam ter sido postos fóra do combate, mais de 2:000 pretos.

Tambem fomos informados que os efeitos das armas d'infanteria foram muito superiores aos da artilheria, o que é de crêr, pois as baterias de espingardas varriam com maior dispersão o mattagal.

A collocação do quadrado approximadamente a meio da

chana, pareceu a alguns dos meus camaradas que não foi boa e que teria sido mais conveniente ficar a face da direita encostada á orla, para o inimigo não poder bater tão facilmente o flanco esquerdo da face da frente e retaguarda e a face da frente. A minha opinião não concorda com este alvitre, porque:

a) A artilharia postada nos angulos direitôs, teria um campo de tiro mais restricto, ficaria muito proxima das arvores que lhe serviriam de pontos de impacte;

b) o inimigo convergiria as suas atenções e fogo, sobre essa face, por lhe ficar mais perto;

c) durante a noute poder-se-hiam aproximar do quadrado, e precipitando-se sobre este, estabeleceriam o panico.

As cargas d'infanteria, tiveram por fim o effeito moral, e além d'isso obrigando o inimigo a abandonar as suas posições e abrigos, conseguia-se poder perseguil-o com descargas, que produziram, aliás, muitas baixas.

A infanteria, nas cargas, nunca se internou no matto, para não se perder a ordem e a cohesão; nem tão pouco convinha a lucta corpo-a-corpo, por os cuamatás serem muito dextros e manejarem a zagaia com precisão, além do numero.

O nosso soldado valente e arrojado, não avaliando nunca o perigo, chegou a manifestar o desejo de se bater com o inimigo á arma branca; mas, com pretos do sul de Angola é uma temeridade. O bom senso aconselha á que se conservem sempre a distancia por meio da acção do fogo. Nunca esquecer o numero.

Tive ensejo de avaliar, que o nosso soldado conserva ainda o mesmo espirito guerreiro d'aquelles que tão galhardamente se bateram na guerra da Peninsula e nas campanhas da liberdade, sendo ainda capazes de supplantarem os prodigios dos bravos de St. Privat, Sedan e os que salvaram os seis canhões Elsasshausen.

As cargas de cavallaria foram de grande effeito moral, comtudo pareceu-me que na ultima se internaram demais na matta, privando a infanteria do fogo.

Talvez essa carga tivesse sido mais util, se se limitasse unicamente a mascarar movimentos da infanteria.

O commandante (tenente Martins de Lima), soube vencer e triumphar dos perigos, com muito valor, muita coragem e muito sangue frio. Admiravel!

(Continúa).

F. PIMENTEL
Cap. de inf.



Subsidio auxiliar da commemoração do centenario

DA

GUERRA PENINSULAR

O Conselho de Instrucção da Escola do Exercito, no louvavel e patriotico intuito de concorrer para o maior brilho e lustre da commemoração da «Guerra Peninsular», concedeu a todas as pessoas extranhas áquelle nosso estabelecimento de instrucção militar poderem consultar na bibliotheca privativa da Escola, em todos os dias uteis, desde as 10 horas da manhã, até ás 3 da tarde, todos os livros que se relacionam com esse grande factio historico.

Para maior facilidade da consulta, o illustre bibliothecario, o nosso camarada o sr. capitão Francisco Augusto de Magalhães, organisou a nota bibliographica, que temos o maior prazer de transcrever, e que tão grande auxilio devera prestar aos estudiosos.

«Bosquejo das campanhas de Portugal e Hespanha desde a guerra de Roxillon até á restauração de Madrid», por J. A. F.—2.004.

«Mémoires de François Lavaux, sergent au 103.^o de ligne (1793-1814)», par M. Alfred Darimon, Paris. (Começa a referir-se á guerra peninsular a pag. 225).—10.826.

«Mémoires d'un aide-major sous le premier empire—Guerre d'Espagne (1808-1814)», par Sébastien Blaze. Nouvelle édition entièrement refondue avec une préface par Napoléon Ney.—Paris.—11.325.

«Catalogo por copia extrahido do original das sessões e actas feitas pela sociedade de portuguezes dirigida por hum conselho intitulado «Conselho conservador de Lisboa» e instalada n'esta mesma cidade em 5 de fevereiro de 1808, tendo-se unido os instaladores em 21 de janeiro do mesmo anno para tratar da restauração da patria». Lisboa. 1 vol. in-4.^o—11.842.

«Esboço historico do regimento de cavallaria n.^o 1, lanceiros

de Victor Manuel», por Christovam Ayres. (Como em todas as publicações d'este genero, refere-se a factos isolados da guerra peninsular).—11.982.

«Mémoires militaires du maréchal Jourdan. (Guerre d'Espagne)». Publiés d'après le manuscrit original par le Visconte de de Grouchy. Paris. 1 vol. in-8.^o—12.546.

«La charge de cavalerie de Somo-Sierra (Espagne) le 30 novembre 1808», par lieutenant-général Pouzerewski. Traduit du russe par Dimitry Osnobichine. Paris. 1 folheto in-8.^o pag.—12.661.

«La générale Junot, duchesse d'Abrantes» (1784-1838), par Joseph Turquan. Paris—12.975.

«Mémoires du général baron de Marbot». Paris. 3 vol in-8.^o (O 2.^o vol. é que trata da guerra peninsular).—13.082.

«Mémoires du colonel Delagrave. Campagne du Portugal» (1810-1811). Avertissement et notes par Edouard Gachot. Paris. (Contem oito aguarellas com os uniformes d'aquella epocha e quatro retratos em negro).—13.168.

«Guerra de la independencia», 2.^a edição, por D. José Gomez de Artéche y Moro de Elaxaveitia. Madrid. 14 vol. in-8.^o—14.228.

«Historia de Portugal desde os tempos mais remotos até á actualidade, segundo o plano de F. Diniz», por uma sociedade de homens de letras. Lisboa. (Vol. 8.^o, cap. xvi, pag. 204).—8.130.

«Retrato de lord Wellington».—6.919.

«Retrato do marechal de Beresford».—7.198.

«Retrato do general Gomes Freire».—6.798.

«Carta militar das principaes estradas de Portugal». Lisboa, 808.—1.619.

«Proclamação que o general em chefe do exercito de Portugal dirigiu aos portuguezes em consequencia da sublevação do Algarve e resposta á mesma». Reimpresso segundo um exemplar da edição de Londres. Lisboa, 1808. 1 fol. in-8.^o, br.^o (Tem adjuntas outras proclamações muito patrioticas).—1.906 e 2.057.

«Relação circumstanciada dos exercitos francezes que entraram em Hespanha e Portugal em o anno passado de 1807 e acabarão no de 1808, examinados por pessoa fidedigna, que os viu passar. O animo do impio Bonaparte foi occultar o numero do seu exercito, por não dar lugar a suspeita de sua grande maldade e aleivosia», traduzido do hespanhol por A. M. M., Lisboa, 1808. 1 fol. in-8.^o.—2.149.

«Exposição dos factos e maquinações, com que se preparou a usurpação da corôa de Hespanha, e dos meios que o imperador dos francezes tem posto em pratica para realisa-la», por D. Pedro de Cevallos. Lisboa, 1808. 1 fol. in-8.^o, br.^o.—2.617.

«Memoria historica da invasão dos francezes em Portugal no anno de 1807».—Rio de Janeiro, 1808.—1 vol. in-4.^o.—2.897.

«Memorias sobre a má politica do ministerio francez em Portugal nos annos de 1807 e 1808», por Antonio Maria do Couto. (Pequenos folhetos encadernados com outras obras). Lisboa, 1808. 1 fol. in-16.^o.—2.901.

«Manifesto da rasão contra as usurpações francezas, offerecido á nação portugueza, aos soberanos e aos povos», por José Accursio das Neves. Lisboa, 1808.—12.208.

«Methodo para a disciplina das companhias dos batalhões das legiões nacionaes». Lisboa, 1809.—1.676.

«Discurso sobre os principaes successos da campanha do Douro, offerecido aos illustres guerreiros que n'ella tanto se distinguirão». Lisboa, 1809. 1 vol. in-16.^o—1.702.

«Atlas des plans et cartes, pour servir à l'intelligence des marches et positions du 7.^o corps de la grande armée pendant la campagne des armées de 1808 e 1809». (12 cartas muito perfectas e de interesse).—1.744.

«Relação breve e verdadeira da entrada do exercito francez, chamado de Gironda, em Portugal, em novembro de 1807, contendo o systema francez desenvolvido pelo procedimento dos seus generaes e mais funcionarios publicos». Lisboa, 1809. 1 vol. in-8.^o pag.—1.2821.

«Observador portuguez, historico e politico de Lisboa, desde o dia 27 de novembro de 1807, em que embarcou para o Brazil o principe regente, nosso senhor e toda a real familia, por motivo da invasão dos francezes n'este reino, etc.» Contem os editaes, obras publicas e particulares, decretos, successos fataes e desconhecidos nas historias do mundo; todas as batalhas, roubos e usurpações até ao dia 15 de setembro de 1808, em que foram expulsos, depois de batidos, os francezes, etc. Lisboa, 1809—2.905.

«Reviews on the civil correspondence and memoranda of Arthur Duk of Wellington». (Ha apenas o 6.^o vol.). Ireland, 1807-1809. 1 vol. in-8.^o—4.624.

«Memoria sobre a conducta do Dr. Bernardo José d'Abrantes e Castro, desde a retirada de S. A. R. o principe regente nosso senhor para a America». Londres, 1810. 1 vol. in-8.^o—476.

«Defeza dos direitos nacionaes e reaes da monarchia portugueza». Demonstraçãõ analytica dos barbaros e inauditos procedimentos adoptados como meios de justiça pelo imperador dos francezes para a usurpação do throno da serenissima e augustissima casa de Bragança, etc.» Lisboa, 1810. 1 vol. in-4.^o pag.—2.801.

«Historia geral da invasão dos francezes em Portugal e da restauração d'este reino». Lisboa, 1810-1811. José Accursio das Neves. 5.^o vol. in-16.—4 062.

«Sketches of the country, character and costume, in Portugal and Spain made during the campaign, and on theroute of the british army in 1808 and 1809. Engraved and coloured from the drawings». (Tem bastantes estampas a cores, representando os uniformes de Portugal e Hespanha em 1808, 1809 e 1810.—London, 1810. 1 vol. in-fol. 7:425.

«Noticias biographicas do coronel Trant», escriptas por F. F., Lisboa, 1811. 1 fol. in-8.^o—1.775.

«Carta dirigida ao marechal Marmont pelo auctor do «Telegrapho Portuguez». Lisboa, 1811. 1 folh. in-8.^o (E' interessante esta carta e apresenta um grande numero de razões pelas quaes o auctor julga a Peninsula inconquistavel).—1.905.

«Sepulveda patenteadõ, ou voz publica e solemne, depositada em documentos authenticos, que devem servir para resolver a questãõ: quem foi o primeiro chefe e proclamador da revolução transmontana em 1808?». Londres, 1813. 1 vol. in-8.^o

«Cartas ao auctor da historia geral da invasão dos francezes em Portugal e da restauração d'este reino», por Francisco de Borja Garção Stocker. Rio de Janeiro, 1813. 1 vol in-4.º—2.049.

«A history of the campaigns of the british forces in Spain and Portugal undertaken to relieve those countries from the french usurpation; comprehending memoirs of the operations of this interesting war, characteristic reports of the Spanish and Portuguese troops and illustrative anecdotes of distinguished military conduct in individuals, whatever their Rank in the army». London, 1813. 2 vol. in-8.º—8.002.

(*Continúa.*)



Secção do estrangeiro

Japão.—Sabe-se que no começo da guerra russo-japoneza, o exercito nipponico compunha-se de 13 divisões. Hoje conta já 19.

A composição das differentes armas é a seguinte:

Infanteria: 76 regimentos a 3 batalhões;

Cavallaria: 27 regimentos a 3 ou 4 esquadões;

Artilheria: 30 regimentos de artilheria de campanha a 6 baterias de 6 peças; 6 regimentos de artilheria de fortaleza e 6 batalhões não arregimentados de artilheria pesada; 4 batalhões de artilheria de montanha a 3 baterias de 6 peças;

Engenharia: 20 batalhões;

Tropas de administração e de trem: 19 batalhões.

Além d'isto existem as tropas de occupação da Formosa, Sakhalina e Tchitri, que teem uma organização especial.

França.—Realisou ha pouco, no *Cercle Militaire*, em Paris, uma notavel conferencia sobre «O automobilismo nos exercitos», o capitão d'Estado Maior, Mr. Armand Séc.

O thema, que não pôde deixar de ser da mais palpitante actualidade, foi desenvolvido com a maior proficiencia, pondo-se bem em evidencia os altos serviços que o automobilismo pôde prestar ao exercito em campanha, já ao serviço do commando,

já ao serviço da cavallaria, e ainda muito especialmente para os transportes militares.

No tocante ao reabastecimento de viveres e de munições, e bem assim para o transporte de material pesado, o automovel está destinado a prestar aos exercitos em operações os mais extraordinarios serviços, realisando uma consideravel economia em homens, cavallos e material.

Esta conferencia, que foi muito applaudida e cujo successo sahiu para fóra do proprio paiz, suggeriu-nos a ideia de perguntar, agora que se está tratando de construir material para transportes militares do nosso exercito, se não conviria estudar-se o assumpto entre nós e proceder-se de conformidade com o resultado d'esses estudos?

Ahi fica a ideia.

Allemanha. — O coronel Gaedke, reputado escriptor allemão, passando em revista os exercitos europeus, que um conflicto pôde arrastar á lucta armada, diz que o exercito russo não merece grande confiança, não obstante o trabalho de reorganisação começado; — que a França tem, na verdade, um exercito de primeira ordem, mas tendo contra si a inferioridade do numero, e devendo notar-se que a esquadra francesa não resistiria a um ataque da esquadra allemã; — que o soccorro que a Inglaterra pôde dar á França é mais importante do que parece á maior parte dos seus compatriotas porque os portos bloqueados e o commercio allemão aniquilado, parece-lhe uma dura prova, sobretudo se a guerra se prolongar, e os 165.000 homens que a Inglaterra pôde desembarcar no continente está longe de ser uma quantidade desprezível; — exaggera a qualidade das tropas austriacas, mas reconhece que não podem trazer á Allemanha o apoio que seria para desejar; — o exercito italiano, julga o citado escriptor allemão muito abandonado, e os esforços que a Italia faz para corrigir os erros e os defeitos do seu exercito, parecem-lhe dirigidos sobretudo contra a Austria; a Italia perde o valor que se lhe attribuia na triplice alliança e que consistia em cobrir a Austria para esta poder lançar todas as suas forças contra a Russia.

Em face d'esta analyse conclue o coronel Gaedke, que a escolha das allianças allemãs, sob o ponto de vista restrictamente militar, não tem sido nem habil, nem feliz.

*

A navegação aerea que, como se sabe, vae progredindo a olhos vistos, merecendo especial menção os progressos do balão allemão «Zepplin IV» e do francez «Republique», tem despertado no meio militar a conveniencia e utilidade de se procurar desde já os meios adequados para destruir os dirigiveis.

O general Rohne, que é o grande mestre allemão em questões de artilheria, acaba de publicar, na imprensa militar, um estudo muito documentado, mostrando a difficuldade que ha em o fogo de artilheria poder attingir os balões, e pedindo ao governo que faça proceder o mais cedo possivel a experiencias no polygono com balões captivos.

Parece que este alvitre do general Rohne vae ser posto em execução.

*

O major Gross, muito conhecido pelos seus trabalhos sobre balões dirigiveis, acaba de fazer, em Tegel, a ascensão do novo balão dirigivel construido segundo os seus planos.

O balão manobrou durante tres quartos de hora tendo dado a experiencia bom resultado.

Este balão que mede 66 metros de comprido e 11 de diametro é posto em acção por dois motores independentes de 75 cavallos cada um.

Cada motor põe em movimento um propulsor com tres helices de aluminium.

Italia. — Vae ser presente ao Parlamento, se no momento em que esta *Revista* correr mundo já o não tiver sido, um projecto de lei creando uma *Escola normal militar de educação physica*.

O que se pretende é unificar os methodos de ensino da gymnastica sob todas as suas formas, e collocar a esgrima no logar que lhe compete na educação physica, em face das exigencias modernas.

Nos regimentos não haverá simplesmente um mestre de esgrima, mas principalmente um mestre de *educação physica*, apto para secundar o official encarregado mais especialmente da formação dos graduados.

O commandante d'esta escola será um official superior, e a direcção technica da esgrima e da gymnastica será confiada a especialistas.

O curso será de 3 annos, devendo os alumnos estudarem, de uma maneira muito especial, gymnastica theorica e pratica, esgrima theorica e pratica, anatomia, physiologia, hygiene, pedagogia, etc.

*

Procede-se actualmente na Italia a experiencias sobre um novo uniforme de campanha.

O talho do uniforme é differente do usado n'aquelle exercito, e a côr preferida parece ser a — cinzenta esverdeada —.

Actualmente duas companhias do regimento de infantaria 47, um esquadron de cavallaria e uma bateria de campanha procedem a ensaios com o novo uniforme.

Em virtude dos resultados obtidos nas experiencias feitas até hoje, o Conselho d'Estado já auctorisou o ministro da guerra a gastar até 200.000 francos na compra do panno necessario para o novo uniforme.

O ministro da guerra tem empregado serios esforços para conseguir nova auctorisação de mais 200.000 francos para poder ter no verão de 1909 uniformisadas, com o novo modelo, todas as tropas do 4.^o e 6.^o corpos do exercito.



11.º ANNO

SETEMBRO DE 1908

N.º 9

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL
Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

A nação armada

E AS

ANTIGAS MILICIAS E ORDENANÇAS

A nação armada. — Todas as forças vivas d'um paiz postas em actividade, congregando-se em torno da bandeira nacional para a defeza commum, é a formula da constituição dos exercitos modernos.

Exigindo o character da guerra actual o predominio das grandes massas, necessario se torna que a educação e a instrucção militares se estendam a todos os elementos validos da população para se attingir aquelle desejado ideal da *nação em armas*.

Desta concepção da organica militar tem resultado a adopção do serviço militar obrigatorio e a organização adequada das reserva, instruindo-as e exercitando-as devidamente.

Iniciada a instrucção militar quasi desde os bancos da escola primaria com exercicios militares preparatorios e a pratica do tiro, desenvolvida e aperfeiçoada essa instrucção na passagem pelas tropas activas, reavivada ainda, durante um largo periodo nos chamamentos periodicos

das reservas, o exercito integra-se, d'esta forma, no organismo da nação, porque não é mais um mecanismo que sobre ella pese, obediente aos caprichos de uma entidade ou ás exigencias de uma seita; mas sim a propria nação com todas as legitimias manifestações dos seus interesses moraes e materiaes.

Abstrahindo da generosa utopia que sonha com a paz perpetua para a humanidade, pôde dizer-se que a instituição militar assim comprehendida representa o sentir da communitade, porque traduz a necessidade instinctiva da defeza, inherente a todo o organismo vivo.

E por que isto assim seja, vêmos nós dominarem os principios expostos nos paizes onde se cura diligentemente na organização dos meios de defeza, apresentando-nos, em formulas mais ou menos identicas, a traducção practica dos principios do exercito nacional — *a nação em armas*.



Portugal, minado por mesquinhas e estereis pugnas politicas durante o largo periodo em que estas ideias do *exercito nacional* tomaram corpo e se consolidaram lá fóra, só tardia — e quasi platonicamente — as tem encorporado na sua legislação militar.

Uma vez mais havemos dado provas de que a nossa imprevidencia militar — alliada a outras mais em questões de interesse para o paiz — é a caracteristica da idiosyncrazia nacional.

Adoptou-se o serviço militar obrigatorio que pretensas difficuldades financeiras tornaram quasi ficticio com o principio da remissão: a instrucção no activo é deficiente, e pelo que toca á organização das reservas nós nem sabemos se ella existirá perfeitamente... no papel.

Sabido ainda que a instrucção publica tem andado completamente alheada da cultura civica, creadora d'aquella *respiração patriótica* indispensavel á instituição do *exercito nacional*, comprehende-se bem que elle, realmente, não exista entre nós, como de resto o attestam a aversão de todas as classes pelo serviço militar e a improficuidade dos pesados sacrificios que a nação faz com o exercito.

Louvaveis esforços se teem empregado nos ultimos quinze annos em favor das nossas instituições militares, que injustiça seria não os reconhecer; mas o que se ve-

rifica também é que, se realmente alguma coisa conquistámos em relação ao pouco que possuíamos, quasi nada é isso para o muito de que ainda carecemos.

Adoptámos os bons principios da obrigatoriedade do serviço e da instrução das reservas, mas aquelle viciamol-o com as remissões e este não o podemos praticar, não tanto por difficuldades financeiras como por uma má applicação do orçamento militar, conforme a opinião de vozes mais auctorizadas do que a nossa.

Parallelamente, a marcha desordenada da politica do paiz não conseguiu ainda que a instrução militar acompanhasse de perto o problema militar — que é uma questão patriotica, não só para lhe dar o necessario apoio moral, mas ainda para o effeito da instrução militar preparatoria, sem a qual não se póde levar a effeito a redução do tempo de serviço, que os nossos exiguos recursos financeiros requerem para uma rigorosa obrigatoriedade do ensino e uma instrução proficua das reservas.

Uma providencia importante se tomou na passada gerencia da pasta da guerra, tendente a estabelecer no paiz a instrução militar preparatoria, sendo entregue aos estudos de uma commissão para elaborar o regulamento respectivo.

Falla-se, por outro lado, n'uma proxima reforma do ensino primario, ao mesmo tempo que surgem algumas vozes auctorizadas pedindo uma revisão da lei de recrutamento preconizando o regresso ao regimen da taxa militar, devidamente aperfeiçoado.

Todos estes trabalhos estão dentro dos principios sobre que deve assentar o exercito nacional — o exercito que pense e viva com a nação, não assentando sobre ella como um organismo extranho.

Mas conjugar-se-hão nas regiões officiaes esses trabalhos, de forma a lançarem as bases novas sobre que hão-de assentar as nossas instituições militares?

Não o sabemos; mas para desejar seria que assim acontecesse. Sem essas bases, crêmos que resultarão sempre improficuos todos os esforços tendentes a desenvolver o nosso exercito.

E para as alcançar não carecemos de crear tudo de novo.

Não são novidade para nós os principios porque se rege o exercito nacional. Já os tivémos na nossa legislação e já d'elles usámos com resultados dignos de registo.

Agora mesmo, que se trata de commemorar o centenario da Guerra da Peninsula é de lembrar o papel que desempenharam as antigas *milicias* e *ordenanças*, esse systema de milicia nacional que, accomodado ás actuaes exigencias dos exercitos, contem em si muito do que hoje em dia vemos apregoado e preconizado.

Esses principios do exercito nacional existiram, de facto, entre nós, quasi desde que, na evolução historica dos exercitos, elles começaram a ter forma de regular organização.

Não os soubémôs aproveitar e «em 1832, diz o sr. Christovam Ayres na *Historia do Exercito*, desorganizou-se ou, antes, destruiu-se um bello machinismo de seculos que tinha constituido a verdadeira força da nação, verdadeiro systema de exercito popular, sem que as leis e resoluções posteriores conseguissem substituil-o».

Não seria importuno, pois, examinar o que era o systema nacional que deixámos perder e apreciar alguns pontos da sua historia, umas vezes gloriosa, muitas outras cahidas no relaxamento nacional.

*

*

*

Pela *Lei das Armas*, de 9 de dezembro de 1569 se impôz aos que tinham fôro de fidalgos e cavalleiros com um certo rendimento, a obrigação de terem armas e cavallos.

A mesma obrigação se impunha aos que, não sendo fidalgos, tivessem de renda annual 200\$000 réis ou mais. Aquelles cujo rendimento fosse apenas de 100\$000 réis seriam obrigados a prover-se de arcabuzes. Os que, emfim, não tivessem renda alguma, deveriam ter, dos vinte aos sessenta e cinco annos lança ou dardo.

Estabelecendo uma transição entre os exercitos irregulares da idade media e a moderna constituição dos exercitos permanentes, affirmava-se n'este rude esboço de organização do exercito nacional a importancia da infantaria, extremamente superior em numero á gente de cavallo. A infantaria repartia-se, segundo a distincção de haveres, em tropas destinadas a usar de armas de fogo — a *élite* da infantaria, e multidões usando simplesmente armas brancas — a plebe militar ou *nação dos campos*.

Era a distincção que mais tarde, no seculo xviii, havia de apparecer entre *arcabuzeiros* e *piqueiros*.

Esta lei de D. Sebastião, representava, por assim dizer, a constituição da força publica, d'um largo recrutamento de todos os elementos validos da população.

Para dar a essa massa informe de cavalleiros e peões uma methodica organização, estabelecia-se pelo Alvará de 10 dezembro de 1570 o regimento das *Ordenanças* de pé e de cavallo.

A força militar em todo o reino dividia-se em companhias que, reunidas em certo numero segundo a população de cada cidade, villa ou concelho, obedeciam a um chefe superior com o titulo de *capitão-mór*, constituindo certo numero de *jurisdicções militares*.

Os *capitães-móres*, nas terras onde não houvesse donatarios, seriam eleitos pelas camaras e cidadãos que *andavam na governança*, conforme se usava dizer.

Cada uma das companhias constaria de 250 homens, com um capitão, um alferes, um sargento, um marinho e dez cabos correspondentes a outras tantas esquadras de 25 homens em que a companhia se fraccionava.

Cada capitão era obrigado a ter sua bandeira de ordenança, que o alferes conduzia, cumprindo-lhe egualmente ter um criado seu para tambor, instruido nos toques de serviço.

Os officiaes e sargentos eram designados pelo mesmo systema de eleição, sendo sómente os cabos nomeados pelo capitão. Este, além das funcções do commando militar, tinha ainda por obrigação o alistamento da gente valida, que se fazia dos dezoito aos sessenta annos, podendo o capitão incluir nas respectivas listas todos os que, pelo seu *aspecto* e *disposição*, podessem pegar em armas.

Os capitães-móres eram eleitos d'entre as pessoas principaes da circumscripção ou jurisdicção.

Na lei se prescreviam as regras porque as esquadras e companhias se deviam instruir e exercitar.

Cada um dos atiradores (arcabuzeiros, espingardeiros bésteiros) era obrigado a fazer tiro ao alvo, que n'aquelle tempo se dizia — *fazer barreira*, havendo premios ou *preços* para os que mais se distinguiam, e sendo as munições fornecidas pela camara.

Os piqueiros eram tambem premiados pelo bom estado em que apresentassem as suas armas.

Além dos exercicios de companhia, haveria, pela Páschoa e pelo S. Miguel, alardo e exercicio geral de todas as ordenanças de cada cidade, villa ou concelho.

A elle presidia o capitão-mór que distribuia os *preços* aos melhores atiradores. Na lei se comminavam penas para os que faltassem a estas formaturas.

Por esta organização se estabeleciam os fundamentos de um exercito verdadeiramente nacional, de que o *modelo suiso*, hoje tão reclamado e preconisado, parece um perfeito decalque. A concepção moderna da *nação armada*, com a instrucção militar preparatoria e o periodico chamamento das reservas, encontra na organização de D. Sebastião os seus primeiros lineamentos.

Portugal, tombando já no ultimo pendor da decadencia, não poude dar a esta lei a execução que as necessidades da defeza nacional instantemente reclamavam. As suas sabias disposições não passaram de letra morta, a não ser em alguns logares maritimos e nas ilhas adjacentes ⁽¹⁾, ameaçadas, por então, de piratas audaciosos que andavam avidos dos ultimos despojos que nos traziam as náus da India e por ali faziam a sua derrota.

A organização sebastica das ordenanças, lançou, porém, raizes fortes no solo nacional quando a guerra da independencia levantou o paiz inteiro n'um esforço sublime para consolidar a obra da Restauração.

Acompanhando o relaxamento em que, pelo decorrer

(1) Por um singular conjuncto de circumstancias, a ilha Terceira (Açores), que por mais d'uma vez se assignalou nos fastos da historia militar, parece apresentar a realisação mais completa da organização sebastica de 1570. Esta ilha, então capital do archipelago, precisava de pôr o seu estado de defeza ao abrigo dos assaltos dos piratas que infestavam os mares açorianos.

Além d'isso, sobrevindo dentro em pouco a usurpação castelhana, a ilha Terceira offereceu-lhe uma resistencia tenaz por mais de dois annos. E foi, em grande parte, com forças proprias que essa resistencia se pôde organizar.

A organização das *ordenanças* já anteriormente estabelecida, levou-nos n'essa occasião a estado completo, devido ao zelo infatigavel do corregedor Cyprião de Figueiredo.

Mais tarde quando da Restauração, foi unicamente com forças das *ordenanças* que se determinou a rendição do então poderoso castello de S. João Baptista, com um presidio de 500 homens.

Não tem esta organização das ordenanças na ilha Terceira o restricto interesse local que se poderia suppôr; pois, pelo facto citado e por outros que ainda contamos offerecer á aprecia-

dos tempos, o nosso espirito versatil deixou systematicamente cahir a milicia nacional sempre que a hora do perigo se afastou, a instituição das *ordenanças* conseguiu, no entanto, radicar-se na massa popular, constituindo uma fonte de tradição que em 1832 se poz completamente de parte sem que, segundo o testemunho de opiniões auctorisadas se lhe tenha substituido medida de mais largo alcance para consecução do ideal preconisado da — *nação armada*.

No systema militar estatuido no Alvará de 1570, «vemos implantados, diz Latino Coelho, ha mais de tres «seculos, os grandes principios porque se regulam e de «futuro se hão de governar os exercitos modernos.

«Em primeiro lugar, o serviço rigorosamente obrigatorio, com poucas excepções. Logo em seguida o rigor «d'esta obrigação temperado pela grande moderação com «que se constituia o bem do estado com a vantagem particular de que os militares, em tempo de paz, não des- «amparem os seus lares e vivam e se adestrem a pequena «distancia do seu domicilio habitual. Depois os premios «estabelecidos para os mais peritos atiradores. E ainda «a instituição democratica das eleições para todos os pos- «tos da milicia.

«Póde sem hyperbole asseverar-se que na orga- «nisação militar estatuida por El-Rei D. Sebastião, está «em bosquejo o systema guerreiro da Suissa, sem esque- «cer a fecunda instituição do tiro nacional (1)».

*

*

*

Um ponto interessante para a historia das ordenanças é o que se refere á origem da sua organização entre nós.

ção dos leitores d'esta «Revista», nos parece ser o ponto do paiz onde chegou a ter, por aquelles tempos, realisação completa.

Com apontamentos colhidos no archivo da camara d'Angra podemos organizar uma lista dos quadros das companhias de ordenanças da *jurisdicção* d'Angra de 1756 a 1766 assim como dos respectivos capitães-móres e sargentos-móres.

Por ella se vê que, ainda depois da Restauração se mantem a organização citada, disputando-se com entusiasmo os postos de officiaes das companhias e fazendo-se os alardes e exercicios prescriptos na lei, não poucas vezes sem grande vexação para os povos.

(1) Latino Coelho — *Historia Politica Militar*, vol. III, pag. 11.

Se bem que o Alvará de 1570 sobre ellas tomasse largas providencias, não se fez, por então, mais do que ampliar o que, sobre armas e cavallos, havia legislado já D. João III em 1549, como, aliás, se declara na lei sebastica de 1569 sobre o mesmo assumpto.

Em outro artigo teremos ensejo de apreciar algumas elucidações que, a esse respeito, foram ha pouco divulgadas ⁽¹⁾ contra a opinião, geralmente corrente, de que só em 1569 se providenciara sobre o assumpto.

Hoje que se nos affigura pensar-se a serio em lançar as bases solidas sobre que ha de assentar o exercito nacional — que ainda não possuímos — crêmos que a velha organização tão democratica e tão portugueza das *ordenanças*, não deixará de offerecer alguns ensinamentos uteis a quem pretender com sinceridade dotar o paiz com as instituições militares que as necessidades da sua defeza tanto requerem.

Modificadas, muito embora, as suas disposições pelas exigencias da organica moderna, o character de *milicia nacional* da lei sebastica, parece-nos ser o fundamento mais solido sobre que hão-de assentar as nossas instituições militares — quando as tivermos dignas de tal nome — ainda que se hajam de subordinar á formula do *exercito permanente*.

F. BORGES JUNIOR.
Ten. d'infanteria 25

Polvora sem chamma

Referem os jornaes estrangeiros que Mr. Dautriche, acaba de communicar á Academia das Sciencias de Paris, que se se juntar á polvora ordinaria um pequeno excesso de um sal qualquer de potassa ou de soda, este sal forma no momento da explosão uma nuvem de pó que se oppõe á combustão dos gazes.

⁽¹⁾ Christovam Ayres — *Historia do Exercito Português — Provas* — 3.º volume. Publica, em extracto do *Archiyo Historico O Regimento de Gente da Ordenança de 1508* e a lei sobre *Cavallos e Armas* de João 3.º (1549), dois documentos interessantes para a historia das *ordenanças*.

Com esta communição parece abrir-se o caminho para a descoberta de uma polvora sem chamma, que trará aos usos da guerra vantagens quasi tão grandes como as que trouxe a polvora sem fumo.

Resta saber até que ponto no campo pratico das polvoras de guerra pode ter influencia benefica a descoberta de Mr. Dautriche.

O nosso dever, porém, é registar n'esta *Revista* a communição feita á Academia das Sciencias de Paris, que pode trazer aos exercitos modernos mais essa vantagem de subtrahir mais facilmente á apreciação do inimigo a posição das baterias de artilheria e ainda a das linhas de atiradores, mais ou menos condensados.



NO SUL D'AFRICA

Campanha de 1907

(Continuado do n.º 8 — 1908)

Antes de principiar a narrativa da segunda acção, parece-me conveniente descrever o terreno onde a columna operou, e assim poder-se-ha avaliar que as informações dadas por Padre, Luna de Carvalho, padre Lecomte e Antunes, não se fundavam no reconhecimento proprio, mas em conjecturas; e estou convencido que essas informações muito imperaram no espirito do ex-governador da Huilla e commandante da columna de 1904.

O terreno

O terreno é sensivelmente plano, notando-se umas pequenas ondulações, onde os Cuamatatas constroem as *embalas* ou *cubatas*, defendidas por um cercado de pau-ferro a pique.

Perto d'estas embalas existem os *arimos*, extensos campos, cujo solo é formado de argilla e areia, que se meiam de *massambala*, *massango*, milho, aboboras e feijão *macunda* (feijão frade).

As chuvas infiltram-se até ao sub-solo argiloso, estendendo-se ahi em lençoes de agua, facultando ao preto abrir poços (*cacimbas*) d'onde tira a agua para beber e cosinhar.

N'alguns pontos apresenta dépressões, que se enchem d'agua, na epocha das chuvas, formando as *mulolas*.

Encontrou-se agua sufficiente para a columna, que poderia ser muito maior, mais do dobro, sem lhe faltar agua.

O essencial era saber-se onde ella existia, o que nos foi facil pelas indicações do guia. Hoje conhecem-se pontos por onde a columna podia ter seguido e se encontraria agua em maior abundancia.

O contrario diziam os informadores — não havia agua, o terreno era accidentado, muito arenoso.

Não errei ao dizer que nenhum europeu conhecia a topographia da região.

Aspecto geral — um extenso mattagal, divisando-se de espaço a espaço grandes clareiras (chanas) cobertas de capim, onde pastam os gados.

A margem esquerda do rio Cunene é muito frondosa, habitada pelos pretos no tempo secco e a direita pantanosa.

Resumindo: terreno plano, abundante d'agua, alternando com matto e clareira, solo arenoso e sub-solo argiloso.

2.^a ACÇÃO

Marcha para o Aucongo em 23

Em 27, a ordem da columna determinava: — que no dia seguinte se continuasse a marcha de avanço sobre a embala. Não seriam permittidos toques, medida geralmente adoptada, excepto nas cargas.

Ao despontarem os primeiros raios do sol, cavallos, muares e bois, foram beber a uma *cacimba* proxima do acampamento, sendo protegidos pela companhia d'infanteria 12, que se internou no matto.

Cumpriu-se cabalmente a missão, que na vespera não

se pôde realizar, sendo-nos comtudo feitos alguns tiros, a que achei conveniente não responder, para evitar qualquer escaramuça que prejudicasse o serviço de que fôra encarregado. Ao regressar ao acampamento, desfez-se o entrincheiramento e iniciou-se a marcha em quadrado ás 7 horas e 30 minutos.

O inimigo percebendo o avanço, bate a cúa (signal de convocação e alarme).

As tropas marcham com aprumo, rigoroso silencio; as faces conservam um correcto alinhamento, altivas e satisfeitas pela victoria alcançada e por avançarem—o soldado portuguez não sabe retirar, lemma que se deve ter na maxima attenção, ao contrario a derrota e morticinio será inevitavel, e mais vale morrer pelejando.

Quando se tiver de retirar, para alcançar uma posição, deve esta ficar perto, para não se dar a desordem e desalento. E' mais seguro um bom exito no proprio local do que tirar partido d'uma boa posição que fique á retaguarda. E' preferivel forçar a tactica para se aproveitar a indole e temperamento do nosso soldado, que não deseja nunca recuar, do que por causa dos principios dar ao soldado uma impressão de momento que pode bem ser de desalento. A offensiva é a caracteristica do nosso soldado; e é vêr-se quando elle conhece e sabe qual o objectivo da acção, os actos de abnegação e soberbo heroismo que pratica para honra e gloria da nossa bandeira.

Andados 500 metros, vêem-se no mattó numerosos grupos de pretos, o quadrado faz alto, e a artilheria com pontarias certeiras, obriga-os a dividirem-se.

Continua-se o avanço, faz-se uma pequena conversão para a direita, atravessa-se um *arimo de massambala*, que se vae devastando com os sabres; segue-se uma densa matta onde a columna se interna e os sapadores abrem caminho, e por fim divisam-se umas *libatas*—o nosso guia informa:—o Aucongo, a libata maior é do Mathongueh—.

A 400 metros d'esta posição o inimigo rompe fogo, respondendo-se com algumas descargas. A companhia de marinha toma a posição e a do 12 d'infanteria persegue o inimigo pelo flanco esquerdo.

O commandante e o chefe do estado maior fazem um rapido reconhecimento do terreno, determinando-se em seguida qual o local do acampamento.

Os melhores atiradores avançam 100 metros, abrigam-

se com as arvores e morros de *salalé*, enquanto as faces procedem ao entrincheiramento, sem o auxilio dos *saccos*.

Verifiquei a posição dos atiradores da minha companhia, e com satisfação vi como o nosso soldado espreitava o inimigo, e com optimas pontarias os punha fóra do combate, seja-me permittida a expressão: — que bem os caçavam.

A's II horas e 30 minutos estava terminado o trabalho e estabelecido o serviço de segurança.

Aproveitou-se a grande libata para hospital de sangue e transportaram-se os feridos e doentes para ella. — Que horror! Como se pode soffrer tanto, sem uma lagrima, sem um ai!

As libatas mais proximas do acampamento foram queimadas. Em todas se encontrou grande quantidade de mantimentos, por calcularem que nunca ali chegaríamos.

O calor era insuportavel, todos estavam sequiosos, as praças foram por secções receber agua; mas a ração distribuida não os satisfazia. Uns auxiliares descobriram uma cacimba com agua preta e estagnada, d'onde a trouxeram em cabaças, sendo comprada por alto preço por alguns soldados.

Cada unidade recebeu ordem para abrir duas cacimbas, uma para beber e outra para o rancho, junto das quaes se postaram sentinellas, para evitar que levassem toda a agua que fosse apparecendo.

Ao centro dos poços, collocaram-se *kingas* (grandes cestos feitos de palha, celleiros dos pretos), os quaes serviram de filtros e reservatorios.

A' medida que se enchiam, as praças vinham devidamente commandadas buscal-a nos *saccos*, e enquanto não o poderam fazer, chupavam boccados de abobora encontrados nas *libatas*.

A face da frente (marinha, infantaria 12 e bateria Erhardt), e a da direita (1.^a companhia europeia e 10.^a de Moçambique), não tinha campo de tiro, tendo de deavastar-se o mattagal, debaixo d'um sol ardentissimo, com machados e a sabre-bayoneta, que haviam sido afiados antes de se ter entrado em combate. Neste dia unicamente se conseguiu preparar 100 metros.

Por as *cacimbas* não darem a agua sufficiente para o rancho, mais uma vez tivemos de nos cingir a uma escassa ração fria.

Tornava-se necessario dar agua ao gado; pelas 4 ho-

ras da tarde, os esquadrões e auxiliares a cavallo saem do acampamento para irem a uma cacimba, que Calipalula dissera, ficar a 800^m ou 900^m.

Levam os cavallos e muares á mão, chegados á orla d'um mattagal, internaram-se para alcançal-a, conseguindo com bom exito a missão; pois outra não lhe fôra auctorisada; porém vêem algumas *libatas* e vão queimá-las; então o inimigo rompe n'um fogo vivo sobre estes e acampamento, principalmente na direcção da face da frente, por ter menos campo de tiro.

A cavallaria vê-se em perigo, fogem cinco cavallos para o lado do inimigo, e é obrigada a retirar desordenadamente, havendo lucta corpo a corpo; sae em auxilio uma companhia de guerra, que persegue o inimigo com descargas.

A marinha, infantaria 12 e bateria Erhardt na face da frente, 1.^a e 2.^a europeia, 10.^a de Moçambique, bateria Canet, secção Krupp 7^{cm} e metralhadoras, na da direita, rompem em fogo vivo, pois o inimigo se approxima muito do entrencheramento, prolongando-se o ataque durante duas horas.

N'este combate morreu um soldado, feridos seis e perderam-se mais seis montadas.

A columna esteve em armas até ás 7 horas da noute.

Traçou-se um forte, dando-se principio ao trabalho no dia seguinte.

Por esta forma se terminou a 2.^a acção.

Em 29 começou-se a construcção do forte, sob a direcção do alferes d'infanteria João Maria Jonet, sendo o parapeito feito de saccos, com dois reductos em diagonal e um fosso sob a protecção de duas ordens de fio de arame farpado.

A' face da frente e direita, augmentaram o campo de tiro.

Cosinhou-se pela primeira vez o rancho.

(*Continua*)

F. PIMENTEL
Cap. d'inf.^a





METRALHADORAS

(Continuado do n.º 8 — 1908)

Russia.—Este paiz, depois de ter empregado nas guerras turco-russa e contra os turkemanos a metralhadora Gatling de dez e dezeseis canos, fez experiencias com as Gardner, Pratt e Whitney e Nordenfeldt, as quaes não deram resultado.

Em 1900 creou 8 baterias de metralhadoras Maxim a 4, e addidas por grupos de duas aos quatro corpos do exercito (da Siberia e de desembarque).

Algumas d'estas baterias entraram na campanha da China e em especial nos combates de Tien-Tsin.

Cada uma bateria, municuada com 23:400 cartuchos, era composta de 1 capitão, 2 tenentes, 7 sargentos e 50 praças, 22 cavallo, 4 metralhadoras Maxim sobre armões de artilheria de montanha, 4 carros de munições de 2 rodas, e mais 6 viaturas tambem de 2 rodas para transporte de abastecimentos de toda a especie.

Em 1901 (23 de março) ordenou-se a formação de cinco companhias de metralhadoras, cuja composição só seria determinada depois de experiencias.

Ultimadas estas, em 26 de setembro foi decretada a composição provisoria e com duração de tres annos. Estas companhias eram adstrictas 4 ás divisões de infantaria e uma á brigada de caçadores e addidas ás companhias de infantaria montada e de caçadores.

As primeiras compunham-se de 8 metralhadoras Maxim de 7^{mm},6 de calibre com reparo e armão, e 8 carros de munições; os reparos com a metralhadora e armão eram tirados a 2 cavallo e os carros de munições a um.

As segundas tinham tambem 8 metralhadoras cada uma mas transportadas a dorso de cavallo em bastes.

As munições também transportadas a dorso de 8 cavallos, e ainda em 8 carros de munições tirados a um cavallo.

Em pé de paz as companhias tem apenas 4 cavallos para 4 metralhadoras além de outros 4 para munições em baste.

O serviço da arma exige por cada metralhadora um sargento, um apontador e dois serventes.

O municiamento era de 5:850 cartuchos por metralhadora em 13 fitas a 450 cartuchos cada uma de que 3 no armão e 10 nos carros de munições.

A bagagem e viveres de cada companhia eram transportadas em 9 carros tirados 8 a um cavallo, dos quaes 2 de reserva, 1 de forja, 1 dos officiaes, 5 de viveres e equipamentos e cosinha. Só este ultimo era tirado a 2 cavallos.

Como dissemos, as companhias de metralhadoras estão adstrictas ás divisões de infantaria e brigadas de caçadores. Tem o numero da sua divisão ou brigada, são administradas e recebem instrucção n'um regimento da divisão, de preferencia n'um da séde, e estão debaixo das ordens do commandante d'esse regimento.

Os commandantes das companhias de metralhadoras são os mais intelligentes e dextros e de aptidões especiaes para este serviço, escolhidos entre os chefes de companhias ou entre os tenentes antigos nas mesmas condições e bem conhecedores do tiro, propostos pelos commandantes de divisão e nomeados por um decreto. Os outros officiaes são nomeados pelo commandante da divisão d'entre os do regimento.

Cada companhia tem um 1.^o sargento e dois segundos, readmittidos quando possa ser.

As praças graduadas recebem a instrucção na escola do regimento.

Os recrutas necessitam ter uma boa vista, forte constituição, saber ler e escrever e são recebidos da artilheria. Os conductores são igualmente recebidos da artilheria.

As companhias de metralhadoras são administradas como as outras unidades do regimento; vão a todas as instrucções e manobras do corpo, e são mandadas aos campos d'instrucção e de tiro para receberem a instrucção do tiro.

A composição de cada companhia de metralhadoras em 1904 era a seguinte:

Pessoal	Companhia montada		Comp.ª de montanha	
	Effectivo de guerra	Effectivo de paz	Effectivo de guerra	Effectivo de paz
Combatentes				
Capitão ou tenente	1	1	1	1
Subalternos	4	3	4	3
1.º sargento	1	1	1	1
2.º sargentos	Chefes de metralhadoras	8	8	8
	Commandantes de carros	1	—	1
	De camara	1	1	1
Corneteiros	2	1	2	1
Serventes...	para as metralhadoras	24	24	24
	para os cavallos com munições	—	—	8
	para os carros	8	—	8
Conductores.	para as metralhadoras	8	4	8
	para os cavallos com munições	—	—	16
	para os carros	8	—	8
Conductores de reserva, ordenanças e pessoal de cosinha, padaria e forragens	20	15	20	15
Não combatentes				
Enfermeiros	1	1	1	1
Artifices	3	3	3	2
Conductores.	Carros de abastecimento	2	—	2
	Carro de forja	1	1	1
	Carro de bagagem de officiaes	1	—	1
	Carros de bagagem das praças	5	—	5
Servente de cosinha de campanha	1	—	1	—
Somma	100	63	124	66

As praças são armadas com a carabina de dragões com bayoneta.

Animal (cavallos)		Companhia montada		Comp. ^a de montanha	
		Effectivo de guerra	Effectivo de paz	Effectivo de guerra	Effectivo de paz
De sella.....	De officiaes	5	4	5	4
	1. ^o sargento.....	1	-	1	-
	2. ^{os} sargentos	8	4	-	-
	Commandante dos carros	1	-	-	-
	Corneteiros	2	1	1	1
De tiro.....	Metralhadoras	16	8	24	8
	Carros	8	-	8	-
	De reserva	2	1	3	1
	Carros de abastecimento.....	2	-	2	-
	Carro de forja	1	-	1	-
	Carro de bagagem dos officiaes	1	-	1	-
	Carro de bagagem das praças.	5	-	5	-
Cosinha de campanha	2	2	2	2	
Reserva	1	-	1	-	
Somma.....		55	20	54	16

Material		Companhia montada		Comp. ^a de montanha	
		Effectivo de guerra	Effectivo de paz	Effectivo de guerra	Effectivo de paz
Material de guerra...	Metralhadoras Maxim.....	8	4	8	4
	Armão e reparo para 2 cavallos	8	4	-	-
	Bastes para metralhadoras ..	-	-	8	4
	Carros de munições p. ^a 1 caval	-	-	8	-
	Bastes para munições	-	-	16	4
Viaturas...	Carros de abastecimento	2	-	2	-
	Carro de forja e ferramentas	1	-	1	-
	Carro de bagagem p. ^a officiaes	1	-	1	-
	Carros de bagagem p. ^a praças.	5	-	5	-
	Cosinha de campanha	1	-	1	-

Cada armão contem 3 fitas de 450 cartuchos e cada carro dez fitas eguaes. As munições são do mesmo calibre das de infantaria, 7^m,62 de calibre.

Em outubro de 1904 o numero de companhias de

metralhadoras no exercito russo era de 6 e na 1.^a, 2.^a, 3.^a, 5.^a, 6.^a e 9.^a divisões de caçadores da Siberia Oriental. Por decreto de novembro crearam-se mais 6 companhias com effectivo de guerra e que se destinavam ás 14.^a, 15.^a, 25.^a, 30.^a e 41.^a divisões de infantaria.

O pessoal das companhias de metralhadoras tem o uniforme da divisão ou brigada a que está adstricta, mas com a seguinte alteração:

As golas das jaquetas e dos capotes são de carmezim, e nas dragonas dos officiaes e platinas e barretes das praças, sobre o numero da divisão ou brigada a que pertencem, tem as primeiras letras da palavra russa que significa *companhia de metralhadoras*.

Depois da guerra com o Japão, e por que raras vezes reuniram as 8 metralhadoras no mesmo ponto do combate, emquanto que os batalhões e regimentos tiveram occasiões de as empregar com vantagem mas em numero mais restricto, em 1906 organisaram-se destacamentos de metralhadoras a duas em tempo de paz e a quatro em tempo de guerra.

Esta organização pôz de parte completamente a forma de emprego que até então tinham as companhias a 8 metralhadoras, que na razão de uma ou duas por divisão estavam essencialmente á disposição dos commandos superiores durante a guerra, substituindo-as os destacamentos que, na guerra, fazem parte integrante dos regimentos.

Todas as munições e metralhadoras são transportadas a dorso, em bastes. No emtanto, afim de dar applicação ao material volante existente, este continuará a ser empregado até que se tenha adquirido o material de baste sufficiente.

Os effectivos em pessoal são:

Na paz — 2 officiaes, 4 sargentos, 4 soldados de 1.^a classe, 16 soldados, 1 espingardeiro e 2 conductores.

Na guerra — 3 officiaes, 6 sargentos, 4 soldados de 1.^a classe, 43 soldados, 2 artifices e 5 conductores.

O pessoal para cada metralhadora é 1 sargento, 1 soldado de 1.^a classe, 2 soldados e 1 conductor. Todos os officiaes são montados em tempo de guerra, assim como os sargentos e dois soldados.

Em animal e material tem:

Na paz — Cavallos de sella, 3; de baste e tracção, 4; metralhadoras, 2.

Na guerra — Cavallos de sella, 10; de baste e tracção, 21; cavallos de reserva, 3; metralhadoras, 4; carros de munições, 4.

Ainda ha 4 viaturas de 2 rodas para bagagens, vi-veres e forja.

Austria. — Depois de experiencias decidiu-se a orga-nisação de dois grupos de metralhadoras, um a cavallo e outro de montanha. As experiencias foram feitas com o material Maxim, usando o cartucho da espingarda austriaca e um reforçador de recuo.

O grupo de metralhadoras montado está adstricto ao 12.º regimento de hussares do 11.º corpo d'exercito de Lemberg. As metralhadoras e munições vão em carros e o pessoal todo a cavallo. No armão que transporta a metralhadora não ha logares para os serventes como no material allemão; no resto a organisação é muito semelhante. Os travões são accionados por cordas.

Cada carro é tirado a 4 cavallos, dois dos quaes transportam os conductores.

Os conductores são recrutados na artilheria de campanha, e todo o outro pessoal no 2.º regimento de dragões.

O material do grupo de metralhadoras de montanha é transportado a dorso de mular.

Para cada armão são necessarios 4 serventes, 3 conductores, 1 solipede para a metralhadora e 2 para as munições que lhe correspondem.

Os solipedes marcham a tres passos de intervallo, os conductores á esquerda e os serventes á direita. Transportam tripés e *reff* que são empregados conforme as circumstancias.

O tripé é o reparo usual de serviço. Tem um aparelho para o tiro em profundidade e em largura e as pernas são amoviveis, tendo a maior um sellote para o apontador. E' simples e facil a operação de o armar. O *reff* é só empregado nas montanhas muito asperas.

E' como se vê, um systema muito semelhante ao das companhias de montanha suissas. Os *reff* são tambem transportados pelos solipedes de reserva.

O grupo de metralhadoras de campanha está adstricto ao 15.º corpo d'exercito e de guarnição em Sersajewo, na Bosnia.

Esta organisação não é ainda a definitiva. Affirma-se

que é intenção do governo a criação de grupos a 2 secções para 10 divisões de cavallaria, e secções de 2 metralhadoras para 12 brigadas de montanha.

Tem já publicadas as instrucções para o serviço e emprego das metralhadoras.

(*Continúa*)

CAP. BUGALHO.



Operações de noite

Conferencia feita pelo general sir. H. S. Rawlinson, commandante da 2.^a brigada de infantaria, em Aldershot

(*Tradução*)

O assumpto desta conferencia é um dos que abrange um vasto e largo campo, e por isso acho-me em difficuldades para o tratar por completo em uma só sessão — porque as operações nocturnas pódem incluir todas as especies de serviços militares, preparativos e exercicios que possam effectuar-se sem ser de dia, e, portanto, pódem incluir tambem embarques e outras coisas identicas, que se fazem com luz artificial sem perigo immediato de interrupção pelo inimigo.

Proponho-me portanto a fallar esta tarde unicamente das manobras de tactica effectuadas nas proximidades do inimigo, e que por varias razões se fazem de preferencia de noite.

Mesmo dentro d'este limite, temos uma grande latitude, porque se eliminarmos os combates de cavallaria, e o effeito do fogo variado da infantaria e artilheria, as operações tacticas que se pódem fazer durante a noite são de natureza tão variada como as feitas durante o dia, ás quaes estamos mais acostumados.

Muitos pensam que as condições da guerra moderna, e especialmente o augmento do poder do fogo das armas, tornam o trabalho nocturno mais desejavavel, senão mais

necessario do que até aqui — para que se possam evitar as perdas excessivas que um ataque feito de dia traria, sendo essencial avançar protegido pela escuridão.

Até certo ponto pôde ser assim, mas ha tantos factores, alguns aparentemente bem insignificantes, que influem, ou, antes, quasi que dominam a execução de qualquer empreza em particular, que é perigoso acceitar uma affirmação tão importante e terminante, a menos que isso se possa provar sem deixar duvidas pela experiencia da historia. E a historia militar de todas as epochas abunda em exemplos de guerras nocturnas.

Desde Moysés, que guiou os Israelitas atravez do deserto ou Demosthenes, em 413 antes de Christo, que atacou as alturas de Epipolæon em frente de Syracusa, até á batalha de Mukden, as horas da escuridão teem sido aproveitadas repetidas vezes para esconder e proteger a marcha das tropas.

Talvez não haja nenhuma parte da tactica em que tanto se possa aprender na historia como na que respeita ás operações nocturnas, mas os exemplós são tão numerosos e tão variados, que assentar leis dogmaticas para serem applicadas universalmente no futuro, é tão perigoso como pouco para desejar.

Napoleão, o grande mestre da arte da guerra, deixou registado que «o successo *d'un coup de main*, depende inteiramente da sorte, d'um cão, ou d'um ganso», e isto é tão verdadeiro hoje como o era quando os gansos salvaram o Capitolio, ou quando os Boers descobriram a approximação do inimigo em Magersfontein.

Ha, comtudo, muito a aproveitar no estudo da historia. O successo ou insuccesso das emprezas passadas fornecemnos assumpto em que meditar se reconhecermos as condições que prevaleceram no passado, para evitarmos a applicação cega d'essa experiencia em condições que sejam total ou parcialmente differentes.

Estamos sempre promptos para acceitar o successo ou insuccesso de qualquer empreza, especialmente d'uma operação nocturna, como prova de alguma theoria nossa, e a desprezar os factores moraes ou materiaes peculiares aos combatentes.

Ha-de admittir-se que ao terminar a guerra Boer havia uma certa inclinação para exaggerar a necessidade de grandes extensões, ou o valor dos atiradores montados, esquecendo por completo as excepçoes qualidades do

nosso inimigo, e a forma particular das immensas planícies onde elle vivia.

Voltando-nos para a guerra do Oriente, cujo estudo é particularmente interessante no que respeita a operações nocturnas, não deixemos esquecer o grande espirito de patriotismo que inflammava o exercito japonéz, e a impossibilidade dos seus inimigos de tomarem a offensiva.

Não é provavel que qualquer d'estas condições se repita, e como a ellas se deveram algumas das mais importantes phases da guerra, taes como a duração dos combates, o uso dos entrincheiramentos, e a preferencia pelas operações nocturnas, julgo que devemos apreciar as lições d'esta guerra em proporção com estes factores.

Pelo facto da 10.^a Divisão Japoneza ter obtido successo no ataque nocturno de San-Kwai-Seki-San, fariamos mal em acceitar cegamente este successo como prova de que uma empreza assim arriscada se póde repetir impunemente e com equal exito.

Para nos prepararmos para a discussão subsequente dos ataques e defezas nocturnas, ha algumas considerações geraes, applicaveis a todas as operações nocturnas, a que nós vamos referir primeiramente.

As seguintes objecções reconhecidas são admittidas a todas as especies de operações nocturnas:

1. Durante a noite, os soldados, estão habituados a descansar os nervos, e quando n'um estado de tensão são sujeitos ao panico.

2. Estando os arredores invisiveis, os soldados imaginam que um inimigo se esconde em cada arbusto, esquecendo-se de que se assim fosse esse inimigo estaria provavelmente com a mesma ideia e igualmente disposto a fugir.

3. Marcos, mappas e outros meios de achar caminho são inuteis, e é preciso estar tudo preparado previamente com muito cuidado para se poder avançar.

4. A superintendencia dos officiaes e sargentos sobre os soldados torna-se muito mais difficil na escuridão.

5. Como preliminar de um dia de combate renhido, a marcha nocturna diminue muito o poder de resistencia physica tanto dos officiaes como dos soldados.

6. O abastecimento de agua e viveres é muito difficil.

7. E, finalmente, o alcance de resultados positivos durante as horas da escuridão é improvavel, e sempre se corre um risco consideravel.

Vê-se que estas razões são serios obstaculos contra o emprego das operações nocturnas, e póde-se perguntar porque razão, em condições tão adversas, são ellas effectuadas?

A resposta é que todas ou quasi todas estas objecções pódem ser quasi completamente eliminadas com cuidadosa preparação e instrucção. E' um facto notavel que, com exercicios constantes, uma disciplina rigorosa e o habito de trabalhar de noite, as tropas pódem levar-se a um estado de actividade que, em condições razoaveis de tempo e de terreno, manobram quasi tão bem de noite como de dia.

A qualidade principal e que é indispensavel é a disciplina. Sem ella nenhum corpo póde aprender a ter aquella confiança em si e nos seus chefes que um trabalho nocturno exige para ser bem succedido. Tentar preparar para o serviço nocturno, em presença do inimigo, tropas cuja disciplina seja duvidosa, produz indubitavelmente resultados infelizes senão desastrosos.

Os soldados devem exercitar-se constantemente, marchando, patrulhando e manobrando de noite, em terreno de varias especies e a todas as horas, desde o pôr do sol ao romper do dia.

Durante as ultimas phases da guerra sul-africana, depois de semanas e mezes de marchas nocturnas, as tropas acostumaram-se tanto ás condições da noite, que marchavam e manobravam com maravilhosa precisão e com o minimo de fadiga. Não occorreram difficuldades, desde que as tropas e os seus commandantes, pela pratica constante, conheciam bem de noite os arredores das suas posições, e aprenderam, pela dura experiencia, que a escuridão é sua amiga e não sua inimiga.

Não se deve fazer fogo durante a noite

Se ha algum ponto no qual a historia seja unanime no que respeita ás operações nocturnas, é que, excepto na defeza d'um entrincheiramento, não deve permittir-se que se faça fogo de especie alguma.

Antigamente alguns commandantes iam até ao ponto de ordenar que se não carregassem as armas, e que a guarda avançada não levasse munições.

Frederico o Grande escreveu: — «Não se deve permittir o fogo antes do romper do dia, porque seria o meio

de destruir as nossas tropas». E não é só por esta razão, mas também porque não se póde ficar escondido desde que se rompa o fogo. O clarão dos tiros indica logo ao inimigo a posição dos assaltantes e não é possível surprehendel-o.

Durante o avanço de Lord Roberts para o ataque de Peiwar Kotal, dispararam-se dois tiros logo ao principio da noite; foram ouvidos pelo inimigo, que felizmente não procedeu.

Ha um caso na Africa do Sul em que uma columna durante uma marcha nocturna achou-se inesperadamente em contacto com um dos *laagers* do inimigo perto das 11 horas da noite. Os boers fizeram fogo no escuro, mas a columna, que tinha um rendez-vous a 20 milhas de distancia na madrugada seguinte, passou sem corresponder ao fogo. Da columna foi ferido um cavallo, e no *laager*, que foi capturado na manhã seguinte, encontraram-se dois boers feridos.

Póde-se tomar como regra geral que o uso da espingarda durante a noite é mais perigosa para os amigos do que para os inimigos, excepto na defeza d'uma posição cuidadosamente entrincheirada, onde se tenham feito preparativos para fazer fogo com alguma combinação mechanica.

(Continúa).

UMA FESTA DA INFANTERIA

Em Toledo, na nossa vizinha Hespanha, realisou-se, em julho do corrente anno, uma grandiosa festa militar pela occasião da promoção a alferes dos alumnos da escola de infantaria.

Coincidindo a promoção dos alumnos com a inauguração do Museu de Infantaria e da lapide á memoria do cadete Vazquez y Afan de Rivera, a festa tomou um aspecto verdadeiramente solemne e magestoso.

El-Rei Affonso, quasi todos os generaes da arma, e chefes dos corpos, se congregaram, diz o nosso distincto collega hespanhol *El Mundo Militar*, na imperial cidade, que se mostrava orgulhosa de acolher em seus velhos muros tantos d'aquelles que, se chegar a occasião, verte-

rão o seu sangue nos campos de batalha, e quando ella chegue, saberão sacrificar-se com o mesmo valor e egual abnegação.

Esta festa, que nos commove pela alta significação que teve, como estímulo e incentivo para os que entram na vida pratica no cargo de tamanha responsabilidade de official, foi coroada com uma excellente allocução do Rei Affonso, e que vamos traduzir o mais á lettra que nos fôr possível.

«Senhores officiaes: Já que tive a satisfação de vos entregar o primeiro despacho Real da vossa carreira militar, quero ser tambem o primeiro a felicitar-vos no dia de hoje, que ficará sendo um dos mais memoraveis da nossa existencia.

E na verdade, poucas ou nenhuma cerimonia d'esta natureza se hão realisado em circumstancias mais solemnes e apropriadas para fazer guardar na alma a ideia que deve constituir a base do caracter de todo o militar.

N'este recinto, que tantas vezes albergou aquelle glorioso imperador e rei, cuja estatua contemplamos, que, nas pontas dos piques e nas boccas dos arcabuzes dos immortaes terços da nossa infantaria, passeou triumphante o nome da Hespanha pelos ambitos do mundo, acabamos de descobrir a lapide dedicada á memoria de outro heroe, não nascido nos alcaçares reaes, nem elevado aos altos postos d'onde as acções dos homens brilham e se destacam sobre as dos seus semelhantes, mas a quem o sacrificio da vida em defeza da patria elevou á região dos heroes.

Devemos convir, senhores, em que a figura d'aquelle joven, do cadete Juan Vazquez y Afan de Rivera póde evocar-se aqui onde se exalçam as recordações do grande imperador Carlos v.

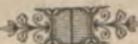
E porque? Porque o sacrificio o elevou á immortalidade.

Vêde com quanta razão eu dizia que nenhuma cerimonia d'esta indole se havia realisado em condições de simbolismo, mais adequadas ao acto que celebramos.

Immortalidade, gloria, sacrificio, constituem as trez ideias que se devem gravar com caracteres indeleveis nos nossos corações de soldados.

Vivei e luctae para conquistar a immortalidade; porém, nunca vos deverá esquecer que o unico caminho para a alcançar é o do sacrificio da vossa vida, quando a patria o exija; de vossas commodidades e da vossa propria vontade nas aras do dever que a disciplina impõe.

Se no meio de um combate, ante um sacrificio, sentires desfallecer o vosso animo, recordae-vos do cadete Vazquez y Afan de Rivera; confiae que tarde ou cedo brilhará o vosso sacrificio, e a patria vos agradecerá, e ficae certos que emquanto tiver um alento de vida, o meu coração estará comvosco e com todos os companheiros de armas que saibam fazer do dever a norma da sua vida.»





Subsidio auxiliar da commemoração do centenario

DA

GUERRA PENINSULAR

(Continuação do n.º 8—1908)

«Victoire de la guerre d'Espagne et du Portugal de 1807 à 1814». Orné de la carte d'Espagne et du Portugal, où sont tracées les marches des armées française, anglaise et espagnole.—Paris, 1814. 1 vol. in-8.º—1.600.

«Historia abreviada das campanhas de lord Wellington em Portugal e Hespanha», obra traduzida do inglez em vulgar por N.**—Lisboa, 1814. 1 vol. in-16.º—1.675.

«Victoria da legião portugueza em França».—Londres, 1814. Um folheto.—1.707.

«Campagne de Portugal en 1810 e 1811», par M. Peltier.—(Este opusculo, segundo diz o auctor, faz parte d'uma obra mais importante intitulada «Les anglais dans la Peninsule», que a bibliotheca não possui). Paris, 1814. 1 vol. in-8.º—1.734.

«Bosquejo da campanha de Portugal». Obra escripta em Londres depois da batalha do Bussaco.—Lisboa, 1814. 1 vol. in-4.º—1.907.

«Precis historique de la guerre d'Espagne et du Portugal de 1808 à 1814», par Auguste Carel.—Paris, 1815. 1 vol. in-8.º—1.601.

«Campagne de l'armée française en Portugal dans les années 1810 et 1811, avec un precis de celles qui l'ont précédée», par A. D. L. G.**—Paris, 1815. 1 vol. in-8.º—1.629.

«Journal historique du siège de Saragosse, suivi d'un coup d'œil sur l'Andalousie», par J. Daudebard de Ferussac.—Paris, 1816.—808.

«La guerra della Penisola sotto il vero punto di vista, etc.»—Italia, 1810. 1 vol. in-8.º—2.067.

«Relation historique et militaire de la campagne de Portugal sous le maréchal Massena, prince d'Essling; contenant les opérations militaires qui se rapportent à l'expédition de Massena, et à les divers faits de l'armée de Portugal, jusqu'à la fin de la guerre d'Espagne», par M. Guingret.—Limoge, 1817. 1 vol. in-8.º—716.

«Mémoires sur la guerre d'Espagne, pendant les années

1808, 1809, 1810 et 1811», par M. de Naylies.—Paris, 1817. 1 vol. in-8.^o—1.603.

«Relation de l'expédition du Portugal, faite en 1807 et 1808 par le 1.^{er} corps d'observation de la Gironde, devenu armée de Portugal. Avec une carte routière du Portugal pour l'intelligence de la relation de l'expédition, faite dans ce royaume en 1807 et 1808», par le baron Thiébault.—Paris, 1817. 1 vol. in-8.^o—1.604.

«Discurso que por occasião da entrada do nosso invencível exercito em Bordeos se recitou em Angra, etc.», por Francisco da Soledade.—Lisboa, 1817.—2.317.

«Mémoires sur la guerre des français en Espagne», par M. de Roua.—Paris, 1817. (Com annotações de Sá da Bandeira).—4.121.

«Histoire des batailles, sièges et combats des français, depuis 1792 jusqu'en 1815, etc.», par une société de militaires et de gens de lettres et publié par Pierre Blanchard.—Paris, 1818. (Guerra da Peninsula no 4.^o vol.)—662.

«Aperçu nouveau sur les campagnes des français en Portugal en 1807, 1808, 1809, 1810 et 1811, etc.»,—Paris, 1818—1.605.

«Annales des faits et des sciences militaires, faisant suite aux victoires et conquêtes des français de 1792 à 1815.—Paris, 1818 (1.^o vol., pag. 161).—2.063.

«Historical, military and picturesque observations on Portugal, illustrated by seventy-five coloured plates including authentic plans of the sieges and battles fought in the Peninsula». —By George Landenam. London, 1818.—4.916.

«La guerre de la Peninsule sous son véritable point de vue, ou lettre à Mr. l'abbé F. sur l'histoire de la dernière guerre, publiée dernièrement à Florence; suivie d'un appendix et d'une table chronologique des événemens les plus memorables depuis l'année 1803, jusqu'à 1811». Traduit de l'original italien, imprimé en 1816.—Bruxelles, 1819.—1.599.

«Histoire de la guerre d'Espagne et de Portugal, pendant les années de 1807 à 1813; plus la campagne de 1814 dans le midi de la France par le colonel, sir John Jones, avec des notes et commentaires». (Com uma carta do theatro da guerra).—Paris, 1819.—1.602.

«A guerra da Peninsula debaixo do seu verdadeiro ponto de vista, etc.». Traduzido do italiano.—Lisboa, 1820.—1.692.

«Journaux des sièges entrepris par les alliés en Espagne, pendant les années 1811 et 1812, suivis de deux discours sur l'organisation des armées anglaises et sur les moyens de les perfectionner, avec notes», par M. John Jones. Traduit de l'anglais par M. G.—Paris, 1821. (Com magnificas cartas, plantas de fortas, de cercos, etc.)—830.

«Mémoires sur les opérations militaires des français en Galice, en Portugal et dans la vallée du Tage en 1809, sous le commandement du maréchal Soult, duc de Dalmatie». Avec un atlas militaire.—Paris, 1821.—2.118 e 3.203.

«Account of the war in Spain, Portugal and the south of France, from 1808 et 1814 including». By John Jones.—London, 1821.—3.323.

«Defeza do tenente-coronel engenheiro José Carlos de Figueiredo, contra as calumnias, em que é atacada a sua honra no folheto intitulado «O verdadeiro imparcial dos successos da ilha Terceira».—Lisboa, 1822.—2.148.

«Campagnes de 1813 et 1814, sur l'Èbre, les Pyrénées et la Garonne, précédées de considerations sur la dernière guerre d'Espagne».—Paris, 1823. Par Edouard Lapene. (Tem cartas, sendo uma a côres.—726.

«Apontamentos e reflexões sobre as linhas do norte de Lisboa, ou linhas de Torres Vedras», pelo capitão engenheiro M. J. D. C. (Manuel José Dias Cardoso.—Lisboa, 1823.—1.763 e 11.732.

«Mappa historico-militar-politico e moral da cidade d'Evora, ou exacta narração do terrivel assalto, que á mesma cidade deu o general Loison com hum exercito de nove mil homens, em o fatal dia 29 de julho de 1808».—Lisboa, 1824. (Uma estampa com o plano do assalto.—2.890.

«Vie politique et militaire de Napoléon», par A. V. Arnault.—Bruxellas, 1825.—4.056.

«Précis des événemens militaires, ou essais historiques sur les campagnes de 1799 à 1814, avec cartes et plans», par le comte Mathieu Dumas.—Paris, 1817-1826.—1.613.

«Vida do general Minas—Por elle mesmo escripta e publicada em Inglaterra.—Lisboa, 1826. 1 folheto.—1.674.

«Histoire de la guerre de la Peninsule sous Napoléon, précédée d'un tableau politique et militaire des puissances belligérantes», par le général Foy. Publiés par M.^{me} la comtesse de Foy.—Paris, 1827.—1.005.

«Souvenirs d'un militaire des armées françaises, dites de Portugal», par l'auteur de l'essai sur l'état militaire en 1825.—Paris, 1827.—2.120.

«Napoléon devant ses contemporains». 2.^a édition.—Paris, 1827.—4.061.

«Mémoires du maréchal Suchet, duc de Albufera, sur ses campagnes en Espagne, depuis 1808, jusqu'en 1814», écrits par lui-même.—Paris, 1828.—999.

«Histoire de la guerre de la Peninsule. Années 1808 et suivans», par le lieutenant colonel, Charles William Vane.—Paris, 1828.—1.598.

«Narrative of the Peninsular War from 1808 et 1813». (Tem cartas). By Charles William Vane.—London, 1828. 1 vol. in-4.^o—7.427.

«Histoire de la révolution d'Espagne et de Portugal, ainsi que de la guerre qui en resulta», par Mr. De Schepeler.—Liège, 1829. 2 vol.—4.054.

«O subalterno», traduzido do inglêz. (Esta obra comquanto não contenha uma narração completa dos portentosos feitos da guerra Peninsular, mas só d'aquelles em que o auctor tomou parte, desde o seu desembarque em Passages (agosto de 1813) até á conclusão da paz em abril de 1814, mereceu comtudo muita acceitação, tanto pela veracidade dos factos, como pela imparcialidade e estylo polido em que é escripta).—Liverpool, 1830.—1.803.

«Histoire de la campagne de 1813», par M. de Norvins.—Paris, 1830.—5.018.

«Mémoire sur les lignes de Torres Vedras élevées pour couvrir Lisbonne en 1810», par M John T. Jones. Traduit de l'anglais par M. Gosselin.—Paris, 1832.—1.203.

«History of the Pensinsular War. By Robert Santhey.—London, 1823-1832. 3 vol. in-4.^o—4.903.

«A guerra da Península 1808-1814». Estudo strategico das suas diferentes campanhas, explicado aos alumnos do real collegio militar de Sandhurst, por C. W. Robinson. Traduzido do inglez por Mathias Nunes, capitão d'artilheria.—Lisboa, 1833. 1 vol. in-8. —9.084.

«Mémoires de madame la duchesse d'Abrantès, ou souvenirs historiques de Napoléon; la révolution, le directoire, le consulat, l'empire et la restauration».—Paris, 1831-1833.—11.749.

«Napoléon en exil, ou l'écho de S.^{te} Hélène. Journal des dernières années de l'empereur, contenant les opinions et les jugements de Napoléon sur les événements les plus importants de sa vie et de son époque», recueillis par le Dr. Oméara.—12.^a ed. Bruxelles, 1834.—1.606.

«Journaux des sièges faits ou soutenus par les français dans la Peninsule, de 1807 a 1814; redigés d'après les ordres du gouvernement, sur les documents existants aux archives de la guerre et au dépôt des fortifications», par J. Belmas.—Paris, 1836 4 vol. e 1 atlas in-8.^o—1.740.

(Continúa.)



BIBLIOGRAPHIA

As conferencias de Haya, por *João d'Oliveira*, capitão de engenharia.

Do nosso presado amigo e collega da *Revista de Engenharia Militar*, o sr. capitão João d'Oliveira, recebemos um interessante e valioso estudo sobre as conferencias de Haya, em elegante folheto.

O trabalho d'este nosso talentoso amigo, que é ao mesmo tempo um official distinctissimo da sua arma e um escriptor veraculo dos mais aprimorados da imprensa militar, é um trabalho muito consciencioso, revelador de aturado estudo e de meditação profunda.

Faz um estudo minucioso da 1.^a conferencia que se renniu em Haya a 18 de maio de 1899 tomando n'ella parte 26 potencias.

O resultado das conclusões a que chegou esta primeira conferencia não foi completo, porque sendo essas resoluções *ad referendum* nem todos os governos sancionaram o que fôra accete pelos seus delegados.

Todavia, diz o sr. capitão Oliveira «não lograram, é certo, porque isso excederá naturalmente o poder dos homens, supprimir o flagello da guerra, mas os seus piedosos sentimentos bem pode dulcificar-os a certeza de que ás garras da morte terão subtrahido já as centenas de individuos que o exercicio da pro-

fissão lançaria nas luctas a que se obsteu; deve acariciar-lhes a alma a lembrança de quantas lagrimas se terão poupado aos milhares de creaturas que essas luctas haveriam envolvido em luctuosos e duradouros crepes».

Segue-se o estudo da 2.^a conferencia (1907), estudo ainda mais desenvolvido e minucioso e que por uma fórma tão assignalada se põe em relevo toda a intellectualidade do auctor, a sua bella orientação e o valor indefectível da sua aprimorada critica.

Sentimos não poder acompanhar, passo a passo, as bellas paginas, cheias de ensinamento e lição, do folheto do nosso querido amigo sr. capitão Oliveira, mas não podemos deixar de referir que a proposta de sir Edward Fry exhortando á limitação dos encargos militares das potencias teve em resposta a proposta de Mr. Nelidow que convidava a assembleia a que, por unanimidade, renovasse a resolução adoptada em 1899 affirmando «*ser altamente desejavel que os governos retomem o estudo serio da questão*».

E assim ficou morta a generosa ideia da limitação dos armamentos, continuando a *paz a ser o sonho dos sabios e a guerra a historia dos homens*.

Ao nosso collega e amigo agradecemos muito penhorados a offerta do seu importante e consubstancioso livro.

Os Alicerces para a Historia Militar da Madeira.

— Conferencia realisada em infantaria 27, no dia 21 de março de 1908, pelo tenente do mesmo regimento *Alberto Arthur Sarmento*.

Recebemos a primorosa conferencia deste nosso muito distincto camarada, o que muito cordealmente agradecemos.

O talentoso conferente iniciou os seus trabalhos pelas causas remotas que deram origem ao regimen quasi feudal dos donatarios, propondo-se em subsquentes conferencias desenvolver mais largamente esta materia, fundamentando os seus estudos em documentos de valor.

Achamos de tanta importancia o assumpto escolhido e julgamos-o de tamanho interesse para a historia militar do nosso paiz, que ousamos pedir aos poderes constituídos, nomeadamente ao sr. Ministro da Guerra, a sua protecção para os trabalhos do sr. tenente Sarmento.

Sabe-se perfeitamente com que numerosas difficuldades não luctam todos aquelles que emprehendem publicações militares, n'um meio tão pequeno e tão pouco preparado para bem receber e amparar estas nobilissimas tentativas.

Perde-se o esforço e o trabalho diante das quasi invenciveis difficuldades materiaes, se a acção patriótica e nobremente estimulante do Ministro não vier em auxilio desses honrados peoneiros da imprensa militar, cheios de crença e fé nos destinos do exercito, inflammados pelo influxo dos mais puros ideaes.

O tenente Sarmento pertence ao numero dessa pleiade dos novos que tem já affirmado em publicações valiosas toda a sua envergadura de escriptor, toda a pujança do seu formoso talento.

Apraz-nos muito particularmente que o ensejo nos deparasse este motivo para prestarmos ao joven official o testemunho sincero do nosso apreço.

Secção do estrangeiro

Allemanha. — *Torpedo aerio.* — Os inventos de guerra continuam a sua marcha progressiva e incessante tornando cada vez mais intensos e efficazes os meios de destruição. A casa Krupp acaba de adquirir os direitos e privilegios do invento do coronel Unge (succo) relativo a um torpedo aerio, sob a reserva e clausula expressa de que o governo sueco terá o direito de servir-se d'esta nova arma quando muito bem queira.

Parece que este torpedo aerio é o mais formidavel engenho de destruição até agora inventado, e que brevemente tanto o exercito como a marinha allemã serão armados com esta nova machina.

Uma viatura automovel transporta o tubo lança-torpedos, ligeiro e facil para se montar e desmontar rapidamente, sendo a manobra d'este engenho muito mais facilmente executada do que a que é precisa para metter em bateria 4 boccas de fogo de campanha.

Tanto na guerra de sitio, contra fortalezas, como em campo raso, contra corpos de tropa ou contra posições abrigadas, a sua acção destruidora é das mais formidaveis.

Como o torpedo aerio pode ser lançado sem estrondo, difficil se torna conhecer o local onde a bateria está installada, para ser atacada.

Na defeza das costas é tambem da maior utilidade, varrendo o tombadilho dos couraçados que ficam sujeitos a serem torpedados por baixo e por cima.

O coronel Unge tem em preparação diferentes calibres d'esta terrivel machina.

Os peritos allemães são de opinião que o torpedo aerio é uma invenção que assignala uma data notavel na historia dos engenhos de destruição.

*

O presidente do conselho municipal de Spandau propoz, e foi votado, que se pedisse a todas as auctoridades municipaes da Allemanha para abrirem uma subscrição nacional com o fim de se crear uma esquadra ou frota de navios aereos.

A subscrição é calculada á razão de 2 pfennige (1) por habitante, o que dará para toda a Allemanha 7 milhões e meio de marcos, quantia esta que será posta á disposição do conde Zeppelin.

França. — No mez passado a 6.^a divisão de infantaria, sob o commando do general Goirau, deixou Paris, onde está de guarnição, para, pela via ordinaria, marchar sobre o campo de

(1) Pfennig é a mais pequena moeda allemã, corresponde á centesima parte do marco, valendo na nossa moeda 2 pfennige ainda menos do que 5 réis, ou sejam 4 réis e meio.

Os 7 milhões e meio de marcos valem quasi mil e setecentos contos de réis da nossa moeda.

Mailly afim de executar evoluções durante 9 dias, e manobras com fogos reaes durante 5.

Esta divisão foi reforçada com o 6.º regimento de dragões e o 22 de artilheria, tendo além d'isso recebido os seus reservistas, o que fez com que manobrasse com effectivos sensivelmente eguaes aos de guerra.

*

Começaram já no Campo de Marte os trabalhos para uma estação central de telegraphia sem fio.

A antenna continua a ser a torre Eiffel que receberá appa-relhos receptores e transmissores de uma grande potencia.

Esta resolução tomada pelo governo francez foi em consequencia dos bellos resultados obtidos por um lado, com as communicações com Marrocos (Casablanca), e por outro, com a esquadra franceza, no Baltico, que conduz o Presidente da Republica.

A estação será subterranea.

Os capitães Ferrié e Frac, que dirigem a construcção e installação da referida estação central, contam, em face do poder dos appa-relhos postos á sua disposição, poderem corresponder-se com New-York.

Austria. — O 1.º, 2.º, 3.º, 9.º, 10.º e 11.º corpos do exercito executarão manobras de regimento e de brigada que devem estar terminadas no dia 5 d'este mez.

O 6.º, 7.º e 12.º corpos do exercito executarão manobras de divisão contra divisão, sendo em geral uma divisão do exercito activo contra uma divisão da landwehr. Devem estar terminadas a 13.

O 4.º corpo (Budapsth), o 5.º (Presbourg) e o 8.º (Agram) executarão grandes manobras imperiaes que devem terminar a 18 de setembro, desenrolando-se a acção ao redor de Weszprin, na Hungria occidental.

Diz-se que o imperador da Allemanha assistirá a estas manobras.

Está determinado que as manobras serão todas executadas sem interrupção, isto é, o serviço de segurança será mantido de dia e de noite.

O 14.º corpo do exercito e as tropas do commando militar de Zara terminaram hontem os exercicios que lhe haviam sido prescriptos pelos respectivos commandantes.

Belgica. — O ministro da guerra, general Hellebaut, quando entrou para o gabinete Trooz, declarou, peremptoriamente, que ia ensaiar lealmente o regimen do voluntariado estabelecido pelo ministerio catholico, mas se esse ensaio não fôsse satisfatorio, sob o ponto de vista da defeza nacional, proporia então a reorganisação do exercito.

Não obstante o limite da epocha fixada para se fazer esse ensaio ser outubro proximo, sabe-se já que o voluntariado no exercito não tem dado o menor resultado, trabalhando-se activamente no ministerio da guerra na nova reforma militar, que começará a vigorar em novembro proximo, sendo adoptado o serviço militar pessoal e obrigatorio.



O MONUMENTO COMMEMORATIVO DA BATALHA DO VIMEIRO

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL
Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

PALAVRAS D'EL-REI

A *Revista de Infanteria* associa-se com o mais vivo entusiasmo e prazer á celebração do centenario da Guerra Peninsular, que marca na Historia a affirmação solemne e inilludível de que Portugal quer viver livre, estando sempre prompto a conquistar, ainda mesmo á custa dos mais assombrosos sacrificios, a sua independencia e autonomia.

O iricio das brilhantes festas com que o nosso paiz deseja commemorar factos tão assignalados, dedicação, e esforço e heroismo nunca excedidos, do povo portuguez e do seu exercito, esta ancia nobremente patriotica de *querer* conservar portugueza a terra em que nascemos, ancia que constitue uma feição característica da nossa raça, não podia ser mais suggestivo nem mais empolgante.

Honra á illustre commissão official do centenario da Guerra Peninsular.

Não bastava que no proprio dia, no mesmo local, onde ha cem annos, nós e os nossos alliados, que justo é prestar n'este momento uma homenagem de eterna gratidão ao auxilio prestado em tão lancinante conjunctura, se erguesse o Padrão do Vimeiro, congrassando o povo com o exercito na mais quente, na mais vibrante manifestação do nosso sentimento patriotico; não bastava vêr alli, n'aquella terra portugueza que foi ha cem annos regada com tanto sangue generoso, os altos poderes do estado, os chefes do exercito e uma larga representação do corpo dos officiaes, confraternizando todos com o povo que exprimia a vontade livre da nação, que ama as suas tradições e deseja viver em paz, respeitando o direito, acatando a lei, e encontrando no trabalho o motivo das suas legitimas ambições e o incentivo para a felicidade do lar; não bastava todo aquelle scenario tão commovente e tão

impressionante, o troar da artilheria em festa e os accordes sagrados do hymno da Patria, para dominar toda a nossa emotividade.

Mais do que tudo isso, muito no fundo do nosso coração encontraram echo, que jámais se apagará, as palavras sentidas do nosso Rei, que n'um gesto de adoravel patriotismo, na sincera expressão do seu rosto juvenil, no sentimento expontaneo e nobremente puro da sua alma de portuguez, enalteceu a gloria da Patria e a esperança de que com ella sempre quer viver na expansão livre do nosso direito e da nossa autonomia.

Vamos aqui, na nossa tão modesta *Revista*, archivar as palavras d'El-Rei, as primeiras palavras que o Senhor D. Manuel proferiu, como Rei, perante o exercito e perante o povo.

E fazemol-o com tanto maior desvanecimento quão grande é a esperança de que sob o influxo da sinceridade e da pureza do coração d'El-Rei poderá Portugal viver ainda respeitado pelas nações e feliz na sua vida intima.

N'estas paginas já aqui prophetisamos que El-Rei seria outro *D. Manuel afortunado*.

A Historia dirá do valor d'esta prophecia.

Eis as palavras d'El-Rei:

Meus senhores:

Celebra-se hoje o centenário do combate do Vimeiro. Aqui nos reunimos para solememente consagrar immorredouro padrão ao brilhante feito de armas, primeiro d'essa longa serie, atravez da qual se affirmaram o patriotismo dos nossos maiores e a sublime decisão do nosso Povo na defeza da sua independencia e libertação do solo sagrado da Patria!

O general Rodrigues da Costa e o meu ministro da guerra, o general Sebastião Telles, deram-nos a impressão quente e sentida do que foi essa Guerra Peninsular, esse periodo doloroso da nossa Historia, dos mais dificeis que Portugal tem atravessado e do qual resurgiu coberto de louros e de gloria, colhidos pelo seu exercito, alcançados pelo seu povo!

Angustiosa mas extraordinaria epocha, em que tivemos, a lutar a nosso lado, quem não posso nem quero n'este momento esquecer, a Inglaterra, a grandiosa nação, desde seculos nossa alliada; e empenhada na mesma contenda a visinha e amiga Hespanha, nossa Irmã na Peninsula.

Não me cabe, nem me proponho refazer o quadro brilhante que perante os vossos olhos foi posto nas orações precedentes. Mas, não podia faltar n'este logar, e n'esta occasião não me consentia o meu coração de verdadeiro portuguez, o indifferente silencio.

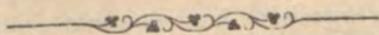
Aqui se reúne o Povo em piedosa romagem; e, vindo o Povo,

com elle vem o seu Rei, partilhando das suas patrioticas expansões, que em absoluto sinto, e para proferir estas singelas palavras, em memoria d'aquelles que ha cem annos, n'este mesmo logar, pelejaram e venceram o combate do Vimieiro! Honra e gloria aos libertadores da patria!

Meus senhores: Quando releio e relembro a nossa Historia, a formação da nossa nacionalidade, as nossas descobertas e conquistas, a nossa expansão e dominio, a aspera defeza da nossa independencia, por vezes ameaçada e sempre mantida, como foi durante essa Guerra Peninsular, de que hoje celebramos o primeiro episodio, sinto invadir-me o orgulho, de um modo tão sublimemente, expresso nos versos do nosso grande épico:

«e julgareis qual é mais excellente,
«se ser do mundo rei ou de tal gente.»

Sim. Rei de tal gente! Com ella e ao lado d'ella sempre!



NA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

A guarnição militar ao sul do rio Save

Na região ao sul do rio Save, que comprehende o districto de Lourenço Marques, territorios de Gaza e districto de Inhambane, sob a administração directa do Estado, tem havido, desde 1895 para cá, guarnições com effectivos differentes e cuja historia não importa fazer agora. Em virtude, porém, da completa pacificação dos povos d'aquellas regiões, conseguida com o sangue e sacrificio das nossas tropas, estava essa guarnição ultimamente bastante reduzida e quasi limitada ás unidades europeias aquartelladas em Lourenço Marques.

Na discussão do orçamento do presente anno economico entendeu o conselho do governo d'aquella Provincia que estas unidades ainda se podiam reduzir, passando do effectivo maximo ao effectivo minimo. Esta orientação foi, segundo vemos nos jornaes d'aquella localidade, calorosamente combatida no mesmo conselho pelo nosso camarada e amigo, o sr. capitão David Rodrigues, que no mesmo conselho tinha assento n'essa occasião, por desempenhar os funcções de chefe de estado maior. A discussão generalisou-se, quasi todos os membros, principalmente os eleitos, fallaram sobre o assumpto, e como se pretendia fazer grandes economias

no capitulo das despesas militares da Provincia, a reduçãõ dos effectivos das unidades europeias foi votada pelo conselho do governo depois de trez longas sessões de acalorada discussãõ.

O nosso camarada, o sr. capitãõ David Rodrigues, nãõ se conformando com a decisãõ tomada por maioria, apresentou na reuniãõ seguinte a proposta que dos mesmos jornaes vamos transcrever e que visa á organisaçãõ d'um corpo especial de policia e fiscalisaçãõ para guarnecer aquella tãõ vasta como populosa regiãõ. E' assim a indicada proposta:

Para substituir a Companhia Europeia d'Infanteria e o 1.º esquadraõ de dragões aquartelados em Lourenço Marques, proponho:

1.º — Que se organisem duas companhias mixtas commandadas por officiaes do exercito do reino e constituidas por praças europeias que satisfaçam a condições especiaes de recrutamento;

2.º — Que estas companhias sejam destinadas a policiar e fiscalisar toda a regiãõ ao sul do Save sob a administraçãõ directa do Estado;

3.º — Que cada uma das companhias seja constituida por 3 pelotões, sendo de infanteria a pé europeia, de infanteria a pé indigena e de infanteria europeia a cavallo;

4.º — Que a 1.ª companhia seja destinada a policiar e fiscalisar toda a regiãõ ao sul do rio Limpopo, guarnecendo os postos de fronteira e interiores que forem determinados, e a alfandega de Lourenço Marques, tendo uma força de reserva n'esta cidade;

5.º — Que a 2.ª companhia seja destinada a policiar e fiscalisar a regiãõ comprehendida entre os rios Limpopo e Save sob a administraçãõ directa do estado, tendo uma força de reserva no Chibuto;

6.º — O pessoal d'estas duas companhias será constituido por 1 major, commandante, 1 ajudante, 1 thesoureiro, 2 capitães de infanteria, 4 subalternos de infanteria, 2 subalternos de cavallaria, 2 primeiros sargentos, 12 segundos sargentos de infanteria e 2 de cavallaria, 20 primeiros cabos europeus de infanteria e cavallaria, 190 soldados, 4 corneteiros e 2 clarins, 14 primeiros cabos indigenas e 194 soldados indigenas.

7.º — As praças de pret que forem casadas e vivam com suas familias terão direito a uma subvençãõ especial.

Sala das Sessões do Conselho do Governo, 30 d'abril de 1908.

O Chefe de Estado Maior interino,
David Rodrigues
Capitãõ.

Na occasiãõ da apresentaçãõ d'esta proposta o presidente do conselho, que é o governador geral da Provincia, pediu ao nosso amigo para elaborar uma exposiçãõ sobre o assumpto, de fórma a elucidar todos os

membros do conselho e de maneira a fornecer-lhes todos os elementos de apreciação e discussão para depois entrar na ordem do dia e ser votada. E n'esta conformidade o nosso collega de redacção mandou dias de pios para a meza a exposição seguinte :

Satisfazendo ao que me foi pedido por S. Ex.^a o Presidente do Conselho do Governo, quando mandei para a meza uma proposta tendente a transformar as unidades europeias de infantaria e cavallaria aquartelladas em Lourenço Marques em forças destinadas a policiaer e fiscalisar toda a região ao sul do Savé, tenho a honra de apresentar á vossa esclarecida ponderação esta exposição, que visa simplesmente a elucidar as resumidas bases d'aquella minha proposta.

A organização militar dos districtos de Lourenço Marques e Inhambane tem passado durante o periodo liberal por muitas vicissitudes. Não vos farei a sua historia, porque vos a conheceis melhor do que eu. Referir-me-hei no entretanto aos topicos principaes para ter elementos seguros de confronto e para poder tirar algumas conclusões apoiadas em bases solidas e seguras.

No districto de Inhambane a organização militar foi sempre tão simples como rudimentar. Antes da organização de 1869, de Rebello da Silva, existia uma unica companhia, que, quer pela deficiencia dos seus effectivos, quer pela falta de instrucção e disciplina, quer pela complexidade dos elementos que a constituíam, geralmente indolentes baneanes, ou incorrigiveis zanzibaristas, ou deportados angolenses, não podia prestar serviço de valia. E para supprir as faltas que não preenchia e os desmandos da população indigena que não corrigia, tiveram as auctoridades de lançar mão dos *caçadores das terras*, que eram mais um elemento de perturbação e desordem com a polvora que se lhes dava e armas que se lhes distribuíam, do que um elemento de garantia e segurança. Abusando, com a ignorancia e crueldade innata no cafre, da auctoridade e força que lhe davam, chegaram por vezes a exercer a sua acção contra aquelles que lhes tinham dado os elementos de combate. E os representantes do poder, d'esta fórma sem força e desauthorisados, nunca puderam exercer a soberania que era para desejar, nem fazer prevalecer a sua vontade como lhe competia.

Mais tarde, porém, imitando a organização militar do reino, criam-se batalhões de caçadores que nunca passaram de elementos rachiticos pela deficiencia dos seus effectivos e pela má natureza do seu recrutamento. Eram simulacros de unidades que nunca passaram de simples imitações de organização militar. A viagem de Antonio Maria Cardoso, em 1883, ao decrepito Muzila, apesar de ser em epocha já bastante recente, foi um facto memoravel na historia d'este districto. Mas com elementos d'aquella ordem, não se podendo pôr um dique á assoladora invasão dos vatuas, as suas prepotencias augmentaram e a nossa soberania, que sempre tinha sido bastante ephemera, definhou por completo. E para valer a esse estado de coisas, para salvar a nossa nacionalidade que se achava comprometida, foi necessario mandar uma numerosa expedição constituída por forças metropolitanas, que enchendo-se de gloria e honra, como bem sabeis, custaram rios

de dinheiro, como também não ignoraes. E os sacrificios e vidas que custaram esses triumphos e o dinheiro que então se dispendeu, ter-se-iam evitado se sempre tivesse havido uma força regular e sufficiente para manter consolidada a nossa soberania. O que se poupou ou não se soube dispende e applicar durante longos annos, dispendeu-se n'um momento com graves perturbações e sacrificios d'algumas vidas.

A historia do districto de Lourenço Marques também é fértil em ensinamentos. Quando o tenente Augusto de Castilho, hoje ministro da marinha, tomou as redeas do governo d'este districto, a sua acção apenas se exercia dentro das muralhas do antigo presidio militar. Os elementos de força de que então se dispunha constavam de 1 official, 2 sargentos, 6 cabos, 50 soldados e 1 corneteiro, o que era insufficiente sob qualquer ponto de vista que se considere. Com um sangue ardente e dotado de elevados sentimentos patrioticos, não descançou o então governador enquanto não viu augmentada a força militar. E sendo em parte attendido, com a sua manifesta vontade, com a sua muita energia e uma boa orientação politica dos negocios indigenas, conseguiu sahir das portas do presidio, penetrar no interior, abrir communicações com o Transvaal e exercer uma acção efficaz em toda a região do districto. E a sua intervenção foi de tal fórma preponderante que em 1877 conseguiu reunir n'um batuque de guerra 7:000 pretos para festejar a visita d'um governador geral. Mas para consolidar com as armas o que se tinha conseguido com a prudencia e vontade, propoz o governador por mais d'uma vez nos seus relatorios annuaes a creação d'um batalhão europeu de 400 praças para ser collocado na Cherinda, porque além de ser o centro do Magaia, a região mais populosa e mais em contacto com os vatuas, lhe permittia, como ponto central de todo o districto, occorrer ás necessidades que apparecessem sem maiores receios de perigos que pudessem sobrevir. Nada porém se fez e com a retirada do sr. Augusto de Castilho retiraram pouco a pouco as diminutas forças que existiam, o abandono seguiu-se e a assolação cafre continuou a campear por toda a parte até que as ameaças do Gungunhana e o perigo que o seu poder e politica traziam para a existencia da nossa nacionalidade ao sul do Save fizeram acordar os verdadeiros sentimentos das auctoridades da provincia e do governo da metropole. E como já disse, o dinheiro que se tinha poupado foi necessario gastal-o então com expedições caras e com vidas preciosas.

O erudito Latino Coelho disse que Portugal nunca foi lesto nos seus apercebimentos militares, mas nas colonias pode-se dizer que foi sempre tardio na satisfação das verdadeiras necessidades.

Para valer a esse estado de coisas, Barros Gomes, por um decreto de 18 d'agosto de 1887, organisou um corpo policial em Lourenço Marques, de infantaria e cavallaria, que justificou com as seguintes palavras: «Sendo de urgente necessidade dotar o districto de Lourenço Marques, em vista do crescente augmento da sua população, com um elemento de força policial que mantenha o socego publico, garanta a propriedade dos particulares e forneça á auctoridade superior do mencionado districto os meios de reprimir quaesquer factos attentatorios da segurança», e que era constituido por 1 major, 1 capitão, 1 tenente, 4 alferes de infantaria, 1 alferes de cavallaria, 1 veterinario, 1 primeiro sargento, 7

segundos sargentos d'infanteria e 3 de cavallaria, 8 cabos de infanteria e 4 de cavallaria, 4 corneteiros e 2 clarins, 100 soldados de infanteria e 25 de cavallaria. Os serviços prestados por esta força, tanto em 1891, como mais tarde na defeza da cidade e em toda a campanha de 1895 não preciso eu pô-los em evidencia porque os conhecem todos e muito especialmente sua ex.^a o presidente, que foi com elles que deu os seus primeiros passos gloriosos para a consolidação da nossa soberania. Era a unica força armada que existia em verdade, porque os rachiticos e enfezados batalhões indigenas tinham apenas a sua existencia no papel.

Reconhecendo o fallecido conselheiro Antonio Ennes os bons serviços que prestou esse pequeno corpo de tropas e aquelles que podia prestar se a sua esphera d'acção fôsse levada mais longe, reorganizou-o em portaria de 20 de março de 1895, de modo que o seu pessoal pudesse «tambem ser empregado no serviço de fiscalisação aduaneira, e policia com efficacia ás terras da corôa do districto»:

A proposta que tive a honra de vos apresentar visa precisamente ao mesmo fim, isto é, reforçar a policia civil da cidade como frequentes vezes é necessario, e n'este conselho já foi provado, fazer a policia aduaneira, quer da alfandega, quer da fronteira, e fazer ao mesmo tempo a policia das terras do interior em toda a região ao sul do Save, sob a administração directa do Estado.

A necessidade de reforçar a policia da cidade é incontestavel e a pratica a tem posto em evidencia frequentes vezes. Os serviços de policia e fiscalisação da alfandega em toda a parte teem tido um pessoal proprio, de fórma a que o pessoal privativo e verdadeiramente aduaneiro não precise preoccupar-se com essa especialidade, que pela sua natureza constitue serviços mais em harmonia com os de character militar. A administração e disciplina d'esse pessoal, as escalas de serviço, as nomeações, as rondas, sentinellas, etc., etc., são assumptos que não devem preoccupar o proprio pessoal d'alfandega. O pessoal, porém, que está presentemente desempenhando os serviços de fiscalisação aduaneira tem direitos especiaes que não podem ser postergados, uns por terem serviços e outros por terem contractos especiaes. Mas isso não constitue rasão sufficiente para que não se organise essa policia de fiscalisação, pois que nas disposições transitorias a estabelecer no respectivo regulamento pôde muito facilmente ser regulado esse assumpto.

A outra orientação a que deve obedecer a organização d'esta força é a policia das terras do interior e guarnição dos postos de fronteira, orientação que de resto já foi esboçada, como já disse, pelo fallecido commissario regio Antonio Ennes. E essa orientação é duplamente necessaria, porque a manutenção da ordem e a guarnição da fronteira não se podem dispensar, e necessaria porque não havendo forças para esse fim destinadas os representantes da auctoridade no interior terão de crear forças proprias para fazer prevalecer a sua vontade e cumprir com os seus deveres. E os inconvenientes que d'ahi resultarão serão a militarisação das auctoridades civis, com todos os ridiculos da imitação mal apropriada e com os defeitos d'uma organização defeituosa.

A militarisação das auctoridades civis já não é um facto virgem na historia das colonias. E para vos confirmar esta asserção

não vos citarei factos caseiros, porque os conheceis melhor do que eu, mas apontarei no entretanto, por ser deveras frisante, um caso succedido no Tonkim, narrado pelo sr. Lanessan nos seus *Principes de colonisation*. Em virtude de determinada orientação política, as auctoridades militares foram substituidas por residentes civis. Ora, ou porque a mudança de regimen se tivesse effectuado extemporaneamente ou porque ameaças de sublevações se tivessem apresentado, ou mesmo porque aos residentes não lhe desagradassem as honrarias e continencias militares, o que aliás é um facto bem vulgar, todos passaram a attribuir-se a si proprios graduações diversas, e, para as justificar ou mesmo para se defenderem, trataram de instruir militarmente o maior numero de gente que puderam. «L'administration civile s'était tellement militarisée que le résident jouat au colonel et que les simples gardes principaux commandant les postes de milice se faisaient rendre par les homes des honneurs militaires auxquels le général en chef lui-même n'avait pas droit.» Em virtude d'esta orientação, sendo ali mandado um general do exercito francez, além d'uma simples continencia que lhe foi feita, teve a surpresa de vêr que ao residente geral se prestavam honras que em França só são concedidas ao presidente da republica.

Ora, havendo sempre uma força militar e regular, cada um occupará o seu logar, as necessidades dos serviços serão satisfeitas por pessoal proprio e as vaidades serão reprimidas no devido tempo. Eu não quero dizer que entre nós succeda outro tanto, mas tambem não vos posso occultar que essa orientação eu a começo a antevêr. Os administradores das circumscripções chamam-se ou chamam-lhes nas suas terras «commandantes»; pelo novo regulamento os cypaes, além de trazerem garridas divisas de cabo e sargento, teem um commandante; os administradores teem obrigação de cuidar da instrucção e armamentos dos seus cypaes, etc., etc., Mas tudo porém se reporá no seu logar se fôr convertida em lei a proposta que tive a honra de vos apresentar, porque cada circumscripção disporá das forças necessarias para garantir a segurança, manter a ordem e fazer a policia sem que seja necessario que cada um saia fóra da sua esphera d'acção.

Os inglezes teem alcançado o mesmo *desideratum* com a organização d'um corpo especial de policia e fiscalisação, que pela proclamação de 22 d'outubro de 1900 se passou a designar «South African Constabulary» e lhe foram dados os poderes e a necessaria regulamentação para assegurar a «protecção da vida e da propriedade do Transvaal e colonia do Orange». E entre nós é necessario seguir uma orientação identica porque uma tão vasta e tão populosa região como é esta ao sul do Save não pôde ficar desguarnecida. Essa falta constituiria um perigo para todos os cidadãos e uma falta grave que poderia comprometter a soberania nacional que hoje tão efficazmente se exerce. Mas esses perigos não se darão se forem organisadas as companhias projectadas, porque ellas representam um nucleo de tropas sufficientemente forte para manter a ordem na região que guarnecem e ainda para acudir a qualquer eventualidade extraordinaria que por ventura se possa vir a dar na Provincia.

E tendo procurado mostrar vos as vantagens e necessidade que ha em remodelar esses serviços, resta-me apontar-vos a sua conveniencia. Pelas resoluções d'este Conselho, que eu acato,

como me cumpre, vão passar as unidades europeias de infantaria e cavallaria do seu effectivo maximo ao effectivo minimo. Quando se discutiu este assumpto eu tive occasião de dizer, e ainda mantenho essa affirmação, de que antes preferia vê-las supprimidas. E de facto assim é, porque com os effectivos minimos, ainda aggravados com as successivas baixas ao hospital, essas unidades não poderão nem satisfazer ás necessidades da região ao sul do Save, porque os administradores estão sempre a pedir forças, nem mesmo poderão socorrer os seus camaradas que em Moçambique e Quelimane andam empenhados na penetração e occupação do interior no caso de uma eventualidade grave.

O principal defeito das unidades europeias, como tambem tive occasião de vos dizer, reside no mau systema do seu recrutamento, quer na qualidade physica dos seus soldados, quer mesmo na sua qualidade moral; na qualidade physica porque os seus organismos ainda não attingiram o seu pleno desenvolvimento, e na qualidade moral porque a fórma porque está regulada a imposição de serviço no Ultramar faz com que venham para cá os soldados que no exercito da metropole são considerados os peores elementos. Tudo porém pôde ser attendido na regulamentação da proposta que tive a honra de vos apresentar, prescrevendo a obrigação de terem completado a obrigação de serviço militar na metropole, terem mais de 24 annos de idade e a robustez necessaria para o serviço das colonias e, finalmente, bom comportamento militar e civil. A todos deve ser tambem exigido o saber ler, escrever e contar. Satisfazendo d'esta fórma as forças projectadas ás necessidades do serviço e ás exigencias d'um bom systema de recrutamento, mostrarvos-hei a economia que se fará em relação aos effectivos maximos conforme foram calculadas no orçamento que se discutiu.

Com o 1.º esquadrão de dragões, companhia europeia e uma indigena gastam-se annualmente 181 contos de réis. Com a guarda de fiscalisação da alfandega gastam-se cêrca de 45 contos de réis, e, podendo se reduzir os cypaes das circumscripções sensivelmente á metade do numero orçamentado, pode se fazer com elles uma economia de 19 contos de réis. Além d'isso, os guardas do caminho de ferro e do porto devem tambem ser substituidos por praças n'estas condições desde que se arbitre uma pequena gratificação aos que souberem landim e inglez e que ali façam serviço, o que dá tambem uma economia approximadamente de 6 contos, fazendo-se, por consequencia, uma economia annual e total de 252 contos de réis.

Vejamos agora a despeza que se passará a fazer com as companhias mixtas propostas. O vencimento mensal ao diverso pessoal, incluindo o pret e o equivalente para rancho e fardamento, com excepção dos officiaes, que deve ser arbitrado, é o seguinte: Major, 300.000 réis; ajudante, thesoureiros e tenentes, 150.000 réis; capitão, 200.000 réis; alferes, 140.000 réis; 1.ª sargentos, 66.000 réis; 2.ª sargentos, 54.000 réis; 1.ª cabos, 40.000 réis; soldados, 36.000 réis; clarins e corneteiros, 37.200 réis; ferradores, 42.000 réis; cabos indigenas, 15.000 réis; soldados indigenas, 12.000 réis; o que perfaz, incluidas as despesas de forragens, uma despeza annual de 176.020.060 réis, havendo por consequencia uma economia, em relação aos indicados effectivos maximos, de 76 contos de réis.

Nestas condições, satisfazendo ás necessidades dos diversos serviços e conseguindo uma economia importante, espero que approvareis a proposta que tive a honra de vos apresentar.

Sala das sessões do Conselho do Governo, 22 de maio de 1908.

O Chefe de Estado Maior interino,

David Rodrigues

Capitão.

Composição das forças de policia e fiscalisação da região ao sul do Save

Designação do pessoal	Pelotão d'infanteria a cavallo		Pelotão d'infant. ^a europeia		Pelotão d'infant. ^a indigena		Total do pessoal		
	Pessoal europeu	Pessoal indigena Cavallos ou muares	Pessoal europeu	Pessoal indigena	Pessoal europeu	Pessoal indigena			
Estado Maior									
Major, commandante, da arma de infanteria.....	1		1				1		
Ajudante, subalterno d'infanteria ou cavallaria ..	1		1				1		
Thesoureiro, official de administração militar ..	1		1				1		
Composição de duas companhias mixtas									
Commandantes, capitães de infanteria	2		2				2		
Subalternos de cavallaria.	2		2				2		
Subalternos de infanteria.				2	2		4		
1. ^o s sargentos	2						2		
2. ^o s sargentos	6			4	4		14		
1. ^o s cabos	8			6	6	14	34		
Soldados.....	40	40	40	150	10	40	380		
Ferradores.....	2		2				2		
Aprendizes de ferrador ..		2					2		
Clarins ou corneteiros ...	2			2	2		6		
Aprendizes de clarim ou corneteiros.....		2		2		2	6		
Montadas distribuidas aos postos guarnecidos pela 1. ^a companhia			30						
Idem aos da 2. ^a companhia			20						
Somma.....	7	60	44	99	166	10	14	156	457
		104		176		170			

Quartel General em Lourenço Marques, 22 de maio de 1908.

O Chefe de Estado Maior interino,

David Rodrigues

Capitão.



Conferencia inaugural da commemoração centenaria da Guerra Peninsular, no regimento d'infanteria n.º 14

PELO

Capitão Strecht de Vasconcellos

Meu ex.^{mo} general, ex.^{mo} commandante, ex.^{mas} camaradas, minhas senhoras e meus senhores — «Si vis pacem para bellum» eis o thema e o lema, a conclusão e o corollario da conferencia que, graças ao insigne favor da nomeação que Sua Ex.^a o commandante d'este regimento, fez recair sobre mim, eu vou ter a honra de fazer na presença de tão illustre como patriótica assemblêa.

Se o momento historico que passa é deveras angustioso para a nossa patria, por causa das perturbações da politica interna e pelas incertezas do dia de amanhã, não era menos afflictiva, no dia de hoje, ha cem annos, a situação do sempre heroico, mas não menos constantemente desditoso Portugal.

Sementada n'um territorio avassallado pelas hordas do Mogreb, que a traição do Conde de Ceuta e do Bispo de Hispalis trouxeram á península para vingar o crime de amor do rei godo D. Rodrigo, germinada ao sol de Ourique, amparada pelas rijas lanças dos cavalleiros de Affonso, o Conquistador, e dos bravos freires das ordens militares de Christo e d'Aviz; avigorada em Aljubarrota á sombra do glorioso estandarte de Nun'Alvares e do esperançoso pendão verde de Mem Rodrigues de Vasconcellos; florida nos Algarves d'aquem e d'alem mar, em Silves e Alcacer, em Tanger e Arzilla; carregada já com os preciosos fructos das Indias e do Brazil, regada sempre com rubros caudaes de sangue generoso de heroes e de martyres, a grandiosa arvore da nossa independencia que brácejava os seus verdes ramos assombrando as cinco partes do mundo, tinha-se desfolhado, em parte, com o vento abrazador dos areas de Alcacer-Kibir; mas podada rente pelo ferro do duque d'Alba, em Alcantara, reverdecêra de novo nos campos de Montijo e Montes Claros.

Convalescente ainda das feridas mal cicatrisadas; com os pulsos ainda arroxeados e o collo meio estrangulado pelas cadeias do despotismo castelhano, a alma nacional, quebrada nos seus lendarios brios, sentia-se confrangida e timorata, surpreendida e attonita com a sua libertação; e por phenomeno psychico, que tantas vezes produz o panico depois de passado o perigo, refugiava-se junto dos altares em cujos degraus o clero

regular, ignaro e traidor, lhe cultivava a superstição na ignorância, a devassidão nas mollezas da paz, o peculato e a concussão no egoismo, e a covardia nos desfalecimentos de valetudinário.

Seria um grito de lancinante dôr, soltado no meio de uma festa, a descripção pormenorizada do estado da sociedade portugueza ao raiar do seculo XIX; e mais dolente ainda seria o desfaldar do sudario de vergonhas, de miserias e de crimes que mancharam n'esta epocha o até ali inegalavel brilho das nossas instituições militares.

Seja-me pois consentido deixar afogadas e diluidas na sombra do esquecimento essas máculas funestas; e sirva-me apenas a penumbra que ellas projectam sobre a tabula de ouro da historia patria, de fundo ou contraste, para fazer sobresair mais vigorosamente as acções nobres e generosas, os impulsos entusiastas e os feitos heroicos dos portuguezes que souberam resgatar com o seu valor e patriotismo, com a sua lealdade e com a effusão do seu nobre sangue os desfalecimentos de uma hora triste, em que esteve para ser derribada para sempre, pela segure triunfante do Atila moderno, o verdecido tronco da arvore secular da nossa autonomia e da nossa independencia.

*

Senhores — Ninguem aqui desconhece por certo as causas determinantes das invazões francezas em Portugal.

A ninguem é licito ignorar que o mais culminante facto historico dos tempos modernos, foi o da revolução franceza de 1789, que teve por causas o abuso do poder das classes privilegiadas e a sua decadencia moral; o cultivo da superstição e da ignorancia nas classes proletarias e a consequente escravisação do povo francez. Tambem ninguem desconhece os seus effeitos, que, revolucionando o mundo inteiro com a proclamação dos direitos do homem, proclamação que negava o absurdo da hegemonia das castas e affirmava o igual direito de todos os cidadãos perante as leis, se traduziram em França pela abolição da monarchia, pelo assassinato politico da familia real e de um sem numero de nobres, cujo, unico crime de muitos, consistia apenas na qualidade do seu nascimento, e que terminaram com a mutua exterminação dos caudilhos revolucionarios depois de terem chegado á extravagancia de se decretar a abolição do proprio Deus.

Tal era a ancia de liberdade em que explodiu um povo tão fundamente aggravado pelo privilegio e esmagado pelo despotismo.

As atrocidades do tribunal revolucionario, a barbara execução da familia real e principalmente o receio da propaganda de ideias tão subversivas da ordem social dominante que sobresaltou a Europa inteira, concitam contra a França uma colligação das nações á frente das quaes se encontra a sua velha inimiga, a Inglaterra.

N'este momento historico Portugal não poude, ou melhor, não soube subtrahir-se a tomar parte n'essa colligação; e usando de uma politica dubia e inhabil, a que o obriga a decadencia moral dos corpos dirigentes, a falta de recursos e a desorganisação do exercito que desde longe estava entregue nas mãos de officiaes estrangeiros, mercenarios e indifferentes, vê-se invadido

pelo exercito hespanhol em 1801 do que resultou a perda perpetua da praça de Olivença, e o pagamento de uma indemnisação á França de 20 milhões de cruzados. Isto porem não obsta a que dentro de breve praso elle se não veja apertado entre as imposições da Inglaterra, que lhe exige se mantenha em hostilidade com a França, ao passo que esta nos intima, sob pená de conquista, a fechar os nossos portos áquella potencia, para consummar contra ella o bloqueio continental, plano gizado por Napoleão para bater a Inglaterra nos mares, pois que a inferioridade da esquadra franceza lhe não consentia aniquillar a esquadra britannica.

Napoleão, vendo as hesitações do gabinete portuguez e tendo vencido a Hespanha, faz com ella o tratado de Fontainebleau, em 27 de outubro de 1807, em virtude do qual a Hespanha se compromettia a cooperar com as suas tropas na invasão do reino que seria extincto, ficando: o norte para a infanta Maria Luiza, rainha regente da Etruria e que Napoleão espoliara; e o centro em poder de Napoleão até á conclusão da guerra; e o sul para D. Manoel de Godoy, ministro de Carlos IV e Príncipe da Paz. As nossas colonias deveriam ser partilhadas entre a França e a Hespanha, devendo Carlos IV tomar o titulo de imperador das duas Americas.

Portugal, perante tal resolução de Napoleão que a esse tempo já tinha empolgado o movimento revolucionario em França e se tinha feito aclamar e coroar imperador pelo proprio Papa, não contando com o auxilio da Inglaterra que se desfazia em promessas que não cumpria, decretou em 22 de outubro de 1807 que se fechassem os portos aos navios inglezes.

Napoleão porem que acariciava a ideia da conquista da peninsula iberica e que alem d'isso, calculava que o bloqueio continental não poderia ser effectivo nos portos portuguezes dos quaes a Inglaterra se poderia senhoriar com a sua poderosa esquadra, estabelecendo n'elles a base de operações para o hostilizar no flanco esquerdo da linha de tropas que já tinha escalonadas e iam occupar a Hespanha, resolveu a conquista de Portugal.

Para esse effeito ordem foi dada ao chamado exercito de observação da Gironda, que ainda antes do tratado de Fontainebleau se tinha concentrado em Bayonna, sob o commando do general Junot, e em força approximada de 26:000 homens, que atravessando a Hespanha se dirigisse a Portugal.

A 17 de novembro estava este exercito reconcentrado em Alcantara de onde Junot fez uma proclamação dizendo «que entrava no reino sómente para bater os inglezes»; e no dia seguinte, 18, uma companhia do regimento de artilheria n.º 70 transpunha a ponte de Segura, sobre o Erjes, e atraz d'ella o exercito francez que dirigindo-se a Castello Branco, transpondo a passagem do Alvito, onde bastariam 2:000 homens para o derrotar na povoação das Talhadas, seguiu por Abrantes e Torres Novas até Lisboa. Ali deu entrada Junot em 30 de novembro, á frente de uma guarda avançada de 1:500 homens, rotos, esfaimados, a cair de fraqueza, desprovidos de coragem e de munições, incapazes de qualquer resistencia e que o povo da Povoia de Santa Iria foi vêr passar condoído de tanta miseria.

O resto do exercito fica disseminado ao longo da linha de

marcha, indefeso e abandonado aos naturaes instinctos de rapina e de indisciplina que, comtudo, não provocaram uma reação que, por pequena que fosse, bastaria ao seu aniquilamento.

Mas como se explica que um exercito em tão desgraçadas condições podesse ter atravessado o paiz e se apoderasse da capital sem a mais ligeira resistencia?

E' que, como disse, a sociedade portugueza subvertia-se na mais tremenda das catastrophes civicas. A familia real fôra obrigada pela Inglaterra a abandonar o reino na vespera á noite; a alta sociedade desertava com ella, ou pactuava com o invasor, antepondo o desforço pessoal aos interesses da patria para se vingarem dos agravos que soffrera do Marquez de Pombal e de que tornara responsavel a casa de Bragança. O exercito já desorganizado dissolvia-se sem chefes, e dos chefes uns apresentavam-se ao invasor para o servir, ao passo que outros, taes como o mestre de campo Bernardim Freire de Andrade, embainhavam a espada inutil, e indignados, mas impotentes para se opporem aos factos consumados, se retiravam para as suas terras a lançar nas glebas a semente da revolta.

Muitos da nobreza acolhiam com festas o invasor nos seus palacios, e o bispo do Porto e o patriarcha de Lisboa cujo terror, ou antes, o interesse em conservar as suas prebendas venia o odio fanatico contra a França revolucionaria e impia, publicavam pastoraes em que se aconselhava o povo, não só a não hostilizar, mas até a auxiliar os invazores que, segundo o seu especioso conceito, tinham sido enviados para gloria de Deus e do culto sagrado, isto quando os francezes se embriagavam com o vinho que bebiam pelos preciosos vasos sagrados roubados nos templos do mezmo Deus.

Ao mesmo tempo que isto se passava em Lisboa, uma divisão hespanhola sob o commando do general Taranco transpõe o rio Minho em Tuy, entra em Valença, que se entrega sem dar um tiro, e apodera-se do Porto e de todo o norte do reino.

Outra divisão, tambem hespanhola, sob o commando do general Solano entra a fronteira por Elvas e dirige-se a Setubal onde estabelece o seu quartel general e toma posse do sul do reino em nome de D. Manoel de Godoy, Principe da Paz, que afirma desde logo a sua soberania mandando cunhar moeda em Sevilha com o titulo de Duque dos Algarves.

Junot, á medida que consegue reunir em Lisboa as forças disseminadas do seu miseravel exercito, principia pelos seus actos a desmentir as intenções declaradas nas suas proclamações, e a desvendar o proposito de se apoderar do reino cuja corôa elle intimamente acaricia a esperança de vir a cingir.

O exercito portuguez já completamente desorganizado é desarmado e dissolvido e com o seu escol é constituido um corpo de exercito de 9:000 homens, que sob o commando do marquez de Alorna e de Gomes Freire é enviado para Hespanha e depois para França servir entre as tropas do seu imperador.

Como os cezares romanos o cezar moderno servia-se dos soldados dos povos submettidos para combater os seus inimigos. E ainda que se não justifica, por principio algum, o facto de soldados portuguezes abandonarem o seu paiz para irem verter o seu sangue ao serviço do proprio inimigo, manda a verdade historica que se diga que, nas campanhas em que elles tomaram

parte ao lado das mais famosas e mais aguerridas tropas do mundo, elles se illustraram por tal fórma que o seu procedimento honrou e fez soar bem alto as excellentes qualidades militares e o bom nome do soldado portuguez.

Proseguindo na lenta desorganisação da nacionalidade portugueza, dissolve Junot o conselho de regencia, deixado pelo príncipe D. João ao retirar para o Brazil; declara extinta em Portugal a dynastia de Bragança e a bandeira das quinas é definitivamente arreiada dos nossos castellos e fortalezas e n'elles enreda a bandeira tricolor, que já não é a bandeira de um ideal de egualdade, de liberdade e de fraternidade, mas um lábaro sinistro cujo vermelho representa o sangue das victimas da revolução, cujo azul os sonhos ambiciosos de Bonaparte e cujo branco, a caiada hypocrisia do seu lugar tenente, de Junot, o traidor da nossa boa fé e não menos ambioso do que elle.

Tal era, meus senhores, o estado afflictivo da patria portugueza ha cem annos no dia de hoje; a açacalada archa do flagello da Europa impedia ameaçadora sobre o tronco secular da arvore frondosa da nossa independencia e se a mão de Deus e o patriotismo dos filhos de Portugal lhe conseguiram evitar o golpe, por que não ha de ser o dia de hoje de regosijo e festa para a gente portugueza?

(Continúa)

A nação armada

E AS

ANTIGAS MILÍCIAS E ORDENANÇAS

O systema de milicia nacional revelado na organisação de D. Sebastião, não foi, evidentemente uma criação que surgisse espontanea na legislação militar d'aquelles tempos, como, em geral se suppõe, nem tão pouco modelo ou decalque do que havia pelas nações extranhas.

D. Sebastião não fez mais do que adoptar e ampliar preceitos e elementos organicos anteriores, principalmente do tempo de D. Manoel e D. João III (1).

Isso mesmo se reconhece na *Lei das Armas* de D. Sebastião quando allude á necessidade de terem todos armas e cavallos como *assi o ordenaram os Reys d'estes Reynos meus antecessores*.

Em 1549 D. João III publicava effectivamente uma lei sobre armas e cavallos em que vêem consignados já os preceitos que ao depois vemos na lei de D. Sebastião.

(1) Sr. *Chrystovam Ayres*. Hist. Exerc.º — Provas vol. III. pag. 15.

Por ella se ordenava que todos os fidalgos e cavalleiros tivessem armas e cavallos e bem assim os que possuíssem cem mil reaes de renda. Aos que tivessem renda superior competia ainda ter um arcabuz aparelhado para um homem de pé por cada cem mil reaes que houvessem.

Para o anno immediato, 1550, se ordenava alardo geral para verificar se apresentavam cavallo e armas as pessoas que por sua fazenda e condição os deviam ter.

Aos corregedores competia a inspecção n'esses alardos e avaliar as fazendas de cada um para se determinar as armas que deviam apresentar.

A obrigação de ter armas abrangia os individuos dos 20 aos 65 annos, apenas com algumas isenções.

Esta lei era de poucos conhecida por se não haver registado na Torre do Tombo.

N'ella se dizia, porém, que «em todas as cidades, villas e logares de suas comarcas, a mandassem publicar e apregoar para a todos ser notorio o conteudo d'ella, e se não poder allegar ignorancia, e mandada registrar no livro da camara de cada uma cidade, villa, ou logar onde assim foi publicada e apregoad».

Na camara d'Angra a vimos registada e em outras mais o deve ter sido, em obediencia áquelle preceito. Não conhecemos providencia de D. João III que regule a organização e instrucção da gente da *ordenança* como o faz o *Regimento dos capitães-móres* de 1570, mas nos regimentos enviados em data anterior aos capitães donatarios das ilhas, vimos indicados os preceitos exarados na lei de 1570. Taes são, por exemplo, os que se vêem no regimento enviado ao capitão Manoel Corte-Real, donatario d'Angra.

Ahi se consigna a divisão em *circumscripções* ou *capitanias móres*, cada uma com certo numero de *companhias de ordenança* e estas constituídas por *esquadras* de 50 homens. Disposições analogas ao regulamento de 1570 se consignam referentes á eleição dos officiaes das *ordenanças*, a instrucção aos domingos e dias sanctificados, os alardos geraes em cada anno com os respectivos *premios* ou *preços* aos melhores atiradores pagos pelas camaras.

Em 1567 vemos ainda na Villa da Praia da Victoria a eleição dos officiaes para as companhias que então se formaram n'aquella jurisdicção, com assistencia do respectivo corregedor.

Não é para a nossa competencia nem para os meios

de investigação de que dispomos esclarecer um ponto da importancia d'este para a historia das ordenanças. Só nos cabe dizer que anteriormente a 1570 vemos organisadas as companhias de *ordenanças* na ilha Terceira em conformidade com o regimento enviado ao capitão Manoel Corte-Real.

Foi esse regimento e o que por então se enviou ao capitão Manuel da Camara, legislação especial para ilhas que andavam infestadas de corsarios e que vinham reclamando instantaneamente de El-Rei os necessarios meios de defeza? Não sabemos. O que vemos é que a organização adoptada é a mesma do Regimento de 1570 e d'ahi o interesse especial da questão.

Não é mesmo inverosímil que com a *Lei das Armas* de 1549, tenha vindo algum regimento sobre as ordenanças, porquanto, anteriormente já, publicara El-Rei D. Manoel o *Regimento da Gente de Ordenança* de 1508 (1). D. Manoel procurou melhorar e assentar por lista a gente que havia em todo o reino e a esse respeito diz Damião de Goes na chronica d'El-Rei D. Manoel que «das listas da gente da Ordenança escolheu El-Rei uma milicia de 6.000 de cavallos e 800 acobertados, e 20.000 de pé, para se servir d'elles com presteza quando fosse necessario; como aconteceu no cerco de Arzilla, em que o conde de Borba, foi cercado, a quem El-Rei querendo soccorrer, em 5 dias ajuntou no Algarve passante de 20.000 homens de pé e de cavallo».

A organização de 1570, rude esboço ainda de um exercito consistente, aproveitou evidentemente elementos organicos anteriores como se vê pelas rapidas citações que fazemos.

Estudando com mais largueza o assumpto poderá seguir-se a evolução porque os *regimentos* militares foram passando desde o *Regimento de Guerra* de D. Affonso v até ás providencias de D. Sebastião sobre as Ordenanças.

Já a D. João I mereceu attenção o desenvolvimento das *milicias municipaes* pelo papel que a infantaria começava a ter. Cuidou por isso de dar regimento ao officio de *anadel-mór* (commandante dos bésteiros) e de mandar

(1) Este importante documento tambem ha pouco é que veio a publico no Archivo Historico, publicado pelo erudito investigador sr. Barata e cit. pelo sr. Christovam Ayres.

em todos os concelhos apurar os *besteiros de conto* e prover ás faltas que existissem.

Seguindo-se com D. Manoel a centralisção do poder real á descentralisação dos foraes, transformaram-se tambem as milicias municipaes nas *ordenanças*.

Por esta forma se liga a constituição militar das *ordenanças* ás antigas milicias communaes da idade media com fundas raizes na alma nacional.

O papel desempenhado depois pelas ordenanças nas duas guerras da *Restauração* e *Peninsular* que agora se commemora, foi ainda de molde a avigorar essas raizes que, em 1832, abandonamos sem que, a nosso ver, houvesse-mos encontrado ainda base mais solida para assentar o *exercito nacional*—que não possuímos.

F. BORGES JUNIOR
Tenente d'inf.^a 25



NO SUL D'AFRICA

Campanha de 1907

(Continuado do n.º 9 — 1908)

3.ª ACÇÃO

Reconhecimento de 29 d'agosto

N'este dia um destacamento sob o commando do capitão de serviço do estado maior, Eduardo Marques, e composto de uma secção Ehrhardt, 2.º esquadrão, 1.ª companhia europeia e indigena, foram reconhecer o caminho a seguir e queimarem as libatas que encontrassem.

A um kilometro approximadamente do acampamento, o inimigo rompe em intenso fogo, os nossos respondem-

lhe por descargas de pelotões e alguns tiros de artilheria; queimam as libatas e cumprida a missão, retiram, por lanços, com muitíssima regularidade.

O inimigo persegue o destacamento e tenta cortar-lhe a retirada e ataca violentamente a face da frente e da direita. O commandante da columna observava o movimento; manda sair a companhia de guerra, que assegura a retirada, formando colchete defensivo com o destacamento.

Recolhidas as forças, o ataque ainda se prolongou por espaço d'uma hora.

Eduardo Marques, mais uma vez provou brilhantemente a sua herocidade e conhecimentos tacticos.

Tivemos mais dois soldados mortos e 6 feridos, sendo um d'elles o tenente de cavallaria Martins Soares, que se conservou no combate, apezar da gravidade do ferimento.

Ao anoitecer cinco dos nossos companheiros d'armas, feridos no combate de Mufilo, e que deram o ultimo alento junto do segundo padrão construido em terras do Cuamato, e mais tres mortos nas 2.^a e 3.^a acção, baixavam á sepultura, sem a menor formalidade, sem que nenhum amigo pranteasse a sua sorte ou patenteasse o seu valor ou lhe dissesse o derradeiro adeus; porque acima de tudo estava a guarda e vigilancia da trincheira. Entre elles estava o veterinario Pereira, que com tanta gloria repousa á sombra d'uma copada e frondosa arvore.

*

Tinham-se percorrido onze kilometros e para se chegar ao objectivo faltavam 41. A resistencia encontrada fôra grande e obrigou-nos a permanecer no Aucongo; os viveres e munições escasseavam, tornando-se necessario ir á base d'operações buscal-as, afim de se poder continuar a marcha de avanço. A missão era inadiavelmente precisa, mas arriscada.

Em 29 a ordem da columna determinava:

1.^o Que um destacamento, composto de uma secção de Moçambique e auxiliares, sob o commando do capitão Francelino Pimentel, marche para o forte Roçadas, afim de escoltar um comboio com munições e viveres, em conformidade com a relação que lhe será entregue.

2.º Que o commandante tem plena liberdade para estabelecer a defeza como melhor entender, tanto na ida como no regresso.

Confesso que me surprehendeu a ordem, pois não me pertencia, por principio algum, o serviço; comtudo não poude deixar de agradecer a honra que me foi dispensada.

Aos commandantes das unidades e serviço do destacamento, transmitti a seguinte ordem:

1.º O destacamento segue ao seu destino, amanhã ás 4 horas da madrugada.

2.º Segue pelo caminho percorrido pela columna e com o dispositivo indicado na fig. 4.

3.º O destacamento não se empenha a fundo em nenhum combate, procura continuar sempre a marcha forçada, fazendo unicamente pequenos altos, para dar algumas descargas.

4.º O commandante do grupo de esquadrões mande apresentar ao do destacamento, uma montada e duas ordenanças.

No dia seguinte deu-se cumprimento á ordem, percorrendo-se os onze kilometros em 2 horas e 5 minutos, notando, que o terreno era arenoso. A marcha fôra feita no mais rigoroso silencio, não nos tendo o inimigo hostilizado.

Fui portador d'um telegramma para o reino, que transmittia a victoria alcançada no Mufilo pelos nossos valentes soldados, o qual tranquilisaria os entes queridos, e todos aquelles onde bate um bom e leal coração de portuguez e se interessam pelos destinos e bom nome da Patria.

No forte, fomos recebidos pela sua guarnição de braços abertos, anciosos por saberem o que se havia passado, por terem unicamente ouvido o troar da artilheria e algumas descargas d'infanteria mas que pela regularidade d'estas, haviam calculado que a victoria estava do nosso lado. Foram incansaveis em nos darem todos os confortos de que podiam dispor.

E' indisciplinavel a alegria e satisfação, que notei nos soldados ao chegarem ao forte, e ao verem a limpida agua do Cunene exclamavam, involuntariamente—*Olha! Agua!!*

Tomei todas as medidas tendentes a evitar que a bebessem em exaggerro, e comtudo quantos abusos não se commetteriam.

Tendo-se carregado 27 carros boers, em 1 de setembro, ás 4 horas e 30 minutos, seguiu-se para o Aucon-

go, principiando a marcha a ser regular ás 6 horas, devido á costumada morosidade dos carros.

O destacamento tomou a formação de marcha em



Fig 3

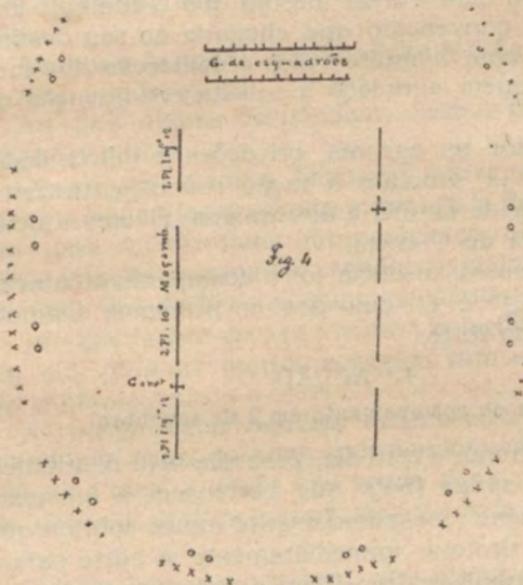
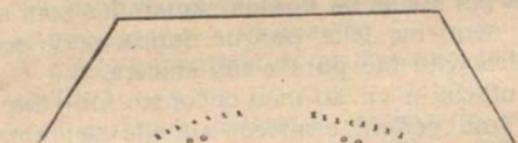


Fig 4

Destacamento em marcha para o forte Rocadas (29 de agosto)

- Legenda
- + Artilheria
 - Esquadros
 - o o Patrulha de elite
 - x x Arqueiros

quadrado com o comboio no meio. Instrucções as mesmas que na vinda.

Ao passarmos pela *chana* do Mufilo, coberta agora de aves de rapina, notava-se um cheiro insupportavel de corpos em decomposição, eram os cadaveres que os pretos tinham escondidos entre o matto, pois em tempo de guerra só dão sepultura aos fidalgos.

Como jaziam ahi os nossos camaradas, que com tanto valor tinham morrido ao serviço da Patria, com bem manifesto e sentido respeito foi percorrida aquella *chana*.

Chegámos ao Auongo ás 9 horas e 30 minutos, sendo recebidos por todos os nossos camaradas com alegria. Confesso, senti-me feliz, porque nunca havia recebido uma manifestação tão pura e tão sincera.

O primeiro official a vir ao meu encontro foi o Sepulveda, e nunca me poderá esquecer aquelle seu abraço de sincero e leal camarada.

Tudo correu bem. Ainda mesmo que o comboio fôsse atacado, estou convencido que chegaria ao seu destino; contei sempre com o muito valor e dedicação dos meus camaradas, a quem agradeço a solícita coadjuvação que me prestaram.

Para suavisar as agruras, privações e mil cuidados, pois as forças já estavam a ração reduzida, traziamos correspondencia de familia e dos amigos, viveres e alguns barris com agua do Cunene.

Durante a nossa ausencia foi o acampamento atacado nas noites de 30 e 31, cujo tiroteio tinhamos distinctamente ouvido no forte.

4.^a ACÇÃO

Ataque ao acampamento em 2 de setembro

A's quatro horas d'este dia, procedia-se á distribuição do rancho, os *spans* (bois que pertencem a um carro) pastavam na *chana*; inesperadamente rompe sobre o quadrado um vivo tiroteio; immediatamente se corre para as trincheiras, os auxiliares recolhem o gado, e a protegel-os sae, uma peça Ehrhardt e dois pelotões da companhia de guerra.

O tiroteio continuou até ás 6 horas, respondendo-se com algumas descargas por pelotões. As faces da frente e da direita, foram as mais atacadas.

N'este combate morreu um soldado europeu, foi fe-do outro e mais tres indigenas.

Tentou-se depois continuar a distribuição do rancho, mas logo que qualquer grupo se approximava das cozinhas, um choveiro de ballas ali convergia; tendo as praças de irem isoladamente e rastejando, e todas as vezes que o rancheiro saía do abrigo para lançar a comida na marmita, lhe dirigiam logo um ou dois tiros, algumas senti eu bater no caldeiro.

O inimigo calculando estarmos exaustos de munições, por lhe termos respondido ao vivo fogo com descargas muito intervalladas, tentou assaltar o quadrado á arma branca.

A's 8 horas da noite, a distancia de 900 metros, sentia-se uma grande vozearia.

A maioria caminhava na direcção da face da frente e da direita.

Collocaram-se as armas em bateria, promptas a fazer fogo, quando chegassem entre 150 a 200 metros.

Continuam avançando e ouve-se o incitamento dos lengas.

Avança! Avança! valente Cuambi! Ta-toé-Ta-toé!

Avança! Avança!

Ao que alguns respondem — *não* — tem muita *fundanga* (pólvora).

Quando estavam á distancia convencional, a artilheria rompe o fogo, e toda a infantaria dá uma descarga, com uma regularidade, que parecia ter obedecido a uma unica voz de commando, sendo o quadrado circumdado por uma fita de fogo. Seguem-se descargas por pelotões e o inimigo desiste do seu intento; comtudo, alguns avançam até 40 a 25 metros e pagam com a vida o seu arroj e heroicidade.

A' medida que retiram, ordena-se aos pelotões que levantem o cano da arma, por a noute não nos permittir graduar a alça, e assim vão sendo perseguidos pelo fogo, por entre o qual se ouvem, gritos, ais e exclamações de horror!

Calculo, sem grande erro, que n'esta acção o inimigo deveria ter tido mais de mil baixas.

No dia seguinte fui á orla do matto e encontrei muitos pretos mortos, o que prova ter sido a mortandade grande, pois tendo a noute toda para os levarem, ainda deixaram alguns, que mais tarde transportaram.

No dia 3 nada de anormal decorreu; foram ao *sóba* pedir munições, e tivemos tempo de descansar.

Em 4, um destacamento de dois esquadrões, uma companhia indigena e alguns auxiliares, sob o commando do capitão de cavallaria Montez, marchou para o forte Roçadas, escoltando sessenta carros boers e os doentes; devendo no regresso trazer munições e viveres.

O commandante tomou approximadamente o mesmo dispositivo de defeza que a escolta do primeiro.

Consta-me que o Cuanhama, disse:

Esperamos ser batidos pelos brancos, mas agora não deixaremos passar impunemente os comboios.

Lisboa 26-6-906.

(*Continua*)

F. PIMENTEL
Cap. d'inf.^a

Operações de noite

Conferencia feita pelo general sir. H. S. Rawlinson, commandante da 2.^a brigada de infantaria, em Aldershot

(*Traducção*)

(Continuado do n.º 9—1908)

Marcha d'uma columna de noite

Não ha encargo de maior responsabilidade para um official, na guerra, do que o de commandar uma marcha nocturna. Ainda mesmo que se possam arranjar os melhores guias, é necessario verificar se as coisas vão em harmonia com as informações adquiridas e ainda com o reconhecimento previo que por ventura se tenha feito, não despresando nunca a observação cuidadosa das estrellas.

Todos estes cuidados são auxiliares importantes, mas é perigoso fiar-se inteiramente n'elles. Provavelmente os meios melhores e mais seguros de guiar um corpo de tropas, pela escuridão da noite, é empregando um guia local, ou melhor ainda nativo, porque é um facto notavel que os naturaes, n'isto refiro-me ás raças negras, estão muito mais á vontade na escuridão do que os brancos, porque estão habituados a viajar d'um logar para outro durante a noite. Por habito e costume elles, em regra, distinguem durante a noite coisas que os brancos não

distinguiriam. Se se pudesse reconhecer previamente todo o caminho da marcha, evidentemente qualquer marca que se pudesse evidenciar aqui e além como verificação para o commandante, seria da maior utilidade. Na marcha nocturna para «Atbara», os sulcos das carretas das peças que ficaram no deserto deixadas pelo reconhecimento que o inimigo tinha feito no campo alguns dias antes, foram impagáveis para dirigir a marcha do exercito antes da batalha.

Mas confiar unicamente nas estrellas ou nos compassos luminosos é muito perigoso, mesmo em terreno onde não hajam obstaculos materiaes a vencer. Em Tel-el-Kebir, a marcha do exercito antes da batalha, dependia d'estes meios, e o resultado foi que a linha da frente não foi conservada, e por milagre não perdeu a direcção necessaria.

Repito, estes instrumentos são accessorios de valor para conservar o caminho desejado, mas não se pôde confiar n'elles absolutamente, mesmo nas mãos mais competentes.

Difficuldade de conservar o contacto das tropas

De dia os soldados estão acostumados a guiar os seus movimentos pelo que vêem fazer aos seus proximos visinhos. Na fileira vêem o que fazem os seus camaradas da direita e da esquerda, seguindo juntos as pisadas da unidade que os precede. Nada mais facil. Mas de noite é muito difficil conservar as tropas em contacto e não deveremos esquecer o que resultaria de perigoso se a unidade da frente desaparecesse no escuro, sem deixar signaes da direcção em que tinha seguido.

Para prevenir este perigo é absolutamente necessario que se postem officiaes em todos os cruzamentos ou curvas para dirigir ás unidades á maneira que forem chegando, e que o commandante de cada unidade tenha ao seu dispôr um grupo de 20 ou 30 homens que possa mandar avançar com pequenos intervallos, para estar sempre em contacto com as unidades precedentes. Os pontos onde o contacto se pôde perder, são aquelles em que o caminho faz curva, ou onde algum obstaculo, embora pequeno, tem de ser atravessado, uma ribanceira, um regato ou mesmo um portão lamacento. A columna tem tendencia para abrir n'estes pontos, e se o official

commandante não dá tempo para a força se reunir depois da passagem d'estes pontos ha serio perigo de se perder o contacto, e possibilidade da perda de metade ou mais da columna.

A proposito vou contar dois casos que succederam na guerra da Africa do Sul. Quando uma columna de 2:000 cavalleiros e 6 peças marchava, perdeu-se o contacto perto do centro da columna, e 1:006 homens e 6 peças perderam-se na escuridão. O dever de surprehender um *laager* boer foi desempenhado pelos restantes 1:000, mas os extraviados só se reuniram a elles na tarde do dia seguinte.

O outro caso deve-se principalmente ao facto de marchar a artilheria no centro da columna, e de ter recebido um *rendez-vous* diferente do da infantaria. A artilheria n'um certo ponto dirigiu-se para o seu *rendez-vous*; e como não ficou nenhum official na curva do caminho, os batalhões da retaguarda seguiram a artilheria, e o resultado foi que, quando rompeu o dia, elles estavam a algumas milhas de distancia do resto da brigada. Só me refiro a estes exemplos para mostrar a importancia capital que teem alguns detalhes aparentemente insignificantes do commando quando se trata de operações nocturnas.

Reconhecimentos

E' muito necessario que antes de qualquer operação nocturna, os officiaes que teem de commandar as unidades façam, sendo possivel, um reconhecimento cuidadoso do terreno que terão de atravessar. E' preferivel que este reconhecimento se faça na noite anterior áquella em que se deve levar a cabo esta empreza. Este reconhecimento não só torna o trabalho menos difficil para todos, mas tambem dá confiança áquelles que teem de tomar parte n'uma empreza mais ou menos arriscada, a horas em que o *moral* precisa de todo o estimulo. Um reconhecimento assim nem sempre é possivel. Póde por varias razões ser perigoso ou imprudente expôr um reconhecimento d'estes á possibilidade de ser descoberto pelo inimigo, e assim tornar impossivel a desejada surpresa. O que eu quero fazer notar é que um reconhecimento assim facilita muito a execução da empreza, e diminue os riscos que de outra fórma teem de ser accites.

Estes reconhecimentos eram, segundo creio, invariavelmente feitos pelos japonezes na Mandchuria.

Calcular o tempo

Em quasi todas as especies de serviços nocturnos, calcular o tempo da marcha é um caso de muita importancia.

Quando se projecta um ataque á bayoneta durante as horas da escuridão, talvez não seja tão importante como quando o que se deseja é o ataque de surpresa ao romper do dia. Mas mesmo n'este ultimo caso, que comprehende a tomada de um ponto estrategico, é preciso dar tempo sufficiente não só para a marcha para o local e a conquista da posição, mas tambem para o entrenchearamento e defeza d'essa posição antes que rompa o dia, porque depois de conquistada uma posição de noite, é certo que haverá um contra ataque logo que rompa o dia, se não fôr ainda antes.

Em caso de operações que teem por fim um ataque ao romper do dia, a marcha das tropas deve ser regulada de fórma que cheguem ao ponto onde o ataque tem de ser organizado, no momento em que haja claridade bastante para verem e examinarem os seus arredores.

Não devem chegar a esse ponto algumas horas antes de amanhecer, e ficar esperando até que a claridade appareça no horisonte, porque fazer isto é correr o risco de serem descobertos pelas patrulhas inimigas.

A hora da partida, o andamento e a final formação para o combate devem ser calculados com precisão, se se quizer ter esperança d'um successo razoavel.

E isto torna-se ainda mais difficil quando se pense que a marcha depende absolutamente de, pelo menos, 3 factores problematicos:

- 1.º — Numero e qualidade das tropas;
- 2.º — Natureza do terreno a atravessar, e
- 3.º — Grau de escuridão da noite.

Já disse o bastante para mostrar que não é nada facil calcular o tempo para uma marcha nocturna, mas que se póde fazer, e com muita precisão, vê-se no facto de, n'uma só quinzena, Sir Alfred Wools Sampson ter conduzido uma columna no Transvaal Oriental marchando entre vinte e trinta milhas cada noite, e collocando-a a uma distancia inferior a 900 metros do acampamento do

inimigo adormecido, no momento exacto em que havia claridade bastante para os soldados vêrem para fazerem fogo.

(*Continúa.*)

Subsidio auxiliar da commemoração do centenário

DA

GUERRA PENINSULAR

(*Continuado do n.º 9—1908*)

«Mémoires du prince de la Paix, D. Manuel Godoy, etc.» Traduits en français d'après le manuscrit espagnol par J. G. D'Es-ménard. — Paris, 1836. — 1.958.

«Map of the Kingdoms of Spain and Portugal including Algarve». Describing the post roads their stations and distances chains of mountains and military passes likewise the places of the principal actions during the late campaigns in the Peninsula. — London, 1836. (Uma magnífica carta muito detalhada e perfeita). — 13.594.

«Memoria genealogica e biographica dos tres tenentes generaes Leites, da casa de S. Thomé de Alfama». — Lisboa, 1838. 1 vol. (pag. 31). — 1.580.

«Recopilação de cartas e de alguns fragmentos historicos, relativos á guerra Peninsular, dedicada aos officiaes portuguezes e inglezes, condecorados com as cruces da guerra Peninsular, por terem feito as campanhas desde 1809 até 1814 no exercito de Portugal». — Lisboa, 1840. 1 folh. in-16.º — 1.570.

«Recueil des principales pièces de la correspondence du feld-maréchal, duc de Wellington, pendant les dernières guerres» — colonel Gurwood. — Traduit de l'anglais et suivi d'un résumé historique publié par Y. Correard. — Paris, 1840. 1 vol. in-8.º — 1.803.

«Journal historique de la campagne de Portugal entreprise par les français sous les ordres du maréchal Masséna, prince d'Essling». (Du 15 septembre 1810 au 12 mai 1811). — Avec une carte. — Paris, 1841. — 2.208.

«Recueil choisi des dépêches et des ordres du jour du feld-maréchal, duc de Wellington», par le colonel Gurwood. — Bruxelles, 1843. 1 vol. — 2.092.

«Histoire de la guerre dans la Peninsule et dans le midi de la France, depuis d'année 1807, jusqu'à l'année 1814», par le général W. F. P. Napier. Trad. par M. Dumas et continuée par M. A. Foltz. — Paris, 1828-44. — 1.739.

«Journals of sieges carried on by the army under the Duke of Wellington in Spain, during the years 1811 et 1814». — Third edition. — By John T. Jones. — London, 1846. 3 vol. — 7.422.

«Historia del levantamiento, guerra y revolucion de Espa-

ña», por el conde de Toreno; adicionada y corrigida por su autor, precedida de su biografía y exornada con su retrato grabado en acero. 2.^a edition. — Madrid, 1848. 4 vol. in-8.^o — 3.340.

«Memoires de Massena, rédigés d'après les documents qu'il a laissés et sur ceux du Dépôt de la guerre et du Dépôt des fortifications», par le général Koch. Avec un atlas. — Paris, 1848-1850. — 4.919.

«Life of Napoleon Buonaparte with a preliminary view of the french revolution». — Edinburgh, 1850. — 6.484.

«Campagnes de Galice et de Portugal (1809)», par le maréchal Soult, duc de Dalmatie. (Tem 6 cartas muios perfeitas). — Paris, 1851. 1 vol. in-8.^o — 3.192.

«Estado mayor general del exercito español. Historia del ilustre cuerpo de oficiales generales, formada con las biografias de los que mas se han distinguido, é ilustrada con los retratos de cuerpo entero. — Madrid, 1851. 1 vol. completo e outro incompleto. (Muitas e extensas referencias á guerra Peninsular). — 3.296.

«Mémoires et correspondance politique et militaire du roi Joseph», publiés, annotés et mis en ordre par A. Du Casse. — Paris, 1853-1854. — 3.511.

«Histoire des troupes étrangères au service de France, depuis leur origine, jusqu'à nos jours et de tous les régiments levés dans les pays conquis, sous la première république et l'empire», par Eugène Fieffe. — Paris, 1854. (Vol. II, cap. II). — 3.490.

«Histoire du Portugal et de ses colonies», par Auguste Bouchot. — Paris, 1854. (Cap. XXIII e XXIV, pag. 324). — 5.329.

«The privat journal of judge-advocate Larpent attached to the head-quarters of lord Wellington during the Peninsular War, from 1812 to its clore». By George Larpent. — London, 1854. 1 vol. in 8.^o — 7.423.

«Histoire du duc de Wellington». — Paris, 1856. — A. Brialmont (Com muios mappas). — 3.952.

«History of the war in the Peninsula and in the south of France, from the year 1807 to the year 1814», par le major-general sir W. F. P. Napier. — London, 1856. 6 vol. in-8.^o — 4.244.

«Souvenirs de la guerre d'Espagne, dite de l'indépendance (1809-1813)», por A. L. A. Fée. — Paris, 1856. (Com uma carta itineraria). — 11.146.

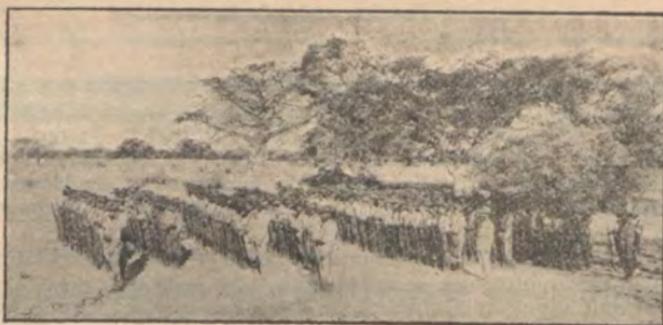
«Réfutation des mémoires du maréchal Marmont, duc de Raguse», par M. Laurent de L'Ardèche. — Paris, 1857. (Breve referencia a pag. 297). — 3.979.

«Napoléon; recueil par ordre chronologique de ses lettres, proclamations, bulletins, discours, etc., formant une histoire de son règne», écrite par lui même et accompagnée de notes historiques par M. Kermoisan. — Paris, 1853-1857. (Veja-se o 2.^o vol.) — 4.198.

«Victoires, conquêtes, désastres, revers et guerres civiles des français depuis 1792». Nouvelle éd. — Paris, 1854-1858. — 3.544.

«Rectificações historicas», por Antonio d'Oliva Sousa Sequeira. — Lisboa, 1860 (Refere-se ao signal de engano do corneteiro-mór do antigo batalhão n.^o 7). — 9.835.

(Continúa).



Secção do estrangeiro

Inglaterra.—A viagem que ha pouco fez o couraçado *Indomitable*, de Quebec a Cowes, (ilha de Wight) produziu funda impressão no almirantado.

Durante as 2000 milhas da viagem o couraçado manteve sempre uma velocidade de 25 nós á hora, não obstante a tempestade que apanhou no estreito de Belle Isle.

E é tanto mais notavel esta viagem quanto é certo que a não ser o *Dreadnought* nenhum outro couraçado tem artilheria mais pesada, devendo notar-se que as suas torres são fortemente couraçadas, o tombadilho é blindado, e está cheio de uma impedimenta respeitavel.

Mais dois navios de guerra inglezes o *Invencible* e o *Inflexible*, com as mesmas características do *Indomitable* vão brevemente ser augmentados á poderosa esquadra.

Essas características são as seguintes: 17.250 toneladas; a couraça de cimento Krupp com 7 pollegadas de espessura a meia nau; 8 peças de 12 pollegadas pesando cada uma 58 toneladas de um typo novo de grande potencia, lançando projecteis de 850 arrateis de peso e que até 4.800 metros produzem os seus effeitos destruidores. Possui um mecanismo engenhoso que pode fazer convergir simultaneamente todas as suas peças sobre um dado alvo.

O *Indomitable* possui apparatus de telegraphia sem fios que podem fazer communicações até á distancia de 1600 milhas.

*

O principio ha longos annos seguido pela Inglaterra, de possuir uma esquadra que possa fazer frente, com vantagem, ás duas esquadras mais poderosas do mundo, reunidas, *Two Power Standard*, está neste momento abalado.

A Inglaterra tinha estabelecido que para ser efficaç esse principio, *Two Power Standard*, precisava possuir tantos couraçados como as duas nações mais poderosas no mar, reunidas, e mais 10.

Pela ultima estatistica apresentada pelo *Naval Annual* a Grã-Bretanha, tem 60 couraçados, enquanto que a Allemanha e os Estados Unidos teem 57. Ha portanto apenas uma superiori-

dade de 3 couraçados, o que não é na verdade perspectiva muito lisongeira para os inglezes.

Por outro lado, o orgão officioso do chanceller de Bulow, diz que a Allemanha não teme as ameaças vindas do outro lado da Manchã, e que «nós continuaremos a augmentar o nosso armamento no mar, tanto quanto julgarmos necessario para a nossa defeza».

«Não queremos atacar ninguem, já o temos dicto muitas vezes, e 38 annos de paz, o prova; mas a maneira como nós queremos organizar a nossa esquadra nacional, é questão absolutamente nossa, na qual nenhuma outra nação pode intervir».

«Nem desejamos uma politica de rivalidade nem queremos ultrapassar os armamentos marítimos da Inglaterra. Que ella construa tantos navios quantos entender necessarios para manter o principio do *Two Power Standart*, isso é tambem questão absolutamente ingleza, em que nós não nos queremos intro-metter».

Todavia, a verdade é que o augmento rapido e desproporcional da esquadra allemã muito tem preocupado a Inglaterra, que procura tambem, por todos os lados, garantir a sua defeza, *National and Imperial Defence*.

O problema é difficil e poderá um dia trazer graves perturbações á paz do mundo.

Russia. — Antes da guerra russo-japoneza já havia uma grande falta de officiaes no exercito russo, sendo calculado no numero de 1500 officiaes as vagas existentes.

Hoje esse mal tem-se accentuado mais, e avalia-se em 3000 as vagas de officiaes n'aquelle exercito.

Allemanha. — O governo nomeou uma commissão para estudar o dirigivel «Parsevel» para ser adquirido pelo Estado.

*

Nas manobras imperiaes que terminaram ha pouco, fez-se o emprego de abrigos moveis, semelhantes aos que foram empregados pela primeira vez, pela infantaria japoneza na Mandchuria, e que já tinham sido ensaiados numas manobras em volta de Metz.

Chamamos a attenção da nossa Escola Pratica d'Infanteria, para esta innovação, entre tantas que apparecem constantemente no progredir incessante das coisas militares, na certeza que é da nossa Escola Pratica que deve sahir a confirmação, ou a escolha d'aquillo que se deve aproveitar, por ser realmente util na guerra.

*

No mez de agosto o balão dirigivel *Zeppelin* fez uma viagem interessante, partindo de Friedrichshapen ás 6 horas da manhã e ás 9 horas passava por Bâle dirigindo-se para Strasbourg.

Quando passou por cima d'esta cidade approximou-se muito da famosa cathedral sendo saudado com uma salva de artilheria.

Mais tarde, dias depois, uma explosão destruiu completamente este navio aerio, o que foi considerado na Allemanha como uma perda nacional.

Este accidente lamentavel foi causado por uma tempestade.

O Imperador da Allemanha dirigiu ao conde de Zeppelin o seguinte telegramma que exprime bem o pezar causado n'aquelle paiz pelo desastre succedido.

«Tive conhecimento, com o mais sincero pezar, que o vosso balão tinha sido destruido por uma tempestade. Eu sinto cordalmente este desastre, inteiramente deploravel, e tanto mais quanto crêmos firmemente, eu e toda a Allemanha, que a vossa obra, tão gloriosa e tão digna de fazer epocha, merece as nossas felicitações. Os resultados que já tendes obtido merecem os maiores elogios e devem consolar-vos da desgraça que acabaes de soffrer».

Destes accidentes não ha que estranhar.

A navegação aerea ha-de pagar o seu tributo fatal, como qualquer navegação, á lei da causalidade.

Mas o que é certo é que a tenacidade e affinco com que se procura conseguir dominar o espaço, como se dominou o mar, não affrouxa nem pára deante de qualquer desastre.

O progresso caminha e o triumpho será certo.

Nesta questão dos dirigiveis e mesmo não dirigiveis começa a preoccupar a França a frequencia com que em cada semana transpõe as fronteiras allemães um balão, sendo os aeronautas officiaes.

Os primeiros foram tratados como camaradas, mas a insistencia d'estas visitas, mais ou menos inopportunas e muito frequentes, acabou por fazer comprehender a toda a gente que melhor seria evital-as.

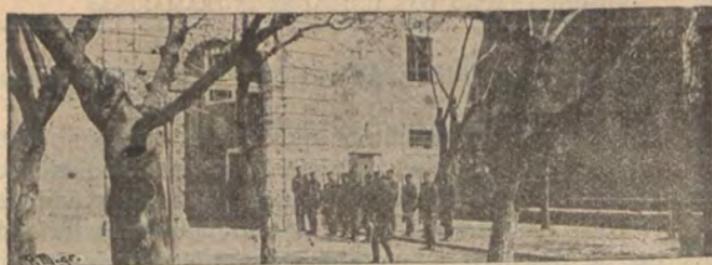
O estado maior francez não quer lançar mão d'este meio para fazer reconhecimentos, a França não é um paiz inimigo da Allemanha, seria, portanto, de boa prudencia do lado dos allemães evitar se ascensões perto da fronteira franceza quando o vento soprasse de Leste.

Porque a questão do vento é uma questão para fazer rir. O que se nota é o proposito de aproveitar vento favoravel para as ascensões feitas na fronteira, de modo a virem passar a França os balões allemães.

E isto que tem preocupado seriamente o espirito publico em França, já começa a preoccupar o espirito publico da Allemanha, e tanto que a direcção da Associação Aeronauta de Strasbourg dicitu que todo o piloto que tranposesse a fronteira franceza seria privado do direito de dirigir qualquer aerostato da Associação.

Turquia. — O governo vae mandar em missão de estudo por differentes Estados Europeus, 1000 alumnos das suas escolas militares, afim de aperfeçoarem a sua instrucção.





11.º ANNO

NOVEMBRO DE 1908

N.º 11

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL
Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

ADMINISTRAÇÃO DAS UNIDADES ULTRAMARINAS

Agora que vae ser modificado o decreto de 14 de novembro de 1901, tempo é de revêr attentamente, e com são criterio, as *Instrucções provisórias para o serviço das unidades das provincias ultramarinas*, de junho de 1902.

Este diploma, nos seus dizeres, suppõe a existencia de officiaes subalternos e de bons sargentos nas unidades, e assim distribue por elles funcções que, afinal, vão recahir no unico official, capitão ou subalerno, que a maior parte das vezes commanda a unidade quasi desajudado de quaesquer auxiliares. Raro é estar completo o effectivo de graduados d'uma unidade, e com os poucos que ha mal se póde contar, porque a doença os prosta com frequencia, e, de resto, a preparação militar que estes individuos trazem do reino é, em geral, tão defficiente que sargentos ha que mal sabem escrever, não se lhes podendo sequer entregar qualquer papel para copiar. Isto é, infelizmente, tão frequente que se torna preciso muitas vezes o official fazer todo o expediente, trabalhando domingos e dias de guarda, muitas vezes até noite alta, atamancando o serviço como é possível, mas atrazando-se ainda assim a escripturação, e baralhando-se montes enormes de papelada, esta nossa pavorosa papelada de triplicados, quaduplicados... por forma tal que um dia de expediente

de correio põe decididamente a cabeça d'um pobre official á razão de juro.

E se algum sargento habil apparece, e esse por acaso, que não por cuidadosa selecção das commissões d'exames regimentaes do reino, ha sempre uma entidade providente e protectora das unidades, tal como uma secretaria de governo de districto, um commando militar, uma administração de concelho, etc., que absorve o homem, aproveitando-lhe os merecimentos, na certeza de que o regular expediente d'uma unidade é coisa bem insignificante e despresivel.

Pois, meus caros camaradas, esta coisa tão insignificante é simplesmente uma organização com todo o expediente, livros e papelada d'um regimento. Nada lhe falta: o archivo da secretaria seria modelar... ahi; para este não bastariam a attenção e o saber d'um dos nossos bons ajudantes de regimento, tal a diversidade de situações, tal a infinidade de regulamentos, de determinações e portarias a ter em attenção e de papeis a enviar a mil entidades. Mas, emfim, lá iria, o geralmente unico official presente na unidade, desempenhando-se da sua boa ordem e escripturação, se as difficuldades ficassem por ahi: Mas onde todos quebram os seus esforços e desfallecem é na gerencia do conselho administrativo. Eis o seu archivo:

- a) Actas das sessões do conselho;
- b) Registo geral de fundos (n.º 3);
- c) Registo n.º 5;
- d) Registo de balanços geraes;
- e) Contas com credores externos;
- f) Contas com outras unidades;
- g) Registo de material de guerra;
- h) Registo de mobilia e utensilios.

No reino poucos são os iniciados nos mysterios da Arca Santa d'um conselho administrativo, e quando ha duvidas sempre se encontra official experimentado n'este assumpto que indique o manuseamento de livros tão grandes, e, de resto, lá estão os especialistas, a administração militar, mas aqui...? Podem suppôr o meu pavor quando, ainda mal feito das fadigas d'uma longa viagem pelo accidentadissimo *interland* de Benguella, e no acto da posse do commando d'uma companhia indigena, me levaram diante d'um registo 5 aberto e acolytado dos respectivos cadernos auxiliares; o meu estado d'alma n'esse momento comprehender-se-ha bem, sabendo-se

que apenas havia na unidade dois sargentos, um dos quaes n'è sequer era capaz de copiar papeis ou de sommar um pret, e que um dos meus antecessores, aliás official de muito valor, fôra obrigado a *entrar* com determinada importância, porque n'umas operações em que a unidade tomára parte se tinha atrazado o expediente e embrulhado as contas por forma tal que não se sabia como justificar uma grande diferença negativa na conferencia do registo 3.

Ora este estado de coisas não póde continuar. Um capitão ou um subalerno não tem, em geral, a pratica precisa para manejar desassombradamente uma organização administrativa tão complexa; e sobrevindo umas operações, coisa aliás frequente, nem os mais habeis se desempenharão do cargo.

E' preciso absolutamente alliviar as companhias independentes de tanto livro, de tanto papel e de tanta responsabilidade, porque o facto é, de resto, que assim não ha tempo para instruir e educar o negro a preceito; forçoso é quasi sempre entregar essa missão a cabos ou áquelles sargentos inúteis para os trabalhos da secretaria e que ahi no reino nunca deveriam ter promovido para aqui, pois que, decididamente, bom é que todos se convençam que por aqui tambem se trabalha a valer, mesmo muito mais a valer do que por lá.

Preciso é reduzir e simplificar a escripturação das companhias, a qual é o pavor de tantos officiaes de valor e trabalhadores.

Nas sédes dos districtos organise-se uma repartição ou coisa assim, que seja o conselho administrativo das unidades e funcionando, *mutatis mutandis*, como o d'um regimento que tem as suas companhias destacadas. As unidades conservando aliás, a actual independencia, limitar-se-hão á seguinte escripturação administrativa:

- a) Conta corrente mensal com o conselho administrativo do districto;
- b) Registo 5 (para escripturação dos valores em fardamento confiados á unidade);
- c) e d) Registo de material de guerra e de mobilia;
- e) Contas com outras unidades.

De resto o expediente próprio d'uma companhia incorporada.

Angola.

ALFREDO DE LEÃO PIMENTEL
Capitão d'infanteria



CONCURSO LITTERARIO

Já terminou o praso marcado por esta *Revista*, no seu numero de abril do corrente anno, para a recepção dos manuscriptos respeitantes a um *aide-mémorie* sobre o serviço de campanha a desempenhar pelos officiaes inferiores.

Com verdadeira satisfação vêmos que o nosso appello não foi feito em vão, pois que 17 foram os concorrentes a este certamen, o que bem mostra a ancia de estudo, a vontade firme e resoluta de se illustrarem, elles, os nossos sargentos, que são os nossos mais valiosos auxiliares.

Como este concurso foi restricto apenas aos sargentos que fossem assignantes d'esta *Revista*, maravilha-nos e envaidece-nos vêr como tão gentilmente veio a este torneio intellectual tão grande numero, trocando as horas de ocio pelo estudo, procurando por tal arte serem uteis a si e aos seus camaradas.

Até das provincias ultramarinas nos veiu um *aide-mémorie*.

Felizes d'aquelles que sabem, e podem, e querem empregar ultimente o seu tempo.

E, decerto, que o goso moral, que os nossos concorrentes tiveram durante as longas horas do seu estudo e meditação, ficára gravado em seus corações como momentos felizes de uma vida intellectual que tanto deleita o espirito e eleva o homem.

Brevemente publicaremos o nome do jury que obsequiosamente tomará o encargo, até certo ponto consolador, de classificar os trabalhos apresentados.

Conferencia inaugural da commemoração centenaria da Guerra Peninsular, no regimento d'infanteria n.º 14

PELO

Capitão Strecht de Vasconcellos

(Conclusão)

Mas, em quanto em Portugal se dão taes factos, tambem a Hespanha se encontrava nas vespersas da perda da sua autonomia.

Napoleão prepara-se para levar a effeito a conquista da Peninsula, e Carlos iv, rei de Hespanha, o futuro promettido imperador das duas Americas, é obrigado a abdicar em Fernando vii que, attrahido por Napoleão a Vittoria, ahí fica prisioneiro e é internado em França.

A Hespanha méde o perigo que a ameaça, e a 2 de maio revolta-se o povo de Madrid, e a revolução propaga-se em todos os sentidos. Em Sevilha forma-se a 27 de maio uma junta do governo que em nome de Fernando vii declara guerra á França. Os francezes são vencidos em Saragoça por Palafox, e D. Manuel de Godoy manda retirar as tropas empenhadas na occupação de Portugal.

A 6 de junho, como repercussão d'estes acontecimentos, retira do Porto o general Ballestá, que aconselha a camara municipal a proclamar o governo do Príncipe Regente, depois de ter apupado o general francez Quesnel.

O governador do Castello de S. João da Foz, o sargento-mór Raymundo José Pinheiro, arvora a bandeira das Quinas e mantém-se n'esta attitude até 8. Mas o brigadeiro Luiz d'Oliveira soffoca o movimento revolucionario por inoportuno e chega a querer prender o sargento-mór Pinheiro, que teve de se occultar. Mas o procedimento d'este foi tal que o governo inglez o presenteou mais tarde com uma espada de honra por esse feito.

Ainda que soffocada momentaneamente, a noticia da tentativa espalha-se rapidamente pelo Minho, Beira e Traz-os-Montes; e o tenente general Manuel Jorge Gomes de Sepulveda, em Bragança, e o tenente coronel Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, em Chaves, procuram reorganisar rapidamente os antigos regimentos dissolvidos, ao passo que em Coimbra, o coronel Nuno Freire de Andrade, irmão do brigadeiro Bernardino Freire e antigo commandante do regimento de infanteria n.º 21 de Valença, procura organisar a academia em dois corpos, um formado pelos lentes e commandado pelo major de engenharia Tristão da Cunha e outro pelos Academicos sob o commando de Fernando Frago de Vasconcellos.

No Porto o povo amotinou-se no dia 18 de junho e, secundado pelo capitão de artilharia João Manuel de Mariz e pelo sargento mór Pinheiro, proclama definitivamente a restauração do governo do Príncipe Regente e entrega o poder nas mãos de uma junta Provisional do Supremo Governo do Reino, constituída por varios patriotas entre os quaes avulta o capitão João Manoel de Mariz.

Dentro em pouco, as differentes juntas nomeadas pelos patriotas locais reconhecem a supremacia da junta do Porto, a qual procura entender-se com o general Wellesley, que a bordo de uma esquadra se encontrava nas aguas da costa da Galliza para effectuar um desembarque em Portugal, em quanto que o marechal de campo Bernardim Freire de Andrade organisava um corpo de tropas e se dirigia para o sul afim de cooperar com os inglezes.

A 17 de agosto dá-se o combate da Roliça, e a 21 a batalha do Vimeiro, em que as tropas anglo-portuguezas derrotam os francezes, assignando-se a 30 d'agosto a Convenção de Cintra em virtude da qual o exercito francez evacuava do reino.

Estava pois restaurado o governo nacional, graças á patriótica revolução da população do Porto.

E' pois esse facto historico que hoje se commemora; e tem elle tão alta significação e tão largo alcance que a elle se deve o não ter sido o nome de Portugal riscado do mappa do mundo, a maior parte do qual elle descobrira e conquistara.

Pois que passa hoje o festivo centenario de um dia para nós outros portuguezes entre todos grande, o anniversario do dia em que a indomita alma portugueza lançou do peito generoso e forte, do alto da montanha em que se alcandóra a madrinha de Portugal, a heroica e sempre leal, a invicta cidade do Porto, a quem tão justamente cabe o titulo de baluarte da nossa liberdade, o grito de revolta contra a ominosa dominação franceza, grito que reflectindo-se nas quebradas das serras do Minho retumbou nas montanhas de Traz-os-Montes e que salvando as aguas do impetuoso Douro repercutiu pelas planicies do Alentejo até aos confins do Algarve; — grito que, como nota estri-dente de clarim de guerra, chamou ás armas e grupou em torno da bandeira tantas vezes gloriosa das quinas a mó de combatentes, que, arrojando o estrangeiro para além fronteiras, havia de mais tarde franchar a peninsula com a marcha victoriosa de Torres Vedras a Toulouse, onde se feriu de morte a Aguia e se eclipsou a estrella do Cezar Francez, justo é que a gente portugueza, congregando-se em ágape patriotico e civico, celebre hoje tão faustosa data.

Rejubilemos, pois, ainda que com aquelle recato que convem a uma nação que, embora afastada do número d'aquellas que se chamam grandes, já desempenhou, e eu tenho fé que voltará a desempenhar, um grande papel na historia do mundo.

Portugal, veterano ao lado dos estados modernos, tem o incontestavel direito e o indeclinavel dever de, sem melindre de estranhos, commemorar os feitos dos seus antepassados e de não abdicar nem esconder os diplomas de honra escriptos com o seu sangue generosamente vertido em prol da fé, do progresso e da sua independencia em mais de mil batalhas.

— Rejubilemos, sim!

Mas não se esqueça que sobre os louros colhidos nos campos de batalha da guerra peninsular, se accumulou já o pó de um seculo.

Cedo virá talvez o dia em que o avido estrangeiro bata á nossa porta, e não será com a ramagem pulverulenta das corôas suspensas, ha cem annos no templo da patria que havemos de construir o obstaculo que lhe modere os impetos.

Hoje mais que nunca a nação armada é a alavanca que cerra a porta dos estados aos salteadores dos povos.

Que a lição da historia fructifique! Forjemos, pois, essa alavanca do aço da nossa lealdade; batámo-la com o martello da coragem na bigorna da dedicação; temperemo-la na fornalha do patriotismo; façamo-la espelhar com o lustre da mais limpida fidelidade ao Rei, á Patria e á Grey, e não a deixemos jámais embaciado.

*

Para terminar direi, que entre os officiaes portuguezes que n'esse tempo se distinguiram, quer pela sua fidelidade á causa de independencia, quer pelo nobre orgulho de não pactuarem nem servirem o estrangeiro, avulta o brigadeiro, depois marechal de campo e tenente general Bernardim Freire de Andrade, cujo retrato se vae inaugurar.

A Bernardim Freire se deve o salvar-se a honra das armas portuguezas, quando o coronel do regimento n.º 15 de infantaria de Olivença, D. José Carcome Lobo, tomando infelizes deposições para resistir ás tropas hespanholas, perto de Arronches, em 29 de maio de 1801, ali foi derrotado, impedindo Bernardim Freire, que acudiu presto ao logar da contenda, que a retirada se transformasse n'uma vergonhosa fuga.

Quando em 1807, Junot se apoderou do reino, nem se sujeitou á obediencia do general francez, nem abandonou a sua patria para ir combater lá fóra ao lado dos nossos inimigos, retirando para a sua casa de Coimbra aguardando o momento de ser util á restauração da patria.

Em 1808 organisou as tropas da junta do Porto e marchando para o sul ao encontro dos inglezes que nos vinham, emfim, auxiliar, oppoz-se terminantemente ao plano de campanha de Wellesley que se concentrava em torno da sua base de operações, deixando todo o paiz entregue ao furor e ás depredações das tropas francezas, e protestou energicamente contra as condições da Convenção de Cintra, pela qual o general Junot e o seu exercito abandonavam Portugal com armas e bagagens, sem pagar nenhuma especie de indemnisação, e o que é mais, levando comsigo todo o producto das extorsões e roubos que praticaram no paiz.

Em 1809, sendo tenente general e governador das armas do partido do Porto, organisa com Silveira a defeza do norte do paiz, obsta á entrada dos francezes pela fronteira da Galliza, mas não consegue impedir a invasão pelo vale de Chaves por causa da indisciplina das suas tropas e da falta de cumprimento das suas ordens.

Ainda assim, graças ás providencias que tomou, os francezes não poderam passar o Minho e tiveram que fazer uma longa marcha.

Tentando ainda oppôr-se ao avanço de Soult sobre Braga, nas posições de Carvalho d'Este, reconhece a impossibilidade de se sustentar ali e prepara uma prudente retirada sobre o Porto.

As suas indisciplinadas guerrilhas, interpretando a sua prudencia como traição, accusam-n'o de jacobino e, com uma furia

selvagem e insensata, é assassinado a chuçadas e a tiro pelos seus soldados e pelo povo fanatisado, a 17 de março de 1809.

Descerrando-se, pois, aqui, n'este dia solemne, o retrato de Bernardim Freire d'Andrade, os portuguezes aqui reunidos prestam uma merecida homenagem á memoria d'aquelle que, entre tantos traidores do seu tempo, foi um soldado leal, e que, se como general não conseguiu colher os louros da victoria em grandes batalhas, recebeu das mãos de uma turba ignorante, fanatica e feroz as palmas do martyrio.

E os martyres tambem são heroes.

Honra, pois, á memoria do leal, nobre e infeliz tenente general Bernardim Freire d'Andrade!



LA CORRESPONDENCIA MILITAR

A *Revista de Infanteria*, com o mais vivo reconhecimento, agradece ao seu illustre collega de Madrid, *La Correspondencia Militar*, as amaveis referencias feitas ao livro *Metralhadoras* do nosso collega de redacção e talentoso amigo, o sr. capitão Bugalho.

Pela nossa parte muito desejamos estreitar todos os laços intellectuaes e de boa e leal camaradagem com o exercito hespanhol, tão pouco conhecido, aliás, no nosso meio, e cuja boa visinhança muito apreciamos e estimamos.

Os nossos dois paizes formam uma especie de bloco peninsular, onde a independencia e autonomia de cada um se pode integrar na sancta união e abençoada alliança da defeza commum das nossas patrias.

Por isso, é sempre com verdadeiro desvanecimento que encontramos na imprensa militar hespanhola referencias amaveis feitas ao nosso exercito, e que rendemos um preito de cordeal gratidão ao acolhimento feito pela *Correspondencia Militar* á nossa infanteria, representada por um dos seus filhos mais illustres e de maior valor profissional — o sr. capitão Bugalho.



BANDAS DE MUSICA

Corre como cousa certa que o nosso exercito vae sofrer uma completa remodelação. Deus queira que ella não faça esperar, pois nunca foi tão necessaria como agora.

Sendo assim, isto é, vindo breve uma nova reorganisação do exercito, parece-nos opportuno lembrar o assumpto que nos serve de epigraphe, que tambem deve merecer a attenção dos dirigentes e legisladores.

Não temos competencia para dissertar sobre tão divina arte — a musica — para imprimir maior relevo ás nossas considerações; mas tal defficiencia será substituida pela sinceridade que mais importa ao nosso caso. Diremos simplesmente que ella completa de tal modo o organismo militar que nunca ha de ser dispensada; porque ella é um pouco da alma do soldado, que o enthusiasma com o seu magico poder, trazendo-lhe melhor comprehensão dos deveres que o patriotismo lhe impõe.

Parece-nos, pois, digna de registo a ingratição com que, nos ultimos tempos tem sido tratados os nossos musicos, quando se tem olhado para outras classes que, como elles, fazem da vida militar a sua profissão, usufruindo consideração identica e com inherentes responsabilidades sociaes.

A organisação das nossas bandas regimentaes é defficiente se as compararmos com as dos exercitos estrangeiros. Mas n'este ponto não nos deteremos visto que não é facil, dadas as circumstancias do thesouro, augmentar o seu effectivo. Mas não ha duvida que, mesmo com o actual, melhoradas um pouco as suas condições economicas, alguma cousa se póde conseguir no sentido do seu aperfeiçoamento.

Tambem não se deve esquecer, olhando parallelamente para as condições de accesso dos musicos, porque o que existe não satisfaz. Tal processo tem, sobretudo, o enormissimo inconveniente de fazer com que o futuro de alguém despenda, quasi exclusivamente, de um unico indi-

viduo, o mestre da musica, o que é altamente prejudicial a todos os interesses. O jury é composto de um official superior, como presidente, do mestre e do contramestre de musica. O presidente, com a sua auctoridade, impõe ordem á marcha dos trabalhos, e nada mais pôde fazer, visto desconhecer a materia de que se trata, na maioria dos casos; o contra-mestre seguirá as indicações do mestre. E aqui temos nós este individuo como unico arbitro no concurso, embora possa estar possuido das melhores intenções.

Claro que, dizendo isto, não temos o menor desejo de ser desagradavel a quem quer que seja; procuramos apenas expôr o nosso modo de vêr sobre o assumpto com a franqueza com que sempre uzamos, e que os leitores d'esta *Revista* devem já conhecer, se nos fizerem justiça.

Do processo que vimos de criticar resultam, portanto, injustiças no accesso, que destôam da seriedade que é preciso impôr ás cousas militares. Por exemplo: n'um regimento, um artista regular, ou quasi bom, é mal classificado no concurso, para que a banda se não prive d'elle durante mais algum tempo, e quanto mais tempo melhor; n'outro, um artista menos que mediocre consegue ás vezes rasoavel classificação... porque não faz falta, podendo ainda lucrar-se com a substituição. Ha exemplos dos dois casos. E' o santo egoismo da arte, que deveria ser respeitado se não acarretasse comsigo prejuizo de terceiro.

Em nossa modesta opinião tal processo só deve ser applicado aos aprendizes, os quaes devem ser admittidos a exame nos corpos quando haja vaga de 3.^a classe, seguindo-se o que se acha determinado no regulamento para a promoção aos postos inferiores do exercito quando não haja candidatos habilitados. Nos demais casos deve reunir-se, annualmente, na sêde das divisões militares, um jury composto de dois mestres de musica e um contra-mestre, presidido por um official superior a quem deverão ser presentes os candidatos a musicos de 2.^a e 1.^a classes dos corpos da divisão, procedendo-se nos mais casos como até agora.

Do processo que propomos resultará, talvez, alguma despeza, mas deve ser muito menos do que parece á primeira vista, porque ha economia com os musicos de 3.^a classe, cuja deslocação, no acto da promoção, que se dá quasi sempre e que acaba com o nosso alvitre, custa al-

gum dinheiro. Parece-nos, porém, que a despeza que houver é sufficientemente compensada pelas vantagens que, fatalmente, ha de trazer para o bom recrutamento dos musicos.

Segundo temos ouvido ha grande difficuldade em recrutar musicos de pancada. Effectivamente, desde que desapareceram dos corpos os corneteiros que serviam 8 e 10 annos, tal recrutamento não deve ser facil, porque os actuaes, ou o maior numero, não sabem tocar caixa, devido ao pouco tempo que servem no exercito activo os corneteiros, nos termos da circular de 20 de abril de 1889, que hoje constituem o grosso da referida classe. Não faltam, porem, alvitres com que se pretende attenuar o mal a que nos estamos referindo, mas, em nosso parecer, tudo meras theorias, quando se não inculcam vantagens que, a concederem-se, poderiam ferir o legitimo amor proprio de outras classes. E' por isto mesmo que nós dizemos que o problema não é facil de resolver. Em todo o caso não deixaremos de apontar uma solução, pelo menos a titulo de experiencia, a qual consiste em crear a classe de musicos de pancada (como se sabe, actualmente são corneteiros ou soldados impedidos na banda) tirada, em regra, dos corneteiros a quem se daria a gratificação de classe de 60 réis, á semelhança do que se fez em 1889, exigindo-lhes 6 annos de serviço activo, se se tivessem alistado como soldados. Aos musicos de pancada, oriundos dos corneteiros, que se tenham alistado directamente n'esta classe, começar-se-ha a abonar gratificações de readmissão no 7.^o anno do alistamento, ainda que não desejem readmittir-se.

Deveria igualmente criar-se o logar de chefe de pancadaria, para manter um certo estimulo entre os musicos de pancada, correspondente a musico de 3.^a classe, usufruindo identicas vantagens, que recairia no musico de pancada sufficientemente apto para dirigir a pancadaria.

O que fica dito refere-se ao modo de melhorar o funcionamento das nossas bandas militares, sem entrar em grandes projectos, aliás irrealisaveis, o que nem ao menos teria o direito de ser cousa digna de figurar nas paginas d'esta *Revista*, como obra de algum merito, devido á insufficiencia do articulista. Parece-nos, porém, indispensavel que se melhorem um pouco as condições economicas dos membros d'essa collectividade, porque nada justifica que só elles tenham sido esquecidos nos ultimos

tempos, como já dissémos, o que se póde fazer com insignificantante despeza.

Verdadeiramente, a situação de mestre de musica não está ainda definida, apesar da série de tentativas que parece ser a forma de lhe dar aquillo a que nos parece terem direito. Nenhuma razão ha, por exemplo, para que elle não passe da graduação de alferes, situação onde muitos passam metade da sua vida, o que, em certa altura, lhes deve produzir enervamento e paralização de toda a actividade, porque a falta de estímulo estiola as mais decididas boas vontades, tanto mais que isso não acontece a nenhuma das classes dos não combatentes, alguns dos quaes não prestam ao exercito melhores serviços que o mestre de musica.

Em nosso parecer tal injustiça deve ser, pelo menos, attenuada, dando aos regentes das bandas a graduação de tenentes no fim de oito annos de mestre, sendo considerados capitães, unicamente para effeito de reforma, quando contem trinta e cinco annos de bom e effectivo serviço, sendo pelo menos 15 como mestres de musica. Nos exercitos estrangeiros dá-se-lhes ainda um pouco mais.

No vencimento das praças que compõem as bandas algumas correcções ha a fazer, para os pôr mais em harmonia com as necessidades da vida moderna, e conforme as suas responsabilidades como executantes. Nós recomendamos a seguinte tabella :

Classes	Pret		Readmissão			
	No serviço activo	Reforma aos 30 annos	1.º periodo	2.º periodo	3.º periodo	4.º periodo
Contra-mestre de musica.....	570	750	80	120	150	170
Musico de 1.ª classe.....	470	700	80	120	150	170
» de 2.ª classe.....	320	500	60	90	120	140
» de 3.ª classe, chefe de pancadaria (a).....	150	300	40	60	80	90
Musico de pancada (b).....	100	250	40	60	80	90

(a) O chefe de pancadaria conserva a gratificação de 60 réis.

(b) Tem 60 réis de gratificação. Durante a aprendizagem essa gratificação é sómente de 20 réis.

Ao musico que tocar a primeira parte de cornetim deve abonar-se mais a gratificação extraordinaria de 100 réis. E nas gratificações por serviços particulares todos os musicos que toquem aquelle instrumento devem receber maior percentagem.

Affigura-se-nos conveniente *apertar um pouco as malthas da reforma*. O que temos observado é que, qualquer musico, logo que se julga com direito a uma pençãosita, trata de inventar qualquer pretexto para se *escapar*. N'estas condições sômos forçados a alvitrar as seguintes modificações á lei geral. Aos 15 annos de serviço um terço da pensão; aos 20, 50 $\frac{0}{10}$; aos 25, 70 $\frac{0}{10}$.

Esperamos que as nossas modestas considerações tenham repercução no espirito de quem póde olhar pelo melhor funcionamento das nossas bandas regimentaes, o qual, se por vezes não deixa a desejar, é isso devido á proverbial boa vontade dos seus regentes, que por isso mesmo são mais dignos da nossa consideração.

Da sinceridade do que fica exposto ninguem duvidará, queremos crêr, porque não sômos musicos, nem mesmo temos na classe qualquer parente, ou dilecto amigo, a quem queiramos ser agradavel com as considerações que vimos de fazer. Sômos pela justiça e nada mais.

10-9-908.

F. S.

METRALHADORAS

(Continuado do n.º 9 — 1908)

Japão. — Em 1899 o Japão organisou treze baterias a 4 metralhadoras Hotchkiss para cada uma das divisões de infantaria.

Em 1901 organisou duas novas baterias para fazerem experiencias e depois d'ellas se organisarem então definitivamente os agrupamentos.

As duas baterias a 6 metralhadoras cada uma, armada a primeira da Maxim e a segunda da Gatling, foram adstritas respectivamente á 1.^a e 2.^a divisões de infantaria. O pessoal de cada uma eram 3 officiaes e 52 praças.

As baterias achavam-se sob as ordens directas dos commandantes das divisões. Assim, podiam estes empregar-as inteiras ou fraccionadas, segundo as circumstancias, e juntal-as ás tropas de infantaria ou cavallaria sob suas ordens nas manobras.

Entretanto a guerra com a Russia levou o Japão a empregar grande numero de metralhadoras cuja fórma de agrupamento variou mesmo durante a campanha, onde appareceram em grupos de 8, de 6, de 4, em secções de duas e até uma isolada.

A licção da guerra sobre o emprego e sobretudo sobre o transporte das metralhadoras, dividiu as opiniões ácerca do seu agrupamento futuro, havendo contudo uma grande corrente de opinião no sentido da organização ser semelhante á que a Russia, já depois da guerra, encetou.

França. — A seguir a experiencias feitas, foram adoptadas as metralhadoras Hotchkiss nos corpos de caçadores alpinos.

Em oito batalhões foram, em 1901, formadas secções de duas metralhadoras sob o commando de um tenente. Esta organização não é definitiva e certamente muitas transformações virá a soffrer.

Ultimamente muito se tem estudado o assumpto e é de presumir que em brève as metralhadoras tenham uma larga representação no exercito francez, e não sómente destinal-as aos fortes e ás montanhas.

Se na metropole ainda não ha organização fixa, já o mesmo não acontece na Indo-China ⁽¹⁾. Para esta colonia franceza organisaram-se 10 secções de metralhadoras, cujo material por cada secção era o seguinte: 2 metralhadoras, 2 carros de sobressalente, 2 tripés, 2 caixas de peças sobressalentes e accessorios, 1 caixa de ferramenta, e 12 caixas especiaes para munições.

O transporte podia ser feito segundo os casos, pelos coolies ou pelos cavallos da região. No primeiro caso eram necessarios para cada secção 36 coolies; no segundo 9 cavallos, alem de 1 de sella em ambos os casos.

O pessoal de cada secção é fornecido pelo batalhão a que elle está adstricto e comprehende um tenente, um

(1) «Sur les mitrailleuses», pour le cap. Mléneck.

2.º sargento, tres cabos, sendo dois chefes de metralhadora e o 3.º encarregado das munições, um serralheiro, 2 apontadores, 7 soldados serventes e 9 conductores, ou seja 1 official e 23 praças.

As munições estão em laminas de 24 cartuchos em caixas especiaes, e cada secção tem uma totalidade de 9:216 cartuchos, alem de igual quantidade, mas em simples cunhetes, no trem de combate.

Mexico. — Este paiz tem apenas um grupo de metralhadoras, mas extraordinariamente forte, pois comprehende 32 metralhadoras Hotchkiss. Elle é especialmente destinado á guerra de montanha.

Como o exercito mexicano não esteja satisfeito com estas metralhadoras, estão-se fazendo experiencias com a Maxim.

Outros paizes ainda, como a Roumania, tem metralhadoras adstrictas á infantaria e cavallaria dos seus 4 corpos de exercito; e a Argentina e Chili, tendo as Maxim em grande quantidade, estudam a organização a dar-lhes.

Em resumo:— Os agrupamentos das metralhadoras são feitos por secções de duas ou tres addidas a brigadas ou regimentos; por companhias ou grupos mais ou menos fortes, de 8 a 4 metralhadoras e adstrictas a divisões ou corpos do exercito, mas encorporadas em campanha n'uma determinada fracção d'elles, ou fazendo parte de guarnições de fortes; por grupos independentes de 6 ou 8 metralhadoras debaixo das ordens directas do commandante da Divisão ou Corpo de Exercito; e, finalmente, por forma mixta: secções de duas ou tres metralhadoras encorporadas em regimentos e brigadas ao mesmo tempo que grupos maiores ficam as ordens dos commandantes dos corpos de exercitos e divisões em operações.

QUINTA PARTE

Emprego tactico das metralhadoras Maxim

Antes de tratar, ainda que resumidamente, d'este assumpto, pois que a indole d'este trabalho não nos permite dar-lhe grande desenvolvimento, incicaremos

o emprego que as metralhadoras automaticas — especializando a Maxim — tiveram já em campanhas diversas, em varios paizes e regiões do globo.

O paiz que indubitavelmente maior numero de vezes as tem empregado, tem sido a Inglaterra, nas suas campanhas coloniaes.

Em 1882 no combate de Tel-El-Kebir, junto d'um canal do sul do Delta do Nilo, uma bateria de metralhadoras em alguns minutos fez cessar completamente o fogo do inimigo. Os egypcios fugiram deixando muitas centenas de mortos no campo.

Na campanha dos inglezes, em 1893-1894, contra os Matabeles, ao norte do Transvaal, uma força de cincoenta soldados de infantaria com quatro metralhadoras Maxim, que escoltavam um comboio, foram, durante uma hora e meia, atacados cinco vezes pelo inimigo em numero superior a 5:000 homens.

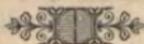
A cada ataque respondeu a pequena escolta com o fogo das suas metralhadoras, com uma efficacia tal, que lhes produziu, n'aquelle tempo, 3:000 mortos. As investidas dos negros eram tão violentas que muitos d'elles vieram morrer a 70 metros do ponto occupado pelos inglezes.

Em 1895, em Chitral, perto da fronteira do Afghanistan, combatendo os indios fanaticos d'aquella região que, habitando as montanhas do Hindukusk, se oppunham á expansão colonial de Inglaterra, algumas metralhadoras inglezas decidiram do combate em pouco tempo em favor d'estes. A tomada das posições occupadas pelos indigenas foi quasi unicamente devida ao fogo das metralhadoras.

Ellas eram transportadas sobre mulas, que as levaram a uma rocha, dominando a posição do inimigo. A 1:400 metros existia um muro, atraz do qual este se abrigava. As metralhadoras atacaram-o pelo flanco; e, depois de nutrido fogo, percorrendo as tropas inglezas as posições inimigas, encontraram muitas centenas de mortos amontoados.

(Continúa.)

CAP. BUGALHO.





Operações de noite

Conferencia feita pelo general sir. H. S. Rawlinson, commandante da 2.^a brigada de infantaria, em Aldershot

(Traducção)

(Continuado do n.º 10—1908)

Natureza do terreno

Uma das coisas que mais deve influir na decisão do commandante, para levar a cabo uma empreza nocturna, é a natureza do terreno a atravessar.

Não é exaggero dizer que um terreno coberto de matto grosso, entremeado de innumerous vallados, é absolutamente impossivel de atravessar n'uma noite bem escura, a menos que a distancia a percorrer seja muito pequena. Pelo contrario, terreno arido e plano como o deserto do Egypto ou da Africa do Sul, ou então como as grandes planicies da Europa Central, são excellentes para estas emprezas. Não é possivel haver uma regra geral para tudo isto, porque cada empreza tem de ser estudada em especial. N'um paiz como a Inglaterra, n'uma noite de luar ou estrellada, as marchas das tropas por estradas bem conhecidas, são tão faceis e quasi tão rapidas como as feitas de dia, más é preciso lembrar que o risco de ser descoberto é muito maior nas estradas do que atravez dos campos, porque o inimigo deve forçosamente vigiar mais e melhor essas estradas.

Para conseguir surprehender, é preferivel evitar as estradas, desde que a natureza do terreno a trilhar permitta a marcha das tropas. Isto era feito invariavelmente com certa facilidade nas planicies da Africa do Sul, onde

os obstaculos são poucos e raros, e onde não ha florestas nem mattos.

N'um paiz civilisado e muito populoso seria muito mais difficil.

Condições de tempo

O tempo tem uma grande influencia em todas as operações militares. Nos trabalhos nocturnos é talvez o factor mais importante e mais instavel, e o que mais se impõe á nossa consideração. Sei que ha diversas opiniões, mesmo entre soldados, sobre qual é a noite ideal para uma marcha nocturna, mas estou novamente impossibilitado de fallar em geral, porque cada caso deve ser estudado em especial. Não ha duvida que uma noite clara, de luar, facilita muito as evoluções das tropas, e sendo o terreno entremeado de arvores ou arbustos, não se expõem tanto a serem descobertos como parece á primeira vista. E' muito difficil descobrir uma columna de tropas durante a noite, ainda mesmo que a area que ella ocupe seja conhecida, se ella se não trahir fazendo barulho ou accendendo luzes. Todavia, é bom estar certo de que a lua vae nascer, e ajudar-nos com a sua luz. Deve sempre consultar-se um almanach para não acontecer como na Africa do Sul, n'uma occasião em que as tropas deviam pôr-se em marcha ás 9,30, quando a lua apparecesse. O exercito esperou em vão pela apparição da lua, e houve grande demora e confusão, até que por fim se descobriu que n'essa noite havia um eclipse total.

Mas a lua representa sempre um papel muito importante. Não é talvez geralmente sabido que, escolhendo a primeira semana de setembro para se approximar de Omdurman, em 1898, Lord Kitchener foi muito influenciado pelo facto de ser a semana da lua cheia. Elle receava um ataque nocturno do seu fanatico inimigo, e na noite de 1 de setembro, quando a columna ingleza estava á distancia de tiro do exercito dos Derviches, a nossa *zariba* escapou por pouco d'um ataque nocturno.

Ha ainda outros elementos dignos de menção além da lua. N'uma noite calma e serena, os sons ouvem-se á grandes distancias, e a marcha das tropas, especialmente nas estradas, pôde ouvir-se á distancia de um kilometro; portanto, uma noite calma e serena não é boa. Do mesmo modo uma noite escura, tempestuosa, com

nuvens carregadas, sem lua e chovendo torrencialmente, atrapalha a marcha das tropas e, portanto, não é boa também.

Provavelmente a melhor noite para uma acção offensiva é aquella em que haja algum luar, uma noite de quarto crescente, com algumas nuvens a escondel-a, uma chuva leve e miudinha e uma brisa fresca, porque n'uma noite assim o inimigo não deve estar muito cuidadosamente vigilante, e a lua assim é de grande auxilio para a columna atacante. Se a lua tiver a gentileza de desaparecer do horizonte logo que a columna tenha chegado ao terminus da sua etape, tanto melhor.

Vemos, portanto, quanto o tempo influe na direcção d'uma empreza nocturna, mas como nem os proprios sabios em Greenwich pôdem predizer com certeza o tempo que fará n'uma determinada noite, tem o exercito no campo de acceitar o tempo como elle se apresentar, e, exceptuando o que respeita á lua, ter esperança que a fortuna favoreça uma acção em que só se tenha deixado á sorte o minimo possivel.

Tendo dissertado sobre os pontos communs a todas as emprezas nocturnas, vou occupar-me do emprego especialmente tactico das operações nocturnas dentro dos limites bastante extensos do campo de batalha moderno.

Ellas podem analysar-se melhor sob dois pontos de vista:

Na defeza.

No ataque.

Na defeza o emprego do trabalho nocturno é comparativamente simples. Para proteger o grosso d'um exercito contra o ataque d'um inimigo durante a noite, e para assegurar ás tropas um repouso socegado, postam-se sentinellas vigiando os diversos caminhos por onde o inimigo possa approximar-se.

Não é necessario examinar os muitos e complicados detalhes dos postos de sentinella nocturnos. Basta dizer que o seu principal fim é avisar o grosso do exercito da approximação de forças inimigas. Não se pôde esperar que elles obstem a que algumas patrulhas atravessem a sua linha, nem isso lhes seria possivel, mas talvez possam evitar o regresso d'essas patrulhas se ellas se demorarem demasiadamente dentro dos limites prohibidos.

Na defeza das posições entrincheiradas, onde os com-

batentes estão juntos, os postos de sentinella pôdem substituir-se por patrulhas que avançam para examinar os logares onde o inimigo se poderia reunir antes d'um ataque. N'estes casos a segurança da posição pôde conseguir-se melhor pela construção de obstaculos, como rêdes de arame ou troncos de arvores, dentro do alcance do tiro das espingardas do entrincheiramento.

Estes obstaculos fôram da maior efficacia de noite, tanto em Porto Arthur como em Shaho durante a guerra da Mandchuria. A sua importancia augmentou na proporção do effeito do fogo das espingardas modernas, e vão certamente adoptar-se muito largamente no futuro sempre que haja tempo para a sua construcção.

Na defeza fazem-se indubitavelmente contra ataques para obter novamente algum ponto que o inimigo tenha tomado por um *coup de main* encoberto pela escuridão, mas é improvavel que se possa fazer outra qualquer especie de movimento offensivo durante a noite, ainda que não seja senão pelo motivo da defeza d'uma posição depender quasi sempre da potencia do fogo, e não ha portanto vantagem para o defensor operar n'uma occasião em que as suas armas mais terriveis, a espingarda e a carabina, são relativamente inuteis. Se, porém, os defensores obtiverem a tempo aviso da concentraçào do inimigo preparatoria para um ataque, um movimento offensivo por pequenos grupos de tropas é talvez a fórmula mais efficaz de frustrar as intenções do inimigo.

(Continúa).

UNIFORME DAS TROPAS EUROPEIAS EM SERVIÇO NO ULTRAMAR

Desde que conheço um pouco o ultramar que me pesa na consciencia um assumpto que reputo de importancia economica tanto para o exercito como para a nação.

Não o tenho tratado, por esperar que alguém mais competente o fizesse; como esse alguém não tenha apparecido, abalanço-me á empreza.

Refiro-me ao plano de uniformes das tropas ultramarinas, na parte que respeita aos europeus, que julgo

necessitar de urgente reforma, por isso que, tal como está, entendo que só pode servir para enriquecer fornecedores, sem proveito algum para o exercito e com manifesto prejuizo para a nação, como passo a demonstrar.

A cada soldado são distribuidos na occasião do seu alistamento no exercito do reino os seguintes artigos:

Barrete n.º 1	1
» » 2	1
Calça de mescla azul clara	1
Jaqueta de panno azul ferrete	1
Jalecos de cotim	2
Calças de cotim	2
Botas, pares	2
Alpercatas, pares	1
Camisas	3
Ceroulas	2
Lengos	4
Capote	1
Pequeno equipamento	1
Grande uniforme (penacho, granadeiras, etc.)	1
Collarinhos	2
Toalhas	2

A importancia dos referidos artigos é de 30\$000 réis, pouco mais ou menos.

O mesmo soldado tem passagem ao serviço do ultramar, voluntariamente ou por imposição de serviço, nos primeiros seis ou oito mezes do seu alistamento. E' -lhe feito espolio de quasi todos os artigos que lhe haviam sido distribuidos, que apesar de estarem em bom uso, raras vezes são avaliados em mais de 5\$000 réis — quando muito 6\$000 rs. — importancia que é abatida aos referidos 30\$000 réis, tendo, portanto, passagem ao deposito de praças do ultramar para ir servir, por exemplo, em Moçambique, com o debito de 24\$000 réis.

No deposito são -lhe distribuidos os seguintes artigos:

1.º Barrete	1 por	779
2.º »	1 »	570
1.º calção (mescla azul claro)	1 »	3\$575
1.º dolman, idem	1 »	5\$695
2.º dolman de kaki	2 »	4\$390

A transportar 15\$009

<i>Transporte</i>	I	>	15\$009
2.º calção de kaki	I	>	1\$949
Calças de kaki	2	>	3\$940
Butes de atanado (pares)	2	>	3\$200
Alpercatas (pares)	I	>	472
Manta-capote	I	>	13\$000
Camisolas de lã e algod.º, azues	2	>	2\$080
Cobre-nuca	I	>	225
Chapeu	I	>	1\$784
Emblema para 1.º barrete	I	>	159
Dito para gola	I	>	60
Francalete	I	>	74
Granadeiras (pares)	I	>	400
Penacho de crina para chapeu .	I	>	249
Tiras de flanela	2	>	198
Polainas de lona (pares)	I	>	15\$89
			Somma Rs. 44\$868
			Debito que trazia do exercito do reino 24\$000
			Fica a praça devendo Rs. 68\$868

A mesma praça regressa ao reino, terminada a sua comissão, e tem baixa do serviço. Pagou por descontos no pret — 730 dias a 60 rs., 43\$800 réis. Ficou devendo definitivamente á Fazenda Nacional 25\$068 réis que multiplicados por 2.000 praças de pret, pouco mais ou menos, que de dois em dois annos transitam do ultramar para aquella situação ahi temos as pobres finanças depauperadas em mais de 25:000\$000 réis annuaes. Isto são calculos ao correr da penna e com poucos elementos de consulta, ficando convencido que o prejuizo ainda é maior para a Fazenda.

Se a praça tem ingresso no exercito do reino como readmittida, o que acontece a um limitado numero, então o prejuizo é para ella, visto aquella divida de 25\$068 réis ir ser augmentada com outra ainda maior por ser necessario fardal-a de novo.

E assim é que frequentes vezes se encontram praças com debitos superiores a 100\$000 réis, para isso basta que ellas transitem duas vezes de um para outro exercito com pequenos lapsos de tempo.

Para chegar a semelhante conclusão admitto a improvavel hypothese de a praça não receber mais artigo algum de fardamento durante a comissão. Em tal caso é

necessario que ella adquira os de que carece á propria custa, como acontece sempre; porque apesar de ter feito tamanha divida ella não ficou fardada visto que, não lhe foi distribuida roupa de uso interno, como camisolas, ceroulas e meias, tendo que dispender o premio de alistamento que lhe deram para a adquirir.

Em compensação distribuem-lhe: um dolman de panno grosso com uma gola a asphixial-a; um calção da mesma fazenda apertado ás congestionadas pernas; uns butes de bezerro grosso e mal feitos, improprios dos paizes temperados, quanto mais para se fazerem marchas com um calor de 30° á sombra!...

Em todo o nosso dominio ultramarino o uniforme de panno só é necessario na provincia de Macau.

Pelo que fica dito conclue-se que o soldado uma vez fardado para servir no exercito do reino o está tambem para servir no ultramar com ligeiras modificações na côr das guarnições e distribuindo-lhe mais o seguinte:

Kepi branco, com 2 capas.....	1
Dolmans de cotim	2
Calças de cotim	2
Camisolas de lã e algodão.....	6
Ceroulas d'algodão.....	6
Meias, pares	12
Lenços brancos.....	12
Toalhas para banho.....	2
Chapeus.....	1
Polainas de lona, pares	1
Butes (da mesma fazenda das polainas) pares	2

Aos dolmans de cotim poder-se-hia dar a forma dos dolmans de kaki actualmente usados no ultramar com excepção do feitio da gola que julgo preferivel adoptar-se o mesmo feitio actualmente usado no exercito do reino para poder adaptar-se-lhe uma tira de flanella de lã.

A cada praça distribuir-se-hia ainda uma mala de madeira para n'esta acondicionar a sua roupa e um sacco de linhagem em forma de mala de mão, para viagem.

Parece-me que assim se realisava uma consideravel economia e se fardavam as tropas europeias que vão servir no ultramar.

Será o assumpto digno de ponderado estudo? Julgo que sim.

E por isso creio que estas despretenciosas considerações não passarão despercebidas aos illustres titulares das pastas da Guerra e Marinha e Ultramar a quem o paiz deve relevantissimos serviços.

Macau — 1908.

I. G. R.



A QUESTÃO DO ORIENTE

No momento em que escrevemos estas linhas não se pode prevêr qual será a solução d'esse grave problema internacional, que ameaça lançar a Europa inteira n'uma conflagração, em tudo identica áquella em que se encontrava precisamente ha um seculo.

Todas as grandes potencias, tendo a Inglaterra á frente e o prestigio do grande rei Eduardo VII, trabalham e desejam que a paz se mantenha, mas as circumstancias podem de um para outro momento annullar a acção diplomatica dos congressos e das conferencias pacificas, para impõem a ultima razão, a razão do mais forte, a voz do canhão alliada ao crepitar da fuzilaria.

Todos, porém, alimentam a doce esperanza de que a questão dos Balkans terá uma solução pacifica.

Não obstante a escassez de espaço com que luctamos sempre na nossa «Revista», o que nos obriga a retardar muitas vezes em nossa mão originaes dos nossos collaboradores, não podemos nem devemos deixar de consagrar algumas paginas a este palpitante assumpto.

E' o assumpto do dia.

A Bulgaria que, rompendo o tratado de Berlim, deu causa ao conflicto que se debate, foi constituida em reino

no anno de 679 da era christã, sendo a maioria da sua população da raça slava.

Luctou contra os romanos, e mais tarde foi submettida ao imperio bysantino desde 1018 a 1196, anno em que reconquistou a sua liberdade.

No seculo xiv, foi atacada pelos servios e pelos turcos, ficando desmembrada e inteiramente nas mãos da Turquia, que sobre a sua presa manteve um jugo de ferro.

A partir do seculo xviii alguns patriotas bulgaros, tendo á sua frente Sofroni e Paísí, trabalharam para reconstituir a nacionalidade bulgara. A sua acção tomou uma fôrma litteraria e religiosa.

A litteratura bulgara remonta, não ha duvida, ao seculo ix, mas a litteratura neo-bulgara data do fim do seculo xviii.

O primeiro livro bulgaro para as escolas appareceu em 1824, e o primeiro jornal foi publicado em Smyrna em 1849.

A população da Bulgaria, incluindo a Roumelia é de 3.300.000 habitantes.

Actualmente, d'estes, 2.600.000 são orthodoxos, 644.000 musulmanos, 28.500 catholicos e 27.500 judeus.

Os orthodoxos conseguiram em 1870 transformar a sua igreja n'uma communitade religiosa independente.

Este facto é o que deu a grande unidade ao principado da Bulgaria.

Em 1875 a Bulgaria revoltou-se pela sua independencia, mas essa revolta foi suffocada pelos *bachi-buzuks*, que assolaram o paiz.

Depois da guerra turco-russa e em consequencia do tratado de S.^{to} Stefano (março de 1878) a grande Bulgaria devia ser constituida por todos os paizes situados entre o Danubio, o mar Negro e o Archipelago, com excepção dos territorios circumvisinhos de Constantinopla.

O tratado de Berlim, porém, deixou á Turquia uma parte dos territorios promettidos á Bulgaria (julho de 1878), que ficou constituindo um principado vassallo, governado por um principe escolhido com o assentimento das potencias, ficando a Roumelia como uma provincia autonoma.

A Roumelia foi governada por pachás, mas, em setembro de 1885, revoltou-se a cidade de Philipopoli, sua capital, sacudindo o jugo dos pachás e unindo-se á Bulgaria.

Por essa occasião (novembro de 1885) a Servia declarou a guerra á Bulgaria, mas foi completamente batida.

Pondo de parte uma serie de episodios da politica interna, desde essa epocha para cá, sômos agora surprehendidos com este acto de audacia da proclamação solemne da independencia bulgara, tomando o principe o titulo de czar, facto que vem ameaçar a paz do mundo.

A causa immediata do conflicto reside n'uma questão de caminhos de ferro, que directamente subordinados ao governo ottomano procuravam propositadamente sacrificar a cidade maritima Bourgas, bulgara, desviando todo o trafico para a cidade turca Dedeaghtch.

Além d'isto, todos os capitaes bulgaros empregados na construcção do porto de Bourgas, e destinados tambem ás linhas parallellas de Yambolly e Bourgas, ficaram seriamente ameaçados e, até certo ponto, compromettidos com a guerra desleal e traiçoeira que a companhia dos caminhos de ferro orientaes tem feito aos mais caros e legitimos interesses bulgaros.

A situação tomou um character absolutamente insustentavel.

«Emfim, diz uma alta personalidade bulgara entrevistada pelo nosso confrade de Paris, *La France Militaire*, o nosso dinheiro não era recebido nas estações dos caminhos de ferro, senão com uma consideravel depreciação cambial. O governo não podia servir-se das linhas telegraphicas que acompanham a linha ferrea e que são propriedade da companhia; todo o material circulante era turco; o estado bulgaro não tinha o direito de poder ter um unico vagão sobre a linha; os empregados eram, em geral, turcos, e procuravam molestar os passageiros bulgaros e slavos, e, por fim, as tarifas eram calculadas de tal maneira, que impediam todo o commercio entre Bourgas e Philipopoli».

O acto revolucionario da proclamação da independencia bulgara, foi um acto imposto pelo povo, que prefere todos os sacrificios a continuar a ser esmagado por uma suzerania tão despotica e absoluta, com o governo liberal da moderna Turquia, como quando a Sublime Porta traduzia a ultima expressão do absolutismo mais nefasto e mais sanguinario que havia na Europa, com vergonha do seculo e pasmo de uma civilisação que se diz avançada.

A organisação da militar Bulgaria, que é muito especial e, em todo o caso, em perfeito estado de poder, com

efficacia, manter a vontade livre da nação, foi devida quasi que exclusivamente á influencia e direcção do estado maior russo.

Actualmente a Bulgaria é dividida em nove districtos onde, em tempo de paz, recrutam 9 divisões a 4 regimentos de infantaria a 2 batalhões, 1 de artilheria, 1 de cavallaria e meio batalhão de sapadores.

Em tempo de guerra cada divisão transforma-se em 1 corpo de exercito com 2 divisões, devendo notar-se que os regimentos de infantaria ficam então a 4 batalhões.

O effectivo de paz de um batalhão de infantaria é de 480 homens e o de mobilisação é de 1:000.

Além da cavallaria divisionaria, cujo desdobramento no caso de mobilisação deve ser em extremo difficil, senão impossivel, ha uma divisão independente de cavallaria a 2 brigadas. Cada esquadrão tem como effectivo de guerra 164 cavallos.

Dos 9 regimentos de artilheria, 6 têm 3 grupos em pé de paz e 3 têm apenas 2.

Cada grupo é constituído por 3 baterias de 6 peças.

Todas estas unidades se desdobram, como já dissemos, no caso de mobilisação, apresentando 18 regimentos de artilheria com um total de 72 baterias.

Ha ainda 9 baterias de artilheria de montanha, 1 regimento de obuzes de campanha e 1 regimento a 3 batalhões de artilheria de fortaleza.

Esta organisação, que não desejamos discutir n'este momento, foi decalcada nos principios adoptados no exercito russo.

Não tem tropas de segunda linha. A primeira linha absorve a totalidade das forças vivas do paiz.

A duração do serviço é de 2 annos para a infantaria no activo e 18 na reserva, e 3 annos para as outras armas no activo e 16 na reserva.

O accesso no corpo de officiaes é baseado na antiguidade, havendo um exame eliminatorio no posto de major.

O exercito bulgaro no tempo de paz é constituído por 53:000 homens, divididos pelas suas nove divisões, que, desdobrando em 9 corpos de exercito, apresenta em campanha um effectivo de 375:000 combatentes, tirados de uma população de 3.300:000 habitantes.

Por estas cifras se pode avaliar o cuidado que o exercito bulgaro tem merecido aos homens publicos do seu paiz, e os grandes sacrificios que a nação tem feito para

o manter no pé em que se encontra, e que constitue um solido elemento de força para poder sustentar a independencia da patria bulgara.

Successivamente iremos dando noticia do valor militar de todos os povos dos Balkans, não esquecendo a Turquia, que foi a primeira potencia visada com o acto revolucionario da Bulgaria.

Subsidio auxiliar da commemoração do centenario

DA

GUERRA PENINSULAR

(Continuado do n.º 10—1908)

«Der Kampf um Badajoz im frühjahr, 1812». (Com uma planta de Badajoz). Karl Brodrüch. — Leipzig, 1861. 1 g. in-8.º — 5.242.

«Histoire du Consulat et de l'empire», par M. Ad. Thiers. — Bruxelles, 1845-1862. — 2.278.

«Correspondencia do marechal de campo João Campbell com o historiador da guerra Peninsular, coronel Guilherme Napier, relativamente a umas acções em que entraram os regimentos n.ºs 3 e 4 de cavallaria portugueza». — Lisboa, 1863. 1 folh. in-8.º — 3.359.

«Apontamentos para a historia da legião portugueza ao serviço de Napoleão I, mandada sahir de Portugal em 1808». Edição ordenada pelo ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, o ill.º e ex.º senhor visconde de Sá da Bandeira, e commettida ao capitão Claudio Chaby. (Tem uma gravura colorida com os uniformes da cavallaria e da infantaria da legião e um bello retrato do general Gomes Freire). Por Theotónio Banna. — Lisboa, 1863. 1 vol. in-8.º — 7.189.

«Memoria sobre as fortificações de Lisboa», pelo general de divisão, marquez Sá da Bandeira. — Lisboa, 1866. (Tem muitas referencias ás invasões francezas) — 5.419.

«Historia da liberdade em Portugal», por J. G. de Barros e Cunha. — Lisboa, 1869. — 5.878.

«O general Padua». Esboço biographico por João Mendes da Silva — Lisboa, 1870. (Ligeiras referencias) — 6.638.

«Lectures upon the british campaigns in the Peninsula, 1808-1814; introductory to the study of military history». By C. W. Robinson. — London, 1871. 1 vol. in-8.º — 8.957.

«Mappa da força dos corpos da 1.ª linha do exercito portuguez, que combateu nas 280 acções da guerra Peninsular, com doclaração dos mortos, feridos, prisioneiros e extraviados. Partes officiaes e mappa da força que guarnecia as linhas de Lisboa no dia 29 de outubro de 1810, quando o exercito inimigo já estava em frente da mesmas linhas». — Lisboa, 1872. Dois mapps (De grande interesse). — 12.841.

«A guerra Peninsular». Publicação da Bibliotheca Universal por M. Pinheiro Chagas. — Lisboa, 1874. 1 vol. in-16.^o — 7.868.

«Resumé de l'histoire du Portugal au XIX siècle», par le prince Roumald Giedroyc. — Paris, 1875. (Capitulo II, pag. 22) — 8.693.

«Historia de Portugal», por J. P. Oliveira Martins. — Lisboa, 1879. (Livro II, pag. 176) — 8.736.

«Historia general de España desde los tiempos primitivos hasta la muerte de Fernando VII», por D. Modesto Lafuente y D. Juan Valera — Barcelona, 1879. (Tomo IV, pag. 380). — 12.834.

«Excerptos historicos e collecção de documentos relativos á guerra denominada da Peninsula e ás anteriores de 1801, e do Rousillon e Cataluña, resultado da commissão de investigações historicas», por C. Chaby. — Lisboa, 1863 a 1881. — 5.132.

«Memoria biographica do coronel Francisco Bernardo da Costa e Almeida, tenente-rei da praça de Almeida, em 1810», por João da Silva Mendes. Mandada publicar pela viuva e filha do auctor. — Revista e accrescentada com um appendice por Antonio Ribeiro da Costa e Almeida. — Lisboa, 1883. — 10:374.

«A dominação ingleza em Portugal. O que é e de que nos tem servido a alliança da Inglaterra», por um compatriota de Gomes Freire d'Andrade. — Lisboa, 1883 (pag. 144 em diante). — 11:934

«A fortificação dos estados e a defeza de Portugal», por Sebastião Telles (Linhas de Torres Vedras. — Lisboa, 1884. — Um vol. in-8.^o, broch. — 9:085.

«Compendio da historia de Portugal desde os primeiros povoadores até nossos dias», por Joaquim Lopes Carreira de Mello. — Lisboa, 1885. (pag. 166). — 3:568.

«Diccionario popular, historico, geographico, biographico, etc.», por Manuel Pinheiro Chagas. — Lisboa, 1876-1885. (Traz noticias historicas das principaes batalhas da Guerra Peninsular, biographias dos mais illustres generaes que n'ella se salientaram, etc. — 8:606

«Memorial biographico de um militar illustre, o general Claudino Pimentel», pelo visconde de Villa Maior. — Lisboa, 1884, 1 vol. (pag. 23). — 9:067 e 12:228.

«Divagações historicas», por Antonio Florencio de Sousa Pinto. (Encontram-se n'esta obra factos da Guerra Peninsular muito interessantes). — Lisboa, 1887. — 9:604.

«Le général Curély. Itinéraire d'un cavalier léger de la grande armée (1793-1815) publié d'après un manuscrit authentique par le général Thoumas». — Paris, 1887 (pag. 247). — 11.093.

«Subsidios para a historia dos regimentos de infantaria e caçadores do exercito portuguez», por Francisco Augusto Martins de Carvalho. — Coimbra, 1888. Um vol. in-8.^o — 9:667.

«Memoria militar respectiva ao terreno ao norte de Lisboa», por José Maria das Neves Costa, major do real corpo de engenheiros. (Em maio de 1809; accrescentada com observações e notas do auctor em 1814). Publicada em 1888 em separata da «Revista das sciencias militares».

«A legião portugueza ao serviço do imperio francez. Estudo historico baseado nos manuscritos de José Garcez Pinto de Madureira», por Bento da França. — Lisboa, 1889. Um vol. in-8.^o — 9:791.

«Historia do cerco do Porto», por Simão José da Luz Soriano. — Porto, 1889-90. (Refere-se ás invasões francezas no 1.º cap.). — 9:941.

«Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal, comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica d'este reino desde 1777 até 1834», por S. J. da Luz Soriano. — Lisboa, 1866-1890. — 5:556.

«Esboço biographico do regimento n.º 1 d'infanteria da Rainha (antigo regimento Conde de Lippe)», por Augusto Carlos Sousa Escrivanis. — Lisboa, 1890. (Refere-se a factos isolados da Guerra Peninsular). — 9:933.

«Guerre d'Espagne». Extrait des souvenirs inedités du général Jomini (1808-1814), par Ferdinand Lecomte. — Paris, 1892. — 1 vol. in-8.º, m. enc. — 10:108.

«Parquim (Commandant). — Souvenirs et campagnes d'un vieux soldat de l'empire (1803-1814). Avec une introduction par le cap. Aubier. — Paris, Nancy, 1892. — 1 vol. — 10:757.

«Campagne du maréchal Soult dans les Pyrénées occidentales en 1813-1814 d'après les archives françaises, anglaises et espagnoles», par le com.º Clerc. — Paris, 1894. — 10:513.

«Mémoires du général C.º de Ségur». Um aide de camp de Napoléon. De 1800 à 1812. — Paris, 1894. (Refere-se á Guerra da Peninsula a pag. 382). — 10:671.

(Continúa)



Secção do estrangeiro

Japão. — Devem ter já terminado as grandes manobras navaes japonezas que começaram no dia 15 do mez findo.

Essas manobras, que se realisaram no mar da China, entre as ilhas Kiou-Siou e Formosa, e foram dirigidas pelo grande almirante Togo, não puderam ser presenciadas por ninguém estranho á armada japoneza, por isso ser absolutamente interdito.

Tomaram parte nas manobras 11 couraçados, 11 cruzadores couraçados, 7 avisos, 15 canhoneiras, 50 contra-torpedeiros e 70 torpedeiros, ao todo 164 vasos de guerra.

Em seguida ás manobras ha uma grande revista naval em Yokohama.

Allemanha. — Durante o tempo das manobras estiveram addidos á 25.^a brigada de cavallaria (do gran-ducado de Hessen) quatro automoveis da força de 18 cavallos, da casa «Adler», em Francfort, de 1:250 kg. de carga cada um. Estavam destinados ao aprovisionamento que antigamente se fazia, ou requisitando-o nos sitios em que se encontrava a tropa ou levando-o em carros puxados a parellas atraz da tropa. O aprovisionamento por meio dos automoveis fazia-se da maneira seguinte:

Os automoveis carregavam-se com subsistencias para os soldados e para o gado nos postos de aprovisionamento de Francfort, levando-as em seguida á sua tropa, que se achava, ás vezes, muito distante, na Westphalia, e voltando em seguida aos postos de aprovisionamento, para conduzir nova remessa.

Emquanto pelo systema antigo, empregando as «viaturas de ração», muitas vezes acontecia que os mantimentos só chegavam tarde ao seu destino, viu-se que com os automoveis o serviço foi o mais satisfatorio possível. Os mantimentos foram entregues á tropa, em geral, já nas primeiras horas da tarde, apesar dos automoveis carregados terem que fazer diariamente 150 a 200 kilometros. A opinião dos commandos superiores sobre este serviço é a mais lisonjeira e é de esperar que o exercito allemaõ adoptará para o futuro cada vez mais este systema de aprovisionamento mesmo em tempo de paz.

Além dos automoveis de carga foram experimentados no exercito prussiano automoveis de diferentes typos fabricados na Allemanha, cabendo, entre uma encomenda de 80 automoveis, 50 á marca «Adler», por ser considerada a mais seria e perfeita. Entre estes 50 encontram-se um bom numero de voiturettes para o serviço dos directores de fabricas do estado, distanciadas dos grandes centros, e para o serviço das commissões de recrutamento, medicos, commissão de remonta, etc., que na sua maior parte são obrigados a funcionar em sitios onde não ha caminhos de ferro.

Além do resultado satisfatorio com respeito á promptidão do serviço, foi notado especialmente a relativa economia d'elle.

Grecia. — Tambem este pequeno paiz, com os seus 2 milhões e meio de habitantes, fez as suas grandes manobras, tendo convocado 30:000 reservistas que tomaram parte nos exercicios.

A revista ás tropas foi passada na planicie de Dafni, perto de Athenas, pelo Principe Real, estando presentes os ministros e os addidos militares.

As tropas apresentaram-se bem, tendo deixado excellente impressão não só a correcção das suas formaturas e marcha em parada como principalmente a maneira como se effectuaram os exercicios.

Inglaterra. — Mr. Richenson, antigo engenheiro da casa Vickers e Maxim, acaba de construir um balão dirigivel couraçado.

Por esta já esperavamos nós.

A lucta que na guerra do futuro ha-de travar-se no espaço impunha esta caracteristica — a couraça nos balões.

Pois já a temos, sendo Mr. Richenson quem primeiro tra-

duziu no campo pratico uma necessidade imposta pela força das circumstancias.

França. — Nas grandes manobras do exercito francez, manobras que foram de uma alta importancia, tendo tomado parte n'ella 120 mil homens, fizeram-se duas experiencias principaes — o aligeiramento do soldado de infantaria com um novo typo de equipamento e o largo uso das cosinhas rolantes.

Diminuiu-se o peso do calçado, supprimiu-se as grandes marmitas, que foram substituidas por uma pequena marmita individual de aluminio, diminuiu-se, a ponto de quasi desaparecer, a mochilla, delegando para as viaturas quasi todos os artigos de que o soldado precisa mesmo em campanha.

Talvez seja aligeirar de mais.

O soldado francez n'estas grandes manobras apenas transportava no seu equipamento um dia de viveres, uma camisa, um barrete de policia (facultativo), um par de sapatos e 88 cartuchos distribuidos por 3 pequenas cartucheiras.

O uniforme de campanha tambem foi modificado, mas o soldado não abandonou o capote como principal peça do fardamento de campanha.

E' uma tradição muito antiga e muito enraizada n'aquelle exercito o uso do capote nas marchas e serviço de campanha e com a qual muita gente, mesmo em França, está em opposição.

Quanto ás cosinhas rolantes, tanto as viaturas de 4 rodas como as de duas deram excellentes resultados.

Difficil e até certo ponto inutil é o preparar-se duas refeições quentes diarias para o soldado em campanha e em manobras, e foi isso o que se fez nas manobras do centro, o que constitue a nosso vêr exaggerar o caso.

Todos os exaggeros são maus e annullam até certo ponto as boas qualidades e vantagens das coisas.

Desejariamos muito vêr em breve entre nós ensaiar-se a cosinha rolante.

Hespanha. — Um operario hespanhol, segundo refere o «Liberal» de Madrid, inventou um aeroplano dos mais simples, e completamente differente de todos que se teem construido até agora.

Este aparelho não comporta nem helice nem planos inclinados e pesa 800 kilos.

Não temos dados positivos para podermos avaliar da importancia d'este invento.





11.º ANNO

DEZEMBRO DE 1908

N.º 12

REVISTA DE INFANTERIA

DIRECTOR — Alexandre J. Sarsfield, TENENTE-CORONEL
Composto e impresso na typographia da Cooperativa Militar

Ferramenta portatil da infantaria

Consta-nos que a commissão, que em dezembro do anno ultimo foi nomeada pelo Ministerio da Guerra para proceder á escolha da ferramenta portatil para a nossa infantaria, tem os seus trabalhos quasi concluidos. Pelas informações que temos e pelo que pudémos observar n'uma visita recentemente feita á Escola Pratica da nossa arma, o importante problema em questão e que tanto interessa os nossos camaradas, parece ser resolvido d'uma forma devéras satisfatoria e de maneira não só a exceder a nossa expectativa, mas tambem de maneira a exceder o que sobre o assumpto ha nas demais infantarias estrangeiras.

Quasi todas as nações europeias teem a infantaria dos seus exercitos munida com este instrumento, que cada vez se torna mais necessario para o combate. A sua falta fazia-se sentir entre nós e se o problema for resolvido, como tudo deixa crêr, succederá ficar preenchida uma lacuna importante e que tornava a nossa infantaria n'um manifesto grau de inferioridade em relação ás suas congéneres estrangeiras. Nós temos pugnado por este assumpto frequentes vezes e a nossa «Revista» tem mos-

assistiu a experiencias feitas com a pá Linnemann, com a ferramenta universal austriaca, com a pá Molhaus, picareta de cabo curto e pá-picareta Theriaga, foi esta última a que deu resultados mais satisfatorios.

Outras experiencias se seguiram na Escola Pratica d'Infanteria, dando sempre optimos resultados a pá-picareta Theriaga.

Em vista d'esses bons resultados e desejando a commissão que essas experiencias fossem feitas em varios pontos do paiz, para assim, trabalhando a ferramenta em terras de natureza mui diversas, se avaliar bem da sua resistencia, propoz ao Ministerio da Guerra que no Arse-



Fig. 3

nal fossem feitas 148 das referidas pás-picaretas e distribuidas: 100 ás Escolas d'Engenharia e d'Infanteria e 8 a um regimento de cada uma das 6 divisões militares, e que depois de 15 dias de trabalhos, fossem enviados á commissão relatorios com o resultado das mesmas experiencias.

Como entre nós nada ha determinado sobre o trabalho com a ferramenta portatil, a commissão elaborou umas «instrucções provisorias para a abertura de pequenos abrigos, debaixo de fogo», instrucções que foram enviadas juntamente com os quesitos a que deviam responder os

officiaes que fossem encarregados de realisar as experiencias.

Nos trabalhos finaes da Escola Pratica d'Infanteria, no anno findo, assistimos a um exercicio com a pá-picareta Theriaga, que nos deixou optima impressão.

N'um pelotão de 50 praças em ordem de marcha, munido com a pá-picareta Theriaga, e depois de dividido em duas secções, foi dada ordem á 1.^a secção que marchasse em terreno completamente desprovido de abrigos.

Ao signal de «alto» a secção, tendo passado á ordem singela, deitou-se rapidamente, e immediatamente os cerra-filas principiaram a abertura de abrigos parciaes sob a protecção dos chefes de fila que faziam fogo. Logo que os cerra-filas estavam abrigados, passaram estes a fazer a protecção dos trabalhos dos chefes de fila, que por seu turno abriram tambem os seus abrigos.

Em menos de 5 minutos toda a secção estava abrigada. Momentos depois deu-se ordem á 1.^a secção que abandonasse a sua posição e que se fosse estabelecer n'outra, á frente da primeira, onde abriu novos abrigos.

Ao mesmo tempo foi dada ordem á 2.^a secção que até ahi se tinha conservado abrigada n'uma posição á retaguarda, que viesse occupar a posição abandonada pela 1.^a secção e ahi prolongasse os abrigos parciaes, trabalho este que levou 3 minutos.

Foi realmente interessante este trabalho e inteiramente novo entre nós.

O systema de suspensão da pá-picareta é muito simples, e a ferramenta não tem estojo.

Pelo que diz respeito ás ferramentas de destruição, tambem cremos que ficaremos optimamenre servidos.

As que a commissão tem estudadas, são: a machadinha-picareta, machadinha-martelo, serra-articulada e tesoura corta-aramé. Esta ultima ferramenta dizem-nos ser muito boa e é tambem apresentada pelo capitão, sr. Joaquim Theriaga.

Todas as ferramentas de destruição são transportadas em estojos que ao mesmo tempo substituem a pala do cinturão.

A ferramenta portatil tem merecido á França uma attenção especial n'estes ultimos tempos e especialmente depois da campanha da Mandchuria, que veio mostrar ao mundo militar, com toda a evidencia, que o soldado de infanteria mal pode, nos tempos d'hoje, combater e aguen-

tar-se nas linhas de fogo sem o auxilio d'aquelle instrumento. Em face das lições então colhidas, a direcção technica da infantaria d'aquelle grande exercito determinou o augmento de ferramentas portateis, de fórma que a cada equipamento se juntasse uma ferramenta, pá, picareta, serra, etc.

Esta resolução, porém, não resolveu o problema satisfatoriamente, porque cada soldado precisava pedir aos camaradas a ferramenta que lhe faltava ou para cavar a terra ou para a lançar fóra. Era, pois, necessario uma ferramenta unica e uniforme que, distribuida por todos os soldados, satisfizesse ás variadas necessidades pedidas a uma ferramenta d'esta ordem.

D'esta tarefa se encarregou o coronel do 24 de infantaria, Bruzon, que imaginou uma ferramenta portatil que satisfaz a todas essas necessidades, a qual, depois de



Fig. 4

ter sido experimentada em varios corpos, foi já distribuida por ordem do Ministerio da Guerra a um batalhão do 26 e a outro do 131 de infantaria, que n'este momento estão fazendo experiencias completas. Tem a fórma commum de todas as ferramentas d'este genero, com 42 centimetros de comprimento, pezando com o estojo de couro menos de 1 kilogramma. Transporta-se em marcha, do lado direito, suspensa pelo cinturão, e durante o combate suspende-se da alça direita, fig. 4, afim de estar mais á mão e poder ser utilisada com facilidade pelo atirador na posição de deitado, que é a posição em que geralmente se faz uso d'ella. Este modo de suspensão parece ser pratico e merece sem duvida ser experimentado.



INSTRUÇÃO DOS RECRUTAS

Orientação e methodo

A instrução dos recrutas no momento actual constitue a principal preocupação de todos os nossos camaradas. E n'esta tarefa ardua de conseguir um bom soldado dos rusticos filhos das nossas aldeias, todos os esforços que se empreguem serão sempre abençoados. Muito se tem escripto sobre este assumpto e accentuados resultados praticos se tem conseguido. Os justos louvores com que geralmente no fim da época o Ministerio da Guerra e os generaes commandantes das divisões e brigadas por vezes premeiam os esforços empregados, dão a prova dos resultados obtidos e mostram o capital interesse que a instrução dos recrutas a todos merece. E, de resto, assim deve ser, porque é com ella que se obtem bons soldados e se preparam as grandes victorias.

E como este assumpto constitue no momento a preocupação de todos, vamos fornecer aos nossos leitores umas instruções, curiosas sob diversos pontos de vista, que um general francez, commandante d'um corpo de exercito. fez divulgar por todas as unidades que lhe estão subordinadas. E' porém necessario notar que as transcrevemos, não verdadeiramente para que sejam seguidas pelos nossos camaradas, mas principalmente para mostrar a fórma como esta instrução está sendo encarada na infantaria d'aquelle grande exercito. A clareza com que estão escriptas e a fórma como são

encarados alguns aspectos capitaes da instrução e disciplina, orientam bem sobre o espirito militar que está seguindo o exercito francez, o que constitue por certo o titulo mais curioso que as torna merecedoras de serem lidas.

O general em questão, querendo dar ao soldado a maior liberdade e iniciativa, chega até a aconselhar os seus subordinados a que não se preocupem com as manifestações exteriores da disciplina. Esta orientação, que sem duvida lhes será prejudicial, parece que está predominando em todo o exercito d'aquella nação. Um official allemão que este anno assistiu ás grandes manobras francezas, escrevendo as suas impressões n'um jornal de Berlim, salienta este proprio facto, mostrando bem claramente a surpresa que lhe causou vêr o desprendimento e maneiras familiares com que o soldado se dirigia ao official. E a ser verdade, como parece, e até as instrucções em questão assim o confirmam, o exercito francez marchará para um estado de indisciplina e dissolução que seriamente o pode comprometter.

O general francez, dando toda a importância á ordem dispersa, chega a tratar com desprezo a ordem unida, e isto constitue um erro grave que não desejamos vêr seguido no nosso paiz, porque se a ordem dispersa é hoje, sem duvida, a escola da acção individual, iniciativa e bravura, a ordem unida é a escola da obediencia e da disciplina, e exercito sem disciplina é como um muro sem argamassa. Se uma coisa é necessaria para o combate, a outra é indispensavel para a existencia dos proprios exercitos. Além d'isso a disciplina não implica com o estado social de qualquer povo, porque sendo uma formula da obediencia intelligente não pode deixar de constituir o apanagio de todos os cidadãos patriotas.

Mas, pondo de parte esta orientação em que o auctor das instrucções parece compartilhar das ideias dos seus compatriotas, tem ellas considerações e conselhos attendiveis e dignos de ser seguidos, principalmente nas guarnições que disponham de terrenos para exercicios proximo dos quartéis. Mas, repetimos, o nosso fim principal é fornecer aos nossos leitores elementos de orientação sobre o espirito militar da França e instrução e disciplina do seu exercito.

«Os methodos d'instrucção, diz o general francez, ainda ha pouco em uso, e consistindo em empregar exclusivamente as primeiras semanas de presença nos corpos dos jovens soldados a fazer-lhe executar exercicios de detalhe por meio de commando, correspondiam a uma concepção completamente differente d'aquella que deve presidir á instrucção d'um exercito moderno. São a herança d'uma época e d'um exercito, o seculo xviii e o exercito prussiano do grande Frederico, onde se partia do principio de que o soldado deve ser uma machina na fileira e temer mais a vara do seu cabo d'esquadra do que as balas do inimigo. Começava-se pôr consequencia a submeter o recruta a uma longa série d'exercicios destinados a quebrar completamente a vontade individual e a inculcar-lhe a ideia de que não podia e não devia mover-se senão á voz do seu chefe. Chegava-se assim a uma educação que fazia essencialmente do soldado um *ser passivo*.

Estes methodos correspondiam aos processos de manobra e combate da época, ao mesmo tempo que ao estado social e ao modo de recrutamento dos exercitos. Comtudo, pouco compatíveis já com o caracter francez, alimentaram-se difficilmente no nosso exercito que, em épocas de crise militar, e nomeadamente durante o decurso das grandes guerras da revolução, se libertaram das regras estreitas e rígidas das ordenanças calcadas sobre os regulamentos prussianos.

Hoje, o nosso estado social, o nosso systema de recrutamento, a duração do tempo de serviço não se accommodariam com esses velhos methodos tornados ainda mais inadmissíveis pelas exigencias da guerra moderna. Não se pode pois pretender mais reduzir o soldado ao estado de machina; então que o combate, com os mil incidentes que lhe são inherentes, tende a tornar cada vez mais difficil a acção do chefe sobre a sua tropa, colloca a cada instante o soldado na presença de problemas multiplos e imprevistos (tiro, utilização do terreno, patrulhas, serviço de segurança, etc.), seria um crime deixar de utilizar por systema, ao mesmo tempo que as forças physicas do homem, as qualidades intellectuaes e moraes com que os francezes são tão ricamente dotados. Hoje o soldado deve ser um *ser activo*.

Mas para que este resultado seja attingido, imposto no mais alto grau, em razão mesmo da influencia deci-

siva que exercem sobre o jovem soldado as suas impressões á entrada da vida militar, é importante não começar desde o principio a quebrar as molas da sua vontade e a sua iniciativa para os exercicios rigidos e uniformes que não teem com a guerra senão uma relação longinqua, difficilmente comprehensivel pelos recrutas. Convém, pelo contrario, desde os primeiros dias, attrahir a intelligencia do soldado para as questões da guerra. Depois de se lhe ter feito comprehender que é exclusivamente para este fim que elle é chamado ás bandeiras, ha pois occasião de lhe dar de qualquer fórma, n'um quadro synthetico, a representação dos processos de combate e das condições do emprego da arma a que pertence; encontrar-se-ha meio de lhe abrir o seu espirito a respeito da guerra, d'excitar o seu interesse e a sua curiosidade, sobretudo o que elle terá a aprender durante a sua passagem pela vida militar.

Esta primeira iniciação do soldado, indispensavel para servir de base a toda a sua instrução militar, não se obterá por simples discursos, por mais sabios e eloquentes que sejam, nem pela leitura dos regulamentos. Aqui, como de resto durante o decurso de toda a instrução annual, é ao methodo d'ensino pela vista, á *lição das coisas*, que é necessario recorrer.

N'este methodo d'ensino, fecundo em resultados rapidos e duradouros, a representação effectiva e pratica do resultado a obter precede a explicação theorica a que serve de base. A theoria intervem em seguida com resultados, sob a fórma de critica formulada pelos chefes para esclarecer, explicar, confirmar os resultados da pratica, e, por fim, para fazer resaltar os principios geraes e as regras principaes d'applicação.

Nas primeiras sessões, chamadas de iniciação, convem, em geral, proceder como segue:

As sessões consistirão em uma manobra simples, bem definida e executada, em terreno variado, por dois partidos formados por antigos soldados em presença dos recrutas *espectadores*.

O director de exercicio (por exemplo o commandante do batalhão ou um capitão na infantaria) deve fazer judiciosamente o programma da manobra (exercicio de combate ou de serviço de campanha) que deve ser executada pelos soldados antigos na presença dos recrutas. Deve reconhecer cuidadosamente o terreno;

deve fazer repetir uma ou muitas vezes o mesmo exercicio no proprio terreno até obter uma execução tão correcta quanto possível.

A tropa estando no terreno, os dois partidos formados pelos soldados occupam as suas posições iniciais, os recrutas, grupados por companhia, sob o commando dos officiaes e sargentos que não tomem parte no exercicio, occupam postos de observação bem escolhidos.

O thema (muito simples) do exercicio será esclarecido em termos claros e facilmente comprehensíveis, insistindo sobre o fim que deve alcançar cada um dos partidos e indicando, segundo a natureza do exercicio, os pontos sobre os quaes a attenção dos espectadores se deve principalmente fixar.

A manobra começa e desenvolve-se. Os officiaes instructores chamarão a attenção dos recrutas sobre as particularidades e incidentes do quadro que se apresenta aos seus olhos, indicando successivamente o que é bem e mal feito e dando a explicação de tudo. Mais tarde, durante o decurso da instrucção, os recrutas serão então interrogados e levados a dizerem elles mesmos o que foi bem ou mal feito e a dar as necessarias explicações porque os detalhes são bem ou mal executados.

Independentemente d'estas observações feitas durante os exercicios, devem elles terminar por uma critica detalhada feita pelo director na presença de toda a tropa. N'esta critica, o director, depois de ter indicado o thema (situação inicial dos dois partidos e fim que cada um d'elles tinha a attingir) exporá a grandes traços as phases principaes do exercicio; depois, seguindo as phases mais importantes, faz com que os principaes executantes indiquem o que fizeram, devendo indicar como comprehendeu a missão que lhe estava confiada, que fim tinha em vista, que meios empregou e como as suas intenções foram comprehendidas e realisadas pelos seus subordinados, emfim, se julgam ter ou não conseguido o seu fim. O director deve intervir para explicar, rectificar e tirar todo o aproveitamento que o caso permitta, devendo por perguntas diversas certificar-se que os recrutas espectadores ficaram comprehendendo bem.

Não é indispensavel que todas as phases da manobra sejam d'esta fórma explicadas em todos os seus detalhes; em harmonia com o tempo de que se dispu-

zer, explicar-se-hão as phases mais importantes e que mais se prestem ao ensino que n'aquelle dia se queira ministrar aos recrutas. Este ensino reside principalmente na critica, deve-se destinar para ella o tempo sufficiente, por isso é necessario que o exercicio seja pequeno, embora se não execute por completo, podendo-se, excepto quando se tem em vista estudar o periodo final do combate, limitar-se á execução das primeiras phases.

Os recrutas em observação durante o combate não se devem conservar immoveis na posição de sentido; dever-se-ha deixal-os escolher uma posição commoda, mesmo sentados; as unicas condições a exigir é que elles se comportem com ordem e silencio, que possam vêr e que concentrem a sua attenção sobre os movimentos e as observações dos officiaes. E de identica fôrma se procederá mesmo durante a critica.

Para que os exercicios sejam beneficos, é indispensavel que as explicações e as observações feitas durante o exercicio e a critica sejam feitos sob uma fôrma accessivel ao soldado e que exijam a menor fadiga; as instrucções devem pois ser dadas n'uma linguagem simples, familiar, mesmo vulgar, evitando as dissertações longas e diffusas e abtendo-se, pelo menos no principio, d'empregar termos technicos cuja significação não tenha d'antemão sido explicada e que não seja conhecida de todos. E' pouco a pouco, e mesmo no decurso dos exercicios, que os recrutas devem ser familiarizados com as expressões da terminologia militar. A não observação d'estes principios provocará infallivelmente entre os recrutas a lassidão e a falta d'attenção.

Deve-se notar que os exercicios assim comprehendidos e dirigidos terão por resultado alliviar o programma das theorias da caserna, tão fastidiosas e tão falhas de resultados. E logo que o estado da temperatura obrigue a substituir os exercicios exteriores por theorias d'esta natureza, e tomando por base o ensino theorico que a recordação dos exercicios a que o recruta tenha assistido, que se tirará o melhor resultado das theorias da caserna, particularmente no que diz respeito á applicação dos principios do exercicio, do combate e do serviço de segurança.

Se me tenho explanado assim sobre o periodo da instrucção a que chamei *ensino pela vista* ou *lição de coisas*, é porque o principio d'este processo não é só

applicavel ás primeiras sessões e ao ensino da instrucção do combate e serviço de campanha. Este processo pode ser considerado applicavel a quasi todos os ramos da instrucção (tiro, aproveitamento do terreno, manejo d'armas e exercicios em ordem unida, etc.), e em uso constante no decurso de todo o anno de instrucção. O seu character essencial é: fazêr vêr a principio, ao recruta ou grupo de recrutas, executado por soldados bem adextrados, o acto que se lhes vaê mandar executar, explicar-lhe o porque e a razão de ser d'este acto; depois, fazer appello ao raciocinio, ao bom senso, á sua iniciativa e vontade para obter d'elles uma execução conforme o fim a alcançar e tão correcta quanto possível.

Eu já disse como o methodo d'ensino que preconiso permite diminuir em larga escala as theorias na caserna. Em principio estas theorias devem ser limitadas aos detalhes de ordem material que de resto devem ser ensinados pelo exemplo dos soldados antigos (empacotamento da roupa, limpeza do equipamento e armamento, formulas exteriores do respeito, detalhes do serviço diario, cuidados da limpeza, primeiras noções do serviço de guarnição).

Quanto á instrucção theorica que, sob a designação de *theorias moraes* incumbe exclusivamente aos officiaes, podendo ser dada independentemente do lugar, seja no interior, seja no exterior das casernas, o processo mais proveitoso consiste em aproveitar todas as occasiões da vida diaria para obter um ensino impressionante que tenha por base um facto concreto; é ainda uma applicação do principio da *lição de coisas*.

Qualquer que seja de resto o processo posto em pratica em materia de instrucção theorica, o que é importante não esquecer, é que esta instrucção é um *meio* e não um *fim*; que se trata bem menos de ministrar demasiados principios, de prescripções ou detalhes recolhidos, mais ou menos fielmente, pela memoria, do que garantir que o ensino recebido se traduza nos *seus actos* pela intelligencia, regularidade, precisão e vigor d'esses proprios actos. E' este o verdadeiro e unico resultado que se deve procurar alcançar, para o qual todos os esforços do instructor se deverão dirigir e cuja realisação se affirmará bem menos pela exactidão das *respostas* a questionarios, que pela *pratica* e pela *appli-*

cação correcta e instantanea das prescripções que lhe tenham sido ensinadas».

O general Percin, commandante do 13.^o corpo de exercito e que é uma das individualidades mais em destaque no exercito francez, publicou tambem umas instrucções que em larga escala veem reforçar aquellas que já transcrevemos e nas quaes determina que após um pequeno numero de dias de incorporação se realisem exercicios de dupla acção de companhia contra companhia, em que tomarão parte os recrutas intercalados com os soldados já instruidos.

O fim d'estes exercicios, diz o general Percin, é fazer comprehender aos recrutas, por uma vista do conjuncto, o alcance dos differentes ramos da instrucção e a necessidade dos exercicios de detalhe, sendo o seu fim, sobretudo, destinado a orientar a instrucção n'uma forma pratica e estreitar o mais cedo possivel entre elles e os chefes o laço intellectual e moral de mutua confiança indispensavel, tanto no combate como em todas as circumstancias da vida militar. E para conseguir este fim, determina: 1.^o que os exercicios sejam dirigidos pelo major do batalhão, com os quaes se constituirão duas companhias; 2.^o cada exercicio não durará mais de um dia, devendo no percurso executar-se uma marcha, sem mochileta, de 20 a 25 kilometros; 3.^o na falta de terreno proximo, um dos partidos será mandado na vespera cantonar a uma distancia de 15 a 20 kilometros, para no dia seguinte se poder effectuar a marcha e o exercicio prescriptos; 4.^o os commandantes dos corpos mandarão estudar os terrenos com antecedencia, devendo submetter á approvação os programmas elaborados n'aquellas conformidades; 5.^o estes exercicios serão executados nos dias marcados pelo commandante do corpo d'exercito.

Como se vê, o general Percin tambem tem em vista instruir os seus recrutas pelo methodo *lição das coisas*, já pormenorisadamente descripto. Entre nós tambem alguma coisa ha aconselhado n'este sentido, pois que o n.^o 7 da *Circular* do Ministerio da Guerra, n.^o 91, de 6 d'outubro de 1906, diz precisamente o mesmo, embora por outras palavras.





CONCURSO LITTERARIO

O jury que, obsequiosamente, accedendo ao nosso convite, vae classificar os trabalhos dos concorrentes ao nosso ultimo concurso, respeitantes a um *aide-mémoire* sobre o serviço de campanha dos officiaes inferiores, é composto pelos distinctos officiaes, os ex.^{mos} srs. tenente-coronel André Joaquim de Bastos, major Adriano Accacio de Madureira Beça, e major Julio Angelo Borges Cabral.

Aqui apresentamos a estes nossos distinctos camaradas e queridos amigos os protestos do nosso mais sentido agradecimento pela amabilidade da annuencia ao nosso pedido.

A QUESTÃO DO ORIENTE

Turquia

A constituição de 1876, com que foi dotado o imperio ottomano, nunca foi respeitada, continuando o governo do imperio a ser o de uma monarchia absoluta.

No presente anno o partido dos novos conseguiu que a Turquia moderna deixasse de ser uma monarchia absoluta para constituir um estado liberal, com uma constituição em harmonia com a civilização europeia.

A actual organização militar da Turquia é de 25 de novembro de 1886, organização decalcada sobre a de 1869 com o principio do recrutamento militar obrigatorio e pessoal, mas só na lei.

E dizemos só na lei porque os habitantes de Constantinopla e os de Pera, Eyoub e Scutari, bem como os

do districto de Skodra, na Albania, são, por um privilegio que tem sido sempre respeitado, isentos do serviço militar.

Isentos tambem são os 7 milhões de christãos turcos, e bem assim a lei é lettra morta na Arabia e em Tripoli, e isenta os Kurdos e os Arabes da Asia Menor.

Sabe-se tambem que há um certo numero de milhões de musulmanos, 6 ou 7, que se escapam do serviço militar.

N'estes termos vê-se que o recrutamento não é obrigatorio e pessoal, mesmo entre os proprios habitantes musulmanos da Turquia.

O territorio do imperio, não comprehendendo a Arabia nem Tripoli, divide-se em 7 regiões de *ordous*, devendo cada *ordou* fornecer 2, 3 ou 4 divisões militares.

A divisão é a unidade mais elevada em tempo de paz.

O exercito activo (Nizam) conta 18 divisões.

A reserva (Redif) 24 divisões.

As divisões activas são formadas por 17 batalhões e as de reserva por 16.

Os regimentos de infantaria são a 4 batalhões.

O effectivo de guerra theorico dos batalhões activos é de 1:065 homens, e o dos batalhões de reserva é de 900.

A cavallaria forma em cada um dos seis primeiros *ordous* uma divisão à 3 brigadas, com um grupo de 3 baterias a cavallo.

Cada brigada tem 2 regimentos a 5 esquadrões.

Cada esquadrao tem 70 a 80 cavallos.

Não existe cavallaria da reserva.

Ha porém a notar que os kurdos e os arabes formam uma importante cavallaria irregular, nada menos de 66 regimentos de 400 a 800 cavallos, e que conquistaram um nome celebre e sinistro nos massacres com que tem ensanguentado o imperio.

A artilheria está desigualmente distribuida pelos *ordous*, podendo porém contar-se com 180 baterias de campanha, 45 de montanha, 12 de obuzes e 140 companhias de artilheria de fortaleza.

A engenharia consta de 37 companhias de sapadores, 8 companhias de caminhos de ferro e 8 de telegraphistas.

O exercito territorial não tem nenhuma organização.

Com todo este exercito, e contando ainda como certa a existencia de 671 batalhões da *segunda reserva*, a Turquia presentemente não pôde pôr na fronteira bulgara mais de 350 a 400:000 homens.

E este facto, que é verdadeiramente extraordinario, por isso que a Turquia tem uma população de 25 milhões de habitantes, explica-se pela falta de homogeneidade, tanto na lei como nas populações, e pelo impreterível dever de não desguarnecer as suas provincias.

De resto o exercito bulgaro, no caso de guerra, tem a defrontar-se com um exercito numericamente quasi igual ao seu, mas muito inferior no valor profissional dos seus quadros.

Servia

O serviço militar na Servia é pessoal e obrigatorio e abrange desde os 18 annos até aos 50.

O exercito está dividido em 3 bandos.

O primeiro comprehende o exercito activo e a sua reserva, é a primeira linha; o segundo é destinado a fornecer as tropas da segunda linha; e o terceiro, que corresponde ao landsturm allemão, é chamado pelos servios *Poskanyia odbrama*, ou *leva em massa*.

A Servia está dividida em 5 regiões divisionarias. Cada divisão comprehende 2 brigadas de infantaria a 2 regimentos, um regimento de artilheria de campanha e uma companhia de engenharia.

Existe mais uma divisão de cavallaria independente a 4 regimentos, uma bateria de artilheria a cavallo, que se desdobra na mobilisação, um regimento de 6 baterias de artilheria de montanha, outro de 6 baterias de obuzes, 2 batalhões de artilheria de fortaleza, 2 companhias de pontoneiros, 1 companhia de sapadores mineiros, outra de telegraphistas e outra ainda de caminhos de ferro.

A infantaria é a 3 batalhões em tempo de paz e a 4 em tempo de guerra. Está armada com a espingarda Mauser.

Os regimentos de cavallaria são a 4 esquadrões de 197 cavallos cada um, em tempo de guerra.

O paiz é riquissimo em cavallos. Cada divisão receberá, em tempo de guerra, um regimento de cavallaria, cuja organização muito se assemelha á antiga yeomanry ingleza.

A artilheria está em via de receber novo armamento de tiro rapido, e cada regimento conta 3 grupos de 3 baterias.

Nisch, Zayechar, na fronteira bulgara, e Pirot estão fortificadas.

O exercito servio em pé de paz conta apenas 28:000 homens, mas as suas cinco divisões de primeira linha em pé de guerra contam 110:000 combatentes. O segundo bando, cujos quadros existem em tempo paz, pôde apresentar em pé de guerra 70:000 homens. O terceiro bando cuja organização só existe no papel, pode agrupar de 50 a 60:000 homens.

Em pé de guerra a Servia pode apresentar um exercito de 230 a 240:000 combatentes.

Este exercito é bom, mas não vale talvez tanto como o exercito bulgaro.

A Servia tem 2.700:000 habitantes.

Montenegro

Fallemos agora do exercito montenegrino, visto o Montenegro querer constituir um bloco com a Servia, para fazer a guerra á Austria.

Este paiz balkanico tem uma população que pouco mais de metade será do que a da nossa cidade de Lisboa. Não excede a 250:000 habitantes.

Comtudo, tem um exercito de um effectivo de 50:000 combatentes em pé de guerra, o que é extraordinario para uma população tão pequena.

A organização d'este exercito é muito especial e nada tem de commum com a dos outros estados europeus.

Consta de uma especie de milicia, theoreticamente agrupada em 8 brigadas, onde cabem 53 batalhões e 8 baterias.

O montenegrino é um soldado valente, mas fóra do seu paiz e com a organização que tem o seu exercito, pouco ou nada vale.

Roumania

A Roumania tem uma população quasi igual á nossa, 6 milhões e meio de habitantes.

E' dividida em 4 regiões, correspondendo a cada uma um corpo de exercito. O districto de Dobroutja fornece uma brigada de infantaria, um batalhão de caçadores e um regimento de cavallaria.

Cada corpo de exercito comprehende duas divisões de infantaria, um regimento de artilheria de corpo, uma brigada de cavallaria a 2 regimentos, e um batalhão de engenheria.

A divisão compõe-se de duas brigadas de infantaria a dois regimentos, de um batalhão de caçadores, e de um regimento de artilheria de campanha de 5 a 6 baterias.

O regimento de artilheria de corpo conta 6 baterias, sendo 4 de campanha, uma a cavallo e outra de obuzes.

Além d'isto existe uma divisão independente de cavallaria a 6 regimentos, com 3 baterias a cavallo, 2 regimentos de artilheria de posição, 1 batalhão de caminhos de ferro e outro de pontoneiros.

A primeira linha d'este exercito, que é solido, tendo dado as suas provas na campanha de 1877, eleva-se a 136:000 combatentes; a segunda linha a 36:000; e a terceira a 150:000.

A infantaria e a cavallaria estão armadas com a Mannlicher (modelo de 1893), e a artilheria com peças Krupp.

Grecia

Para ultimar o nosso ligeiro estudo sobre o valor militar dos povos que, podemos dizer, constituem o bloco dos Bãlkans, falta-nos dizer duas palavras da Grecia.

Está na memoria de todos a desastrada campanha de 1897. A Grecia apenas pôde oppôr á Turquia 42:000 infantes, 700 cavalleiros e 96 boccas de fogo!

A' loucura de uma declaração de guerra com effectivos tão reduzidos, correspondeu aquelle desgraçado desastre que todos conhecemos.

Hoje, theoreticamente, o exercito grego deve ter o quadruplo do numero acima indicado, mas ignora-se se na realidade isso seja assim.

O serviço militar é obrigatorio e pessoal.

O exercito pode apresentar em primeira linha 3 divisões apoiadas por outras 3 divisões da segunda linha.

Cada divisão activa tem 2 brigadas de infantaria a 2 regimentos de 3 batalhões, 2 batalhões de carabineiros, 8 baterias de artilheria, 4 esquadrões de cavallaria e 1 batalhão de engenharia.

Calcula-se que a Grecia com uma população de 2 milhões e meio de habitantes poderá pôr em pé de guerra 200 mil combatentes.

Devemos, porém, notar que o exercito territorial não tem nenhuma organização.

Em 1904 foi votada a organização do exercito territorial, mas apenas ficou esboçado um começo de execução.

A não ser uma parte da infantaria, que está armada com a Mannlicher, o resto, tanto a artilheria como a cavallaria e parte da infantaria, teem armamento já em desuso na Europa.



NO SUL D'AFRICA

Campanha de 1907

(Continuado do n.º 10—1908)

5.ª ACÇÃO

Macuvi

O commandante da columna julgou conveniente, antes de proseguir sobre o objectivo, razziar as povoações que circumdavam o reducto do Aucongo, porque ficando n'este a 15.ª companhia indigena d'infanteria, duas peças, Krupp e Hotchkiss, e uma metralhadora, sob o commando do capitão Lucinio Ribeiro, guarnição insufficiente, mas que não podia ser augmentada para não se reduzir muito o effectivo da columna, tornava-se, portanto, necessario deixar aquella parte da região bem batida.

Calipalula havia tambem informado que ao S. do posto e a uns 3 kilometros habitava, n'uma grande libata, rodeada de muitas outras, um feiticeiro de grande preponderancia no Cuamato, dispondo de muita gente armada que lhe obedecia cegamente, crentes nas suas prophcias, e que era muito provavel que um enorme nucleo de guerreiros estivessem ali concentrados, para se opporem á marcha de avanço.

Pelo que fica exposto, em 3 de setembro recebeu-se ordem para no dia seguinte ás 5 horas e 30 minutos da

manhã a columna estar debaixo de fórmula, afim de proceder a um reconhecimento na chana do Macuvi.

Que o entrincheiramento não seria aterrado, porque ao terminar-se a missão proposta, se regressava ao acampamento.

O dispositivo de marcha seria o habitual, com alteração das unidades da face da frente e retaguarda marcharem de costado com um pelotão de reserva; infantaria 12 dava um pelotão para a face da retaguarda; os carros e bagagens ficavam no posto, indo unicamente um carro alemtejano com munições e outro para transporte de feridos.

Simultaneamente os dois esquadrões, sob o commando do capitão de cavallaria Montez, seguiam para o forte Roçadas, escoltando os feridos e alguns carros que deviam regressar com abastecimentos.

A's 6 horas do dia designado, todas as forças occupavam os seus logares, marchando a columna na direcção S. e o comboio na do N.

Atravessamos uma matta de muthiati, abrindo os sapadores caminho na frente, encontrando-se muitas covas de lobo, construidas talvez com dois fins: servir de abrigo aos atiradores inimigos e dificultar a marcha da cavallaria.

A's 9 horas chegamos á orla da chana do Macuvi; divisa-se a *libata* do feiticeiro Nanhau e alguns grupos de *libatas* (pequenas povoações indigenas).

O inimigo bate a cua, e pouco tempo depois presume-se que o numero de combatentes deve ser respeitavel, pela vozearia que tão distinctamente se ouvia.

A columna faz alto, todas as unidades mettem em linha desenvolvendo com dois passos de intervallo, a artilheria e metralhadoras vão occupar no quadrado os mesmos logares que o das acções já descriptas.

O alferes de cavallaria Costa, official cheio de vida, com predicados de um bom ajudante de campo, sempre correcto e preciso na transmissão de ordens e de inalteravel sangue-frio, descobre com o seu inseparavel binoculo numerosos grupos de pretos, que vão passando á ordem extensa.

Acto continuo o commandante da bateria Erhardt (tenente de artilheria Esteves), um excellente character, distincto entre os distinctos, modesto, conhecendo as especialidades da sua arma, corajoso e destemido, recebe

ordem para dirigir alguns tiros na direcção dos grupos, libatas e vozearia; com toda a fleugma, desce da sua montada, verifica as pontarias, e com precisão põe os projecteis onde lhe haviam ordenado, que produzem o panico e augmentam o alarido do gentio.

A columna avança, seguindo por um arimbo coberto de cannas de *massambala* e defendido por abatizes de espinheiros, que se tiveram de remover, limpando-se o terreno, trabalho a que a fileira da frente procedeu com os sabres.

Os sapadores na frente e algumas praças da companhia de Moçambique na direita, incendiam as libatas, d'onde saem grandes linguas de fogo e enormes rolos de fumo, que elevando-se a grande altura, se desfazem por toda a campanha, e por entre o crepitar distingue-se um tiroteio produzido pela detonação de munições que o inimigo na sua precipitada retirada abandonara.

Continua-se avançando, obliquando o quadrado um tanto para a esquerda, faz-se alto, para a face da retaguarda unir; o inimigo dirige um vivo e intenso fogo sobre a face da frente e direita, a que se responde, varrendo-se com continuas descargas de pelotões todo o mattagal; n'esta situação nos conservamos por espaço de 30 minutos, sendo as baixas tanto no pessoal como no animal, consideraveis; recebe-se ordem para se proseguir no avanço, e o commandante de sapadores (alferes Jonet) para incendiar a libata do feiticeiro, ordem que cumpriu, indo na frente dos sapadores, por entre um chuva de balas, e o não ter morrido, no cumprimento d'este arriscado dever, foi sem duvida um milagre da sorte.

Então a intensidade do fogo do inimigo redobra, convergindo sobre todas as faces, principalmente na da frente e direita.

As mueres da bateria Erhardt ficam umas mortas e outras feridas, as peças teem de ser conduzidas a braços e as guarnições encontram-se com bastantes praças feridas e as restantes extenuadas. As baixas na infantaria augmentam.

Roçadas vendo que o objectivo a que a columna se destinava n'aquelle dia estava terminado, ordena a deslocação do quadrado para a esquerda, por uma ordem verbal, para se regressar ao acampamento por um terreno mais desimpedido.

A intensidade do fogo não cessa sobre as faces da

frente, direita e retaguarda (quadrado marchando para a esquerda); continuando-se a responder com descargas de pelotões.

N'esta phase tão critica do combate ouve-se o toque de retirar, por o inimigo tentar interpôr-se entre a columna e o reducto do Aucongo, com o fim de privar esta acção do fogo e cortar-nos a retirada para o acampamento.

Devido certamente a um mal entendido do toque ou então pela designação das faces não ser a normal, deu logar a que as unidades que constituíam a face da frente e esquerda (o quadrado continua a ter a direcção da marcha para a esquerda), retirassem por lanços rapidos, desligando-se das restantes, e ficasse, portanto, o quadrado imperfeito. Estas tomam a direcção primitiva e preparam-se para retirar.

Os commandantes da companhia de marinha (1.^o tenente Sepulveda), d'infanteria 12 (capitão Pimentel), 1.^a europeia (capitão Patacho), 10.^a Moçambique (tenente Severino), recebem diversas ordens para retirarem, mas como cumpril'as? Ou se devia abandonar a artilheria ou retirar-se por pequenos lanços e sem precipitação; a primeira hypothese não era admissivel, todos iam predispostos a vencer ou a morrer, e o ensejo havia-se proporcionado para derramar-se a ultima gotta de sangue em defeza da honra da nossa querida bandeira.

A marinha e dois pelotões d'infanteria 12 formaram a guarda da retaguarda, a 1.^a europeia e 10.^a de landins formam em colchete deffensivo no flanco esquerdo, o pelotão de reserva do 12, desenvolve em ordem dispersa, com quatro passos de intervallo e constitue tambem colchete deffensivo no flanco direito.

O 1.^o tenente Sepulveda na esquerda, ordena que siga para o acampamento a artilheria e muares feridas e se despoje as mortas dos arreios e cofres; igual ordem dá o capitão Pimentel na direita, sendo tudo levado por praças de marinha e companhia expedicionaria.

O inimigo continua no intuito de nos envolver e cortar a retirada, o fogo sobe ao maior auge; os pretos saem do matto para n'um momento de desorganisação, panico ou vacillação, caírem sobre nós á arma branca, e approximam-se até á distancia de 60 metros.

As metrelhadoras do tenente Paes, que haviam pres-

Sepulveda e eu, analysamos detidamente a clareira onde se havia ferido a primeira acção: de lá vinha um pestilento cheiro de cadaveres em decomposição, aves de diversas especies, predominando as pernaltas e os corvos que passeavam despreoccupadas e pachorrentamente; aqui e acolá, fragmentos de tanques, caixotes e barris, a terra remexida, libatas e matto incendiado, ossadas de pretos e de cavallos, finalmente todos os vestigios que caracterisam um estacionamento e combate.

Deveriam ser umas nove horas, ouve-se o estalido de chicotes, e, a pouco e pouco, vêem-se nuvens de pó, até que se divisa o comboio; as forças d'este vão occupar lugar no quadrado, o comboio dirige-se para o centro, e recolhe-se ao acampamento, levando-o como que em triumpho.

As nossas suspeitas foram postas de parte e ficamos crentes que o inimigo só defendia a frente e considerava perdido todo o terreno conquistado.

A brigada topographica veiu montando a linha desde o forte Roçadas.

Mais dois comboios foram á retaguarda, para o postoficar bem abastecido e para se poder continuar a marcha sobre o objectivo.

Dia 8, 9 e 10 passou-se sem novidade, procedendo-se aos ultimos trabalhos no reducto, por forma a ficar em condições de defeza, attendendo-se á diminuta guarnição; preparou-se um campo de tiro, e, finalmente, os sapadores protegidos por pelotões das diversas unidades, abrem os caminhos por onde se devia seguir, incendeiam as libatas que rodeavam o posto, tendo previamente recolhido grande quantidade de mantimentos que o inimigo ali tinha concentrado.

Abastecido o posto, e batida uma zona de raio de tres kilometros, a ordem de 10 determinava: — «A columna, ás cinco horas da manhã de 11, segue sobre o objectivo — dispositivo de marcha o mesmo».

Esta ordem foi bem recebida, porque o demorado, mas preciso estacionamento, estava a depauperar-nos, enervando-nos e causando-nos muitas baixas por doença.

Com boa disposição de espirito e desejo de alcançar o fim, a columna prosegue por entre um mattagal e chega á memoravel chana de Macuvi, ouve-se o toque da *cua*, forma-se quadrado e avança-se, o inimigo não nos faz fogo, por não contar com o avanço e ter ido receber municiamente á embala do sóba.

Andados uns sete kilometros, acampou-se n'um extenso areal, Chamuinde, onde se encontraram cacimbas com agua, e tambem se abriram outras, que a deram de regular quantidade.

Construido o entrincheiramento e montado o serviço de segurança, principiou-se a cosinhar a terceira refeição.

Durante a marcha dispararam sobre nós uns dez tiros que passaram por cima do quadrado.

Os auxiliares foram pastar o gado e dar-lhe de beber a umas cacimbas que ficavam proximas do acampamento.

Em 12, pelas dez horas da manhã, novamente os auxiliares saíram, uns, com o gado, outros, com o fim de procederem a razzias, queimando muitas libatas, d'onde trouxeram *massambala*, milho, aboboras, gallinhas e porcos; vendo, porém, que o inimigo trazia a distancia os bois na pastagem, resolveram apresal-o, mas, quando estavam perto de obter o seu intento, o gentio procura envolver-os e tem de sustentar um renhido tiroteio, retirando para o acampamento sempre accossados e sem conseguir o fim.

O tiroteio convergiu depois sobre o acampamento a que se respondeu com um diminuto numero de descargas e alguns tiros de peça.

Tete, 8-9-908.

(*Continua*)

F. PIMENTEL
Cap. d'inf.^a

BIBLIOGRAPHIA

A Fidalguinha da Levada, por *Alexandre Malheiro*, capitão de infantaria.

E' uma novella militar de que se trata e devida á penna do nosso distincto camarada e presado amigo, o capitão sr. Alexandre Malheiro. Escripita em estylo ligeiro, mas elegante e cheio de attractivos, constitue esta novella uma leitura que prende e seduz. O seu heroe é um capitão de cavallaria, primorosamente descripto nos seus tempos de estudante, como colonial e como official da sua arma.

Dotada esta novella com situações verdadeiramente dramaticas, com dialogos d'uma naturalidade impressionante e cheios de realismo em que os episodios da vida militar se succedem apresentando os factos com todas as côres de verosimilhança

que entermeia com algumas anedoctas engraçadas, é digna de ser lida por todos e especialmente pelos militares, porque bem podem admirar as scenas quotidianas da sua profissão, descriptas de mais a mais por fórma que nos honram, porque são descriptas com a nobreza que merecem.

Agradecendo ao nosso camarada e amigo a sua offerta, fazemos votos para que continue a sua carreira litteraria, tão auspiciosamente trilhada.

A Campanha do Cuamato, pelo alferes *Vellozo de Castro*.

A grande e memoravel campanha de 1907, que tanto encheu de gloria as armas portuguezas na região do Cuamato e que foi levada a cabo com o brilhantismo que todos conhecemos e admiramos, teve no sr. alferes Vellozo de Castro, não diremos um cantor, porque a não descreveu em verso, mas um historiador que nol-a apresenta com todos os pormenores e minudencias proprias d'uma campanha e que a sua penna habil descreveu por uma forma tão empolgante que mais parece um livro de contos e viagens pelo interior d'essa sempre mysteriosa Africa.

Conciliando, porém, a verdade dos factos com as descripções pittorescas, o sr. Vellozo de Castro publicou um elegante volume recheiado de esplendidas gravuras, que hoje e sempre ha-de ser lido com agrado por todos e que mais tarde será um valioso manancial onde os historiadores encontrarão elementos de sobra para descreverem essa epopeia e ajuizarem do valor do official e soldado dos nossos tempos.

Ao seu illustre auctor os nossos agradecimentos e as nossas felicitações.

Aos soldados de caçadores n.º 5 de El-Rei.

Devido á penna dos nossos presados camaradas, srs. capitão Pacheco Simões, tenente Saturio Pires e alferes Gonçalves Amaro, tivemos o prazer de receber um folheto com o resumo dos factos mais gloriosos da historia d'aquelle batalhão, que sendo iniciado com um longo prologo em que realçam d'uma forma accentuada os sentimentos patrioticos e o amor pela causa que abraçamos e defendemos, descreve com todos os pormenores os combates em que aquelle batalhão tomou parte, quer nas invasões francezas, quer nas luctas liberaes, e terminando por uma relação das praças de pret que foram condecoradas ou promovidas por distincção, constitue um excellent meio de propaganda e educação do soldado portuguez, que merece ser seguido e imitado em todos os corpos do nosso exercito.

Aos nossos camaradas d'aquelle batalhão os nossos agradecimentos e as nossas felicitações.

Heroismos y Bizarrias de los regimientos da infanteria Rey, Asturias, Leon y Canarias, por *D. Antonio Gil Alvaro de Trasmiera*.

O illustre commandante da infanteria do exercito hespanhol, D. Antonio Gil Alvaro de Trasmiera, que tem as honras de benemerito da patria e que é auctor de muitas e importan-

tes obras litterarias, algumas das quaes já temos dado noticia aos nossos leitores, acaba de enriquecer a litteratura militar do seu paiz com mais este trabalho a que nos estamos referindo. Tendo em vista fazer um rapido relato dos factos mais notaveis que constituem a historia d'aquelles regimentos, aquelle nosso apreciado confrade, que é um dos ornamentos do exercito hespanhol, conseguiu fazer uma obra de tal fórma patriótica que o ministro da guerra achou por bem mandar distribuir profusamente pelos corpos o folheto em que aquelles factos se descrevem, que é por certo o melhor triumpho que o seu auctor podia alcançar.

Ao nosso illustre confrade as nossas felicitações.

Relatorio das operações militares no concelho do Ambriz pela columna movel de policia, do commando do capitão de infantaria, Fernando Astolpho da Costa.

O nosso amigo e presado camarada, sr. Fernando Astolpho da Costa, que é um official com longa folha de serviços distinctos prestados nas colonias, foi o commandante da columna movel do Ambriz, que constituiu o complemento da gloriosa campanha dos Dembos, que foi dirigida pelo heroico capitão João d'Almeida. E aquelle nosso amigo, que no commando d'aquella columna prestou um assignalado serviço ao seu paiz, no relatorio que elaborou sobre os trabalhos effectuados, fazendo um resumo historico, descrevendo a organização da columna e a região, e narrando pormenorizadamente os trabalhos, marchas e operações que effectuou, mostra com clareza as difficuldades que se venceram e os beneficos fructos que se alcançaram com a intervenção da columna do seu commando, dando uma prova cabal da sua competencia.

Ao nosso presado camarada as nossas sinceras felicitações pelo serviço prestado e os nossos agradecimentos pela offerta do seu interessante relatorio.

Secção do estrangeiro

Bulgaria. — Esta pequena nação, que ultimamente tão fallada tem sido por ter proclamado a sua independencia do jugo turco, causa do recente renovamento da questão do Oriente, tem um exercito primorosamente organizado, como se fez ver no numero anterior d'esta «Revista», e excellentemente dotado com todo o armamento e material moderno. Ha ainda poucos mezes fez á Allemanha uma encomenda de 144 metralhadoras Maxim, que já recebeu no mez de maio ultimo, as quaes foram distribuidas pelos 36 regimentos de infantaria, que passaram todos elles a ter uma companhia de 4 metralhadoras.

Para adextrar o pessoal convenientemente, todos os capitães destinados a essas companhias, acompanhados por um espingardeiro, fizeram um curso especial de tres semanas no

arsenal de Sofia. Além d'isso, foi mandado para as escolas espezias de tiro da Russia e da Austria, um grande numero de subalternos. No fim do anno corrente, quando os officiaes tenham completado os seus cursos, instruirão em cada um dos regimentos 2 sargentos e 4 soldados, que ficarão fazendo parte do quadro privativo das companhias de metralhadoras.

O effectivo, quando organisadas, será constituido, em tempo de paz, por 2 officiaes, 4 sargentos, 20 soldados e 12 cavallos por companhia, que servirão simplesmente duas metralhadoras, pois que só em tempo de guerra é que as companhias serão a 4 metralhadoras. Estas companhias fazem parte integrante dos regimentos de infantaria.

Estados-Unidos. — A titulo de curiosidade, transcrevemos as tarifas de soldo em actividade e reforma dos officiaes do exercito norte-americano. Como esclarecimento, devemos dizer que não é verdadeiramente pela funcção do posto, mas regulado por diuturnidade de serviço de 5 em 5 annos, o que envolve, sem duvida, um grande espirito de justiça e recompensa para os atrazados na sua promoção. Devemos tambem dizer que o corpo de officiaes norte americanos é hoje um corpo de *élite*, porque só podem ser officiaes os filhos dos cidadãos que façam parte da republica americana e que tenham além d'isso certos meios de fortuna.

As tarifas de soldos mensaes, expressas em dollars, 1\$000 réis, são as seguintes, que foram postas em vigor em 1 de julho do anno corrente:

Alferes: actividade, 141,67 a 198,33 dollars; reforma, 106,25 a 148,75 dollars.

Tenentes: actividade, 166,67 a 233,33; reforma, 125 a 175 dollars.

Capitães: actividade, 200 a 280; reforma, 150 a 210 dollars.

Majores: actividade, 250 a 333,33; reforma, 187,50 a 250 dollars.

Tenentes-coroneis: actividade, 291,67 a 375; reforma, 218,75 a 281,25 dollars.

Coroneis: actividade, 333,33 a 416,67; reforma, 250 a 312,50 dollars.

Generaes de brigada: actividade, 500; reforma, 375 dollars.

Majores generaes: actividade, 666,67; reforma, 500 dollars.

Tenentes generaes: actividade, 916,67; reforma, 687,50 dollars.

Italia. — O duello entre militares acaba de ser regulado por meio d'um decreto real, em que se prescreve taxativamente a obrigação de submeter a um jury d'honra todas as questões de caracter pessoal. As testemunhas teem por obrigação procurar uma solução amigavel, mas não a podendo alcançar, fazem um relatorio em commum, ou individualmente, segundo a maneira pessoal de encarar a questão, afim do assumpto ser submettido pelas vias hierarchicas ao commandante do corpo de exercito a que pertence o causador da offensa, se os officiaes litigantes são generaes; ao commandante da divisão, se os litigantes são officiaes superiores, capitães ou subalternos; e ao commandante do regimento, se são praças de pret.

Estas auctoridades, logo que recebam o relatório, nomeiam um jury d'honra, composto por 3 officiaes, devendo o presidente ter gradação superior aos litigantes, remetendo immediatamente a este os relatórios das testemunhas. O presidente tem a faculdade de marcar o dia para a reunião do jury e este pode ouvir pessoalmente os dois partidos interessados, e além de ter a faculdade de se pronunciar pelo encontro das armas, tem também a faculdade de prescrever o seguinte veredictum: a) declarar que não ha razão para o encontro; b) estabelecer um processo verbal de conciliação; c) declarar que não ha motivo para intervir no assumpto.

Qualquer das partes interessadas, não se conformando com as resoluções a) e c) pode appellar durante tres dias para a auctoridade que nomeou o jury, que pode confirmar o *veredictum* ou nomear novo jury, da qual não ha appelação.

A violação d'este decreto pelos litigantes, testemunhas ou auctoridades, constitue falta grave de disciplina.

Japão. — Para ajuizar da importancia das diferentes armas, do papel que cada uma tem a desempenhar em combate e das duras consequencias que tem de soffrer, não ha nada, por certo, mais expressivo e eloquente do que indicar as baixas que sob a acção do fogo cada uma d'ellas soffre.

E agora que já ha estatisticas da guerra russo-japoneza publicadas officialmente, transcrevemos algumas, que só por si são bem eloquentes para mostrar que a infantaria, a *rainha das batalhas*, e a que por vezes se tem chamado *chair à canon*, é bem digna d'esse nome e que, por consequencia, deve ser olhada sempre com toda a solicitude por parte dos poderes constituídos.

As percentagens das baixas soffridas pelas tropas das diferentes armas do exercito japonéz nas batalhas de Wafangu e Mukden, são as seguintes:

Wafangu

Armas	Mortos	Feridos	Total	%
Infanteria.....	161	857	1020	92,0
Cavallaria.....	15	9	24	2,0
Artilheria.....	33	34	67	6,0

Mukden

Armas	Mortos	Feridos	Total	%
Infanteria.....	4950	11928	16878	92,2
Cavallaria.....	4	41	45	0,3
Artilheria.....	117	641	758	4,1
Engenharia.....	144	400	544	3,0
Outras tropas.....	4	74	78	0,4

Allemanha. — A organização das metralhadoras no exercito allemão tem hoje duas designações, que são *destacamentos de metralhadoras e companhias de metralhadoras*.

Os destacamentos são caracterisados por terem todas as viaturas tiradas a 4 cavallos, sendo todo o pessoal transportado nos cofres ou a cavallo, o que lhes permite uma facil e rapida deslocação, podendo, por consequencia acompanhar a cavallaria ou serem empregados como reservas dotadas de grande mobilidade.

As companhias, pelo contrario, teem as suas viaturas tiradas apenas a 2 cavallos, parte do pessoal apeado e sendo, portanto, dotadas de pequena velocidade, são geralmente destinadas a serem empregadas em estreita combinação com a infantaria.

Quanto ao numero de *destacamentos* as auctoridades militares da Allemanha são de opinião que os 18 que já hoje existem organizados são sufficientes. Quanto ás *companhias*, segundo o «Neue Blaetter», parece que em 1 d'outubro do anno corrente todos os corpos d'exercito ficaram dotados uns com 3, outros com 4 d'essas companhias, o que deve prefazer um total de 50 a 60 d'essas unidades e o que é considerado como um accentuado progresso feito pelo exercito allemão.

O pessoal destinado a estas unidades, que foram organisadas em 1 d'outubro ultimo, fez um curso especial nas escolas e campos de tiro d'instrução, e, segundo o mesmo jornal, está perfeitamente á altura de bem se poder desempenhar da nova missão de que passa a ser encarregado.

França. — A guerra da Mandchuria poz o Japão em foco, não só pelas victorias deslumbrantes que alcançou, mas tambem pelos progressos que em todos os ramos de actividade humana mostrou ter realisado, constituindo assim a admiração de todo o mundo culto. Antes d'essa guerra, o Japão mandava todos os annos um consideravel numero de officiaes fazer serviço nos exercitos francez e allemão, o que de resto ainda hoje faz.

A evidencia, porém, em que aquella nação se collocou, faz com que os papeis se vão invertendo e que sejam as nações da Europa que comecem a mandar para lá os seus officiaes fazer serviço, não diremos para completarem a sua instrução, mas para se pôrem ao facto dos progressos do exercito nipponico. E é a França que começa o exemplo.

O ministro da guerra francez fez constar, segundo o affirmar a «France Militaire», que está na intenção de mandar todos os annos ao Japão alguns officiaes de todas as armas para se aperfeiçoarem na lingua japoneza e adquirirem conhecimentos do seu exercito, a sua organização e a sua instrução. A estada d'esses officiaes será de dois annos no principio e, em casos excepçionaes, poder-se-ha elevar até trez annos.

Serão preferidos os officiaes que conheçam muito bem a lingua ingleza, que vulgarmente se falla no Japão, e os que tenham alguns conhecimentos da lingua japoneza. Quanto aos vencimentos, os officiaes nomeados serão assimilados aos das tropas colonias fazendo serviço nas colonias, recebendo os seus vencimentos n'esta conformidade desde o dia do embarque.

